

PASACONSOL

(ela era EVA BRAUN)

de

BORGES CARREIRA

1.

Eu era então aluno do primeiro ano de Matemática e os exames semestrais estavam marcados para Março. Durante o dia era aspirante de Finanças e trabalhava no 5º. Bairro Fiscal de Lisboa, na Av. Marquês de Tomar, no cruzamento com a Miguel Bombarda. Estudava à noite.

Ao princípio, tinha orgulho na minha condição de trabalhador-estudante. No tempo da revolução, trabalhar para poder estudar era como que uma nova distinção, no longo caminho que vai do proletariado à nobreza de toga, os “escolares” do Senhor Dom Sancho. Para os filhos da burguesia endinheirada, tudo estava fácil e aplanado desde o berço. E não precisavam de trabalhar. Concluído o curso, normalmente tinham à sua espera uma cadeira no conselho de administração de qualquer empresa. Os filhos do proletariado era um mundo à parte – tinham de trabalhar para poder pagar os livros e as propinas. Havia heroísmo na coisa, principalmente nas noites de Inverno, frias, escuras, chuvosas e de caminhos lamacentos. Ainda faltavam décadas para a Alameda da Cidade Universitária ser calçetada.

A minha mãe não era proletária nem nada que se parecesse com isso. Nunca a vi de correntes na mão a tentar quebrá-las. E aliás odiava o comunismo, que considerava responsável pelo morticínio de padres em Espanha, durante a Guerra Civil. O que era falso, não tinham sido os comunistas mas sim outros, de nomes e desígnios bem mais complicados. Todavia, e apesar de as tropas de Franco terem executado 17 sacerdotes bascos até o Vaticano se ter interposto, ainda era uma excelente arma de propaganda para a direita, sob as suas diversas formas e designações.

Éramos da pequena burguesia, pequena, pequena, muito pequenina mesmo, toda feita de miséria envergonhada. Éramos o proletariado de fato e gravata, com a pequena pensão de viuvez que a minha mãe recebia e os trabalhos de costura que fazia para fora. Éramos pobres mas andávamos limpos e sem nódoas. Íamos à missa aos Domingos e a minha mãe punha um véu na cabeça que me fazia lembrar uma rainha. Uma rainha conservadora, autocrática e muito bela.

Numa tarde, estava na Secretaria da Universidade para me inscrever para os exames e vi uma colega que também estava em Matemática, mas durante o dia, e que se pôs ao meu lado para não ficar no fim da bicha e ficar mais perto do balcão. Apenas por esse motivo, porque a nossa intimidade era vizinha do zero absoluto. No meio da conversa, que só mantínhamos para não parecer que estávamos zangados e para ela ter uma justificação para se colocar ao pé de mim, eu intercalei:

- Sou trabalhador-estudante.
- Sim? Que cheirinho a suor.

Fiquei vermelho e as palavras fugiram-me. Levei cinco minutos à procura de frases até lhe conseguir dizer que

- Parece que o Tito Gobbi vai dar um concerto na Gulbenkian na próxima semana.

- Sim? E quem é o Tito Gobbi? Não sabia que a Gulbenkian estava com avarias.

- Canta. Não é electricista.

“Estúpida. É mesmo embirrente.”

Não dissemos mais nada. Ela foi atendida à minha frente e partiu sem dizer adeus.

A partir daí eu só era uma de duas coisas:

Hipótese A - Sou aspirante de Finanças no 5º. Bairro Fiscal.

Hipótese B – Estou no primeiro ano de Matemática.

As duas coisas juntas é que não. Ninguém gosta de quem quer subir na vida. Ou porque os acha uns ressentidos amargados e, portanto, perigosos, ou porque teme vir a receber ordens de quem já obedeceu. Lá diz o ditado “Não peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu”. Como aquele capataz intolerante da “Educação Sentimental”, que maltratava o povo que amava ou dizia amar.

Agora tinha um plano, ou melhor, um desejo – passar 10 ou 15 dias sem ir trabalhar e desfrutar em pleno a vida de estudante. Queria ter uma nota alta em Matemática Aplicada I”. E queria ter tempo para ver essa Lisboa de Fevereiro de 1979, em que o sol já brilhava depois de quinze dias de chuva intensa, cheias e interrupção do fornecimento de água à cidade.

- Tenho médico logo às três – avisei na Repartição.

Faltavam dez minutos quando subi os degraus que davam acesso ao primeiro andar do edifício dos Serviços Médico-Sociais Universitários, que era ali na Av. Júlio Dinis, em frente ao *Apolo 70*.

A recepcionista era uma loura abundante, com seios maternos e censuras de mãe.

- Ainda não preencheu a ficha? Mas está à espera de quê, meu rapaz? Do carteiro?

Aceitei a ficha que ela me entregava, abanando a cabeça e articulando um “ai, ai, ai” naqueles lábios que vermelhavam à maneira de morangos esborrachados. Não parecia ter muita fé na minha inteligência. Era o meu aspecto de miúdo, com rosetas nas faces e ainda sem barba na cara, só um ligeiro buço por cima dos lábios. Ou como dizia a Dona Odete, em Torres Vedras, “Tem cara de parvo. Nem sei como é que lhe dão boas notas”.

A Dona Odete é a minha mãe e pode-me descompor 24 horas por dia, sem parar a não ser para respirar e beber água, que não é por isso que deixo de gostar dela. As estranhezas do amor.

Preenchi a ficha, com cruces em tudo o que era “não”. Se algum dos meus parentes tinha tido tuberculose ou sífilis? Não faço a mais mínima ideia. E se fosse o caso, não andaria a divulgá-los a terceiros, perfeitos desconhecidos. E além disso faria muito mais sentido se perguntassem por antecedentes de cancro. Não se pode viver para sempre com o relógio parado nos anos 40, antes da penicilina e da estreptomicina. Entreguei a ficha e a recepcionista avisou:

- O Sr.Doutor vai chegar atrasado, que ainda agora saiu do Banco de São José. Pode esperar naquele corredor, segunda sala à esquerda.

Sentei-me na sala de espera, onde já quatro pessoas aguardavam. Não conhecia nenhuma delas. Dois conheciam-se e, pela conversa, seriam da mesma Faculdade e estariam no mesmo ano. Um deles tinha uma barba hirsuta e negra, que lembrava a fotografia de Camilo Pessanha. O outro tinha bigode e óculos de lentes muito grossas.

- E ela respondeu-me “Se tem uma poética? Claro que tem uma poética. É em verso”.

Não havia revistas no tampo de vidro da mesa que ocupava o centro da divisão e tive de recorrer aos meus próprios meios de distracção. Mergulhei na minha vida interior, uma óptima maneira de passar o tempo, a sós comigo próprio.

O ano de 1978 foi um bom ano, contado de um extremo ao outro, do primeiro dia até ao São Silvestre. Passei o ano propedêutico e matriculei-me em Matemática, na Faculdade de Ciências, que funcionava num barracão pré-fabricado por detrás da Faculdade de Letras, depois do grande incêndio na Rua da Escola Politécnica. Entrei como aspirante na Repartição

de Finanças do 5º. Bairro Fiscal de Lisboa. E tudo isso me obrigava a deixar Torres Vedras e a fixar-me na capital. Eu tinha sonhos e todos pareciam realizáveis, principalmente nas noites de crises de asma em que tomava um comprimido que continha, *inter alia*, fenobarbital para a angústia de quem quer respirar contra todos os obstáculos. A droga fazia-me ver a vida pelo prisma mais rosado, e os grandes êxitos e os grandes amores eram já para o dia seguinte, logo ao amanhecer. Por alguma razão o legislador, guardião da felicidade colectiva, veio integrar o meu fenobarbital na Tabela IV de substâncias proibidas pelo Decreto-Lei 15/93, de 22 de Janeiro, e explicou que a coisa realmente era o ácido-5-etil-5-fenilbarbitúrico, o que é muito mais grave do que eu pensava naquele tempo em que Carter reinava a Oeste e Brejnev a Leste, mas mesmo assim era muito pior se as minhas preferências fossem para nomes tão assustadores como etil-loflazepato, que é nem mais nem menos que o 7-cloro-5-(2-fluorofenil)-2,3-di-hidro-2-oxo-1*H*-1,4-benzodiazepina-3-carboxilato de etilo, que é nitidamente um perigo para a estabilidade das famílias.

Queria demonstrar o teorema de Fermat e ganhar o prémio que estava prometido ao primeiro que o demonstrasse. Mas também queria uma vida tranquila e burguesa – comida a horas, numa casa confortável, uma esposa também confortável, gorda de preferência, fonte de nudez, de cuidados e de carícias. Filhos, amigos e um cachorro. Televisão, os “Parodiantes” à uma da tarde e o Telejornal às nove da noite. Chocolate quente e torradas a meio do serão. Livros e o isolamento de uma biblioteca. Uma boa aparelhagem de alta fidelidade e discos com todas as obras que me agradavam e que vinha apontando numa agenda, para quando tivesse dinheiro.

O princípio é sempre uma mudança.

A minha mãe dava-me bofetadas. Ou porque era viúva e tinha de acumular a maciez maternal com a ferocidade paterna e esta última acabava por prevalecer. Ou simplesmente porque gostava de esbofetear quem não a conseguia odiar. Talvez ela me odiasse, não sei porquê nem talvez ela soubesse. Havia de certeza em mim algo que lhe repugnava mas não podia traduzi-lo por palavras que lhe explicassem as causas. Eu só conhecia os sintomas. Tenho um sinal vermelho no peito, que em castelhano é um “lunar”. Sempre que o via, ela dizia-me “Deus que te assinalou algum defeito te achou”. Não sei. Talvez eu fosse parecido com alguém que a tivesse feito infeliz, por exemplo o meu pai.

Mas agora já ninguém me batia, o que era o equivalente a subir na vida.

O meu primeiro trabalho nas Finanças podia-se resumir a AA – Arquivar e Alfabetar. Pôr fichas e declarações por ordem alfabética e colocá-las nas pastas respectivas, todas com o mesmo tom de rosa e com camadas variáveis de pó que se me incrustava nas mãos. Depois, colocar as pastas nas filas de estantes, o que me obrigava a pôr de cócoras para alcançar as prateleiras mais baixas, e a pôr-me em bicos de pés para alcançar as prateleiras mais altas.

Arranjei um quarto na zona dos Anjos, quatro dias antes de começar a trabalhar. Era uma casa antiga, em que o dono alugava quatro quartos, nenhum deles com casa de banho. A renda era de 1000 escudos por mês e a minha mãe deu-me o dinheiro para a primeira. Depois já ganhas, não precisas.

O quarto vinha acompanhado de um mar de restrições e não era bem aquela a ideia que eu fazia da liberdade. Apagar a luz às dez da noite. Não ter nenhum aparelho ligado à electricidade. Cozinhar era proibido. Trazer mulheres para dentro de casa era proibido. Falar em política era proibido. Mirar o rabo da patroa era crime. Troçar da Senhora da Saúde era punido com a expulsão. E para tomar banho todos os dias havia que pagar um suplemento de trezentos escudos por mês.

Todos os dias comprava o jornal, à procura de casa.

Mas havia compensações. A música, por exemplo. Estar em Lisboa e na Universidade, dava-me para frequentar os concertos da Aula Magna. A *Camerata Bariloche*, a interpretar a “Sinfonia Simples”, de Britten, e eu a descobrir de onde é que vinha aquele *pizzicato* tão conhecido. A *Orquestra Gulbenkian* a interpretar Mozart – a “Sinfonia Praga” e o “Concerto nº.5, para violino e orquestra”, com Gerardo Ribeiro no violino. Recordo o vento que os arcos dos instrumentos de corda provocavam no 3º. andamento do Concerto de Mozart. E na fila da frente estava o Dr. Azeredo Perdigão e a esposa, com duas pessoas de permeio. A primeira vez que eu pensei “Meu Deus, se não conseguir demonstrar o teorema de Fermat, faz-me Presidente de uma Fundação como esta, mesmo que o ordenado seja só o suficiente para bifes com batatas fritas três vezes por semana”.

Voguei de novo para a Repartição de Finanças.

Quando aparecia alguém ao balcão do Imposto Profissional competia-me avisar quem fazia o atendimento ou então dirigia-me eu

próprio ao contribuinte para lhe perguntar ao que vinha e para lhe dizer que esperasse que já o vinham atender.

Também passava certidões e recebia os emolumentos que depois entregava, ao fim da tarde, na Tesouraria da Fazenda Pública, que ficava na Av. 5 de Outubro. Uma percentagem era para nós, trabalhadores, a outra, mais grossa, era para o Estado.

Foi assim que um dia estava a receber um requerimento das mãos de um advogado para que certificasse que uma firma com uma designação que parecia um comboio com S.A.R.L. a balouçar atrás da última carruagem, que não tinha dívidas à Fazenda Pública ou Fazenda Nacional, conforme a qualidade da fazenda.

O Adjunto do Chefe passou por mim e perguntou se já tinha arranjado casa. Respondi que não e que a coisa não estava fácil. O Adjunto – Talvez se arranje. Talvez se arranje.

Eu fui buscar a ficha da firma e sentei-me junto da máquina de escrever, a dactilografar a certidão, e o Adjunto ficou a conversar com o advogado, em voz que eu não alcançava.

Quando entreguei a certidão ao advogado e recebi os emolumentos, que registei e guardei num envelope, voltei a sentar-me à secretária, rodeado por montes de fichas. Nisto ouvi um psst, psst, e vi o advogado apontar-me o indicador direito, curvado em forma de anzol. Fui ter com ele. Agora o que é que este quer?

Falou como quem faz um favor e espera trocá-lo por outros favores. Sabia de uma casa boa, em óptimas condições, com obras acabadas de fazer. Era um sótão, com um quarto, uma sala, cozinha e casa de banho. E um terraço enorme, com vista para o Tejo. Mais alto do que os prédios em volta, assim ninguém vê o que está a fazer. O ideal para gente nova. E a renda era uma insignificância.

Não era assim tão insignificante. A renda era de 2.500\$00 por mês e o meu ordenado não ia além dos 7.500\$00, mais emolumentos que eram variáveis.

Era um prédio de escritórios na Rua da Junqueira.

O meu interlocutor acumulava as funções de advogado e de deputado, e por isso cobrava honorários desmesurados. Bem vê – dizia ele aos seus clientes – não é todos os dias que se encontra um advogado que

tem o poder de mudar as leis a favor do seu cliente. E os privilégios pagam-se.

Lembrei-me da Declaração de Rendimentos de 1965 de um contribuinte que tinha reputação de escrupuloso nas contas, que se chamava Marcelo Caetano e estava na quinta pasta da letra “M” – 500 contos de pareceres jurídicos, já que os seus ordenados de professor universitário estavam isentos de Imposto Profissional e portanto não contavam.

Porque é que me lembrei? Talvez por se tratar de diferentes modos de encarar a política – um sacrificava os seus rendimentos pela ilusão do mando, outro utilizava o poder político como forma de aumentar substancialmente os seus rendimentos.

O advogado avisou logo que não era ele o senhorio. O que tinha era uma procuração do senhorio. E que não podia passar recibos porque o prédio não estava constituído em propriedade horizontal e porque no meio daquilo tudo havia uma herança que não fora partilhada por ainda se estar à espera da morte de outra pessoa para facilitar o inventário.

- Para qualquer problema, o meu escritório fica no primeiro andar.

Fui ver a casa e era um dia de sol. No deslumbramento da luz que batia no terraço antevi os gozos da independência e logo ali entreguei cinco notas de conto ao advogado, que as fez desaparecer na carteira voraz. Ele, em troca, deu-me as chaves. Senti a falta de um pouco de cerimónia. Na vida há sempre momentos “Bach” e momentos “bife com batatas fritas”. Aquele era um momento “Bach”.

Telefonei à minha mãe, em Torres Vedras, a dizer que ia deixar o quarto e que já tinha arranjado casa.

“Sim, é só parcialmente mobilada, mas tem a cozinha equipada com fogão e frigorífico... Máquina de lavar roupa? Não, não tem. A casa de banho? Não falta nada, mas não tem banheira, só um chuveiro... É um sótão... Sim, mas fizeram obras e não chove lá dentro. Foi o que me garantiram, e para além disso não vi manchas de humidade no tecto... E depois tem um terraço que dá para tomar banhos de sol sem que ninguém veja... Mas não, prometo que não me vou pôr todo nu.”

Ao fim de semana, os escritórios ficavam fechados e eu era, pelo menos que soubesse, a única presença humana no prédio. Ao princípio aproveitava esses dias para viver estrondosamente – cantar “Ela nunca me amou”, do “Don Carlos”, de Verdi, como se estivesse no palco do *Teatro alla Scala* de Milão, arrotar e peidar-me como se fosse uma fábrica de gás

prestes a rebentar com os depósitos. Depois, sem o sabor a proibido, a graça perdeu-se e tornei-me um cidadão exemplar.

Iam as minhas Memórias no Capítulo VII quando me chamaram pelo intercomunicador. Estavam agora dez pessoas na sala de espera e não me lembrava de as ter visto entrar. Quando me abstraio, abstraio mesmo a valer.

O médico, de bata branca e estetoscópio pendurado ao pescoço, percebeu o que eu queria mesmo antes de abrir a boca. Era Fevereiro, os exames semestrais tinham começado ou iam começar e da minha ficha resultava que eu era, enfim, não podia negá-lo, era um trabalhador-estudante.

O médico era alto, prestes a entrar na Idade Média e, enquanto escutava a minha história, o olhar brilhava de inteligência reprimida, atrás das lentes dos óculos.

Corei, por me sentir tão transparente e com a baixeza toda à mostra.

- Cansado? Sim senhor. E a sua asma, não o tem apoquentado? Dá-se bem com o ar de Lisboa? Muito bem. Acontece que tenho um amigo que prefere viver em ambientes poluídos. Diz ele “Gosto de ver o ar que respiro”. Sim senhor. E dorme bem? Pois, se trabalha e estuda, é natural que esteja cansado. E claro, uma vida sexual muito intensa, não é?... É o normal na sua idade.

- Nada.

- Como?

- Que não tenho vida sexual – disse, acabrunhado pelo peso da verdade. – Não tenho. Nunca tive.

- Virgem?! – admirou-se o médico. – Aos dezoito, dezanove para o mês que vem!... Virgem Santíssima!...

As minhas faces escaldavam.

- Não é um drama. No meu tempo as coisas eram talvez mais fáceis. Normalmente, começava-se com a criada da casa.

Nós éramos da pequena burguesia muito pequenina e não tínhamos criada. Só uma mulher a dias que ia lá a casa duas tardes por semana para as limpezas mais difíceis, aquelas em que era preciso subir a escadotes.

- Agora com isto da democracia, a coisa é mais complicada. Também há a hipótese de uma prostituta de confiança. Pense nisso.

O médico mudou de assunto com um “E daí?...” dirigido a um interlocutor invisível, como Fleming a lembrar-se onde deixara as caixas de cultura.

- E onde trabalha?

- Na Repartição de Finanças do 5º. Bairro Fiscal.

- De Lisboa?

- De Lisboa.

O Dr. Horácio Oliveira disse que o Bairro dele era outro, mas nunca se sabia quando é que eu lhe poderia ser útil.

- Então e o meu amigo acha que o Estado se vai aguentar um mês inteiro sem os seus serviços?

Fiz um gesto de ignorância. Que só queria quinze dias.

- Sim, pode ser que o Estado aguente. O problema é só este. Dois pontos, travessão. Eu não passo atestados aqui nos Serviços Médico-Sociais. Passe amanhã pelo meu consultório e passo-lhe lá o atestado. Se quiser, amanhã já não precisa de ir trabalhar e pode passar o dia a estudar.

- Doutor, e onde fica o seu consultório?

- Já lá vamos. Agora são férias para exames, não é? Amanhã à noite não tem aulas. Certo? Então... Vou-lhe passar uma receita – duas embalagens de Sargenor 5, uma ampola ao pequeno-almoço, almoço e jantar, uma de Relavit fósforo, para tomar de manhã, um granulado, Psicastene, de manhã, e uma caixa de injeções Cerebrolysine, uma por dia. Vai doer. Não vai nada, estava a brincar.

O médico fez uma pausa e leu-me o rosto dos caracóis até ao queixo. Depois, prosseguiu.

- Assim, como amanhã tem a noite livre... Quer ir jantar lá a casa?

Lembrei-me de um contribuinte que estivera meia-hora a conversar comigo e que me convidara a passar um fim de semana no seu iate, só porque eu lhe dissera que gostava do mar. E eu agradeci, que ia esperar um fim de semana em que fizesse bom tempo, depois dos exames. Saído o homem pela porta e o Adjunto a gritar-me:

- Ó Faustino!

Eu acorri, e ele, severo – Mas você sabe quem é aquele indivíduo? Faz só uma pequena ideia? Você gosta de levar no cu? Então, se gosta, vá. Depois não diga que não o avisei.

O médico continuou, procurando desfazer a minha estranheza.

- É só um jantar de família. Apenas a minha mulher e a minha sogra. Também – e aí, apontou-me com o dedo -, gostamos de convidar pessoas com mérito. Já lá tivemos a jantar, olhe, deixe cá ver, assim de repente, a Dona Madalena Perdigão, o Sequeira Costa, e até o Jean Paul Sartre, faz cinco anos em Julho.

Fez mais uma pausa e mirou-me intensamente, de sobrancelhas franzidas, como se me fosse apurar para o serviço militar.

- Porquê o meu amigo? Porque – enumerou pelos dedos – trabalha nas Finanças, estuda Matemática e, apesar dessa carinha de bebé, tem inteligência para fazer grandes descobertas. Parece ter.

- Quero demonstrar o teorema de Fermat.

- Ah, pois sim, pois sim... Nunca fui forte nesse ramo, mas admiro quem tem pachorra para o raciocínio especulativo. Espero que o Sargenor 5 ajude. Então amanhã, lá em casa, pode ser?

Aceitei, porque não era fácil dizer que não a um médico que me ia passar um atestado sem eu estar doente.

- Ora então é assim. Amanhã janta lá em casa.

Deu-me um cartão de visita com a morada.

- Acabamos de jantar, levo-o ao meu consultório, que é ali na Av. António Augusto de Aguiar, ao pé do “metro” do Parque, e entrego-lhe o atestado. Assim escusa de lá ir antes do jantar.

Agradei e corri para o “metro” do Campo Pequeno. Antes de ir para a Biblioteca da Faculdade ainda queria ir jantar à Cantina Nova, que era só sair em Entrecampos e subir a Av. das Forças Armadas, do lado direito.

Enquanto comia a sopa na tigela de alumínio e ouvia repetir-se o aviso “Quem já comeu, é favor entregar o tabuleiro”, pensava, porque comer e pensar são dois prazeres que se podem ter ao mesmo tempo, mas que razão terá um médico para convidar a jantar um aspirante de Finanças,

e ainda por cima na sua casa, com a sua família, a mim que ainda há pouco levava bofetadas da Dona Odete? Alguma coisa há-de querer. Mas o quê?

Nessa noite, estranhamente, não sonhei com equações nem mesmo com mulheres. Dei voltas e mais voltas na cama. Talvez tivesse um pouco de febre. Os sonhos eram confusos e creio que a silhueta barbuda de Marx passou ao longe, teorizando ao de leve. Pio XII cruzou-se com ele e saudou-o, de barretina erguida. Depois, via-me puxado à força de braços para a classe superior de um enorme paquete que levava gente para a América. Na companhia de Júlio Verne era catapultado para a Lua, a bordo de uma imensa luva de borracha que daí a nada estava a limpar, com um balde e esfregona, os ladrilhos axadrezados de um interior pintado por Vermeer.

2.

Ia na carreira 27 e pensava “Mas é só um jantar. Acabo de jantar, o médico dá-me o atestado e não os volto a ver”.

Na biblioteca da Faculdade interrompia o estudo e imaginava frases que agradassem. Porque eu queria agradar, ou talvez a palavra certa estivesse entre o seduzir e o cair bem. Falaria de política? De religião? Nas condições de trabalho dos mineiros, mas evitando a palavra Panasqueira para não corar? E se eu dissesse que era monárquico ou anarquista, coisas que ninguém levava a sério e davam sempre bons temas de conversa?

Regressei a casa, para tomar banho e vestir roupa lavada. Hesitei em rapar o buço por cima do lábio. Não, porque ficaria com uma cara ainda mais ameninada. O espelho decepcionava – cabelos louros, encaracolados, olhos entre o castanho e o verde, e algo de bebé que se mantinha nas rosetas das faces. Se não me virem a traçar equações no quadro, ninguém me levará a sério. Mas quem é que vai traçar equações a meio de um jantar?

Seguia no 49, quando Severo entrou no Saldanha.

- Esta noite não vou jantar à Cantina – informei. – Vou jantar a casa de um médico.

Acho que pronunciei a palavra “médico” com uma ênfase especial, e era sem dúvida para me dar ares de uma importância que não sentia.

O vulto grave de Severo inclinou-se para mim.

- Ah, percebo... Vais-te infiltrar no seio da burguesia endinheirada para melhor os destruir. Bem pensado. Belo golpe.

- Fala mais baixo, Severo. Que ideia mais tonta. Se eu até gosto da burguesia. O que eu queria mesmo era ser burguês. Quando é que deixarás de ser revolucionário? Que coisa!... Até te fica mal.

Severo sorriu, com todo o seu farto bigode.

- Há que fazer como o camarada Estaline e limpar toda essa cambada de contra-revolucionários. Só depois haverá tempo para as flores, a poesia, as mulheres...

- Severo, devias ter vergonha. Estás a citar alguém e eu hei-de descobrir quem é. Depois logo te digo o que penso do camarada Estaline. Mas agora vou descer. Amanhã falamos.

Despedimo-nos com um abraço. Éramos amigos, embora não pudéssemos ser mais diferentes e se calhar era essa a razão da nossa amizade. Severo já me prometera que, se a revolução vencesse, dar-me-ia a escolher entre o pelotão de fuzilamento e a cápsula de cianeto, embora nem eu nem ele soubéssemos onde se vendiam tais cápsulas, aparentemente exclusivas dos espiões descobertos e dos generais vencidos. Ou isso ou o campo de reeducação. Em troca, eu, mais magnânimo, eu garantia-lhe que, em caso de vitória da matemática, fá-lo-ia Director da Biblioteca Nacional. Severo insurgia-se – Mas eu estou no quarto ano de Direito. Porque não Procurador-Geral da República? O Ministério Público é uma criação revolucionária.

Apanhei o 21 para o Pote d'Água. O médico morava numa vivenda por detrás da Igreja de São João de Brito, numa rua tranquila onde passava pouca gente e eram raros os automóveis estacionados na via.

Era tudo tão irreal como nos contos de Andersen, que eram os únicos em que princesas e soldadinhos de chumbo conviviam sem problemas de maior. Abriu-me a porta uma morena espantosa, vestida de cetim negro e avental branco, com folhos e uma crista branca no cabelo. Falava com sotaque de Viseu e as suas curvas ondulavam flexíveis ao caminhar à minha frente, indicando-me a sala de estar.

O médico segurava um copo de *whisky*, e o brilho das lentes e o casaco de malha tudo nele indicava que era uma das pessoas que tinha medo de Virgínia Woolf. Levantou-se do sofá, em que escutava uma versão orquestral da “Arte da Fuga”, e saudou-me com uma palmada nas costas, versão viril dos abraços e beijinhos.

- Ponho sempre um pouco de Bach antes do jantar. Para lavar a alma. Calculo que goste.

Confirmei com a cabeça, não me ocorrendo nenhuma frase que explicasse devidamente porque é que gostava de Bach, se é que os gostos se podem explicar.

- Parece que tem a ver com a sua matemática – acrescentou.

Calculei que a seguir me iria falar de Pitágoras e do número de ouro. Mas, em vez disso,

- A minha mulher e a minha sogra ainda se estão a arranjar. Não devem tardar... muito... Quer um *whisky*? Não? Faz bem.

Sentei-me noutro sofá e respirei a música, como quem sorve golfadas de um gás tranquilizante.

- A respeito da minha sogra... - e o Doutor interrompeu-se, à entrada na sala de uma mulher na casa dos trintas, que me sorria, de mão estendida.

- Deve ser o Faustino Mendes. Eu chamo-me Dora.

Vestia de azul turquesa. Calçava meias pretas e apanhava o cabelo, liso, castanho claro, com um rabo de cavalo. Os olhos eram castanho escuros. Os dedos eram longos, afilados, e as unhas brilhavam num vermelho vivo.

- Vou-lhe apresentar a minha mãe, que já está na sala de jantar.

Seguia-se pelo corredor à direita e voltava-se novamente à direita. Ao fundo era o salão, espaçoso de mais para um simples jantar, mais apropriado para um baile ou para receber a visita do príncipe de Metternich à mistura com todo o Congresso de Viena. Justamente por ser tão irreal, já que o conservadorismo (e eu era conservador, pelo menos naquela época) o conservadorismo nunca pode passar de uma ilusão, a de fazer recuar o tempo ou de tentar impedir a sua marcha. Recordo a mesa, que era enorme e tinha em volta apenas oito cadeiras, e também um aparador centenário, em mogno, com figuras mitológicas lavradas nos cantos.

No lugar de honra sentava-se uma senhora que olhava obstinadamente para a janela. Calculei-lhe a idade por volta dos 65 anos ou talvez um pouco mais, como um médico legista a calcular a hora da morte entre as onze e a meia-noite.

O rosto era enrugado, sulcado por linhas paralelas, à laia de trincheiras dispostas para travar o avanço de um inimigo desconhecido. Todavia, os seus olhos azuis brilhavam de frescura, sem veios avermelhados. Pintava os cabelos de um tom platinado que era bonito de ver. Linda a velha, pensei. E “velha” porquê? Porque, para os meus 18 anos, uma mulher ou era nova ou era velha, não havia categorias intermédias. E nunca consegui explicar a mim próprio a tremenda carga erótica da palavra “velha”. Mas talvez fosse por ser pecado.

A postura era entre o empertigado e o atlético. Mas não se levantou, nem quando a filha nos apresentou:

- A minha mãe, Maria Guilhermina de Holstein e Alpoim de Portomayor. O Sr. Faustino Mendes, estudante de Matemática e aspirante de Finanças.

Mas estendeu-me a mão, com as costas viradas para cima, como uma rainha. Beijei-lhe a mão e senti-me do lado de lá do écran de um cinema.

- Aspirante de Finanças? – interrogou, com um forte carregar nos erres que devia ser característico da sua nobreza.

- Sim, aspirante de Finanças – confirmei.

- Pergunto-me a mim própria a que aspirará ele ao certo – fez a velha, enigmaticamente, olhando novamente para a janela, como se ali estivesse a resposta às suas dúvidas.

Corei de modo automático, por conta das interpretações desfavoráveis contidas naquele reparo.

Sentámo-nos à mesa e, enquanto os aperitivos eram servidos por um gigante, vestido de camuflado com vários tons de verde, o cabelo cortado à escovinha, enchi-me de coragem e pedi uma desculpa antecipada pelos meus modos à mesa.

- Não tive uma educação muito... quero dizer, sei pouco de etiqueta e de maneiras à mesa.

- Ó meu amigo – fez o médico -, não nos ofenda. Está em sua casa. Proceda como se estivesse em sua casa.

- Desde que não cuspa para o chão – resmungou a velha, em tom audível no corredor. – É o que dá convidar pessoal das barracas para jantar.

- Mamã... - censurou Dora, brandamente, ao ver-me corado e de olhos baixos para o prato.

- Filha, que eu saiba hoje não é Natal. Criancinhas, pobrezinhos e a fome em África é no Natal. Agora estamos em Fevereiro, é Carnaval, podemo-nos deixar de fingimentos.

O médico fez de conta que nada ouvira e, nessa noite, espantou-me com a sua facilidade em encontrar assunto para conversa. As recentes cheias no Ribatejo, que tinham deixado Lisboa sem água durante quase uma semana. Inacreditável, não é? Como é concebível uma coisa dessas? Chove ininterruptamente, há água por tudo quanto é sítio, e as torneiras estão secas. Só se via era baldes e panelas nas varandas a recolher gota a gota a água da chuva. Eu até lavei os dentes com água do Luso.

Os doentes também eram tema de conversa.

- Nunca tive tanto medo. Vou operar o doente e vejo que o seu apelido é Boa Morte. Chego-me ao pé dele, com o anestesista, e o doente sorri-me, “Doutor, ainda não é hoje”. E não é que correu tudo bem? Impecável. Foi um alívio quando o cosi.

A velha fez uma careta, como se achasse aquela conversa repugnante para a hora de jantar. No meu íntimo, dei-lhe razão pela primeira vez.

O médico falou também da guerra entre a China e o Vietname, e dos governos de iniciativa presidencial.

- Não tenho muita fé neste governo Mota Pinto. Intelectuais, meu amigo, é coisa que não dá. Engenheiros sim, engenheiros é que fazem cá falta. Gente que saiba fazer coisas, não sei se me entende.

Guilhermina, do seu lugar na presidência, fitava-me, com o queixo apoiado na palma da mão esquerda.

- Eu cá não sei, mas o convidado, com aquela carinha tão lisinha, de menina mesmo... não sei, o que eu acho mesmo é que ele é mariquinhas.

- Mamã... - e Dora tentou dar ao sussurro uma carga de censura.

- Foda-se, caralho – fez a velha, com a dignidade de uma rainha a vomitar frases históricas -, mas não se pode dizer a verdade nesta casa? Desde quando? Então não se está mesmo a ver que o que ele deve gostar mesmo é de levar no cu? O meu faro nunca me enganou.

O meu rosto ardia e se fosse mosqueteiro do Rei sacaria da minha espada e Nunca fui tão insultado em toda a minha vida. Mas nem sequer tinha ao meu alcance a espada da ironia.

O lombo de vitela endurecera repentinamente e o molho perdera todo o seu sabor. Se pudesse chorar, ali diante daquela gente que agora odiava, teria chorado. Pensei nas classes superiores que convidam o proletário para se divertir, à falta de bobo e à falta de corte.

- A mamã está muito enganada – fez o médico, sorvendo um gole de Bucelas branco. – Primeiro, o nosso amigo Faustino não é nenhum mendigo nem nenhum miserável. É aspirante de Finanças. É um jovem como há poucos, que trabalha e estuda, e que... Vou divulgar um segredo, o que não é lá muito deontológico, mas nestas circunstâncias justifica-se. O Faustino vai-me perdoar. Vai, que eu sei.

Fez uma pausa e apontou-me com o dedo.

- O nosso amigo é virgem. Virgem com tudo o que isso significa de ausência de doenças venéreas e de maus hábitos. Será muito afortunada a mulher que, por assim dizer, o estreiar.

- Porquê? – interrogou a velha, esvaziando o copo de um trago e fazendo sinal à criada para que lho enchesse novamente. – Mediu-lhe a pichota para ter assim tanta certeza?

O médico, como se não tivesse ouvido, desviou a conversa para a reforma fiscal. Falava-se por aí que iria ser criado um imposto à europeia, sobre o valor acrescentado, e que todo o cidadão iria ter um número de contribuinte. Pessoalmente, sou contra.

- E a língua? Viu-lhe a língua? Será boa para o minete? – insistiu a velha, agarrada ao tema com uma tenacidade perversa.

Mas o Dr. Horácio Oliveira era de opinião que o futuro estava numa Europa forte, do Atlântico aos Urais, forte e a dar cartas no mundo, o fim da OTAN ou da NATO, o esbatimento do poder americano e do contra-poder soviético. Principalmente do contra-poder soviético, já que os americanos são mais assim como nós, um nadinha perversos, mas no fundo boa gente.

À medida que as minhas faces serenavam e voltavam às habituais rosetas de saúde, concordei sumariamente que uma Europa unida seria a nova super-potência, mas lamentei que tudo isso fizesse Portugal diluir-se e desaparecer.

- Mas que honra – deliciou-se o médico. – Um patriota à minha mesa...

- Olhe – declarou a sogra, sentenciosamente -, todos os patriotas que conheci tinham todos, mas todos sem exceção, uma característica comum. Muita fala e pouca foda.

- Ah, essa está boa – riu o médico. – A minha sogra é impagável.

- Impagável, não é? – ripostou a velha. – Sou muito cara, se é isso que quer dizer.

Era a altura do Dr.Horácio Oliveira falar do Serviço Nacional de Saúde e discordar da maneira como o estavam a criar. Que não somos a Inglaterra, para poder ter luxos desses. Portugal é pobre. O que é que eu achava? Alinhei alíneas e chavetas. Que a saúde devia ser inteiramente gratuita, com centros de saúde espalhados por todo o País, e medicamentos gratuitos.

- Jesus!... – arrepiou-se o médico. – O que para aí vai de demagogia.

E perguntou-me se eu achava justo que um rico tivesse medicamentos grátis, tal qual como um pobre.

- É que não deveria haver nem ricos nem pobres.

- Porra! – exclamou a velha. – Além de rabeta, é comunista.

O médico pôs água na fervura. Já reparara que eu era católico. Ora acabar com os pobres era contra a lei de Deus. Não foi Jesus que disse “Pobres sempre os tereis convosco”? Então?

Eu não queria estragar o jantar ainda mais do que já estava, nem amargar a sobremesa, que era um delicioso bolo, coberto de *chantilly* e de rodela de ananás.

- Ah, pois é, tem razão. Já me estava a esquecer que o Evangelho não é só bem-aventuranças.

A velha riu-se inexplicavelmente, e eu senti-me confuso. Será que, sem querer, havia dito uma piada?

A noite, pesada e longa, chegava ao fim. O médico disse que me ia levar a casa, pois àquela hora já não havia autocarros e tinha que passar pelo consultório, pois se esquecera de me dar o papel com a indicação do modo de tomar os medicamentos que me receitara.

Ao despedir-se, Guilhermina levantou-se e, quando a fui beijar, notei que me pressionava de encontro aos seios, o que me fez sentir pouco à vontade. Dora despediu-se com mais sobriedade.

Quando descemos para a garagem, o médico explicou-me.

- Não fique a pensar mal da minha sogra. Ela é uma pessoa inteiramente normal. A D.Guilhermina é a pessoa mais normal que conheço. Bem, uma das mais normais. Teve um desgosto de amor, há coisa de uns doze... ou quinze?... não, doze anos, quando o marido morreu, e a linguagem ficou um pouco... hmm... um pouco livre. Mas é uma senhora da maior seriedade, da maior respeitabilidade. É uma Portomayor e está tudo dito.

Quando chegámos ao consultório do Dr.Horácio, estava tudo às escuras. O que era natural, àquelas horas. O médico acendeu as luzes e fechou a porta. Entrámos e eu aguardei de pé. Ele abriu uma gaveta da secretária e tirou de lá uma folha de papel selado, com o meu atestado, e um envelope amarelo, de tamanho A4, e cuidadosamente colado. Passou-me tudo para as mãos.

- Tem aí também um cartão com a morada do Cartório Notarial onde tenho sinal aberto, para reconhecerem a minha assinatura. Fica na Av.Almirante Reis, antes da Alameda.

O médico sentou-se e respirou fundo, como se algo de importante tivesse ficado esquecido no fundo do saco.

- Deve estranhar porque é que fiz tanto empenho em trazê-lo aqui. Eu compreendo. Aparentemente, não faz muito sentido. Poderia ter-lhe entregue o atestado em casa, antes do jantar. Não é?

Fez outra pausa.

- Vou-lhe dizer uma coisa que não poderá sair daqui, que terá de ficar entre nós. É capaz de guardar um segredo?

Acenei afirmativamente com a cabeça. Claro que era capaz de guardar um segredo.

- Jura?

- Juro – fiz eu, apenas para o tranquilizar, porque sou um homem de palavra e nunca fiz grande caso de juramentos.

- Jura que não vai revelar a ninguém, mesmo a ninguém, o que agora lhe vou dizer?

- Juro – repeti, pensando que o meu interlocutor, às vezes, era muito melodramático. Parecia que ao longe se ouviam os violoncelos e os contrabaixos, e um rufar de timbales.

- Preciso de um favor seu. Que seduza a minha sogra.

- O quê? – perguntei eu, incerto quanto ao som e ao alcance das palavras.

- Seduza a minha sogra.

- A sua sogra, Dr.Horácio? A D.Guilhermina?

- É exactamente isso que ouviu. A minha sogra.

Fiquei imóvel e sem fala, como se uma fada acabasse de me conceder três desejos, ou se um pirata à procura de herdeiro me entregasse o mapa do tesouro.

- Não sei porquê tanta estranheza, meu amigo. A minha sogra pode não ser muito nova, mas posso-lhe dizer, que já a vi muitas vezes na praia, que é uma mulher muito atraente.

- Mas é a sua sogra...

- Exactamente, é a minha sogra. Está bem, se fosse a minha mulher, compreendo, era demais. Mas é a minha sogra, onde é que está o mal? Sinceramente, não compreendo a sua hesitação, porque a palavra “escrúpulos” não é para aqui chamada, nem lhe estou a pedir que cometa nenhum crime.

Fez uma nova pausa, e prosseguiu, mais convincente.

- No fundo, é um favor que lhe estou a fazer a si. O amigo é virgem. Logo, o que é que lhe faz falta? Uma mulher experiente, por quem passaram os filhos das melhores famílias, e que sabe como se fazem as coisas. Não se iluda. Não há nada que se compare a iniciar-se nas mãos de uma mulher mais velha. É a maneira mais agradável de entrar na idade adulta. É a experiência que lhe fala. Então? É sim ou não?

- É sim, Dr.Horácio – respondi, como se estivesse a assinar com sangue um contrato extenso, com as cláusulas escritas em letra muito miudinha.

O médico apertou-me a mão.

- Sim senhor, tomou a decisão certa. Um pequeno passo para si e um grande passo para o homem que aí está a germinar.

A frase pareceu-me rebuscada e de mau gosto. Não sabia porquê.

- Lembra-se da “Missão Impossível”?

- Aquela em que os maus eram comunistas e muito estúpidos? Lembro-me perfeitamente.

- Então, leia bem o que está dentro do envelope, memorize o que tiver de memorizar e, se não conseguir, tome apontamentos. Depois, destrua o que está lá dentro, menos uma coisa que logo verá que não é para destruir. Rasgar em pedacinhos não lho aconselho. É melhor queimar.

Já no automóvel, o Dr. Horácio contou-me em poucas palavras a história breve da sogra a seduzir. O Conde de Portomayor era viúvo e era o cônsul de Portugal em Zurique em 1945, quando conheceu, de passagem por Madrid, uma polaca refugiada de guerra, de uma beleza extraordinária, mas que não tinha papéis. Conseguiu-lhe uma identificação portuguesa oficialmente verdadeira, apesar de inteiramente falsa, e casou com ela. Depois, abandonou o serviço diplomático e fixaram-se definitivamente em Portugal.

- A ocupação da Polónia deve ter sido para ela uma experiência terrível, porque é como se esse período e tudo o que está para trás se tivesse varrido da sua memória. Como acontece em vários casos traumáticos, esqueceu o polaco, e quando o Conde de Portomayor a conheceu, ela só falava alemão, francês e italiano.

O envelope continha um conjunto de instruções para seduzir a D. Guilhermina que agora se poderia também chamar Eveline Hanska ou Potocka ou Rzewuska. Seguindo as instruções à risca, era certa a sedução. Eu o Príncipezinho. Ela a Raposa.

- Que eu, sinceramente, até acho que não vai ser nada difícil. E porquê? Porque ela hoje foi excepcionalmente malcriada. Não costuma ser tão obscena. O que é que isso quer dizer? Que o amigo lhe tocou o coração. Nem mais nem menos. Coração malcriado, coração apaixonado.

Rimava, mas era estúpido. Toda a situação era estúpida. Um jantar estúpido, em que o mais estúpido fora eu próprio, a ouvir enxovalhos e sem atirar um copo de água, com água e com vidro, direitinho à cara da velha.

- Outra coisa. Se, como espero, o Faustino e a minha sogra se entenderem, preciso que esteja atento a qualquer coisa de anormal, nomeadamente no que toque à movimentação de dinheiros, ouro, ou qualquer coisa do género, e que mo venha contar logo de seguida, mesmo que eu esteja em consulta. Basta que diga “Sou o Faustino” e eu interrompo imediatamente o que estiver a fazer. A sua lealdade, nunca se esqueça disso, mas nunca mesmo, é para comigo e para mais ninguém. O seu papel é o de um 007 do amor. Esta saiu-me bem – gabou-se o Dr. Horácio. – Você tem o duplo 00, o que significa que tem ordem para amar. É boa, não é?

A penúltima frase é que não era tão boa como isso. “Duplo 00”. A palavra “duplo” referida a zero, só por si dispensava, ou melhor, impedia a menção do 00. Se o Dr. Horácio medisse as suas palavras veria que “duplo 00” eram quatro zeros de enfiada.

O médico deixou-me à porta de casa e seguiu em frente. Eu subi as escadas silenciosas, abri a porta e deitei-me vestido, por cima da colcha. Abro o envelope? Não abro? Vou exercitar a vontade e só o abro amanhã.

Deitara-me com uma erecção que tinha vergonha de confessar que tinha por alvo e por motivo a D. Maria Guilhermina de tal e tal. Até tinha que ser Guilhermina, é mesmo nome de velha. Porque não antes Natália, Olga, Ivone, Ana Paula ou qualquer outro nome assim bonito?

Às quatro da madrugada achei que a minha força de vontade já era suficiente. Levantei-me, às escuras, acendi a luz da sala e abri o envelope.

3.

“Eles devem ser mas é malucos”.

O médico era pessoa organizada. Juntara num “dossier” notas biográficas sobre a sogra e fizera uma lista das suas preferências, com uma ressalva, no fim, de que outras poderiam haver, ainda desconhecidas para o relator.

Havia também uma fotografia da D. Guilhermina, em corpo inteiro, tirada em 1947 na Praia do Tamariz. Vestia calças que lhe realçavam as pernas longas e perfeitas, segurava um cigarro na mão direita, e era extremamente fresca e sedutora na boca entreaberta e no sorriso franzido ao sol que a iluminava de frente. Era francamente bonita e mirei-a por tempos esquecidos.

A seguir à fotografia vinha uma série dupla de bilhetes para concertos e para o teatro que, na opinião do clínico, davam garantias de agradar à velhota. Mas não se pode dizer que seja velha. Andará aí pelos sessenta, a chama divina ainda lhe arde. Com toda a certeza.

Havia também um maço de notas. Contei – eram 30.000\$00, ou seja, mais de quatro vezes o meu ordenado mensal.

“Eles devem ser mas é malucos”.

No outro dia, à tarde, fui ao consultório do Dr. Horácio Oliveira e, aproveitando o intervalo entre duas consultas, deixei-lhe o dinheiro em cima da secretária, sem justificações nem mais palavras.

- Mas aceita o que eu lhe pedi? – inquiriu o médico, ansioso, no tom de quem pergunta “Mas é grave, Doutor?”.

- Sim, mas não pelo dinheiro. É pela honra. Ela ontem amesquinhou-me, insultou-me. Agora vai pagá-las.

Nem parecia eu a dizer estas palavras tão fortes que metiam medo. Que me assustaram a mim próprio depois de as ter proferido. Pois eu até nem era vingativo, nem rancoroso, nem nada que metesse crueldade.

- Mas gosta dela? Do corpo? Da alma? Das duas coisas?

- Só do corpo. A alma deixo para si, que a tem de aturar todos os dias.

- Percebo – fez o médico, juntando as palmas das mãos, com os cotovelos fincados no tampo da secretária, e tocando os lábios com a ponta dos dedos. – Ainda está a pensar naquela terrível linguagem da minha sogra. Mas ela não é sempre assim. E não é verdade que eu a ature todos os dias. Ela tem a casa dela e não é casas o que lhe falta. Para aí metade dos prédios em Almirante Reis são dela. Meia Artilharia Um. Um quarto da Possidónio da Silva. Dois quintos da Av. de Roma. Um terço de Santo António à Lapa. Tudo dela.

Não achei nada com que respondesse. Eu não era calculista, era um pobre estudante de Matemática. O meu silêncio levou o médico a olhar para o relógio e a rematar a conversa com uma síntese final:

- Ela só descompõe quem gosta. Para ela eu sou só “O meu caro genro”. Se me mandasse para o caralho, falando agora à moda dela, é porque sentia por mim uma afeição genuína. Para ser-lhe sincero, prefiro assim.

Levantou-se e apertou-me a mão, despedindo-me à pressa.

- E não se esqueça ainda hoje de lhe telefonar a convidá-la para o concerto, amanhã, na Igreja de São Roque. – Hesitou um pouco e acrescentou, exibindo o maço de notas que eu lhe devolvera: - O seu gesto foi bonito. Gostei.

Voltei para a Faculdade. As aulas, como disse, eram num pré-fabricado que fora instalado nas traseiras da Faculdade de Letras. Fui telefonar numa cabina colocada num recanto do edifício principal.

- Por favor, desejava falar com a D.Guilhermina.

Enquanto aguardava, chegavam-me aos ouvidos os ecos de uma discussão que se devia desenrolar numa divisão vizinha. Mas daí a pouco, uma voz estrangeirada e rouca, entre o convidou e o ordenou

- Diga.

- D.Guilhermina, como está? Daqui fala o Faustino. Como está desde ontem?

- Mas que caralho é que você quer saber como é que eu estou?

- É que consegui dois bilhetes para o concerto de amanhã da *Academy of Ancient Music*, na Igreja de São Roque. Obras de Vivaldi, Haendel e Corelli. Direcção de Christopher Hogwood.

- E pensa que me vai montar apenas por causa de um bilhete? Sou muito cara, amiguinho.

E depois de uma pausa:

- Ouça lá, você tem telefone?

- Não, não tenho, D.Guilhermina.

- Então, como é que eu... Foda-se, a vida dos pobrezinhos é mesmo uma grande merda. E tem alguma morada, ao menos? Onde é que fica a sua barraca? Oh, *Les Misérables*!...

Soletrei-lhe a minha direcção. Pediu-me também a direcção do meu trabalho.

- Mas eu estou de baixa, D.Guilhermina.

- Dê lá. Não se faça ainda mais parvo do que já é.

Era na Av. Marquês de Tomar, nº.21, 1º. andar.

- Bom – suspirou a velha que não era velha nenhuma. – Não é meu hábito sair com mariquinhas tão novos, mas não é por si, é pela música. Não lhe garanto que vá nem que não vá. A que horas é o concerto?

- Às nove da noite.

- Se eu for... e repare bem no que eu digo... Se eu for... lá estarei às nove menos dez, em frente à Igreja de São Roque.

Fiquei convencido de que ela não iria aparecer. O mal não seria muito grande, mesmo assim. Sempre teria a música, o melhor remédio para decepções e dores de corno – falando à moda da velha.

Mas apareceu. À hora marcada para aparecer ou não aparecer, desceu de um táxi. Vestia um casaco de peles tiradas de um bicho desconhecido, porque a noite ainda era de Inverno e fazia frio. Vincava bem, assim, que eu e ela não tínhamos nada a ver um com o outro. Mas agradava-me que ela me esmagasse com o seu esplendor e magnificência. Até cheirava a um perfume desconhecido que a Dona Odete nunca usara, porque o dinheiro lá em casa só dava para uma colónia barata.

Hesitei se lhe daria um beijo na face ou se lhe apertaria a mão. Ela resolveu com facilidade o meu dilema, descalçando uma luva e dando-me a mão a beijar, como se fosse um bispo a visitar a paróquia, já que as suas rugas não lhe permitiam desempenhar o papel de princesa de cinema. Não sei porquê. Preconceitos. Com as faces a arder, sentindo todo o peso do ridículo com tanta gente ali a ver, beijei-lhe a mão.

Entrámos na Igreja e apertámo-nos num banco que já estava quase completo. Gostei de sentir a proximidade do seu corpo, mesmo que as suas peles nos separassem.

A primeira peça era de Vivaldi, um concerto para bandolim, cordas e cravo. A emoção quase me fez chorar. Creio mesmo que chorei silenciosamente, sem alarde. Era demasiado belo. Guilhermina apertou-me convulsivamente o pulso, aproximou os lábios do meu ouvido e segredou:

“Até se me arrepiaram os cabelos da cona.”

Soou-me como se tivesse dito “mas que música maravilhosa”. Sentia-me feliz. Agradava-me a ideia de estar numa Igreja. As Igrejas sempre me encantaram. Gosto do recolhimento e sempre fui propenso à devoção. As linhas que os arcos traçavam, para cima e para baixo, eram um festival de geometria. E a meu lado uma mulher, uma autêntica mulher, não

era a fotografia de uma revista. Exalava calor, tinha cheiro e falava coisas que vinham envoltas num hálito de pecado. E como era bom o pecado para um devoto como eu.

Mesmo com a alma invadida por harmonias barrocas, não pude deixar de imaginar, a meio do Concerto Grosso, op.6, nº.4. de Haendel, como seria beijar o ventre de uma violoncelista que se apresentava de perfil e que se arredondava, finamente desenhado, por baixo do vestido de cerimónia de cetim preto. Beijaria algum dia o ventre de Guilhermina, a parte mais confortável do corpo humano? Ou mesmo os seus pés? Não por desejos de vingança, que a música esfumara para todo o sempre. Apenas pelo prazer do amor.

O concerto terminou com o Concerto para o Dia de Natal, de Corelli. Saímos da Igreja como que embriagados. Ou seja, se eu estava embriagado, os outros também deveriam estar. Não é impunemente que se respiram aqueles feitiços.

Apanhámos um táxi e Guilhermina mandou seguir para São Bento.

Eu - Não, deixo-a à porta da sua casa e depois sigo para Santos.

Ela - Mas eu tenho fome, estou a cair de fraqueza. Ou será que está à espera de que eu caia redonda no chão para poder finalmente satisfazer os seus vis apetites e papar-me a cona? Ou enrabar, que deve ser mais o seu género.

O Motorista (olhando cheio de censuras para o meu rosto que deveria parecer um tomate) – Minha senhora, se quer chamo já um Polícia.

Ela (pousando a mão no meu ombro) – Não vale a pena, senhor “chauffeur”. Não se meta entre mim e o meu filho.

Apercebi-me com horror (mesmo assim não era um horror muito, muito grande, há que ser honesto) que a velha queria representar uma comédia de incesto, sabe-se lá com que intuitos perversos. Pensei com vergonha na minha própria, autêntica, querida, amada, adorada, severa e assustadora mãe, a Dona Odete, lá na longínqua Torres Vedras. Como é que alguém poderia acreditar que aquela elegante enrugada fosse minha mãe?

Saímos em frente ao *Café de São Bento*, que era dos poucos restaurantes que ainda estavam abertos àquela hora. Guilhermina foi à frente, encobrindo-me:

- Porque eu estou vestida como deve ser e o senhor vem à pessoal das barracas. Se o virem dizem que estão cheios e que já não há mesas livres. Portanto...

A porta abriu-se e o porteiro deixou-nos entrar, ela à frente, eu atrás, rogando aos deuses lá de casa que ninguém desse pelas minhas calças de ganga e pela minha camisola de lã grossa, oferta do último Natal, que faziam de mim o elemento errado naquele conjunto de gente certa.

- Eu sei que como todos os panascas gosta de eu e que deve estar todo entesado por ir atrás de mim, mas não se ponha aqui a bater punhetas que eu não gosto que me fodam a reputação – segredou ela. – O resto até pode ser e eu gosto, mas a reputação é que não.

Enquanto nos sentávamos numa mesa posta para dois, com uma vela acesa entre nós, perguntei a mim próprio como é que uma mulher tão bela, tão senhora, tão sensata, tão Portomayor, podia ser tão porca a falar. “À varina”, como diria o meu tio Armando, que, na sua juventude, cantara o fado em sítios como a Travessa dos Fiéis de Deus, a Rua do Norte e a Travessa da Água da Flor, até ser colocado como supranumerário na Alfândega de Lisboa.

Olhei em meu redor e vi um campeão olímpico, vestido com uma camisola de lã alaranjada, com as palavras “University of Princeton” a negro. Tinha o cabelo cortado à escovinha e pareceu-me tê-lo visto à entrada da Igreja. Vi também deputados que acabavam sem pressas o seu jantar. Pensei, inquieto, no preço final a pagar. Guilhermina não me deixara pagar o táxi. Mas o jantar era diferente. Olhei, com agonia, para os preços na lista. A velha recomendou o bife à São Bento, que era famoso. Ao lado, 100\$00, nem mais nem menos, conta certa e sem trocos. Encomendou ela “Já vi que sabe pouco disto, que não tem prática de restaurantes. E querem vocês igualdade. Deixa-me rir.” Dois bifés à casa, uma salada mista para os dois, uma garrafa de *Visconde d’Asseca*, tinto. Fiz as contas e olhei para a biqueira dos sapatos do empregado. O pontapé iria doer.

- Para mim, o bife é bem passado. Muito bem passado. Sem pinga de sangue – articulei.

- É mesmo mariquinhas – desdenhou ela. – Coitadinho dele, não pode ver sangue, aí que nojo, aí, aí... Para mim, é mal passado.

Guilhermina nem me deu tempo para a vergonha. Curvou-se para mim e sussurrou:

- Estou cá com uma vontade. Vou mijar e pensar que tenho a sua cara de cu mesmo dentro da sanita. Estimula-me os ureteres de uma maneira que nem imagina.

Seria a sua forma de dizer “Não te esqueço nem nos momentos mais íntimos”?

Conhecedora dos cantos à casa, dirigiu-se para o fundo, à direita, o lugar normal para as casas de banho normais. O empregado trouxe a garrafa, desarrolhou-a e verteu algumas gotas no meu copo. Ficou imóvel, erecto, como que à espera de ordens. Eu olhei-o e algo no seu olhar distante me fez pensar que aguardava a minha opinião acerca do vinho, que era justamente uma das muitas coisas acerca das quais não tinha nem nunca tivera qualquer opinião. Olhei também o campeão olímpico, à procura de um conselho, nem que fosse sob a forma de uma piscadela de olho. Mas ele não olhava para lado nenhum. Parecia alheio ao local, imerso nos seus pensamentos olímpicos. Bebi o pouco que o copo continha e o empregado:

- Posso servir?

- Pode, com certeza – fiz eu. – Faz favor.

Guilhermina voltou, com o casaco de peles seguro no braço. Vestia um fato de calças e camiseiro, azul marinho com bolinhas brancas. Ficava-lhe bem. Mais uma vez pensei “É ordinária, mas tem bom gosto para vestir. Tem umas ancas e cintura muito jovens, muito semelhantes à estatuária grega. E umas pernas que Meu Deus! E gosto de lhe ouvir o som dos saltos altos quando caminha. Um som de autoridade. Mãe e guarda prisional”.

Levantei-me à sua chegada e disse-lhe que agora ia eu à casa de banho.

- Veja lá – aconselhou ela. – Não se masturbe, que fica com as mãos peganhentas.

Abalei em passo rápido, vermelho de todo, perseguido pelos desaforos da velha – Olhe que fica anémico, não cresce e fica corcunda. Depois deite-me as culpas para cima de mim, que deve ser a única coisa que conseguirá pôr em cima de mim.

Enquanto lavava as mãos, decidia para mim “Não volto a pôr cá os pés. Se não fosse por causa do estupor da velha... É caríssimo e eu não ganho para isto. E duvido que os bifes sejam melhores que os da Dona Odete, quando havia dinheiro para bifes.”

Voltei, e a velha agarrou-me as mãos e cheirou-as.

- Vá lá. Lavou-as. Lindo menino.

Trouxeram os bifos e o empregado perguntou para quem era o bife muito bem passado, sem pinga de sangue, acentuando o “muito” e o “sem pinga de sangue”. Era sem dúvida um humorista desempregado e calculei que bem lhe ficaria um machado espetado na testa, a rachar-lhe o crânio em dois hemisférios rigorosamente simétricos e iguais.

- É aqui para o menino da mamã – informou a velha, sem dizer a palavra “mariquinhas”, o que interpretei como promessa de bonança.

Tocámos os copos. Eu disse “À nossa”, consciente de que nada tínhamos em comum. Ela respondeu, baixo, aproximando de mim o seu olhar mais severo, “À saúde da minha cona”.

Hesitei antes de beber. E ela, que já esvaziara o copo:

- Porquê? Acha que a minha irmã mais nova não merece louvores nem honrarias? Que injusto que o senhor é. A minha cona merece tudo. É, ou mais veridicamente ainda, foi muito trabalhadora. E é uma cona com história, não é uma cona qualquer, das que se encontram por aí a cada esquina. Ora tome. Escusava de ter ouvido esta.

Depois, não recordo bem os acontecimentos. Tudo se tornou confuso e nevoento, como uma manhã de Novembro nas margens do Tejo. Sei que fizemos saúdes a várias partes do corpo de Guilhermina e que gastei um copo inteiro só com os seus seios. Recordo que o bife era tenro. Não recordo quem pagou a conta, mas de certeza que não fui eu. Recordo que o ar, lá fora, era frio. Recordo que recitei “O Sentimento de um Ocidental” enquanto aguardávamos o táxi que já fora chamado. Talvez tenha misturado partes de “O Guardador de Rebanhos”, mas não garanto, porque, enfim, o Tejo não era tão belo como o rio que corria na minha aldeia que era uma cidade. Recordo que a voz de Guilhermina se foi tornando mais doce e mais longínqua, como vinda de um Céu que se preocupava comigo e a quem estava bem entregue. A voz e o perfume acompanharam-me pela escada acima. Mãos frias procuraram algo nos meus bolsos. Uma chave abriu a porta. Estava numa casa de banho em que o soalho oscilava, e vomitava para a sanita. As mesmas mãos guiaram-me até à cama, descalçaram-me os sapatos, abriram os lençóis e meteram-me na cama, ainda vestido. Manteve-se por um tempo, à minha beira, falando a intervalos coisas que não recordo, mas era bom saber que estava ali alguém. Aconteceu um silêncio maior e alguém me trouxe uma chávena de chá muito açucarado, levantou-me a cabeça e forçou-me a beber. Por mais algum tempo, a voz esteve presente até virem as primeiras claridades do

dia. Depois, uma porta fechou-se no trinco e fez-se um silêncio feito de paz e mistério, só perturbado pela sensação de cair perpetuamente em vales perpétuos. E uma estranha sensação, a de estar apaixonado por uma pintura numa parede colocada à entrada de uma miragem.

A luz do dia entrava-me pelo quarto quando despertei, com sede e a cabeça pesada. Continuava virgem mas, pelo menos, sabia agora o que era estar bêbado. Aos poucos e poucos penetrava, assim, na idade adulta.

Lavei-me longamente com água fria e fui despertando para a vida. A espuma do sabonete no meu corpo era varrida pelo jorro do chuveiro, mas havia coisas que persistiam. Teria sido paga a conta do restaurante? Terei dito muita asneira? Terei revelado alguma coisa do Dr. Horácio e do seu estranho pedido? O caso tornara-se muito mais grave do que a mera incapacidade para odiar. Se me enamoro dela, e ao que parece é o que está a acontecer, como vou conseguir aquela vida que sonho – mulher, conforto e filhos?

A única coisa que não desilude na vida é a Matemática. Mas as outras coisas também fazem falta.

Bebi uma caneca de leite quente, com muito açúcar, e ia abalar para a paragem do 27 quando bateu à porta um boletineiro, com um telegrama “Ralada consigo. Dormiu bem? Telefone quando puder. Hoje não saio”.

Quando cheguei a Entrecampos, tomei um café na *Granfina*, recordando o que se dizia no sentido de o café cortar os efeitos do álcool e que afinal era falso. Depois, caminhei até à Faculdade de Letras, para telefonar antes de subir para a biblioteca onde se asilavam os estudantes de Matemática.

E ela:

- Está bem? Foda-se, pregou-me mesmo um susto dos grandes.
- Peço desculpa. Não estava habituado ao vinho.
- Pois é bom que se habitue – fez ela, peremptória. – Quero dizer, é melhor que não se habitue. Faz-lhe mal.
- Quem é que pagou a conta, ontem à noite?
- Oh, caralhos me fodam – respondeu ela. – Fui eu. Porquê?
- Nada – respondi. – Fico-lhe a dever.

- Ah, com certeza que sim. Eu não esqueço. Nem esqueço que as nossas ruas ao entardecer têm uma tal soturnidade, uma tal melancolia, que o Tejo, o bulício, a maresia, e essa merda toda...

- Oh, desculpe. É de Cesário Verde.

- Eu sei, não sou analfabeta. Não é só os proletários que vão à escola.

- Obrigado por tudo e pela companhia que me fez – eu a despedir-me.

- Qual obrigado nem meio obrigado. E não pense que vou sair todos os dias consigo, que não vou. É a pensar no seu fígado.

- Obrigado.

- Mais uma coisa. Levei emprestado um livro que tinha na estante da sala – “Prometeu ou A Vida de Balzac”, de André Maurois. Espero que não se importe.

- Claro que não.

- Eu depois devolvo. É para não acusar a mulher a dias injustamente. Tem mulher a dias, não tem?

- Tenho uma senhora que vem cá duas vezes por semana.

- Não se nota muito. Há pó nas estantes e os ladrilhos da cozinha não devem ser lavados há mais de quinze dias. Mas o importante é que esteja bem... Importante para si, claro.

Regressei aos livros e ao papel quadriculado. Já tinha reparado que o cálculo tinha em mim uma função tranquilizante. Era raro corar se estivesse a resolver uma equação. Resolver equações trazia-me optimismo às golfadas e tornava os sonhos quase palpáveis, como se navegasse num mar de fenobarbital. Que há de mais belo do que $\log xy = \log x + \log y$?

Fui almoçar à Cantina Velha e, enquanto ressoavam periodicamente os apelos “Quem já comeu é favor entregar o tabuleiro”, sentia a falta dos meus colegas da noite, que, àquela hora, trabalhavam. Era a minha classe, e eu sentia a necessidade da protecção que dá o pertencer a alguma coisa, mesmo transitória.

Mergulhei na vida interior, enquanto cortava as febras de porco, acompanhadas de batatas fritas e salada. É a crise. Servem carne de porco porque está incluída no cabaz de compras dos produtos com preços tabelados e subsidiados. É a crise. Se eu demonstrasse o último teorema de

Fermat, recebia um prêmio, parece que é bastante dinheiro, tenho de informar-me. Com dinheiro, já poderia fazer como a Guilhermina – descompor as pessoas e fazê-las sentir pouco mais do que lixo, ou menos ainda que lixo, tudo depende do grau de maldade posta na ofensa. É a crise.

Voltei à biblioteca, aos livros, aos cálculos. A meio da tarde não resisti à tentação de telefonar à Guilhermina, que já não era velha nenhuma, mas uma mulher apetecível, uma pêra que estava madura mas que ainda não apodrecera e que se morderia com prazer redobrado. Tinha saído. Desliguei com uma dor em qualquer das regiões inexploradas do cérebro. Liguei porque queria, nada e ninguém me obrigava a telefonar. Se não quisesse, não telefonava. Não preciso dela para nada. O mundo está cheio de mulheres bonitas de todas as idades. Sem risco de contender com o Código Penal, todas as mulheres dos 18 aos 80 são apetecíveis e todas são água para a sede de qualquer um.

Ao jantar, já tive o conforto da companhia dos meus colegas que chegavam dos empregos e vinham jantar. Não sei como, mas ganhara já uma modesta fama de sábio manhoso e calculista. Pudera, a baldares-te assim ao trabalho tens todo o tempo do mundo para estudar, assim também eu tinha boas notas. Punham-me dúvidas e eu sacava de papel e lápis, e ali mesmo, entre os tabuleiros metálicos, traçava números, chavetas, parêntesis e raízes quadradas. Tinha um jeito tranquilo de falar e era claro nas explicações. Só o sexo é que me punha fora de mim. A matemática nunca.

Quando cheguei a casa, tinha uma carta na caixa do correio. O envelope era lacónico e só dizia “Il.mo Signore Don Faustino”. Abri a carta mal cheguei a casa:

“Caro Aspirante,

Não sei exactamente a que é que V.Ex^a. aspira nem as contas que faz com a sua Matemática. Eu sei a que é que aspiro. A desfrutar condignamente e a plenos pulmões a Primavera que se avizinha, mas, para variar, à moda dos pobrezinhos. Este sábado à tarde não trabalha e ao que julgo saber continua de baixa. Então esteja na Estação do Cais do Sodré, às 14h 07m, nem mais minuto nem menos minuto. E traga dinheiro para pagar as nossas passagens. Não esqueça que eu sou a senhora e você (se não estou enganada) o cavalheiro.

P.S. Quando é que manda instalar um telefone na sua barraca?

Sua (apenas em parte, numa pequeníssima parte, aliás, não se ponha com ideias)

Maria Guilhermina”

4.

Às duas da tarde já eu estava à porta da Estação do Cais do Sodré. Guilhermina chegou eram 14h 35m. Ao ver-me olhar para o relógio, exclamou antes de mais nada:

- Vai-me dizer alguma coisa? Alguma paneleirada que seja, leve ou rebuscada? Veja lá.

Eu ia justamente chamar-lhe a atenção - para quem falara em 14h 07m, nem mais minuto nem menos minuto, está bem, está... Mas a velha com os seus modos de imperatriz ordinareca que regressou do exílio, cortou-me logo à nascença as frases e as censuras. O contra-ataque prévio é o melhor recurso dos que não têm razão.

Já tinha comprado as passagens para Cascais, ida e volta. Errámos de carruagem em carruagem à procura de dois lugares que satisfizessem Guilhermina. Com um suspiro, que nela era de resignação e em mim de alívio, acabámos por nos sentar na carruagem da frente, do lado que dava para o rio.

- Cheira mal – queixou-se ela. – Porque é que o povo não se lava?

Falámos de política e ambos reconhecemos que era uma boa alternativa face ao outro tema de conversa habitual que é falar do tempo, da chuva, do calor ou do frio, discutir a massa de ar frontal que provinha do Ártico, o anticiclone dos Açores e a depressão que se estava a formar a leste das Ilhas Britânicas. Ela detestava a democracia fingida, preferia de longe uma boa e franca ditadura que ao menos não engana ninguém. Gostava de homens providenciais e para Portugal o que desejava mesmo era um rei absoluto, nada de Francos enfadonhos, nada de Salazares mais preocupados com as suas galinhas do que com o interesse do País, mas alguém como D.João II, que aumentasse de imediato as rendas congeladas desde 1920 e tal e lhe desse pelo menos o Ducado de Abrantes. Tenho mais direito a ele do que essa Laura bexigosa que nem tem cu que se possa mostrar decentemente em público.

A mim acusou-me de ser anarquista, como todos os paneleiros da minha idade.

- Qual anarquista, não sou nada anarquista, nem conheço ninguém que seja, quer dizer, não me parece que ele seja anarquista, não, não é, o que ele é... um amigo meu... é marxista-leninista e também maoísta, penso eu – respondi, de rosto vermelho pela insinuação. – Eu sou pela liberdade e pela igualdade, e só queria era que não houvesse tanta injustiça. E Dom João II não é exemplo para ninguém. Com o devido respeito, era uma besta, e ainda bem que o envenenaram em Alvor.

- E aspirações pessoais? Deve tê-las, penso eu. A vida não é só levar no cu, embora levar no cu também seja interessante, ao que diz quem já experimentou.

- Quero passar da pequena burguesia para a mediana.

- Para a classe média, hem? – admirou-se Guilhermina, com um leve desdém na voz. – Porquê? A grande não lhe serve? A classe alta é demasiado reles para si?

- Quero a vida média da classe média. Quero ser professor de Matemática. Quero essas grandes coisas que se podem fazer numa sala de aulas ou passeando à noite, sozinho, debaixo das estrelas. Quero ser o primeiro a demonstrar o último teorema de Fermat.

- Ah, esse tipo de grandeza? – fez Guilhermina, acentuando o desdém. – Faz favor. Mas quem é que quer saber do teorema de Fermat para alguma coisa? E quem é esse panasca? Algum amiguinho seu?

Não tive tempo de explicar, com o rosto em fogo, que Pierre Fermat vivera no século XVII e era jurista, porque saímos logo em São João. – É aqui que vamos descer – disse a velha.

Caminhámos por sua indicação até à Praia da Azarujinha e iniciámos o trajecto pelo paredão que ali tinha o seu começo e seguia até Cascais.

O dia estava esplêndido e as rochas do lado direito do paredão protegiam do vento. Aspirei com prazer o cheiro a algas e a mar, e senti na pele o sol da tarde e as gotículas de água que borrifavam o ar. Eram os princípios de Março.

Caminhávamos lado a lado e tentei, sem sucesso, dar-lhe o braço ou segurar-lhe a mão, uma delicadeza natural que se tem para com as pessoas mais velhas e para quem uma queda pode ter consequências desastrosas.

- Por quem me toma? E o que iriam pensar as pessoas que nos vissem de braço dado? Consigo não sei, mas eu tenho uma reputação a defender.

Na companhia de Guilhermina perdia a noção do tempo, do espaço e da razoabilidade. Parámos no Tamariz. Ficava à nossa direita a estação do Estoril.

Ocupámos uma mesa na esplanada, a única mesa livre. Na mesa mais afastada, dois agentes funerários, com mais de 1,80m, o cabelo cortado à escovinha, pareciam dialogar acerca da inclinação do eixo da Terra. Guilhermina perguntou-me se trazia dinheiro para pagar.

- É que hoje não trago dinheiro. Cabe-lhe a si pagar. E depois, se não tem dinheiro, deixe-se ficar virgem. Quem não tem dinheiro, também não tem vícios, ou não devia ter, pelo menos.

Eu pedi um sumo de laranja e a velha pediu um chá verde e torradas.

- Como vê, não o arruíno. Podia ter pedido um *whisky* velho de 15 anos, e não pedi.

Enquanto aguardávamos, de frente para as ondas, Guilhermina semicerrou os olhos, tornando o olhar mais felino, e acendeu um cigarro com uma sensualidade tão refinada que fazia pensar mas em que filme é que já vi esta mulher? O fumo fez-me tossir em várias vogais.

- Mas como é que chegou a essa idade, ainda virgem? Não é normal, na sua idade.

Parecia um médico a falar e o pior era que falava num tom de voz suficientemente elevado para poder ser ouvida nas mesas em redor, que estavam cheias de gente. Ela queria espectadores para a minha humilhação. Odiava-a com toda a vermelhidão do meu rosto, com todo o calor da minha vergonha.

- Não depende só de mim – retorqui, com severidade, mal consegui deixar de tossir e recuperar o suficiente auto-domínio. – Preciso de uma mulher que... Enfim, essas coisas exigem duas pessoas, pelo menos.

- Aaah – fez ela, com ironia e com mistério -, precisa de uma mulher ou, na sua falta, duas pessoas. E depois quer-me convencer que não é um mariquinhas pé de valsa, quer dizer, pé de salsa, embora devesse antes ser de coentros? Já agora, o fumo incomoda-o?

- Sou asmático.

- Oh que engraçado, exactamente como Proust. Não há dúvida que vocês, rabetas, têm muita coisa em comum. Mas lá por isso apago já o cigarro. Não quero que tenho um ataque por minha causa.

Esmagou o cigarro no cinzeiro e eu tentei mudar o rumo da conversa.

- A Marlene Dietrich também fuma.

- Eu quero é que a Marlene Dietrich se foda.

Ela sabia pronunciar o “ch” de Dietrich e eu não, assim como nenhum dos dois conseguia pronunciar “Brecht”, ela por odiar comunistas e eu por não saber alemão.

- Marlene Dietrich!... Com franqueza! Falar dessa puta estuporada, traidora de merda, e logo num dia tão bonito. Mas eu percebo. É uma fonte de inspiração para vocês, *gays*, quando põem as pestanas postiças.

Mesmo corado que nem um tomate maduro, um homem pode recorrer à bravata, como um cristão a fazer negações ao leão que vem para o devorar.

- Os americanos usam a palavra *gay* para designar em calão os homossexuais masculinos, como se a alegria fosse algo de efeminado. Eu gosto muito de Dickens para perverter assim uma palavra tão bonita. *So I confess, I'm gay, I believe in fun and laughter*. Se sou ou não sou maricas, como diz, é algo que lhe compete a si mesma descobrir. Não me cabe a mim provar que não sou homossexual, já que a prova de um facto negativo é praticamente impossível, e é até chamada de *probatio diabolica*, está-se mesmo a ver porquê.

- Ah, com que então não é rabicho? Que pena.

- Que pena porquê?

- É que assim... assim, desse modo, não vejo como poderemos ter uma amizade sincera. Não vejo, não.

Tardava o meu sumo e tardava o chá que ela pedira. Guilhermina suspirou:

- Tenho amigos que são invertidos.

Imaginei um grupo de gente a caminhar nas palmas das mãos, rigorosamente esticados, com os pés no lugar da cabeça.

- E com eles, claro, não dá nenhum prazer chamar-lhes maricas, que eles até agradecem, compreende? Para quem, como eu, passou tantos anos no meio de gente assustadoramente masculina, é tão agradável discutir com homens coisas como base, depilatórios, maquilhagem e rabos de homem.

Tudo interesses comuns. E nós, meu amigo, que interesses é que poderemos ter em comum?

Fez um sorriso, o primeiro que lhe vi, e que fazia lembrar um pouco de Marilyn Horne.

- A virgindade é fodida – suspirou ela. – Pior do que a crise do petróleo e a Guerra dos Trinta Anos todas juntas.

Não sabia que lhe responder. E a vermelhidão do rosto não abrandava, nem mesmo quando chegou o sumo de laranja, o chá e as torradas, servidos pachorrentamente por um empregado tranquilo e sem pressas, que o que parecia era querer escutar a conversa da velha e inteirar-se de algum bom escândalo para contar no seu círculo de amigos. Invejei-lhe a tranquilidade e desejei que uma vaga o arrebatasse para o fundo do mar, no momento em que por ali, excepcionalmente, passasse um improvável tubarão.

- E quando lhe surgiu esse problema?

- Qual problema?

- O de corar dessa maneira. Já nasceu consigo ou foi só quando descobriu que era mariquinhas?

A velha falara como uma pregadora do seu púlpito. Senti no silêncio que se fazia à nossa volta que as pessoas nas mesas ao lado sustinham a respiração, género isto agora é que está a ficar interessante.

- Não quero falar nisso.

Guilhermina calou-se e a minha face clareou. As pessoas das mesas ao lado voltaram a respirar, mas contrariadas por chegarem ao fim do livro sem saber quem matou o milionário, já que o mordomo estava de folga. O empregado foi lá dentro buscar as duas bicas que tinham sido pedidas pela mesa 14.

Mas ela não aguentava ficar calada durante muito tempo. Prosseguiu, para edificação do seu público:

- Pronto, é virgem. Acontece. É uma fatalidade, mas não vejo como é que o possa ajudar, para mais chamo-me Guilhermina, não sou “La Celestina”, não sou alcoviteira. Tenho amigas, com “a” pequeno, que talvez se não importassem de lhe resolver o problema. Só que não são mulheres do género a que deve estar habituado. É verdade que são muito putas, mas nem por isso deixam de ser senhoras, e lá isso...

- E não me poderia ajudar, eu sei lá, outra pessoa, a D.Guilhermina, por exemplo?... – interrompi e logo desejei não ter dito nada, pois até o som da minha voz era estúpido, quanto mais as palavras ditas.

- Ajudá-lo... como? – inquiriu, pronta a ficar ofendida.

- Ajudar-me a deixar de ser virgem. Ajudar-me, só isso...

O que fora dito já estava dito e era francamente estúpido. Mas a conversa também não estava a ficar inteligente e por isso não destoava. Para quê preocupar-me? Havia mais mulheres bonitas na Terra, e certamente mais simpáticas. Procurava o Dr.Horário – Olhe, não consegui nada. Arranje outro. Talvez tenha mais sorte.

Guilhermina remexeu o açúcar fazendo a colher tilintar sonoramente na chávena, como se a quisesse partir. Queria tornar pública a sua raiva.

- Olhe, só não lhe dou uma bofetada aqui mesmo, seu grande cabrão, seu mariconço da merda, porque está muita gente a ver e não gosto particularmente de escândalos. Mas fique você sabendo: nunca ninguém me faltou assim ao respeito que não levasse o troco. Ninguém. Vamos! E logo quem é que havia de me querer saltar para a espinha? Um pelintra ordinário que não tem onde cair morto. Ralé – vomitou com desprezo. – Arraia-miúda. Pé descalço.

- Sou aspirante de Finanças – contrapus.

- É o mesmo.

Depois de um intervalo, em que uma nuvem tapara e destapara o sol, já ela falava de coisas indiferentes, como preços, política e a dificuldade de encontrar uma empregada doméstica que fosse séria e quem a tinha era conservá-la, como se faz com um tesouro. Mas nunca repetiu aquele sorriso que a iluminara e, por breves momentos, a transfigurara numa deusa clássica, fonte do prazer e da fecundidade.

Guilhermina parecia cansada do contacto com a plebe. Quando regressámos ao Cais do Sodré, apanhámos um táxi e seguimos para Alvalade, onde a deixei. Abandonei o táxi uns metros à frente, quando a velha já não me podia ver, e segui a pé, pela Av. da Igreja até ao Campo Grande, e depois subi a Av. das Forças Armadas até à Cantina Nova, que era a única que abria ao sábado. Estava muita gente e notei que havia mais raparigas do que era previsível. Estava comprovado que as mulheres já não iam só para Letras, como raparigas bem-comportadas, mas iam agora em

força para Direito, Medicina e Economia, e tomavam de assalto os bastiões que antes lhes vedavam a entrada.

Estava já muito adiantado na bicha que lentamente se aproximava do corrimão que corria ao longo da estrutura metálica do *self-service*, em que se alinhavam, por ordem, os tabuleiros, o pão, os guardanapos de papel em que se enrolavam os talheres, as tigelas de sopa, o prato, que hoje era bacalhau com grão, cebola e salsa picada, com rodela da terça parte de um ovo, a fruta e os copos de plástico com sumo de máquina. Chegou um colega da noite e colou-se logo a mim, em nome de uma intimidade muito vaga. Ninguém protestou. Era o Monteiro, também conhecido pelo “Mancha Negra”, por ter tirado uma radiografia que acusava uma mancha negra no pulmão e que era a tuberculose a fazer estragos. Embora não o catalogasse no grupo dos amigos, mas sim no grupo indiferente dos conhecidos, fez-me bem a sua presença e a sua companhia.

Jantámos frente a frente. Ele não se calava e o assunto parecia nunca lhe faltar. Eu ainda quis falar do exame semestral de Análise Matemática I, já que nunca lhe iria confessar que me andava a fazer ao teorema de Fermat. Mas o “Mancha Negra” não dava espaço às observações e comentários de outros. A falar era como uma inundação que arrastava tudo à sua frente, designadamente a verdade e o bom-senso. Excepcionalmente, fez uma pausa como se fosse respirar fundo.

- É pá... - segredou. – Não te voltes já, mas essa gaja atrás de ti... é boa, três vezes boa. Calma, não te vires. O que te posso dizer é que nunca vi uma gaja tão boa. Vira-te devagarinho, quando eu disser... Agora.

Olhei para trás. Era um indivíduo de cabelos castanhos, escorridos e longos, como o anúncio vivo de um “champoo” para a caspa. Uma camisa com o colarinho à russa, mas de um tom entre o rosado e o vermelho. O Monteiro ria, satisfeito com a sua graça. Eu, vermelho e suado, pensava “Oxalá chumbes em Análise Matemática I”.

5.

O Domingo foi dia de chuva. Estive a preguiçar na cama até ao meio dia, a ler Dickens no original, numa edição barata da *Penguin*. Estava a enfiar os chinelos para ir à cozinha fazer torradas, quando a campainha tocou. Era o boletineiro, com mais um telegrama “Comigo? É prosápia, mas perdoo. Ambição coisa má. Beijo”.

À tarde, fui ao cinema *Quarteto* e vi “A velha senhora indigna”, de René Allio. Senti a falta de Guilhermina. Se ao menos a velha senhora levasse a sua indignidade até ao ponto de falar com os palavrões da “minha velha”, que nem era velha nem era minha. Sei que me teria feito bem, por razões que desconheço mas que talvez tivessem a ver com o há mais gente assim, para quê preocupar-me?

Depois, de guarda-chuva na mão, segui pela Av. de Roma até à Alameda. No *Estúdio do Império* tinham o cartaz do “Barry Lyndon”. Já o vira no ano passado, no *Apolo 70*, mas o filme era uma tal sucessão de imagens pictóricas, uma obra de arte tão completamente conseguida, que decidi voltar a vê-lo no fim da semana seguinte. Iria convidar Guilhermina. Era impossível que não gostasse do filme. *Reverend Runt, this matter bears no further discussion* era mesmo a sua maneira de falar.

No Café do *Império* estavam colegas a estudar. Sentei-me numa mesa onde estavam conhecidos. Severo não estava, e falámos do futuro, que sempre foi o melhor tema para descontentes. Como seria o ano 2000? Pessoalmente, eu sentia que os meus quarenta anos iriam decorrer num mundo maravilhoso, com a cura do cancro, com o fim da guerra, da pobreza e da ignorância. Uma vida boa e fartura para todos. Tempos livres para gente livre. Pessoas passeando de braço dado em jardins, sob um azul de perpétua primavera, discutindo filosofia, arte e matemática – e também o sentido da vida, ou a falta de sentido que a mesma possa ter, nem sempre é preciso tomar partido. E por todo o lado o sorriso de quem namora a Razão.

Durante a semana, fiz a prova escrita de “Análise Matemática I” e regressei ao trabalho. O Palma, que era Técnico Tributário e tinha a seu cargo o Imposto de Transacções, acercou-se de mim com as ironias da antiguidade e o que tu sabes já a mim esqueceu, e perguntou-me se estava melhor da minha doença e se o sofrimento tinha sido muito intolerável, que houve quem o tivesse visto a caminhar em Entrecampos e com uma cara de saúde que deve ser aquelas breves melhoras antes da morte.

- Deve ser engano – respondi.

- Eu mandei-o entregar uma carta a Garcia e você não entregou.

Nunca percebi nem nunca perceberei as recordações de guerra do Palma. Ao que parece, os graduados tinham um método muito próprio de chamar estúpido a quem não era graduado. Vinham com a história da carta a Garcia, que não se percebia bem o enredo, pelo que deveria ser uma prova de inteligência mal compreendida. Era alguém, presumia-se que

devia ser o sargento, que mandava um imbecil, presumia-se que seria o soldado raso, entregar uma carta a Garcia. Como nunca falavam no endereço nem no código postal, a carta devia começar simplesmente por “Exmº. Senhor Garcia” e conter muita palermice em língua oficial. Havia Garcias aos montes na Lista Telefónica de Lisboa e arredores. Quantos mais haveria por todo o Portugal & Colónias? O soldado raso não entregava a carta e sujeitava-se à reprimenda “Eu mandei-o entregar uma carta a Garcia e você não entregou”.

Eu recebi uma carta de Guilhermina. A letra era muito bem desenhada, à inglesa, e o papel cheirava bem. Retive algumas frases:

“Tem que lutar contra essa susceptibilidade. Não pode corar sempre que falem sobre sexo. É natural falar de sexo. Mais natural ainda só mesmo praticá-lo. É natural que eu o descomponha. É natural que eu lhe chame maricas. Não me pode levar a mal, é a minha natureza. Não quero dizer que você seja propriamente homossexual, mas que irão pensar as pessoas que o vejam a corar quando se fale no tema? Não acha que tenho razão? Vá lá, faça um esforço e evite corar. É louro e branco e dá muito nas vistas quando essas rosetas ardem. E outro conselho: procure uma rapariga da sua idade e deixe-se de andar atrás de velhas. A juventude quer-se com a juventude. Não que eu seja velha, claro”.

Enfim, uma mistura de coisas interessantes e de lugares-comuns. Mas Guilhermina não o podia evitar, era a sua natureza.

Telefonei-lhe, a convidá-la para irmos no sábado ver o “Barry Lyndon”, de Kubrick. Sábado não posso – respondeu ela. – Domingo? – Pode ser? – Então fica combinado. E quando é que instala a merda do telefone?

Na sexta-feira recebi um telegrama de Guilhermina - agora ia voltar para a sua casa, e o número de telefone era o que seguia. Marcava já o sítio e a hora do nosso encontro, que iria ser às 13h 30m, em frente ao *Império*.

Estava eu, sentado à minha secretária, pondo as fichas e as declarações por ordem alfabética, pensando em que iria rever aquela fantástica cena do duelo, ouvir a “Sarabanda” de Haendel, e ter Guilhermina a meu lado, e que faltava meia-hora para ir almoçar à cantina dos *SOFE*, na Av. Visconde de Valmor, quando se sucederam frases – Eu queria ser atendida por aquele senhor. Quem? Aquele? Sim, aquele mesmo. Ó Faustino! Ó Faustino! Vem aqui ao balcão!

Guilhermina estava do outro lado do balcão, séria, severa, sem um sorriso. Estendeu-me a mão e eu correspon-di, com pensamentos terríveis a tropejar ao longo das circunvoluções – vai chamar-me maricas, vai pôr-se com aquela linguagem do costume e envergonhar-me diante de toda a gente. Talvez se ponha aqui a apregoar que sou virgem e que estou a contar com ela para... Oh, Valha-me Deus!

- Como está, D.Guilhermina? Bem? A família?

- Estão todos bem – atalhou ela, seca. – O que me traz cá é o seguinte: no ano passado, fiz obras em três dos meus prédios. O que sucede é que o empreiteiro não me passou a factura-recibo. Escreveu a quantia num papel de embrulho, escreveu PAGO e pôs um gatafunho a servir de rubrica. A minha pergunta é: posso abater a despesa ou não?

- Ah – fiz eu, com alívio. – Então não é aqui. Neste balcão é só Imposto Profissional e Imposto Complementar. Venha nesta direcção.

Gui-ei-a do outro lado do balcão, que era como que um grande rectângulo de mármore negro que tivesse perdido um dos lados. Apontei para o letreiro pendurado por cima, e que dizia “Contribuição Predial”, e chamei:

- Sr. Rodrigues, uma senhora para o Predial.

Depois, para Guilhermina:

- Fica bem entregue. Eu tenho de voltar para a minha secretária. Para mais alguma coisa, disponha de mim.

Era o que me tinham ensinado no curso de “Atendimento ao Público” que nos tinha sido dado no Centro de Formação, ali no Campo dos Mártires da Pátria – tratar com carinho e doçura aqueles a quem despojávamos de parte do seu dinheiro.

A questão devia ser fácil e de resposta rápida, pois daí a nada estava Guilhermina a fazer-me sinal, do outro lado do balcão.

- Isto assim não tem jeito nenhum. Pessoas a falar, separadas por um tampo enorme, não obrigado. A que horas vai almoçar? Se é que os pobrezinhos almoçam.

- Daqui a mais ou menos meia-hora, D.Guilhermina.

Ela aproximou o rosto do meu, e afoguei-me de surpresa na imensidão do seu olhar azul. Sussurrou:

- D. Guilhermina o caralho. Então à uma, lá em baixo.

Voltou costas, decidida, no seu passo elástico onde havia muita e perseverante ginástica, e desapareceu pela porta. Eu voltei às minhas fichas. Uma sombra pairou atrás do meu ombro. Era o Adjunto do Chefe.

- Mas de onde é que tu conheces (já não me tratava por você) a Dona Guilhermina Portomayor?

Elaborei uma resposta cuidada, que não compromettesse.

- A família... É conhecimento de família.

- Ah – fez o Adjunto. – Agora já se explica como é que ficaste em 3º. lugar no concurso para aspirantes. Bem se dizia para aqui que deverias ter tido uma cunha valente.

Eu neguei que tivesse tido qualquer cunha.

- Pois sim, pois sim. Deve ser. Acredito mesmo. Homem, não é vergonha nenhuma. Ter os conhecimentos certos ajuda muito e saber aproveitá-los é sinal de sabedoria.

À uma hora da tarde, já Guilhermina me esperava junto da entrada da Direcção Distrital de Finanças, onde o 5º. Bairro Fiscal ocupava o primeiro andar. Faltaria quando muito meio minuto para começar a bater o pé e a falar à Luís XIV, “quase que esperava”.

- Dona... Guilhermina, só tenho uma hora para almoçar.

- E eu ralada. Siga-me. Siga-me – ordenou, mais imperiosa.

Almoçámos na Av. Duque d’Ávila, no Restaurante *O Moisés*. Eu tinha dinheiro que chegasse, mas a velha não me deixou pagar.

- Para que um dia não me chame “cara amiga” nem nenhuma dessas paneleiradas. Eu não sou nada cara, como vê. Sou até muito acessível, como se estivesse em saldos.

No regresso, informou-me que a casa dela ficava também na Av. Duque d’Ávila, mas do outro lado da Av. da República, muito perto do cinema *Avís*.

- Noutro dia, levo-o lá.

Nessa tarde, a minha reputação no Bairro Fiscal subiu a um nível que só seria lisonjeiro se eu tivesse optado por seguir carreira na pirataria ou na prostituição.

O Saraiva, depois das horas ao serviço da captação de receitas para o Estado, ia trabalhar para um escritório de contabilidade, ao serviço das empresas que privavam o mesmo Estado dessas receitas, e por isso a sua mão direita era inimiga da sua mão esquerda, e as duas nunca se podiam juntar, esse o motivo pelo qual não ia à missa e não rezava, o que não era por qualquer razão filosófica, mas apenas por causa da inimizade que o dividia em duas partes perfeitamente simétricas, iguais e antagónicas. Veio ter comigo, a exalar *after-shave* e odor a charuto e colocou-se à minha frente, a medir-me e avaliar-me. Levantei os olhos das minhas fichas e preparei-me para corar.

- E então, ela é boa na cama?

- Quem? – com a surpresa até me esqueci de corar.

- Ora, quem havia de ser? Você com dezoito... Ah, já fez os dezanove!?... Ela está muito bem para a idade, mas é uma velha, as coisas são como são. Deve-lhe dar muitas prendas, dinheiro?...

Agora sim, corei com a dignidade a rastejar pelo soalho.

O Saraiva olhava-me, satisfeito pelo poder das suas palavras.

- Ó amigo, ó amigo, você fez mal. Desculpe que lhe diga, mas fez muito mal. Porque raio é que foi para Matemática, quando podia muito bem ter ido para Direito? Com os conhecimentos que tem, e com aquilo que vai aprender aqui, e com o pouco que os advogados sabem de Fiscalidade, só lhe digo – pode ganhar o dinheiro que quiser, o que quiser, sem ter que andar a chular velhas, salvo o devido respeito. Faça como eu que só as quero jovens e fresquinhas. Só ponho uma condição – que já comam com garfo.

Fez uma pausa e olhou em seu redor, relanceando o olhar pelos contribuintes que tinham resolvido passar por ali naquela tarde de sexta, com a hostilidade que se tem pelas visitas que chegam logo quando íamos sair.

- Que isto agora não é como no meu tempo. Quando era aspirante, tal qual como você, ninguém ensinava nada a ninguém. Se eu fazia qualquer pergunta, diziam-me - vá ver ao Código, está no Código. E pensa que alguém me emprestava o Código? Ninguém. Tive de os comprar todos à minha custa. Profissional, Complementar, Contribuição Industrial, Sisa, Transacções, Selo, Processo das Contribuições e Impostos, todos. Não é como agora, em que têm cursos de formação, lhes dão os Códigos todos, e as circulares todas, e eu sei lá que mais. Agora isto faz-se mesmo a cagar.

Só facilidades. E não é para me meter onde não sou chamado, mas você, ainda por cima com a D.Guilhermina por trás... Que não é por nada, não o estou a censurar, longe de mim, acho que faz muito bem e eu no seu lugar... Não parece, mas eu também já fui novo, a tropa é que deu cabo de mim.

Voltou para o seu lugar, que ficava entre o Sucessório, as casas de banho e o Gabinete das Inspecções, e, em conversas laterais perpassava algo como “Ele até conhece a D.Guilhermina Portomayor. Até os viram almoçar juntos”. Fez-me lembrar “A Canção de Lisboa” – *Ele até sabe o que é o mastoideu*.

No sábado não trabalhei. Fora instituído um regime de turnos, ficando o serviço assegurado por 5 funcionários em cada sábado. Tocava-me assim trabalhar apenas um sábado em cada mês, e não era aquele. Aproveitei o dia para estudar Cálculo Infinitesimal na Cantina, que o teste era na semana seguinte. Ao almoço, o Severo não apareceu na Cantina, e calculei que estivesse a preparar a revolução noutra local, mais perto do coração da Besta. Jantei em casa e adormeci com números que bailavam uma valsa embaladora.

No Domingo, rapei o buço ligeiro que me encimava o lábio antes de tomar banho. Queria dar uma impressão de cuidado pessoal e sentimentos asseados.

Guilhermina chegou pontualmente, à hora marcada, e era evidente que estávamos perante uma tautologia.

- Já almoçou, claro.

- Não, Do... Guilhermina.

- Não?! – admirou-se ela. – Ah, compreendo, estava à espera que eu lhe desse de almoçar, não é? O caralho é que eu dava.

Eu corei. Ela deu-me uma cotovelada.

- Lá está ele. É que não se pode dizer nada à donzela – *que se pone colorada*. Tem que arranjar outros hábitos como toda a gente, menos arrotar, peidar-se, tirar macacos do nariz... e tiques também não gosto. O ideal seria o “David” de Miguel Ângelo, que é estátua, não se mexe e não incomoda ninguém.

Almoçámos no *Café Império*, que até era barato, o ideal para pobrezinhos na opinião de Maria Guilhermina de Holstein e por ali adiante, e fui eu quem pagou, com a sensação de ter emprestado a Rothschild. Os

bilhetes de cinema foi ela que pagou. Subimos para o *Estúdio*, uma sala de cinema mais pequena que ficava dentro do *Cinema Império*, que este sim, tinha écran para filmes de 70mm, o ideal para o “Doutor Jivago” e o “Lawrence da Arábia”.

Caminhar ao lado de Guilhermina obrigava-me a reprimir a erecção que a velha (que não era velha nenhuma, era mais como um *Rolls Royce* que tivera apenas um proprietário que lhe dera pouco uso, mas velha diz-se mais depressa e o cheirinho a pecado é mais intenso), a erecção que a velha me causava. Para evitar o escândalo. Ai de vós, de onde o escândalo vem. Ai de vós, para onde o escândalo vai. Ai de mim, que a desejo e é uma vergonha nas Finanças e em toda a parte, e se a Dona Odete sabe...

Na sala às escuras, penetrava-me o perfume dela, que era uma mistura de essências florais e do odor de entranhas que fermentam – e era, assim, duplamente inebriante.

Quando Redmond Barry segue a condessa de Lyndon até ao terraço, irrealmente iluminados, à luz da Lua, quando os seus olhares se consultam com sofreguidão, e quando os seus lábios se procuram, a tentação de beijar Guilhermina nos lábios foi tão grande, tão avassaladora, mas só consegui tocar-lhe a mão. Ela correspondeu apertando-me o pulso com uma energia inesperada numa endurecida capitalista. Era como se adiássemos aquele beijo para outro dia. Que o amanhã nunca é tão perigoso como o agora.

No fim de tudo, quando saímos para o ar da Alameda, ela resumiu:

- Muito bonito. Um pouco triste. Mas lindo.

Que encanto aquele carregar nos erres que tirava a trrrristeza ao trrriste.

Ficámos frente a frente, sem falar. Eu não sabia o que fazer. Foi Guilhermina quem decidiu.

- E se fôssemos a sua casa?

Disse que sim, que era boa ideia. Terei deixado as revistas pornográficas à vista? Não, tenho a certeza que não. Nunca deixo, por causa da Dona Alice quando vai lá a casa limpar. As minhas colecções de banda desenhada estão à vista, mas não comprometem. Espero. O envelope do médico guardei-o na Repartição, fechado à chave numa gaveta da minha secretária.

- Está um pouco desarrumada.

- Sim, mas não está à espera que eu lha vá arrumar, pois não?

Não corei, por já estar habituado a este tipo de resposta quando invocava a desarrumação da casa.

- E depois não é a primeira vez que vou à sua casa, que eu saiba. Já agora, quando é que manda instalar a merda do telefone, que é uma coisa que me faz confusão?

- Há três meses que pedi que viessem instalar o telefone. Só sei é que estou em lista de espera.

- Está à espera? Bem pode esperar. Mas no outro dia assustou-me e ainda pensei em bater à porta de alguém para telefonar para o 115. Pensei que ia morrer e os bêbados não vão para o Reino dos Céus.

Acaricieei a mão de Guilhermina, reconhecido por coisas que não recordava bem mas que deveriam ser a sua presença ao pé de mim, meio Anjo, meio Mulher.

Fomos de táxi e Guilhermina não me deixou pagar. Ela subiu à minha frente os degraus do prédio e pude apreciar como lhe ficavam bem as calças nas pernas perfeitas, e como lhe moldavam bem o arredondado ligeiramente descaído das nádegas ondulantes. Abri-lhe a porta e Guilhermina entrou.

- Mesmo assim podia estar pior – condescendeu.

Informei-a - pela segunda ou terceira vez, já não recordo bem -, informei-a que tinha uma mulher a dias, que vinha duas tardes por semana – quando vinha -, e que limpava a casa, lavava a roupa e passava a ferro.

- E cozinhar?

- Quando não como na Cantina, faço qualquer coisa – um arroz de cenoura, esparguete, cozo umas batatas, um ovo, abro uma lata de atum...

- Ah... - fez ela. – E essa empregada é nova?

- Mais ou menos. Tem cerca de quarenta anos. Mais de quarenta anos, salvo erro. Mas quase nunca a vejo.

- E com quarenta anos é nova?

- É nova de corpo. A cara é que está muito estragada e ela disfarça carregando nas pinturas.

- Não foi isso o que eu perguntei. Acha que uma mulher de quarenta anos é nova?

Olhei-a e fixei automaticamente o olhar no relevo dos seus seios, cobertos pela blusa.

- Depende um pouco da pessoa, penso eu. Há mulheres que são como a Gioconda ou o Parténon, por exemplo a Guilhermina.

- Eu?... Sim senhor, nunca ninguém me disse assim, de olhos nos olhos, que me acha uma ruína.

- Obras de arte – atalhei, aflito. – Obras de arte. Aquelas coisas que não têm idade e que se valorizam com o passar do tempo. Se eu lhe confessasse uma coisa que me envergonha, promete não dizer nada a ninguém?

- Eu guardo segredo, esteja descansado. É mais um, para juntar a tantos.

- Já me masturbei com quadros de Rubens, a olhar aquelas louras roliças.

- *Mein Gott*, e onde é que estavam os quadros? Não me diga que se vai masturbar para os museus?...

- Não, que ideia! Quais museus!... Vinham em calendários. Acho que estava apaixonado pelo mês de Agosto.

- Masturbar-se... que desperdício, mesmo com a ajuda de Rubens. Mas parabéns, disse-o sem corar, o que já é um avanço.

Ela percorreu demoradamente a água-furtada.

- No outro dia, estava tudo muito escuro, e para mais com a preocupação não deu para fazer uma ideia da casa. Mas gosto. É muito luminosa. É boa ideia a dos colchões e das almofadas na sala. Fica muito confortável para ler ou para ver televisão. Pena é não ter televisão.

Abriu as portadas que davam para o terraço.

- Desta parte é que eu mais gosto. No Verão deve ser esplêndido para fazer amor ao sol. Só o céu por cima e o rio ao longe.

- Também é bom para jantar com os amigos e conversar – adiantei eu, para fazer esquecer a masturbação que mesmo clássica era uma vergonha. – Para ler ou para tomar banhos de sol.

- Gosto da casa – declarou Guilhermina, como se isso fosse contra todos os seus princípios mas não o pudesse evitar. – É pequena mas tem um encanto especial. Está-se aqui bem.

Estávamos no terraço, quase a tocar o varandim que o circundava. De repente, Guilhermina colou-se a mim, e apertou-me com violência contra os seios. Os meus lábios foram sugados pelos seus e correspon-di com uma tremenda erecção que queria devassar-lhe a alma através da roupa e da pele. Apertei-a também contra mim, e era como se nos quiséssemos fundir um no outro, como o soldadinho de chumbo e a bailarina. A certa altura, já não sabia se estávamos a dar provas de carinho ou se era uma luta corpo a corpo. Acabou por me repelir, com um queixume.

- Matas-me, cabrão.

A primeira vez que ela me tratou por tu.

Estávamos os dois a tremer, eu mais do que ela. Eu tremia, com uma erecção que não acalmava. Vieram-me as lágrimas aos olhos, de frustração pura e simples, ou melhor, impura e complicada de explicar. Guilhermina abraçou-me ao de leve, retraindo o ventre para evitar o contacto com a minha dor, e confortou-me com palmadinhas no rosto.

- Que é isso, meu menino? Não foi nada, não foi nada. Era só a mamã a brincar. Não foi nada. Um beijo... O que é um beijo? Não é nada, mesmo nada de nada. E depois, não pode haver nada entre nós. O menino ainda é muito bebé. E a menina quase que tem idade para ser sua mamã. E já viu o que as outras pessoas iriam dizer, de si e de mim? Coisas mentirosas, coisas desagradáveis, que é o que as pessoas dizem sempre. Agora, se o menino não guardar o seu caralhinho bem guardadinho, o que é que acontece? Vem a gata e come-o. E não pode ser, pois não? Miau.

Voltámos para dentro. Ela foi inspeccionar a cozinha e fazer o inventário do frigorífico. Voltou, de braços cruzados, e com uma decisão súbita.

- Vou fazer-lhe o jantar.

- O jantar, Do...? Pelo amor de Deus.

- Mas já agora porque é não posso fazer-lhe o jantar? De que é que tem medo? Que eu envenene as batatas? Eu já fui casada, sei cozinhar muito bem até, segundo se diz para aí. Logo...

- Não queria era estar a dar-lhe trabalho... - desculpei-me.

- Trabalho porque gosto. É a minha maneira de o compensar do desgosto que lhe dei. Não posso?

Mandou-me ir à rua, com uma lista de compras. Meio quilo de bifes, manteiga, mostarda, uma réstia de alhos, louro, vinho branco e pão. Fruta eu já tinha.

Num Domingo à tarde, tive de ir ao supermercado, a Alcântara. Oxalá não se ponha a ver os armários, nem descubra as revistas.

Quando regressei com os sacos, Guilhermina abriu-me a porta, empunhando uma faca. Estava a descascar batatas e não parecia animada de sentimentos vingativos. Ligara o rádio e ouvia as notícias das sete. Guardei as compras na cozinha. Depois, ela expulsou-me e fechou a porta.

- Foda-se, não quero homens na cozinha. Vá lá estudar, ou, se não quiser estudar, vá bater uma punheta a pensar em mim, que mal não faz e só lhe pode é fazer bem. Eu depois chamo.

Jantámos às oito e Guilhermina lamentou que não tivéssemos velas. Era mais romântico e era como se nós próprios fizéssemos parte de um filme. Que tal estão os bifes? Gosta?

Nunca tinha comido um bife tão saboroso, mesmo feito pelas mãos sábias e veneradas da Dona Odete, a Senhora Minha Mãe. Disse-lho.

- Ah, posso então concluir que está satisfeito com a sua nova criada.

Acariciei-lhe a mão e dela, de Guilhermina, saiu um suspiro.

- Para o que eu havia de estar guardada...

Depois de jantar, deixámo-nos ficar no terraço, imóveis, a admirar a noite, as luzes da cidade e as estrelas que essa luz deixava ver.

- Se pudesse parar o tempo, esmagá-lo, torcê-lo, fazer-lhe perder toda a sua arrogância...

- Se eu vier a demonstrar o último teorema de Fermat...

Concordámos que a vida tem muitos “ses” e o melhor é passar por cima deles, derrubar o Castelo de If e fazermos o que nos apetece. Um breve momento de concordância, porque daí a nada já ela reafirmava que não é à toa que se espalham tabus pela vida das pessoas e nem sempre podemos dar ao corpo tudo aquilo que o corpo pede.

Sáímos para a rua, em busca de um táxi. Antes de fechar a porta de casa, já no patamar da escada, abracei-a e beijei-lhe os lábios, a querer renovar a primeira sensação, que fora tão plena e tão surpreendente. Durou como uma eternidade, e ela repeliu-me quando o seu relógio interior a avisou de que faltavam segundos para a explosão. Procurei-lhe de novo os lábios amados e ela agarrou-me o braço e torceu-o por trás das costas, com uma agilidade e um vigor inesperados numa senhora de apelidos. Eu queixei-me apenas com um “ui”, em vez do “larga-me estúpida, bruta, que me estás a magoar, armada em mãe” que tinha sido a primeira escolha.

- Foda-se, mas que é isso? Nada de abusos. Mas quem é que lhe deu confiança? Mas... com quem pensa que está a tratar? Com a Alice do país das criadas?

Lá fora, caminhava pouca gente, mas eram muitos os veículos que seguiam numa ou noutra direcção. Chamei um táxi e despedi-me ali de Guilhermina. Ia a beijar-lhe os lábios, mas lembrei-me a tempo do braço que ainda me doía. Capitalista selvagem. Ela ofereceu-me apenas a face.

- Não sei quando nos voltaremos a ver – declarou. – A situação está a tornar-se muito penosa para si e muito mais ainda para mim. Isto assim não pode continuar. Adeus.

Entrou no táxi, sentou-se e partiu, acenando com a majestade das rainhas que atropelavam o povo. Eu regresssei vagarosamente a casa, aos pontapés às pedras e ao destino. Fechei a porta atrás de mim com estrondo, para que alguém ouvisse, não se sabia onde, e deitei-me vestido na cama, de barriga para baixo, com ódio por tudo, pelo travesseiro, pela colcha, pela minha vida mais ou menos pobre, pela minha cara de bebé.

- Nunca a vou ter. Nunca. A vida é como ela diz, é uma merda. Tanto faz amá-la como odiá-la. É igual. Quem é que me mandou ir ao médico? A porra do atestado!...

6.

Deixara o despertador regulado para as sete e meia mas faltavam cinco minutos para a hora marcada quando fui despertado por violentos toques de campainha. Saltei da cama, sobressaltado, a meio de um sonho. O que será, meu Deus?! O que é que terá acontecido?!

Arrastado pela urgência, corri para a porta, sem reparar que estava com uma erecção. Abri. Era Guilhermina, em toda a sua amada e odiada

peessoa. Não podia ser. Por isso fiquei imóvel, esquecido de respirar e mesmo de viver.

- Posso entrar?

- Claro – murmurei, sem me dar conta do que dizia.

Escancarei a porta, para ela passar.

- Vejo que gostou de me ver – e puxou-me o pénis por cima das calças do pijama.

Despiu o casaco de peles, porque eram princípios de Primavera e as manhãs vinham frias. Atirou-o descuidadamente para cima de uma cadeira, olhe o caso que eu faço dele, é um simples casaco, sentou-se nos colchões da sala e recostou-se nas almofadas. Eu sentei-me noutra cadeira, à sua frente.

Ela era deslumbrante, sempre o fora e sempre o seria. Vestia um macaco acetinado, azul marinho, pintalgado de minúsculas bolinhas brancas. Tinha mangas e o decote fazia bico. A roupa ajustava-se e moldava o seu corpo perfeito, e a zona que mais me fascinava, para além do brilho felino dos seus olhos, era a cintura e as ancas, pernas da mais clássica estatuária, e o relevo dos seios, que pareciam desafiar todas as leis da termodinâmica e rir-se da gravidade, o que daí a pouco viria a descobrir ser um efeito da *lingerie* e não da natureza.

- Como eu ia dizendo – começou ela -, a situação tal como está não pode continuar. Hoje mesmo vamos acabar com tudo, pôr os pontos nos ii se me posso exprimir assim. É hoje o seu dia. Vou-lhe dar o que me pediu.

- Eu, Dona Guilhermina? Eu não pedi nada.

O que era mentira, só que de facto não me recordava. Era quase como se estivesse sob o efeito de uma droga mais forte do que o fenobarbital e que tivesse o condão de me fazer esquecer todas as frases infelizes e desajeitadas que já dissera, e quem é virgem diz muitas frases desse género.

Ela fez uma careta e abanou a cabeça.

- Estamos a brincar, não é?

- Não, Dona Guilhermina – gaguejei. – Tenho de ir trabalhar.

Ela levantou-se e, sem saber porquê, recordei o braço que ainda me doía. Escorreguei da cadeira e deixei-me ficar sentado no chão, mas ela não me bateu; esmagou-me, de pé, com todo o seu aprumo imperial.

- Hoje não vais trabalhar, que eu proíbo.

A segunda vez que me tratou por tu.

Todo eu tremia, e a erecção matinal tinha-se encolhido. Sabia que estava iminente um ritual de iniciação, a partir do qual nunca mais seria o mesmo. Em teoria, sabia o que tinha a fazer, o que é que se esperava de mim que fizesse. Mas na prática era todo um imenso desconhecido, toda uma *terra australis incognita* que ali estava. Como uma longa viagem por mar, entre continentes, em que se desconhece que tempestades ou que perigos se avizinham.

- Eu penso que todos os homens precisam de uma prostituta para a sua primeira vez. Eu sou uma profissional do sexo e hoje quero prostituir-me e quero que me pagues um preço pelos meus favores.

- Mas...

- Mas nada. Terás que me pagar. E o meu preço é... Fica tranquilo, que é um preço que podes pagar, não te vou arruinar... Em troca dos meus serviços quero que me dêes “A Vida de Balzac”, que eu levei daqui no outro dia.

Guilhermina agarrou-me as mãos. As suas tão quentes e as minhas tão frias.

- Que é isso? – perguntou, carinhosa, com a voz singularmente aveludada. – O meu menino estará com medinho? Com medinho da mamã? Não pode ser.

Não respondi, enraivecido comigo mesmo, por não conseguir dominar os tremores que me sacudiam, como se tivesse febre ou se estivesse despido em plena neve.

- Mas a mamã está com o menino e não vai deixar que lhe aconteça nada de mal. A mamã vai cuidar muito bem do menino. O menino só faz o que a mamã mandar e...

Interrompeu-se para me cobrir o rosto de beijos enquanto eu lutava para lhe tocar com os lábios a curva do pescoço com os ombros, inexplicavelmente atraído por aquele recanto.

Empurrou-me brandamente para os colchões, fazendo-me tombar de costas numa queda controlada pelos seus braços. Retirou-me a roupa e deixou-me indefeso e cheio de culpas.

- Que lavadinho que o menino é. Que bem cheiroso – gabou-me. – A mamã está contente com o menino, muito contente.

Pôs-se à minha frente, erecta e firme, e abriu os braços como a Vitória de Samotrácia. Depois ajoelhou e acariciou-me o peito com os seus dedos longos e de pontas achatadas e macias. Parecia que me percorriam descargas eléctricas.

- Isto é um curso que vai durar muitos semestres e hoje é a aula de apresentação. Ninguém está à espera de brilhantismo nem de proezas. As expectativas estão reguladas pelo mínimo. Somos apenas um simples homem e uma simples mulher. Bom, simples mulher talvez a sua tia. Eu sou a Mulher.

Descalçou-se e fez correr o fecho *éclair* que ia desde o decote até ao início da cintura e, quase como uma cobra que vai abandonar a pele antiga, contorceu-se num excitante bailado, fazendo deslizar até aos pés o macaco que a cobria. Vestia cuecas e *soutien* brancos e pareceu-me uma noiva que se entregava. Disse-lho e ela discordou de imediato.

- Hoje não sou noiva, sou uma profissional do amor.

Deitou-se a meu lado, abraçou-me apertadamente e cobriu-me de beijos, tocando-me com uma língua irrequieta que me humedecia o corpo em movimentos convulsivos.

Passaram tempos que o relógio não contou e Guilhermina acariciou-me o rosto e o cabelo.

- Foi bom?

Não sabia que lhe responder e sorri de pura beatitude, como um Santo que acabou de ser tocado pela Graça Divina.

Continuou-me a acariciar.

- O menino agora vai ser querido, não vai? Porque fez dói-dói à menina... Mas que carinha de preocupado a dele!... Ora... Não tem nada de mal. Coisas do amor... Eu tenho muita peninha do menino, muita peninha, muita peninha, muita peninha... mas da próxima vez vai ser ainda melhor – e mudando o tom de voz, quase para uma ameaça dita veladamente por um

mascarado no Carnaval de Veneza, acariciando o punho da sua adaga: - Prometo-te a loucura...

Guilhermina levantou-se e reparei, pela primeira vez, que tinha varizes nas pernas. Não muitas.

- Tens água oxigenada? – perguntou.

- No armário da casa de banho – informei, quase ressentido por a conversa se ter tornado tão prosaica.

Guilhermina calçou os sapatos e meteu-se na casa de banho. Ouvi a água do chuveiro a correr. Daí a nada soou de dentro a sua voz.

- Esta merda não tem água quente?

- Tens que deixar a água correr. É um termoacumulador, demora sempre algum tempo.

Nu e glorioso, cheio de espírito de vitória, liguei o rádio. Transmitiam os “Quadros de uma Exposição” e marchei impante sob “A Grande Porta de Kiev”.

Guilhermina exigiu que lhe dedicasse todo aquele dia.

- É o menos que pode fazer por mim, não acha? Eu hoje dei-lhe tudo. É justo que me dê algo mais em troca. Só a “Vida de Balzac” não chega.

Já vestidos, abalámos para uma manhã de sol. A primeira etapa do dia foi passarmos pelo consultório médico do Dr.Garcia, que ficava em Campolide.

Fiquei apreensivo, à espera, e quando ela regressou da consulta vi que tinham passado três quartos de hora.

Já na rua, Guilhermina explicou-me:

- Era o que eu pensava. Tinha a vagina muito seca e você fez-me uma pequena ferida. O médico receitou-me umas gotas e uma pomada, e em três dias já estarei preparada para outra foda. Lá está – o que eu precisava mesmo era que me hidratassem a cona. É a tarefa que o espera.

Feliz, apertei-lhe a mão.

Almoçámos no *Apolo 70*. Bebemos *Mateus Rosé* e eu limitei-me a um copo, para evitar a repetição de cenas tristes do passado. Brindámos ao amor, à felicidade, às conas contentes e aos caralhos satisfeitos, as últimas saúdes quase em surdina, só para a nossa intimidade. Pensei em dizer uma

mentira “Oxalá o teu genro não nos apanhe aqui”, quando o que realmente me dava medo era que por ali passasse alguém das Finanças. O que disse foi “Está calor para Março”.

Fomos a pé até ao *Quarteto*, muito juntos, braço tocando com braço. Na sala 3 passava “Prima della Rivoluzione” de Bernardo Bertolucci. Foi Guilhermina quem escolheu.

- De vez em quando o grande capital gosta de contentar as classes trabalhadoras.

Imaginei um capitalista gordo, de cartola, a distribuir sorvetes por mecânicos sujos de óleo.

À saída, ela confessou estar arrependida pela escolha do filme.

- Eles têm pouca diferença de idade um do outro, lá por ela ser tia dele. Não sei porque é que tudo tem de acabar em desilusão, como se as pessoas tivessem nascido para se fazerem sofrer reciprocamente. Não aceito uma coisa dessas.

Sentados numa esplanada, na pastelaria *Nova Iorque*, ela continuou o seu pensamento:

- Nós nunca nos vamos desiludir um ao outro. O que é que procura em mim? A carne. O que é que eu procuro em si? A carne. Nada de poesia épica, nada de sentimento, apenas a crua e simples realidade. Eu não sou Vénus, o Faustino tem um pouco de Apolo mas isso passa com a idade. Então como é que nos poderemos desiludir? Só quem espera pelo que não existe é que pode conhecer a desilusão.

Sentia-me feliz demais para contestar. Guilhermina apercebeu-se e fez-me uma festa na mão.

- O meu menino está mesmo contente, não está? Que bom. Fico feliz. Não me acha muito velha para si, pois não?

- Acho-te... - e suspirei, que os adjectivos sempre me cansaram, com excepção para os de Homero quando descrevia água quente, escravas e banheiras... - acho-te... acho que és Vénus e que tive a sorte de abrir a concha e encontrar-te... porque és...

- Foda-se – concordou Guilhermina.

Fez uma pausa.

- Mas isso – e apontou-me o dedo, olhando-me de sobrolho carregado, talvez me fosse censurar a falta de adjetivos –, isso não lhe dá o direito de me tratar por “tu”. É que até parece que lhe dei confiança para isso. E não dei.

Parecia uma duquesa do *Ancien Régime* a falar. E era-o, com certeza.

- É como dizem os Espanhóis – prosseguiu ela. – “Confianza dá asco”. Duas pessoas vêem-se duas, três, cinco vezes. Acabam por ir para a cama. Acha que isso é motivo para começar com o “tu cá, tu lá”? Eu não acho. Eu nem os meus Pais tratei por “tu”. E para mais conhecia-os desde que nasci.

Se eu dissesse “eram outros tempos”, estava-lhe a chamar “velha”. E ela era uma adorável e adorada, querida e deliciosa *fausse maigre*, com um pouco mais de peito.

O encanto daquela segunda-feira santa perdurou. Fomos de táxi até aos jardins da Gulbenkian e passeámos entre canteiros. Estávamos perigosamente perto da Av. Marquês de Tomar, mas nada me podia preocupar naquele dia. Nem sequer o jogador de basquetebol, vestido de fato de treino negro, com listas amarelas e a frase “Tem horas que me diga?” impressa nas costas. O cabelo cortado à escovinha. Olhava distraidamente para o lago, mas não devia estar nada distraído, pois fez menção de dar um pontapé num pato que se aproximava para lhe dar uma bicada na perna. Apontei a Guilhermina uma estátua de granito – uma rapariga sentada, o queixo apoiado na palma da mão, uma perna flectida e levantada, a outra flectida e deitada, coxas possantes.

- Estava apaixonado por ela, sabe? E hoje parece que finalmente a consegui.

- Vá lá – concedeu ela. – Se faz assim um sacrifício tão grande, pode-me tratar por tu. Mas é só hoje. Não gosto de abusos.

7.

O dia seguinte foi uma terça-feira de chuva.

Quando cheguei à Repartição ainda faltavam uns minutos para as nove. Quando ia assinar o livro de ponto, o Chefe passou por mim e, então, o que é que foi isso, ontem? Expliquei que tinha estado doente e que nem sequer tinha ido à Faculdade.

- Então assine também aí no dia de ontem. Se esteve doente... - e o Chefe piscou-me o olho, como se já soubesse de tudo o que se passara na véspera. Provavelmente até sabia. Estava ao balcão a receber uma Declaração de Início de Actividade quando passou por mim o Palma e sussurrou:

- Grande regabofe, hem? Não vem trabalhar, mas há quem o tenha visto na Gulbenkian. E com quem? Com quem é que havia de ser, hem?

E, mais tarde, estando eu sentado à secretária, na tarefa habitual de arquivar e alfabetar, o mesmo Palma voltou a passar por mim:

- Com que então a velha não o larga? Eu, se fosse a si, aproveitava. Ouça mas é o conselho de um parvo e aproveite. Aproveite até ao fundo.

E havia laivos de amargura na sua voz, como se também tivesse tido oportunidades, não as tivesse aproveitado, e agora já fosse tarde.

Mas ainda não dissera tudo o que lhe ia na alma. Estava eu num corredor de estantes onde se comprimiam os arquivadores, à procura da letra “F”, quando passou novamente por mim, como uma chaleira a debitar baforadas de chá avinagrado.

- Aproveite, é o que eu lhe digo. Que elas cansam-se depressa e é preciso ser mais rápido do que elas. É o que lhe diz quem já passou por isso.

- Pois sim, pois sim. Obrigado pelo conselho. Não hei-de esquecer.

Ele censurou-me por não ter entregue a carta a Garcia, que era a sua forma habitual de dar por terminadas as suas conversas comigo. Refugiou-se na casa de banho, de jornal em punho, e eu continuei a minha tarefa. Passou por mim o Saraiva, gozando o charuto da tarde. Depois de reflectir alto sobre as dificuldades que encontrara no seu tempo de aspirante, e agora é tudo facilidade, retomou o seu tema favorito.

- E aliás, eu sempre lhe disse que fez muito mal em ir para Matemática. Devia mas era ter ido para Direito. Quem é que quer contas certas, afinal? Faça como eu lhe digo, mude-se já para Direito e vai ver a boa vida que o espera.

O que me doía era não poder partilhar com ninguém a glória que me consumia. Não era bem dor, era o incómodo de ter tido uma vitória que deveria permanecer secreta, sem desfile na Praça Vermelha. Deixara de ser virgem e tivera um dia tão feliz na companhia de quem mesmo assim como era, velha, ordinária e às vezes violenta, tinha os contornos de uma estátua

suavizada pelo tempo, e sim, tinha mesmo grandeza. Amava-a? Talvez a amasse. Amava-a. De certeza. Desde aquela noite em que ela ficara a meu lado, atenta, maternal, carinhosa, e eu horivelmente bêbado, mas confortado pela sua presença.

Foi por isso que não demonstrei irritação quando vi o busto de Guilhermina por sobre o mármore do balcão do Imposto Profissional, olhando-me, carrancuda. Dirigi-me ao seu encontro e estendi-lhe a mão, para a cumprimentar.

- Dona Guilhermina.

Ela não me estendeu a mão e fez sinal para eu aproximar a cabeça.

- Dona Guilhermina o caralho.

A minha hora de almoço era só à uma da tarde. Combinámos almoçar juntos e que Guilhermina estaria à porta da Direcção Distrital de Finanças quando eu saísse.

Passámos primeiro por um vão de escada onde um serralheiro estabelecera a sua loja.

Guilhermina estendeu a mão e disse, imperial e seca:

- As chaves de casa. Vá, vá, que não podemos estar aqui o dia todo.

O imperativo era o seu tempo verbal preferido.

Veio-me à ponta da língua uma resposta do género das dela, tipo “Dou-te as chaves de casa mas é o caralho”. Mas não era resposta que se desse à minha Princesa. Se ela até se ofendia com coisas tão insignificantes como tratá-la por tu!... Obedeci e foi tudo. Em cinco minutos, ficaram prontas as cópias das minhas chaves, que ela pagou e guardou, devolvendo-me, em silêncio, os originais.

Almoçámos no *Galeto*, ao balcão. Falámos de tudo menos do que era realmente importante para os dois. Vinho não, que tenho de ir trabalhar e logo vou para a Faculdade.

Guilhermina retomara os seus temas favoritos – as rendas baixíssimas, as casas ocupadas por especuladores e a crise governamental. De vez em quando, olhava em seu redor e, depois de se certificar que ninguém nos observava, lá vinha ela, rápida como um relâmpago, apertava-me com força o pénis e os testículos, por cima das calças. Eu deixava escapar um gemido – não gostava de apertos. Aquilo magoava-me, e ficava

vermelho, apavorado só pela ideia de que alguém se pudesse ter apercebido.

- Que foi? – perguntava Guilhermina, com o olhar tranquilo da inocência.

- Nada, não foi nada.

Segredava-lhe – És muito bruta. Doe.

Guilhermina assumiu logo o papel de educadora, que lhe agradava sobremaneira:

- Tu? Outra vez? Mas quando é que o senhor aprende certas regras básicas de etiqueta e boas maneiras?

Segredou-me, por sua vez – É mesmo mariquinhas. Uma coisinha de nada, ai que dor, que eu morro. Oh, caralhos o fodam! A mim, no outro dia, também me doeu, mas por acaso chorei? Doe, mas aguentei. Maricas.

Não corei, talvez por ainda ontem ter dado as minhas primeiras provas de virilidade, e as mesmas ainda estarem frescas. Tinha direito a uma réplica e não deixei de o usar. Só precisei de dois dedos de conversa:

Polegar - Já me deste autorização para te tratar por “tu”, e quanto a isso, estamos conversados.

Indicador - E ontem não te queixaste? Não, que não te queixaste. Se bem me lembro, ontem era Ai que dor! Ai que me matas! Ai que dor! E se te magoei foi sem querer, porque te amo, e quem ama não magoa.

- Amas nada. Isso são coisas do caralho.

E continuou com a história do inquilino do nº.35 – 1º. Frente, que abrira uma casa de putas, vê lá o descaramento, paga 80 escudos de renda e ganha eu sei lá quanto, e nem uma reles comissão me paga. E é para isto que vocês fizeram uma revolução? Foi para isto que enfiaram cravos no cano das espingardas? Quem faz falta aqui sei eu mas não digo.

Lembrei a Guilhermina as horas, que tinha de ir trabalhar. Atravessámos a Avenida da República, e perguntei-lhe quando voltaria lá a casa, agora que tinha as chaves e poderia entrar sempre que lhe apetecesse. Ela apertou-me a mão, que tinha entrelaçada na dela. Gostou mesmo, hem? Só que o menino vai ter que esperar mais uns dois dias, que ontem fez-me dói-dói. Mais uns dois dias e já posso foder outra vez. Aliás, hoje já nem me ardeu ao fazer chichi.

Sugeri que Guilhermina passasse comigo a noite de quinta para sexta. Que horror, eu passar a noite toda em casa de outra pessoa, mas por quem é que me toma? Nem sequer tem televisão. Nem um reles telefone. Vida frugal não é comigo. Fui educada num colégio católico mas não nasci para monja.

Separámo-nos com um beijo e eu repeti-lhe que a amava. Ela indignou-se ou pareceu indignar-se:

- Ama o quê?!... Mas ama o quê?!... Ama mas é o caralho. Não ama nada.

No dia seguinte, pela manhã, estava já preparado para sair, quando chegaram empregados dos *TLP*, para me instalar o telefone. Estava à espera que ainda demorasse um ano e meio a dois anos. Por isso, perguntei – Não será engano?

Não, era mesmo para ali. Em menos de meia hora, já tinha o telefone instalado.

A primeira chamada foi para Guilhermina, para a Duque d'Ávila.

- Amor, já tenho telefone em casa.

Ela respondeu, com todo o formalismo, como se estivesse numa reunião, rodeada de embaixadores:

- Folgo muito em sabê-lo. Mas tem de rectificar um pouco a sua linguagem. Eu não sou o seu amor. E tenho nome. Chamo-me Guilhermina.

- Eu sei – respondi. – Obrigadinho, amor. Adoro-te.

Depois telefonei para casa, para Torres Vedras – Já tenho telefone! Já tenho telefone! Então a vida corre-te bem, meu filho? Se corre. Não podia correr melhor. Saudades.

Corri para a repartição, que já ia atrasado e não queria dar a impressão de a minha situação actual estar tão boa que até já podia dispensar o emprego, o que era tudo menos verdade.

A conjunção astral era, sem dúvida, favorável. Sem os colegas verem, abri a gaveta da minha secretária, onde guardara o envelope que me dera o médico. Decidi que um dia mais tarde queimaria aquilo tudo, menos a foto de Guilhermina, que seria para emoldurar e pôr na mesa de cabeceira.

Agora, quando vinha da Faculdade, ouvia o telefone tocar ainda eu subia as escadas.

- Só agora? – interrogava ela, cheia de suspeitas. – O que é que andou a fazer até esta hora?

- Venho das aulas – explicava eu.

“Mas onde é que eu me fui meter? Parece que tenho a Inquisição Espanhola à perna, à mistura com a Portuguesa e a Gestapo.”

Há mulheres que tomam a peito desempenhar o papel de Mãe. É o que eu prefiro e gosto. Uma Dona Odete a meu lado, tirando a parte das bofetadas. O “mas”, a parte desagradável da coisa, é quando misturam os aspectos mais simpáticos que se esperam de uma progenitora, com toda a sua carga de mimo e festinhas, e aspectos mais tenebrosos, como o do fiscal que se quer inteirar até ao segundo do modo como ocupamos a vida.

A que horas sai das aulas? A que horas chega à paragem do 27? Não há outra carreira que faça menos paragens e que chegue mais cedo? Porque é que não vem de táxi? A que horas sai na quinta-feira?

Estava ansioso para que chegasse depressa a noite de quinta-feira, para confirmar se ela viria ou não. O trabalho não me dava o prazer que costumava dar e pouco pensei no último teorema de Fermat, aliás, para dizer a verdade, pouco pensei em fosse o que fosse. Era sensações o que eu buscava.

A tarde de quinta findara e, às sete e meia, já eu fazia cálculo de probabilidades para o virá e para o não virá.

À saída das aulas, arrumava eu os meus livros e apontamentos na pasta, quando um contínuo me veio dizer, com excepcional solicitude e o que parecia um esboço de reverência:

- É para lhe dizer que está uma senhora de família, à sua espera, em frente à Faculdade de Letras.

Era Guilhermina, agasalhada nas suas peles, embora a noite estivesse nos limites do que eu chamo de “frio agradável”. Beijei-lhe as faces que, sim, estavam frescas e cheiravam divinamente. Fez-me rapidamente entrar para um *Renault* azul que estacionara em frente à Reitoria.

- Não sabia que conduzia, quer dizer, que conduzia.

- E eu não sabia que o menino era parvo. Conduzo desde os meus 20 anos.

Imaginei aquele rosto, sem rugas, nos anos 30, o cabelo ao vento, a conduzir pela sua Polónia natal. Talvez num *Hispano-Suiza* ou em qualquer outra maravilha cromada e chispante ao sol.

Foi Guilhermina quem abriu as portas da rua e de casa, para mostrar o domínio que lhe dava a posse das chaves, ou para fazer o papel de dona da casa, eu sei lá...

Entrei atrás dela e havia novidades em casa. Num canto da sala estava uma mesa em cerejeira que nunca lá estivera e, em cima, estava uma televisão que não era minha.

- É a cores. Agora só podes ver televisão a preto e branco, mas quando começarem as emissões a cores, já a tens.

Calculei que uma coisa daquelas custaria para aí uns 50 contos.

- Mas eu não posso pagar uma televisão a cores... - observei.

- Mas quem falou em pagar? Hem?

Beijei-a nos lábios, à falta de palavras de agradecimento que não me ocorriam.

- Estive cá esta tarde – informou Guilhermina, aliás desnecessariamente. – Trouxe a minha Virgínia e arrumei-lhe um pouco a casa, a roupa estava toda em desordem e há muita que é para deitar fora. Não sei o que é que vem cá fazer a sua empregada... Alice, não é?

Voltei a beijá-la, para não dizer “Gostaria mesmo de saber o que é que aconteceria se fosse ao contrário, se fosse eu a entrar em tua casa sem autorização”. Mas se eu lhe dera cópia das chaves... não fora bem dar, mas como é que lhe podia dizer que não, se a amava?... se ela tinha as chaves isso era uma autorização tácita para entrar em casa sempre que lhe desse na real gana.

Havia também de novo, no quarto, um radiador a óleo, que Guilhermina tinha horror ao frio fora das pistas de esqui.

- Uma pessoa não vem fazer amor para apanhar pneumonias – justificou-se.

Trazia um vestido que parecia de algodão mas que deveria ser de um tecido mais aconchegante. E botas, por cima de uns *collants* pretos que lhe apertavam as pernas voluptuosas.

Eu despi-me depressa, espicaçado pela urgência de possuí-la. Deitei-me por cima da colcha, dobrei a almofada, para ficar de cabeça mais alta, e, vergonhosamente erecto, feliz como um rei absoluto que não tem de dar contas a ninguém, vi-a despir-se.

“Como é bela.”

Guilhermina deitou-se, de barriga para baixo, a meu lado, e tinha o rosto transfigurado. Como lhe brilhavam os olhos azuis! Beijou-me o peito e acariciou-me longamente.

- Preciso que me hidrates – e as suas palavras vibravam-me na pele como carícias.

“Saiba Vossa Majestade que peregrinando por estes montes e estes vales, guiou-nos Deus Nosso Senhor a um Jardim das Delícias, onde a terra se abre e racha numa grande concavidade, cercada por um bosque onde terão lavrado incêndios, pois a vegetação, que terá sido outrora luxuriante, mostra-se agora mais rara e o arvoredo não é tão frondoso como em tempos terá sido. De todo o modo, ainda há muito sítio onde o viajante cansado se possa abrigar dos ardores do sol.

A terra é rica e de boas águas e a temperatura, quando nos acercamos da concavidade, é húmida, quente e abafada, calor de trovoadas como costumamos dizer. Já no interior da concavidade, existe, a norte, uma colina em forma de dedal, que cresce quando alguém se aproxima, o que, segundo os indígenas, é sinal de que o alarme foi dado e a todo o momento poderá irromper uma erupção na região das furnas, que se manifesta em torrentes de uma água leitosa e rica, e que, segundo dizem também os naturais, é boa para a pele e impede os lábios de crestar. À medida que nos aventuramos no seu interior, descobre-se um vale aprazível, por onde escorre o leite e o mel, mas principalmente o leite, porque no local em questão não há abelhas. Os pés afundam-se a cada momento. Mais a sul, há como que um poço elástico e larguíssimo, mas que pode alargar ainda mais. Segundo a tradição oral, que este povo não domina a escrita e tudo é transmitido oralmente, o poço em causa dá acesso a uma divindade muito adorada naqueles sítios, e que é invocada em nome da fertilidade e da fecundidade. O que inculca que a nossa Fé e o nosso Império ali penetrarão com toda a facilidade.

A terra é ali de muito bons ares e muito boas águas, com forte aroma salino, pelo que parece também ser muito peitoral e indicada para gente fraca de pulmões.

Beijo as mãos de Vossa Majestade.

Servo fidelíssimo”

Seriam as cinco da manhã quando por fim serenei, em pleno Paraíso, de posse de uma maçã que fora arrancada da árvore proibida e estava agora toda mordida até ao caroço.

Abracei-me ao corpo dela e abandonei-me completamente, sentindo que só ali encontrava abrigo e protecção, que ela era a minha luz e o meu calor, a fonte, a origem e a explicação do prazer.

- Desejo-te.

Ela correspondeu com um beijo e nada disse.

Tocaram sete e meia no despertador. Guilhermina levantou-se para ir à casa de banho lavar-se. Regressou vagarosa, esplendidamente nua, e espreguiçou-se numa postura comum às deusas vitoriosas. Completamente esmagado por tanta grandeza, nunca na vida senti com tanta força o peso da indignidade. Levantei-me de um salto, despojei-me de toda a falsidade e ajoelhei a seus pés.

- Amo-te. Perdoa-me.

Guilhermina revolveu com os dedos o meu cabelo.

- Perdoar-te o quê? Hoje não me magoaste nada e no outro dia a culpa até nem era tua. Tivesse eu trazido vaselina... Mas fizeste-me feliz, mesmo com dor. Hoje foi maravilhoso.

- Perdoas, se eu te contar uma coisa?

- Se eu nem sei o que é...

- Amo-te. Não quero nem posso perder-te. Perdoa. Diz que me amas também.

- Mas eu não te amo, meu filho. Deixa de lado as grandes palavras. Desejamo-nos um ao outro. Não será isso suficiente?

- Amo-te. Jura que não me deixas se eu te contar uma coisa.

- Não juro nada, meu filho. Sabes bem, ou saberás um dia, que isto não dura para sempre, e que mais dia menos dia teremos de nos deixar. Mas para que é que havemos de pensar nisso, se o momento presente é tão bom? *Carpe diem*, Faustino.

Fez uma pausa.

- Conta-me tudo – ordenou, agora com severidade.

Jurei-lhe que o meu amor era sincero. E era-o, de facto. Mas que tudo tinha começado porque

- O teu genro pediu-me que te seduzisse. E eu aceitei porque me queria vingar de ti, porque me tinhas chamado maricas e me tinhas envergonhado diante de toda a gente. O Dr. Horácio até tinha organizado um *dossier* com todos os teus gostos e preferências. Foi por isso que eu te convidei para aquele concerto. Porque sabia que, tal como eu, gostavas de Vivaldi. E porque o teu genro me deu os bilhetes.

Guilhermina sentou-se na cama e, parecendo absorta, procurou, sem sucesso, cobrir as pernas com o lençol.

Sentei-me a seu lado e coloquei-lhe, humilde, a mão no ombro. Ela repeliu-me, com violência.

- Grande cabrão! Nojento! Paneleiro de merda!

Levantou-se e dirigiu-se à cozinha, em passos apressados. Pensei que iria trazer uma faca e deixei-me ficar sentado, imóvel, à espera dos golpes merecidos. Mas quando voltou, o que empunhava era um prato grande, em vidro, onde se serviam os pudins e os bolos. Veio-me uma suspeita terrível:

- Amor, esse não que é da minha Mãe!

- Com que então era tudo vingança? Queria-se vingar, não era? Vou ensiná-lo a vingar-se, para ver como é!

Tomou balanço, esplendidamente nua como estava, e estilhou o prato, que era realmente de estimação, em pleno soalho.

- E isto é para lho não atirar à cabeça, porque a minha vontade agora mesmo era a de matá-lo, fique sabendo.

- Mata-me, se quiseses. Mas amo-te. Não me deixes.

As palavras eram sinceras, mas saíam-me com um som a falso, como se estivesse na peça errada ou me tivesse enganado no palco. Fora assim educado, que o amor era coisa para rir, não era para ser levado a sério. Podia-se morrer de tuberculose, mas de amor ninguém morria. O que agora me parecia mais outra das ideias falsas que tinha sorvido à mistura com a educação.

- Não me deixes...

- É já! É para já! – e Guilhermina vestiu-se rapidamente, tremendo de raiva, ou do que parecia raiva.

- De agora em diante, entre nós é um ódio de morte. Não descansarei enquanto não der cabo de si. Pode escrever o que lhe digo.

Saíu num rompante e bateu a porta atrás de si, com todo o estrondo de que era capaz, e que foi como trovoadas a ressoar por toda a escadaria.

Ajoelhei-me junto à cama e chorei de pura revolta contra mim próprio, porque tivera a infantilidade de confessar os meus pecados a quem nunca os perdoaria. Fora expulso do Paraíso e à porta ficara um anjo carrancudo, de espada flamejante, a vedar-me o regresso para todo o sempre.

8.

Fui trabalhar. Deveria trazer comigo cara de tempestade e não fiquei mais feliz quando o Saraiva passou por mim e está mais magro, a velha

chupa-o todo, hem? Uma gemada com cerveja preta. Experimente. Comigo deu sempre resultado.

Era difícil isolar-me, logo naquela sexta-feira em que havia uma afluência anormal de contribuintes. Mas fez-me bem falar com 50 desconhecidos consecutivos. Ao menos, não pensava em que tivera e perdera Guilhermina. Por minha culpa. Por ser verdadeiro sem necessidade nenhuma. Mesmo que tudo tivesse começado por uma encomenda premeditada e calculada, tudo mudara quando ela me levou a casa e cuidou de mim, e eu inevitavelmente me apaixonei por quem era tão bela, tão boa e tão malcriada.

Começava a sentir uma espécie de comichão no queixo, que era o sinal de que vinha aí uma crise de bronquite asmática e quando me deitei, nessa noite, sentia-me como se estivesse numa casa em que o telhado tivesse desabado. Desprotegido, desabrigado, angustiado pela perspectiva do que para aí vinha e que normalmente ainda demoraria uns dias. Recordei, às escuras, que a Dona Odete costumava ficar irritável nos meus dias de crise, fazendo-me sentir culpado de ser como era e de ter os problemas que tinha. O que duplicava a minha angústia onde só o fenobarbital punha cores de esperança.

O tempo perdido que se foda. Nunca mais me quero sentir culpado por ser asmático, e se incomodar os outros com a minha tosse e a minha expectoração não é culpa minha. Não mando nos meus brônquios, e é tudo.

Despertei, a meio da noite, com falta de ar, e tomei um comprimido. Normalmente, só faria efeito dali a duas ou três horas. Sentado na cama, com as mãos bem fincadas no lençol, a cabeça para trás, iniciei a vigília e sonhei acordado. Acabara de demonstrar o último teorema ou a última conjectura de Fermat e era a glória universal, os prémios atrás de prémios, a Guilhermina que me procurava abraçar e eu a desdenhá-la, para trás, já vens tarde, agora ando com a minha mulher a dias, que é de Condeixa-a-Nova, não carrega nos erres, tem um rabinho de sonho e ainda não fez cinquenta. E lá vinha a Dona Alice, com uma combinação azul, a entreter-me os espaços que me deixavam livre a matemática, os prémios, as conferências, e os convites para entrar em filmes de Ingmar Bergman e sair em filmes italianos, e aí era mais difícil a escolha do realizador, o importante era estar ao lado da Silvana Mangano, e talvez ajudá-la na ceifa do arroz ou em qualquer outra tarefa que me permitisse ver-lhe as pernas. Depois faríamos uma viagem por mar e quando chegássemos ao outro lado do mundo haveria uma ilha deserta à nossa espera, e depois substituí a Silvana Mangano pela Dona Alice, e foi com ela que me deitei nessa noite, debaixo dos coqueiros, a ver o luar reflectir-se no mar tranquilo.

Comecei a respirar com mais facilidade e voltei a deitar-me, envolto em esperanças sem sentido, mas era o fenobarbital a falar.

Levantei-me com uma inexplicável vontade de fugir e esquecer. Nesse sábado não trabalhava. Talvez o ar livre me fizesse bem e lograsse impedir a crise. Também já ouvira dizer que o bom era beber muita água.

Apanhei o 27 até Entrecampos, mas não tinha vontade nenhuma de ir à Universidade ou de ver colegas. Caminhei sem destino fixo. Só queria era caminhar, caminhar sem descanso, até que as pernas doessem.

Fui pelo Campo Grande fora até à Av. do Brasil. Subi a Avenida até que me deparei com um grande parque arborizado que era o Parque de Alvalade. Embrenhei-me por ali dentro, esperando que algo de inusitado me acontecesse. Havia um caminho talhado na relva que subia em encosta à minha esquerda. Do lado direito, num pequeno charco, borbilhava uma nascente de água que provinha de um manancial que ficava por baixo daquelas terras férteis. Partia dali um fio de água que depois curvava e descia para a Av. Almirante Gago Coutinho. Eu segui em frente e voltei, à esquerda, para a Av. do Brasil. Dali a pouco estava na Rotunda do Aeroporto e decidi-me – vou até ao Aeroporto.

Segui junto à vedação do Aeroporto, pasmando para os aviões estacionados na pista, e para os que, numa cadência que nunca era monótona, aterravam e descolavam.

Ao chegar aos primeiros edifícios, subi umas escadas que davam acesso a um amplo terraço, cercado por um comprido varandim, onde dezenas de pessoas acenavam para os que partiam.

Eu não tinha ninguém de que me despedir. Sentei-me no chão, do lado de fora do varandim, com as pernas a balouçar para fora. Era mesmo de aviões que eu precisava. Grandes, poderosos, de formas elegantes, feitos para se elevarem mais alto do que os problemas de cada um.

Um avião da *BEA* rugiu vagarosamente da minha direita para a minha esquerda, e começou a voltar a sua enorme massa, apontando os reactores na minha direcção. Envolveu-me uma baforada de gasolina e o cheiro não me foi desagradável, como se fosse um perfume de poder e de força. Sempre rugindo, rolou até à pista de saída, onde se imobilizou, rugindo sempre. Uma decisão súbita, como um inesperado ataque de loucura, apoderou-se de toda aquela massa, a qual recomeçou a mover-se, ganhando velocidade, acelerando sempre até as rodas da frente se elevarem e o enorme corpo metálico despegar-se do solo, rugindo ensurcedoramente. Era belo. Era matemática pura e aplicada em toda a sua pureza. Era glória e liberdade, as duas coisas que me faltavam. E em tudo aquilo não deixava de

haver o seu quê de fenobarbital concentrado num programa de rádio tipo “Onda do optimismo”.

Já estava cansado de estar no mesmo sítio e numa posição que não era cómoda. Abandonei o Aeroporto e apanhei o autocarro da carreira 44. Desci pela Avenida de Berlim, em direcção ao rio Tejo, que brilhava e azulava mais além, sempre em frente, como as miragens. Saí no fim da Avenida. Havia como que um muro, por cima do qual passava o comboio, e onde se abria um túnel que dava acesso a uma rua com o nome de um Conselheiro, Rua Conselheiro Mariano de Carvalho, que, pelo nome, parecia gente das relações de Eça de Queiroz. Apesar dos apelidos e do título, ambos altamente respeitáveis, era uma rua muito curta, de casas a abeirar-se da ruína, tendo à esquerda uma taberna, de onde provinha, em altos berros, o relato de um desafio de futebol. As pessoas que ali viviam deveriam ser muito pobres – era o que se deduzia da roupa que secava nos estendais, abundante em rasgões e remendos. Quem estava na rua, sentado a gozar a sol, ou quem estendia roupa, olhava-me com desconfiança, comparando as minhas roupas limpas e a minha cara de bebé com as suas roupas sujas e os seus rostos devastados, tirados da parte obscura dos Painéis de São Vicente.

“O 25 de Abril ainda não chegou aqui. E provavelmente foi-se embora e já não volta. Inútil esperar por ele”

Havia um caminho que seguia em direcção ao rio. Tinha à sua direita silos que deveriam ser de cereais. Mais ao longe erguiam-se os reservatórios e as complicadas circunvalações de tubos que se torciam e cruzavam da refinaria da GALP que fora SACOR. Um tubo afilado, ao longe, expelia uma chama constante, estreita e longa.

A maré estava baixa. Havia uma marina onde barcos repousavam, parte numa rampa de pedra, parte no lodo. Via-se enterrado no lodo o cavename do que fora uma fragata e velejara por aquele rio e pelos mares a que o rio entregava as suas águas, até que alguém a pusera ali a agonizar inutilmente. Matar uma coisa tão bela como uma fragata não tem perdão.

Largos e grossos pontões de pedra fechavam a entrada de um vasto espaço quadrangular, deixando unicamente livre a abertura por onde passava o *Clipper* que ali amarava nos anos da guerra, ali, na doca de Cabo Ruivo. Ainda ali estavam as armações de ferro onde tinham sido fixadas as lâmpadas de sinalização que já lá não estavam.

Olhei à direita e à esquerda. Não se via ninguém. Urinei no extremo de um dos pontões.

E depois, cansado, encetei o caminho de regresso, tendo apanhado outro 44.

Jantei em casa e passei a noite a ler, sentado no sofá, já com uma declarada crise de asma.

Dormitei um pouco e de manhã nem fui já capaz de tomar o pequeno almoço. Comer ou respirar, há que optar.

Chamei um táxi pelo telefone e fui à Urgência do Hospital de São José, onde cheguei a arfar. Fui prontamente encaminhado para uma sala onde estavam mais três de tubo no nariz. Puseram-me oxigénio e deram-me uma injeção de aminofilina, o que era o trivial para aqueles casos. Passou um médico ainda muito jovem, que tinha uma visível vontade de desanuviar o ambiente e falou com sotaque brasileiro, para ter mais graça:

- Está todo o mundo respirando?

Fui visto pelo médico uma hora depois. Olá, isto está mau, disse ele. Veio com alguém?

Não tendo mais ninguém a quem dar as más notícias, deu-mas directamente e não eram assim tão más.

- A sua asma não cedeu. O que é que costuma tomar quando tem as crises?

Enumerei o meu arsenal de comprimidos e supositários, que era o “Anti-asmático” e o “Cosmaxil”, e um xarope que era o “Benylin”.

- Nunca usou a bomba?

Não sei porque pensei em Severo, mas neguei com a cabeça.

O médico olhou para mim e receitou as coisas certas que vinham no “Symposium Terapêutico”, com as palavras adequadas.

- Vou-lhe receitar dois inaladores. Vai tomar um broncodilatador, que é o “Ventilan”, de manhã e à noite, e sempre que tenha falta de ar, mas respeitando um intervalo de quatro horas entre aplicações. Isto é muito importante. O outro inalador é o “Beclotaide”, três inalações a seguir ao “Ventilan” da manhã e da noite. Vai tomar também um antibiótico, de oito em oito horas. E um mucolítico, uma colher depois das refeições. Não se esqueça de carimbar a receita na recepção. E vá já aviá-la e comece já o mais depressa possível com a medicação. Vai ver que amanhã estará outro.

Aviei a receita numa farmácia de serviço, ali na zona do Campo dos Mártires da Pátria, e apanhei um táxi para casa.

O “Ventilan” foi uma revelação. Pude logo respirar fundo e descontraí os braços e sentir-me um nadador que alcançou a praia e pode

enfim repousar na areia. Tomei o pequeno almoço com a fome de quem sobreviveu a mais uma provação e passei a tarde transformado em cristal de quartzo, sem pensamento nem movimento, embasbacado para a televisão. O fim da angústia. De novo a esperança.

Quando comecei a cabecear, deitei-me e não me lembro de mais nada, a não ser de pôr o despertador para as quatro da madrugada, hora do antibiótico.

Acordei em sobressalto e não era o despertador. Estava um corpo nu a meu lado.

- Sou eu – informou Guilhermina. – Não se assuste. Ainda não é hoje que o vou matar.

Tacteei-a e era ela, sem dúvida possível.

- Mas... - não soube que mais dizer, e veio uma tosse oportuna, que me desculpou a falta de palavras.

Ela falou baixinho, num tom nocturno e sereno:

- Vou-o odiar para sempre, está certo. Mas isso não é motivo para não fazer um intervalo de quando em vez, uma pausa para respirar. Depois, odiá-lo-ei melhor. Odiar sempre, sempre, sempre, sem interrupção, não é saudável.

Fechei os olhos e virei-me para o outro lado.

- Como quiseres – disse-lhe eu, egoísta como todos os asmáticos, apaixonado pelo amor, como todos os asmáticos, e ansioso por tirar rendimentos líquidos da sua infelicidade.

Ela tocou-me as costas com um dedo, vincando bem a ponta da unha, que as tinha compridas e bem tratadas, como quem não toca piano há muito tempo.

- Mas é só isso o que tem para me dizer, para além desse “tu” que me horroriza? O que é que está à espera para possuir a sua gazela embravecida? Hem?

Encolhi os ombros, no escuro, como se tal coisa se me tivesse tornado indiferente.

- Mas o que é isso? Que frieza é essa? Não me diga que é por causa da porra do prato? Se for por causa disso, diga que eu arranjo já dez iguais.

Eram as quatro e o despertador tocou.

Acendi a luz e tinha ali à mão a caixa do antibiótico e um copo de água.

- Estou doente – expliquei, virando-me para ela, com uma indisfarçável pontinha de orgulho, como se contasse ter sido condecorado com a “Legião de Honra”. – Bronquite asmática.

Engoli o comprimido que me passava à justa pela garganta e continuámos de luz acesa. Guilhermina fitava-me com outro olhar e sim, valia a pena sofrer um bocadinho para que ela me olhasse mais vezes daquela maneira de quem está cheia de pena e arde em ganas de me comer à força de beijos. Estava no bom caminho e prossegui:

- Se tu me odeias, se não me amas, é inútil. Não consigo fingir que está tudo bem quando não está.

- Ah... - fez ela, e acariciou-me o cabelo – o meu menino está doentinho?... ‘Tadinho dele.

Mudou de assunto:

- Só para o menino saber, falei hoje... ontem, aliás... com o senhor meu genro, o ilustre Dr.Horácio Oliveira. Então, perguntei eu, é verdade? E ele – É tudo mentira. É verdade que faço como que uma ficha clínica da família, mas apenas para uso pessoal, para saber do que gostam e do que precisam, o que é muito útil para coisas como Natal, aniversários ou doenças. Deve ter-me roubado o envelope do consultório, onde eu guardo as fichas dos doentes. Esse menino com aquela carinha de anjo deve ser um perigoso aventureiro e, sinceramente, não aconselho que se dê com tal tipo de gente. Eu se fosse a si tomava precauções. E é falso que eu lhe tenha dado dinheiro e ele o tenha vindo devolver. E ainda é mais falso que eu tenha pedido que ele a espiasse e me viesse contar sempre que a minha sogra movimentasse ouro ou divisas. Desde já a aviso que ele é muito mentiroso. Não se fie nele. Mas – e aqui perguntei eu – o rapaz não me falou em dinheiro nenhum; nem me falou nesse tal ouro. Devia ver a cara dele. Ficou branco e a gaguejar. Ah, disse ele, calculei que tivesse inventado uma história desse género.

Guilhermina calou-se, por instantes, continuando a acariciar-me o cabelo e a cercar-me de nuvens rosadas de mimo e protecção.

- Em conclusão, o menino não é assim tão mau. E eu não posso odiá-lo.

Abracei-me a ela e procurei-lhe os lábios, e ela não recusou os meus, embora provavelmente deitassem cheiro a remédio. Daí a nada entregávamo-nos com cautela dentro dos estreitos limites da cama e eu não tinha de me esforçar para nada. Todo o meu corpo era como um sino a tocar a rebate do alto de um campanário imóvel, indiferente às horas certas, aos perigos e aos fogos. E ela gritava – Vinga-te. Vinga-te agora com todas

as tuas forças! Mas com cuidado. Não faças esforços. Não te canses. – E eu pensava “Se me vier a falta de ar, posso sempre tomar o “Ventilan”. Já passaram quatro horas.”

Por fim, apaziguado, disse-lhe “Obrigado, meu amor” e adormeci, novamente aceite no Jardim do Éden. E o homem e a mulher dormirão juntos, e uma serpente os enlaçará.

9.

Nem dei por Guilhermina se ter levantado. Despertei com ela a abrir as portadas das janelas e o sol de Abril iluminar o quarto inteiro. Vestira um roupão de seda que um tio longínquo me trouxera da China, das suas viagens na marinha mercante, e trazia-me um tabuleiro com o pequeno almoço. Aquelas atenções que não se esperam da parte de quem nos jurou um ódio de morte, com curtos intervalos para o amor.

- É para o menino que está doentinho e ainda tem muito soninho, porque passou a noite a papar a menina.

O que não era verdade. Fora só um quarto de hora e com as cautelas de quem caminha sobre ovos.

Guilhermina não me deixou ir trabalhar e disse coisas reconfortantes como

- Tu não podes ficar aqui sozinho. E se fosses lá para casa, para a Duque d’Ávila, só até melhorares? Depois ias-te embora e eu voltava a odiar-te, mas ficava mais tranquila.

Expliquei-lhe que o pior já tinha passado. Esta nova medicação é fantástica. O “Ventilan” deixa-me voltar a respirar. O antibiótico é estupendo. Mas tenho agora uma expectoração repugnante, verdadeiramente asquerosa, que mete nojo, e tenho vergonha que a vejas. Posso ficar hoje em casa, mas amanhã tenho mesmo que ir trabalhar. Um asmático não pode ficar só, entregue à sua asma, quer dizer, pode ficar perfeitamente só, mas tem de pensar noutras coisas. E eu agora tenho televisão, que até tem uma programação própria para vegetais ou sub-normais, o que é o meu caso agora. Mas amanhã quero ver dezenas, centenas de pessoas, e poder tossir para cima delas. Mentira, nunca iria fazer uma coisa dessas, que é muito porca.

Tomámos o pequeno almoço juntos e Guilhermina confessou que estava rota.

- Contigo não sei, mas eu vim-me umas poucas de vezes. Sou muito puta, não sou?

- Ainda bem – regozijei-me.

- *Soy un putón berbenero* – gabou-se ela, em Castelhana, a melhor língua para descompor alguém segundo ela dizia, enquanto o Alemão e o Italiano seriam as melhores línguas para falar de amor e de paixão e de ódios e de flores. Eu perguntava-lhe então e o Polaco?, e ela, escusas de ir por aí que todo o passado se me varreu da memória e só despertei quando já estava a salvo na Suíça. O que está para trás desapareceu e ainda bem. Eu dizia-lhe que ela poderia muito bem descender da Condessa Eveline Hanska ou ser uma prima afastada de Madame Curie, e ela respondia quero lá saber, o que eu quero é que elas se fodam.

Ao contrário de Guilhermina, eu achava o Castelhana uma língua apaixonada e feita para o amor desassossegado, para as paixões que terminavam em tragédia, enquanto o Português foi feito para amores clandestinos e envergonhados, e também para as ideias que se calam, mas soa muito bem e é o que diz lá por fora gente com falta de vogais fechadas.

Guilhermina foi-se embora, com um casto beijo na testa, e eu fiquei a ler, sentado no sofá, com o despertador marcado para o meio-dia, hora do antibiótico.

Ela regressou antes do antibiótico e trazia-me laranjas e o almoço. Proibiu que me levantasse do sofá e trouxe-me um copo de sumo de laranjas acabadas de espremer. Beijei-lhe o ventre fofo, por cima do vestido, em sinal de obrigadinho por tantos cuidados meu doce amor. Preparara-me, não fui eu, corrigiu ela, foi a Virgínia quem fez o almoço e te manda um beijinho e as melhoras, que também tem asmáticos na família e sabe o que isso custa... Preparara-me a Virgínia carne de vaca estufada, cortada em quadradinhos muito pequenos, sem gordura, com ervilhas, cenouras e batatas fritas em quadrados, e um molho feito para ensopar o pão. Almoçámos os dois à mesa e ela não me deixou falar, não queria que eu me cansasse. Assim, e tirando os intervalos em que tinha a boca cheia e a boa educação não lhe permitia que falasse, Guilhermina falou longamente dos seus negócios e na dificuldade de encontrar gente de confiança, para além de uma dúzia de pessoas que nunca a tinham desiludido. O meu advogado, mas já está tão velho... E outros... Detestava a democracia e odiava os políticos. Porquê? Ora essa, porque detesto o fingimento e a mentira, enfim, não falemos de coisas tristes, o que lá vai lá vai.

Foi-se embora depois de lavar a loiça e regressou a horas de jantar, trazendo-me esparguete à bolonhesa e sopa. Passou a noite comigo, peito com costas, os seus dedos agarrados ao meu pénis, refrescando-me e excitando-me até ao inevitável de mais uma cuidadosa penetração, ainda a medo que o ar me faltasse.

- Não queres pôr creme, amor?
- Não preciso, estou toda lubrificada.

No dia seguinte, estava decidido a não ficar mais um dia fechado em casa e fui trabalhar. Guilhermina levou-me de táxi e entregou-me o saco de plástico com os medicamentos. Não esquecer, está bem?

O Chefe já sabia de tudo.

- A Dona Guilhermina Portomayor passou por cá ontem e disse que o Faustino estava doente. Estava mesmo com cara de preocupada. Não encontro explicação para o facto, mas acho que ela gosta mesmo de si. Não perca oportunidades. Aproveite.

- Somos só amigos – esclareci, corando.

O destino decidira que nesse dia iria colocar uma sombra no meu caminho. Levantei o olhar da secretária e, à minha frente, como a estátua do Comendador no “Don Giovanni”, de Mozart, estava o Dr. Horácio, ao balcão do Imposto Profissional, carrancudo como se fosse mais um contribuinte indignado com o Fisco.

Não havia ninguém junto de nós e ele, em voz baixa, disse o que pensava de mim, de Judas, e, em geral, de todas as pessoas indignas de confiança. Que eu afinal não passava de uma criancinha estúpida, que me tinha feito um favor e a paga era aquela. Um homem, um verdadeiro homem (eu estava vermelho, da cor dos tomates maduros) um verdadeiro homem não procede assim, fique sabendo. E onde é que está o envelope que lhe dei?

- Não o tenho, Doutor – menti eu, que estando já corado não fazia agora qualquer diferença. – Queimei-o, tal como disse para eu fazer. Só não queimei a fotografia e os bilhetes para os concertos.

- Ah... - fez ele, ainda na dúvida se havia de sentir-se aliviado ou não. – Pois o que fez é muito grave. Estou mesmo tentado a fazer queixa de si por difamação. Pode ir de cana, meu amigo. Eu sei mexer-me.

Voltou-me as costas e desapareceu pela abertura da porta. Agora o envelope era o meu seguro de vida, caso o médico cumprisse a ameaça.

No dia seguinte, entreguei o envelope a Guilhermina, que leu gulosamente as notas a seu respeito.

Guilhermina deu-me a fotografia, aquela tirada no Estoril, em que ela, mesmo de calças, exibia a sua tremenda beleza. Pude finalmente emoldurá-la e pousá-la na mesa de cabeceira, a velar pelo meu sono.

Todos os dias telefonava a inquirir

Já tomou o “Ventilan”?

Já tomou o “Beclotaide”?

Já tomou o xarope?

Não esquecer de pôr o despertador para as quatro. O antibiótico tem de se tomar todo e a horas, senão não faz efeito.

Todos os dias aparecia na Repartição, moro aqui perto não me custa nada, e perguntava outra vez pelos medicamentos, e que já me marcara consulta numa especialista, a Dr^a. Maria do Céu, que ficava na Av. Duque d’Ávila, muito perto da sua casa. Na quinta-feira, chegou perto das quatro horas, já toda a gente se preparava para fechar a porta e ir tomar café lá fora. Estávamos separados pelo balcão e normalmente só trocávamos um aperto de mão, que era o que sempre fazíamos. Mas hoje a minha querida recusou a saudação habitual e acariciou-me as costas da mão.

- Tem vergonha de mim, não é?

- Eu? Amor – sussurrei -, como é que podes dizer uma coisa dessas? Sabes bem que não é verdade. Como é que se pode ter vergonha de quem se ama? É impossível.

- Não o pode negar. É evidente, qualquer pessoa o pode ver, que tem mesmo vergonha de mim.

- Ai é? – desafiei. – Ai é?

Dei a volta ao balcão, saí pela estreita abertura que dava acesso ao espaço por onde os contribuintes entravam, e encaminhei-a suavemente para o patamar da escada. Abracei-a apertadamente e beijámo-nos na boca como dois aspiradores que vêem muito cinema. Depois desapertámo-nos e Guilhermina segredou-me.

- Só não lhe dou uma bofetada aqui mesmo, porque gostei. Beije-me outra vez.

Foi um beijo mais rápido porque estavam a olhar para nós e entrou um contabilista retardatário, que vinha entregar uma declaração de imposto complementar fora de prazo e parou, interdito, com receio de interromper uma paixão proibida e que isso influísse negativamente na multa que teria provavelmente de pagar.

Ela desceu as escadas e eu voltei para o meu posto, ouvindo aqui e ali uns flocos esparsos de tchhhh, tchhhh, que romântico, ele vai-se casar com a velha, pudera, ela é riquíssima, parece parvo mas não é parvo nenhum, estou-lhe sempre a dizer que vá para Direito, a Matemática não dá dinheiro.

Já tinham saído as notas das provas escritas e eu tinha passado a todas, dispensando da oral, o que era mais uma alegria a juntar às restantes alegrias.

10.

Abril declinava e Maio já entrava.

Ficara combinado que nos encontraríamos no sábado à noite, melhor, ao fim da tarde, pelas seis. Iríamos ao cinema e depois passaríamos a noite na casa dela, na Duque d'Ávila. Porque nesse sábado eu trabalhava da parte da manhã, e depois iria almoçar à Cantina Nova e ficaria por lá a estudar. Guilhermina iria fazer umas compras, depois almoçava em casa da filha, depois dormiria uma sesta. Dissera à empregada, a Dona Virgínia, que, se quisesse, tinha o fim de semana livre, mas ela recusara. Se vai meter um homem aqui em casa, e ainda por cima de noite, é melhor que eu esteja cá para qualquer eventualidade. Assim, se eu gritar, ela aparece logo de faca na mão. Mas nem vais dar por ela, é como se estivéssemos sozinhos.

A manhã na Repartição foi tranquila. Só estávamos quatro, mas vieram poucos contribuintes, o que deu tempo para falar da vida, do futebol, da política, da inflação e do meu próximo casamento.

- Mas qual casamento? Vou lá casar!... A Dona Guilhermina? É só uma amiga e é uma pessoa muito boa e muito carinhosa. Foi quem me valeu agora que estive doente. Tinha de ser muito ingrato para não gostar dela. E é verdade, quando é que os aspirantes vão ter o próximo curso de formação?

- A conversa já não te convém – sorriu a Cremilde, que também era aspirante e ficara em 11º. lugar no concurso, dizia-se por aí que com altas protecções, e que o meu sonho era vê-la de saias, a subir a um escadote, e eu por baixo a segurar o escadote, sem malícia nenhuma, apenas para lhe ver as pernas, mas agora que tinha a Guilhermina já não era coisa urgente.

- Não, não estou nada a desviar a conversa.

- Para o mês que vem, no Campo dos Mártires da Pátria.

- O quê?

- O curso de formação. Pensavas o quê? Que estava a falar no teu casamento?

Almocei na Cantina, e encontrei o Severo, que tinha uma coisa para me dizer, mas não podia ser ali, que estava muita gente.

- Coisa grave?

- Não – tranquilizou o Severo. – Nada de grave. É apenas uma coisa importante, que não convém que ouçam por aí.

Deixei a minha pasta encostada numa cadeira, a guardar o lugar. O Severo deixou umas “Lições de Direito Penal”, com um marcador a meio, na cadeira ao lado. E saímos para a Av. das Forças Armadas, para a tarde que estava agradável, com nuvens mais negras que se afastavam para norte.

- Isto é assim. Precisava de guardar umas coisas na tua casa, se não te importares.

- Que coisas?

- Uns caixotes – respondeu Severo, laconicamente. Depois achou que devia ser um pouco mais esclarecedor, mas só um pouco. – São caixotes pequenos, mas não podes abri-los, nem mexê-los do lugar, nem deixar-lhes cair nada em cima.

- Severo, com essa descrição, trata-se de bombas. É ou não é?

- Não são bombas nenhuma. Faustino, como é que podes pensar numa coisa dessas?

- Severo, eu não nasci ontem. E mesmo que eu aceitasse guardar os caixotes em casa, há ainda outro problema. Acontece que eu tenho uma empregada, a Dona Alice, que vai lá a casa duas vezes por semana, e é bisbilhoteira. Se eu lhe disser para não mexer nos caixotes é como estar a pedir-lhe “Por favor, abra os caixotes e veja o que é que eles têm dentro”. Já vês a qualidade da pessoa.

Severo coçou a cabeça.

- És capaz de guardar segredo?

- Se me pedes segredo, claro que sim.

- Faustino, confio em ti e se alguma vez tiver razões para não confiar... bom, não falemos nisso sequer.

- Já sei. Fuzilamento ou campo de reeducação.

- Não falemos nisso... – terminou Severo, para deixar em aberto as hipóteses mais sinistras. – Eu pertenço a uma organização secreta, que visa o derrube dos governos burgueses e a implantação de uma democracia popular. Vamos transformar esta merda toda e acabar com toda a exploração. Porque é que não te juntas a nós? Com os contactos que tens podes vir a ser muito útil.

- Severo – sorri eu, com indiferença pelas ideias que se sentavam à direita e à esquerda nos cafés e nos parlamentos -, eu não sou revolucionário, nem nada que se pareça, como já sabes. Sou um pequeno

burguês conservador e assim me quero manter. Um pequeno e tranquilo conservador é o que sou e quero ser. Nada mais.

- E pensas tu, Faustino, que o fascismo que se prepara para ressurgir com outros nomes, o grande capital que vem aí em força e preparado para dominar tudo e todos, te deixará alguma vez ter essa pequena vida tranquila e sossegada? É uma ilusão. Uma grande ilusão mesmo. E se nada fizeres agora, vais aprender à tua custa. Como todos os outros milhões que se deixarem ficar sentados à espera de ver o que acontece.

- Severo, nós bem sabemos que não passamos de palhinhas que vão para onde o vento as sopra. Não temos ambição de ser pinheiros, carvalhos ou árvores de grande porte, e só queríamos era paz. Paz.

- Faustino, sabes como se chamam as pessoas como tu?

- Sei, mas não digas. Estragavas uma amizade sem necessidade nenhuma.

- Está bem – e Severo deu-me uma palmada nas costas, em sinal de tréguas até à Revolução. – Não se fala mais nisso.

Éramos amigos, desde o dia em que estávamos na bicha da Cantina e, por acaso, começámos a falar de Bakunine e eu confessei-lhe que era conservador mas que isso não me impedia de admirar os pensadores revolucionários. Nem todos, claro. Mas alguns sim. Max Stirner, por exemplo. Alguém começou a gritar frases usando a palavra “bicha” em sentido revisteiro. “Só bichas! É só bichas! Nunca vi tanta bicha junta!” Eu fiquei vermelho como um tomate maduro e Severo continuou a falar, totalmente indiferente ao meu rubor suspeito. Havia no seu olhar como que um “Não te rales. Corar não é problema para ninguém, só para ti próprio, e ninguém quer saber dos teus problemas”. Sim, éramos amigos, e eu nem sequer sabia ainda se Severo era nome próprio ou apelido. Disse-lhe apenas que Severo me fazia lembrar o *Quebra-Bilhas*, no Campo Grande, onde cantava a Severa, ou melhor, tinha cantado.

Regressámos à Cantina e ficámos a estudar, silenciosamente, até às cinco e meia.

- Vou-me embora, Severo, que tenho um encontro às seis.

- Então até para a semana, e já sabes...

- Severo, está tranquilo. Penso que me conheces o suficiente...

Encontrei-me com Guilhermina à porta da pastelaria *Ceuta* e caminhámos pela Av. da República.

- E se não fôssemos hoje ao cinema? Estou cansada e apetece-me ir para casa. Não parece, mas sou muito caseira. E assim temos mais tempo para falar e para ver a casa. Amanhã logo vamos ao cinema. Que lhe parece?

Seguíamos de braço dado e ela aproveitou para me segredar

- Na verdade, o que me estava a apetecer era uma grande foda.

- Mas então, e a tua empregada, a Dona Virgínia?...

- Não tenho de dar satisfações a ninguém. E logo à Gina. Até haveria de ter graça.

Eu ia murmurando, fascinado por tanto poder – Guilhermina, Willelmina, Käiserin, Czarina. És a minha czarina, Guilhermina, a Grande. Grrrande. Ela encolheu os ombros. A história não é o meu forte, disse ela.

Senti algo como apreensão, ao aproximar-me da casa dela. Só me sinto bem na minha própria casa, nunca na casa dos outros.

Ficava perto do cinema *Avis*. A porta do prédio, razoavelmente imponente, tinha ferro forjado a proteger as vidraças.

Franqueada a porta, subia-se por quatro degraus, em mármore, e principiava a escada, que era de madeira, com uma passadeira de lã vermelha que cubria os degraus. Nesse momento, descia a escada um fuzileiro naval, vestido de branco com ervinhas verdes espalhadas. O cabelo cortado à escovinha. Fez uma breve saudação com a cabeça, não reparei bem a quem. Havia um ascensor, muito velho mas que ainda funcionava. Guilhermina preferiu subir a pé.

- Vou à frente, para que me veja o cu.

Anuí, feliz, porque lhe amava a anatomia toda, com uma predilecção por aquele rabinho em que a lei da gravidade já pesava e que ondulava como o mar de Vigo e onde apetecia navegar.

Entrei e logo me veio ao nariz um bom cheiro a boas madeiras. A casa estava espessamente alcatifada de um castanho claro, isto é uma desgraça para as nódoas mas a Gina resolve todos os problemas. Pelas paredes, muito brancas, uma profusão de quadros, fotografias e gravuras, e pequenos candeeiros embutidos no gesso.

Sentámo-nos no salão, onde havia um piano de cauda.

Apertámo-nos num sofá, onde cabiam à vontade quatro pessoas e Guilhermina chamou alto:

- Gina! Venha cá!

Não se ouviram passos na alcatifa, mas apareceu na porta do salão uma mulher alta, morena, cabelos compridos e apartados ao meio, um corpo a tender para o roliço mas de formas bem proporcionadas. Os olhos eram negros e as sobrancelhas também. Trazia um avental às riscas azuis e brancas e segurava uma colher de pau. Não parecia portuguesa, talvez porque as portuguesas têm normalmente as pernas mais curtas e ela as tinha alongadas e perfeitas. O que mais chamava a atenção era a marca de uma cicatriz que ia da boca à orelha direita, que não a desfeava, apenas a fazia diferente das pessoas que não tinham rasgões na cara.

- Faustino, um amigo que vem cá dormir esta noite. A Dona Virgínia, uma amiga que trata aqui da casa.

Levantei-me e beijei-lhe a mão, sem saber de que outra forma saudar uma mulher tão bela e de estatuto tão indefinido. Agradei-lhe a carne de vaca estufada que me fizera quando estava doente. Ela pareceu surpreendida e só disse “Encantada”. Com uma voz muito doce.

Guilhermina esclareceu que Virgínia era espanhola, nascida em Albaladejo, província de Cuenca, e que a trouxera para Portugal em 1969, por coisas aborrecidas que tinham acontecido e das quais não valia a pena falar. Pensei logo na cicatriz. Talvez fosse o resultado dessas coisas aborrecidas. E que coisas teriam sido? Crime? Acidente?

Mas Virgínia não era uma empregada, era uma amiga, e mais que amiga, era uma irmã.

A empregada sorria, e disse apenas que estava na cozinha a preparar o jantar, e que chamassem se precisassem dela, caso contrário não a veríamos.

- Vá, vá – concordou a minha amada. – Se houver necessidade, eu chamo. Mas penso que não haverá. Já o apalpei e ele não está armado.

De novo a sós, Guilhermina disse-me que tinha passado no exame e que a Virgínia, ou Gina, concluía que eu não era perigoso e não vinha com más intenções. Que ela é assim a modos que uma espécie de loba e fareja o perigo.

Em silêncio, corri o dedo indicador pela minha face direita e franzi os olhos numa interrogação.

- Já te disse. Nada que te interesse. Coisas do passado.

Revelou os projectos que fizera para mim. Numa voz pausada e tranquila, mesmo meiga, ela que às vezes era tão bruta. Disse-me que eu a surpreendera, por nunca lhe ter proposto negócios de ganhos miríficos, em que bastava ela entrar com o capital e logo o dinheiro jorraria.

- Balzac, no teu lugar, já o teria feito. Mas talvez seja por ainda seres puro. Mais ou menos puro.

Apesar disso ela lamentou que eu quisesse dedicar-me à Matemática e à Física e não aos negócios.

- Porque, ou me engano muito, e já me enganei muitas vezes, o menino é honesto em questões de dinheiro. Questões de mulheres já não digo nada. Só de ver a maneira como a Gina o impressionou é para uma mulher ficar preocupada.

Eu neguei, mas ela prosseguiu. Que se ia encarregar ela própria de que eu andasse bem vestido e de que conhecesse as pessoas interessantes que Lisboa nem sonha que existem. Que me ia ensinar a comer à mesa, a ter maneiras, que me ia pagar a carta de condução.

Vi um sinal vermelho a perfilar-se na minha estrada.

- Mas, amor, eu não quero conduzir.

E justifiquei-me. Mas ela estava desatenta e as minhas palavras esmoreceram quando notei que nem sequer eram ouvidas. Acabei com um par de reticências a meio do discurso.

- O menino não tem querer – disse ela.

Olhei-a, cheio de pontos de interrogação.

- Agora é coisa minha e eu sou o seu diabinho particular. Não é Fausto mas é Faustino. Vou fazer de si a minha obra-prima.

Ela encolheu os ombros como se já nada pudesse parar a domesticação que estava em marcha.

- Que tolice. Não quero nem vou ser a obra-prima de ninguém. Ainda há nove meses... - e não completei a frase.

- Ainda há nove meses o quê?

Hesitei antes de esclarecer que ainda há nove meses a Dona Odete me dava estaladas na cara.

- E tem medo que eu lhe faça o mesmo? Não tenha receio. Bofetadas não é o meu género. Prefiro o tiro certo nas têmporas ou a punhalada directa ao coração. Veneno é coisa de maricas. Vá lá, não core. *Mein Gott*, não se pode dizer nada à menina. Mas que sensível. Ao menos os outros rabetas que conheci eram apenas sádicos.

- Sádicos, Guilhermina? Deviam ser horríveis.

- Não. Era gente simples e sadia, que gostava muito de chocolate.

Desconversei, do meu verbo favorito que é o verbo “desconversar”. Hoje ia dar no 2º. Canal da Televisão *Les Visiteurs du Soir*, de René Clair. Às dez da noite.

- Aqui costumamos jantar às nove. Vão dar as oito. Teremos de aproveitar o tempo até lá.

Arrastou-me para a cama e despimo-nos num frenesim, com uma fome recíproca. Eu queria provar do seu corpo, que era a minha iguaria preferida. Lembro-me que a colcha era vermelha e que dava uma tonalidade quase litúrgica ao corpo da minha amante.

Lambi-lhe o ânus, e, afastando-lhe as nádegas deliciosamente descaídas e trementes, introduzi-lhe a língua no orifício proibido, em busca de sabores inusitados. Era um sabor acre mas perfeitamente tolerável. Nada tinha de escatológico, que parece o problema de quem tem muitas escadas para subir.

Guilhermina gania impropérios, sublinhando os erres, o que os tornava ainda mais excitantes. O seu corpo estremecia. Deitou-se rapidamente de costas e, sem detença, cobri-a com o meu corpo.

Acabei por me deixar cair ao lado dela, naquela grande cama feita à beira de um grande rio. Sentia-me vazio de tudo e era uma boa sensação, talvez, quem sabe?, semelhante à da bem-aventurança.

Já vestidos, sentámo-nos à mesa, onde estavam colocadas quatro castiçais, cada um com seis velas, todas muito brancas, de uma brancura mágica. Vinham da Suécia, em encomendas enviadas todos os meses por um amigo, o Conde Söderhamn, que vivia habitualmente em Skärssa, numa casa de madeira construída sobre estacas, com saída directa para o Báltico por uma abertura praticada no chão da cave. Guilhermina ficou à cabeceira da mesa. Eu e Virgínia de cada lado, sentados de frente um para o outro. A minha czarina particular fez-me sinal com o dedo e eu aproximei a orelha dos seus lábios acabados de pintar.

- Vá já lavar essa pia, se faz favor. Cheira a cona que tresanda e eu não gosto de cona, mesmo que seja a minha. Está bem?

Depois, em voz alta.

- A sua escova dos dentes está num copo vermelho com um “F” branco. Letra gótica. Foi a Gina quem pintou.

Depois de jantar ficámos a sós, no sofá da sala de estar, de mãos dadas, a ver o filme.

Quando terminou, lutei contra a vontade de chorar naquela última cena em que o coração dos amantes continua a bater, por debaixo das

estátuas em que o Diabo os transformara. Mas a pieguice foi mais forte e chorei mesmo. A minha dona lambeu-me as lágrimas.

- Com a maquilhagem certa, a cicatriz mal se nota. É tudo uma questão dela querer.

11.

Era Domingo.

Quando acordei, Guilhermina já se levantara. Vesti o roupão e Virgínia informou que a senhora estava no ginásio, que ficava do lado das traseiras. Foi-me indicar o caminho, e lá estava a minha bela czarina, vestida com um “maillot” negro sobre “collants” cinzentos, o que lhe realçava a prata dos cabelos. Fazia exercícios nas barras paralelas e demonstrava uma elasticidade invejável. O ginásio também tinha espaldares, argolas e uma mesa alemã. Parecia um liceu em miniatura.

Era a sua rotina, como explicou ao pequeno almoço. Eu só quis chocolate e torradas com manteiga, mas Guilhermina comeu papas de aveia, ovos com presunto, um tomate e uma maçã. Bebeu sumo das laranjas que Virgínia acabara de espremer.

- Porquê papas de aveia, meu amor?

- Porque fazem bem e dão força. Davam papas de aveia aos alunos das escolas públicas inglesas e foi por isso que eles construíram um império.

- Há outra explicação, que li numa revista. Que os alunos das escolas públicas (que na verdade eram privadas) passavam tantos tormentos que para os sobreviventes nenhum mal era tão mau como o que tinham deixado para trás. É da indiferença à dor que se faz um império.

Pensei no que tinha dito e achei preferível aclarar as águas turvas:

- É por isso que os impérios são de evitar.

Fomos à missa na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Virgínia não nos acompanhava porque tinha muito que fazer e ainda por cima não acreditava em Deus. Fomos a pé.

- Se calhar, o menino, que é comunista, também deve ser ateu.

- Amor, sou católico e a meu modo até sou conservador. Os capitalistas é que são materialistas e ateus.

Guilhermina olhou-me com um olhar que às vezes tinha, meio carrancudo meio trocista, e que tornava ainda mais bonitos os seus olhos azuis.

- Mais depressa, para não chegarmos atrasados.

Afinal a pressa tinha outro motivo, que era o de não me dar tempo para reflectir, já que pensar e respirar têm a sua cadência própria.

- Eu preciso de uma pessoa em quem possa confiar plenamente, e essa pessoa é o Faustino, para além da Gina, como é evidente, mas a Gina é outra coisa. Preciso de alguém que se ocupe dos meus negócios. Por isso, se achar que me deve alguma coisa, porque afinal até me deve, não acha?, se tiver alguma gratidão por lhe ter entregue o que tenho de mais valor, quero que largue a Matemática, e se vá já imediatamente matricular em Direito. Já me informei e só tem de pagar uma multa por se inscrever tão tarde. Tem três disciplinas anuais:

Teoria Geral do Direito Civil,

Economia Política e

História das Instituições;

e duas disciplinas semestrais:

Introdução ao Estudo do Direito e

Ciência Política.

Nada do outro mundo. É tudo bastante fácil. E então – é sim?

Fiquei em silêncio, pensando no teorema de Fermat e no prémio que me esperava se fosse o primeiro a demonstrá-lo.

- É sim? – insistiu ela.

- Depois da missa, se não te importas. Agora não quero pecar.

Já em casa, com ela sentada ao meu colo a despentear-me, e entre beijos dos que deixam marcas de bâton, tive de me render e dizer que sim. Estive quase a ponto de imitar o “Pai Tirano” e declarar “Vou, mas vou contrariado”.

- Mas depois de acabar o curso, quero voltar à Matemática. Tenho um teorema para demonstrar.

Foi então que ela se levantou e me trouxe impressos já preenchidos e uma esferográfica.

- É só assinar por baixo.

Eram os documentos da minha inscrição na Faculdade de Direito de Lisboa, como se ela já soubesse antecipadamente da minha decisão, que não era bem uma decisão, era mais uma incapacidade de negar seja o que for a quem amava. Apesar de ter apenas dois meses, ou melhor, mês e meio, para fazer um ano inteiro, que na verdade também não era um ano, já que as aulas tinham começado em Janeiro e acabariam em meados de Junho.

- Fica inscrito como aluno voluntário, pelo que só tem de ir às aulas plenárias e não pode dispensar da oral a não ser chumbando, mas isso não vai acontecer. “Introdução” já fizeram as provas orais, pelo que terá de ir em Setembro, na época de recurso. A Gina entrega a sua inscrição na segunda-feira de manhã, e à noite já pode ir às aulas. Começam às sete e meia e acabam às onze e meia.

Lembrei-me de uma frase que a Dona Odete repetia quando eu não queria ir à escola – “Vais ser sempre obrigado a fazer o que não quiseses, tenhas a idade que tiveres. Sempre.”

Durante a sesta, que foi apenas um pretexto para nos deitarmos ao lado um do outro, Guilhermina foi-me dizendo o que já determinara, embora dando-lhe a aparência de sugestões que por acaso lhe tivessem acabado de lembrar.

- Estava agora a pensar que não lhe convém mesmo nada ir dormir à Junqueira enquanto não acabar as aulas. Vai ter de fazer um esforço muito grande e todo o tempo é precioso. Só em transportes perde para aí umas boas duas horas. Pelo menos.

E então a solução que ela descobrira para mim era a de ficar ali em casa até acabarem as aulas, melhor, até acabarem os exames, e então depois podia voltar para a casa da Junqueira.

- Somos livres. Não somos casados. Não tem obrigações para comigo, tirando algumas, está claro. Vem quando quiser, vai-se embora quando lhe apetecer. E ainda por cima é asmático. Não lhe convém nada estar sozinho.

Era um mundo de vantagens, com boa comida, ao pé do trabalho, não muito longe da minha nova Faculdade, e tudo envolvido pela doce protecção do amor.

- E tem um quarto para estudar, só para si, sem que ninguém o interrompa. Mesmo que tenha a cona aos saltos, prometo ser muito ajuizadinha e esperar sentada na cama que o meu amor me venha honrar, como se dizia noutros tempos.

Beijámo-nos longamente e ela voltou ao tema, que achava do maior interesse para mim.

- Um quarto de estudo. Um gabinete só para si. Vou-lho mostrar. Ontem com a pressa não chegou a ver a casa toda.

Aproveitou para me ensinar os cantos à casa, tudo menos o quarto da Gina, que era território proibido. Era tudo grande e parecia datar de princípios do século. As divisões espaçosas, de tectos altos e estuques lavrados a rodear os candeeiros. Para além dos quartos de Guilhermina e de Virgínia, ainda havia mais três quartos de dormir. A sala onde estava a televisão e um piano de cauda separava-se da casa de jantar por uma porta em dobradiça que se podia abrir, o que só acontecia em ocasiões de festa em que se precisava de espaço duplicado para dançar e para um empregado circular com os canapés e as bebidas. O quarto de Guilhermina tinha casa de banho privativa, mas ainda havia mais duas casas de banho. Havia uma saleta para engomar a roupa. A cozinha era grande, de soalho de ladrilhos alternando o branco pérola e o vermelho vivo, lembrando os ambientes domésticos de Vermeer. E havia outro compartimento, que era assim como que o quarto proibido do Barba Azul, em que a proibição só funcionava quando se acendia a luz vermelha colocada por cima da porta. Era onde Guilhermina revelava os seus filmes e fotografias, e que, nessas alturas, só poderia ser iluminado por luz inactínica, quer dizer, se entrasse a luz do dia as películas ficariam irremediavelmente estragadas.

Os móveis eram pesados e tinham um cheiro discreto a herança dos Holstein e dos Condes de Portomayor. Pelas paredes, quadros de Columbano e de Eduardo Nery, mas também caricaturas e uma reprodução de van Dyck. Carlos I de Inglaterra? Sim, ele próprio mais a sua cara fatigada. Está aqui por se parecer muito com o meu falecido marido.

Por cima dos móveis espalhavam-se fotografias de Guilhermina em diversas fases da sua vida, como se a sua vida só tivesse começado aos 33 anos. Ao lado de um militar com uma farda desconhecida. Entre Evita e Perón. Ao lado do Cônsul de Portugal em Zurique, antes ou depois do casamento, não perguntei. Ao lado de Nicolau Franco. Ao lado de Serrano Suñer. Ao lado de muita gente que governara Portugal antes do 25 de Abril, banqueiros incluídos. Ao lado do jogador Pélé.

- E agora o seu quarto de estudo.

Era um quarto nas traseiras, com uma secretária de pés torneados e cheia de gavetinhas, própria para guardar segredos. Deveria ter pertencido ao Cardeal Mazarino ou ser obra de um falsário especialista em móveis antigos. Mas era ampla, com um bronze que representava Hércules a tirar um espinho da pata do leão de Nemeia e de que havia uma cópia no Palácio

das Necessidades, um candeeiro de secretária com um vidro verde a focar a luz e uma caneca cheia de esferográficas. Uma cadeira de braços almofadada encaixava-se no espaço a meio da secretária, e deveria ser extremamente confortável.

Tinha estantes com toda a legislação oficial desde 1910, Boletins do Ministério da Justiça e Colectâneas de Jurisprudência. Os livros que me correspondiam mais directamente estavam numa prateleira mais baixa.

- Falei com o advogado meu amigo. E a Gina foi à Faculdade e falou com um contínuo que está a par de tudo e que é o Sr.Charneca. Tem aí as lições de Teoria Geral do Direito Civil do Prof.Castro Mendes, que dizem que é a disciplina mais difícil de todas. O meu advogado diz que não, que a única disciplina que obriga a pensar é Direito Internacional Privado, e para quem é de matemática... O resto logo vê, que estão a tocar à campainha e deve ser uma amiga que mora aqui perto, na João Crisóstomo.

Era uma senhora que deveria ser da mesma idade de Guilhermina, mas era mais baixa e não era tão graciosa. Ficou admirada de me ver. A minha dona explicou que eu era estudante e trabalhava nas Finanças, aqui bem perto, na Marquês de Tomar, e que me alugara um quarto, para ficar mais perto da Faculdade e não perder tanto tempo em transportes.

- Foi o Dr.Benevides quem me pediu. Não lho podia negar.

A visitante, que se chamava Brunilde, contou histórias de jovens que se tinham insinuado junto de senhoras mais velhas, mesmo velhas a cair de podres, mas todas muito ricas, e que as tinham deixado sem tostão e a pedir esmola. Eu fiquei vermelho como um tomate maduro. Não era só a homossexualidade que me fazia corar.

Depois do chá e das torradas, que me fizeram pensar nas cenas domésticas de Correia Garção, Brunilde sentou-se ao piano e tocou canções da sua autoria. Eu pedi-lhe um pouco de Bach, e ela fez-me a vontade, embora elucidando que a sua especialidade era marchas populares.

À despedida mostrou-se um pouco, imperceptivelmente seca. Não havia dúvida de que não simpatizara comigo. Talvez estranhasse que eu não me vestisse à chulo, cabelos compridos, bigode, calças de boca de sino, sapatos de biqueira alongada, e anéis de ouro por tudo quanto era dedo. Um chulo vestido à civil era como um espião que se aventurava em território inimigo sem uniforme e, portanto, duplamente perigoso.

Guilhermina fez-me uma festa. Nem sempre era bruta. Melhor, raras vezes era bruta, mas quando era, era bruta a valer. Era uma mãe severa, mas porque sabia o que era melhor para mim. Por exemplo, aquela

história de me inscrever em Direito, quando eu nada queria ter a ver com o Direito, e a minha ambição, para além da vida à inglesa do Correia Garção na sua quinta da Fonte Nova, era demonstrar o teorema de Fermat e viver a minha pequena glória no pequeno círculo de pessoas que entendiam a mesma linguagem. De certeza que nunca colocariam na Rua da Junqueira uma placa a dizer “Aqui viveu Faustino, o primeiro que demonstrou o teorema de Fermat”. Mas ela era assim, muito querida mas muito imperial também. Parecia já ter desenhado um plano com o que seria a minha vida pelos 80 anos mais chegados – assim, em papel quadriculado, com a vida separada em quadradinhos.

- Vamos ao cinema? – propôs ela.

Eu já não tinha que estudar Matemática e só amanhã é que seria oficialmente estudante de Direito. Hoje estava de férias e para mais era Domingo.

- Sim, vamos.

Fomos ao Quarteto ver “O Engarrafamento” de Luigi Comencini. Não ponhas ainda o esparguete a ferver, parece que há um ligeiro engarrafamento. “L’Ingorgo” também soava bem. E ambos gostávamos de filmes italianos, como ambos gostávamos de gelados.

Gozei ao máximo o entardecer desse último dia de férias, porque depois vinham dias intensos de estudo para compensar o atraso num curso que já começara em Janeiro.

Seguimos a pé para casa, e no caminho eu consegui dizer tudo o que pensava. Que realmente, morar ali ao pé do Saldanha até acabarem os exames era uma ideia excelente e que lhe agradecia de todo o coração. Ia aceitar, claro que ia aceitar, e ainda por cima com quarto de estudo, vou-me sentir um pequeno lorde. Três contos de réis por mês parecia-lhe bem?

Guilhermina deu-me um beliscão.

- Vai levar no cu.

E deu-me outro beliscão, a título de brinde suplementar. Doe-me, mas calei. Ela era a minha dona.

- Vejamos. Come lá em casa. Pequeno-almoço, almoço e jantar. Criada. Serviços sexuais de qualidade extra-fina. Três contos por isso tudo? Não acha, o senhor não acha que está a abusar da minha ingenuidade?

Suspirei, porque tinha gostado do quarto de estudo, e ir para a Junqueira depois das onze e meia da noite não era nada aliciante quando o Saldanha estava ali tão perto e era tão confortável.

- Pode-me pagar em carne.

Olhei-a como se ela tivesse deixado de ser Guilhermina e fosse agora Shylock a insistir pelo pagamento de uma libra da carne de António, o Mercador de Veneza, que era a garantia de um empréstimo que não fora pago no seu vencimento.

- Não vejo porquê tanta admiração. Eu cá posso ser a prostituta, para lhe satisfazer os desejos e fantasias. E o senhor não pode ser o meu prostituto particular, nem que fosse por uma questão de gratidão, já não falo na questão da cama, comida e roupa lavada.

Guilhermina deu-me outro beliscão. O terceiro. Doeume. Que bruta que tu és!

- Era a brincar. Desculpa se te magoei, mas não sei se já reparaste numa coisa. É que somos amantes. Os amantes não cobram. Está em São Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios – “o amor não tem maus modos nem é egoísta... o amor suporta tudo, acredita sempre, espera sempre e sofre com paciência”. Claro, tudo isto só se eu fosse santa. Lá por amar não quer dizer que seja parva.

E antes de chegar a casa ela fez-me prometer que não lhe voltaria a falar em dinheiro e que esperasse pelo fim dos exames para voltar para a Junqueira, que aqui está muito bem e não tem motivos de queixa, penso eu.

- Tirando a parte dos beliscões, não, não tenho razões de queixa.

12.

Segunda-feira fui pela primeira vez à Faculdade de Direito, que não tinha nada de enganar, era à esquerda de quem subia na direcção da Reitoria da Universidade.

As aulas do primeiro ano, turma da noite, eram no Anfiteatro 2. Teoria Geral era às 19h 30m. Quem dava as aulas era um assistente, grisalho, de meia idade. Chamava-se Macieira e tinha um modo untuoso de falar que cheirava a seminarista. Parecia todo bondade e ficávamos com a sensação que simpatizava profundamente com todos nós, quase como um pai adoptivo ou o director de um orfanato. Eu perguntei ao meu vizinho do lado onde íamos e ele apontou a página 73 do III volume da sebenta. Deixei-a aberta em cima dos joelhos e em cima da mesa só ficou o Código Civil e um caderno para tirar apontamentos. Não houve necessidade de tirar quaisquer apontamentos nem de abrir o Código Civil. Tudo o que o docente dizia era praticamente *ipsis verbis* o que vinha escrito na sebenta. Bastava sublinhar as partes mais importantes.

- Decora a sebenta e tens a oral feita – informou o meu vizinho do lado, que vinha todas as noites da margem sul e trabalhava numa loja de electrodomésticos.

No segundo tempo era Economia Política, e o assistente era Moraes Alçada, ainda jovem e já vestido de economista, com fato azul escuro e gravata. Havia que tirar apontamentos, porque aqui não havia sebenta. A bibliografia incluía a “Economia” de Samuelson, e as “Lições de Economia Política” de João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), e Henrique Pereira de Moura para quem conseguisse encontrá-lo, pois estava esgotadíssimo. Senti-me um pouco mais no meu elemento, pois estava-se a dar o Capítulo VI da matéria – a Contabilidade Nacional - e havia algo de romântico em temas como receitas de capital, despesas correntes ou dívida flutuante. Gostei de aprender que o primeiro orçamento que Salazar apresentou como formalmente equilibrado, e que o transformou de um dia para o outro no nosso “Mago das Finanças”, afinal não passava de um embuste. Mas o segundo orçamento, esse sim, esse já era um orçamento equilibrado. Miséria à parte.

Os monitores que davam as aulas de subturma não puseram qualquer obstáculo a que eu assistisse às aulas, embora não me pudessem dar nota de avaliação, porque estava em método B, ou seja, só teria avaliação nos exames finais. Desde que me mantivesse em silêncio e não perturbasse as aulas. Não perturbo, esteja descansado.

Terça-feira. A primeira aula plenária era às 21h 30m e foi a mais interessante de todas. História das Instituições, com um assistente que sabia tornar as aulas numa autêntica festa, o Dr. António Hespanha, com H grande. Estávamos já no fim da era das Glosas de Acúrcio e dos Comentários de Bártolo, e anunciava-se para breve Locke, Bentham, e a “Lei da Boa Razão”. À medida que falava daquele modo entusiasmado que só ele tinha, os óculos brilhavam-lhe de prazer, e até a barba ruivo-acastanhada parecia que brilhava também, à luz do anfiteatro.

Ciência Política calhava sempre ao último tempo. Quem a dava (a Ciência) era o Dr. Fonseca, que tinha pela primeira vez um curso a seu cargo. A primeira aula a que assisti era sobre a análise sistémica de David Easton, que via o sistema político como uma caixa opaca (porque lá dentro nada se fazia às claras), que, do lado esquerdo, recebia a pressão das exigências da comunidade, e, do lado direito, expelia as decisões que, por sua vez, iam actuar sobre a comunidade, acalmando os seus desejos ou criando outros novos. Para que o sistema aguentasse existiam os mecanismos reguladores das pressões da comunidade, prontos a filtrá-las e diminuí-las – os partidos políticos, os sindicatos, a religião, a moral, a

educação. Senti que o docente estava a esquecer outros mecanismos, de tão óbvios que eram – a censura, a polícia política e as notícias falsas, comuns às democracias e às ditaduras.

Às quartas-feiras tinha apenas aulas de sub-turma e eram quase sempre um desapontamento. Havia um grupo restrito que começava discussões daquelas que não levam a lado nenhum, mas que eram um ensaio de oratória para mais tarde, para aqueles julgamentos em que nem há razão nem há provas, mas é preciso impressionar o cliente – este sim, este advogado é dos tesos, só as descomposturas que dá ao Ministério Público...

Isso não era discutir. Para que exista uma discussão a sério é preciso que se verifique simultaneamente:

que estejamos a falar da mesma coisa; e

que queiramos chegar a uma conclusão, mesmo provisória, mesmo deixando em aberto vias para explorar.

Raras vezes avistava Severo, e era sempre ao longe, sempre a apontar o relógio, que tinha um encontro e que agora não podia, logo falaríamos. Parecia que o facto de eu também estar em Direito o incomodava, mas não se percebia porquê.

O bom era que o 38 não demorasse e que daí a um quarto de hora estivesse a subir as escadas da Av. Duque d'Ávila. Segundo o senso comum, bastaria tombar na cama para adormecer. Não era verdade. Vinha excitado, como um actor que acabou a sua peça, e tem de aguardar que a adrenalina volte ao lugar de onde saiu. Felizmente, tinha Guilhermina do outro lado da cama, e ela, vestida de um cetim deslizante, ora negro, ora vermelho, ora amarelo, acalmava-me de encontro ao seu peito decadente e apertava-me inexoravelmente nas suas pernas atléticas até me deixar sem vida própria. Depois, tinha com uma colher de prata num copo de cristal que tinha em cima da mesa de cabeceira. Daí a minutos, alguém batia à porta e Virgínia entrava com um tabuleiro – chá para a minha czarina, chocolate quente e torradas para mim. Para mim, virava sempre a parte da cara que não tinha cicatriz. Para Guilhermina, era a face oposta que ela expunha.

- Isto é vida – nem a Dona Odete me tratava com tanto mimo, nem sequer me dava mimo nenhum, e para mais eu era o seu filho único.

Adormecia, entrelaçado no corpo de Guilhermina, e nem ouvia as suas últimas provocações – se eu não gostaria de fazer amor com a Gina?

Um dia o 38 demorou. Estávamos poucos no autocarro e eu sentei-me num banco mais ou menos a meio. Nunca olho para ninguém. Procuro um lugar vazio e sento-me. O autocarro abrandou ao aproximar-se da Feira Popular, porque alguém tinha tocado. O passageiro que ia sair baixou-se e segredou-me – Anda com uma criminosa. Ainda pode vir a ter problemas. Cadeia. Ou pior.

Olhei-o, sobressaltado, e era um homem de estatura mediana, cabelos negros e óculos escuros que não faziam sentido num autocarro e de noite. Afastou-se à pressa, desceu e desapareceu. Foi tudo tão rápido que não me deu tempo para reagir, oiça lá, vá chamar criminosa mas é à puta da sua mãe, ouviu?

Quando cheguei a casa, hesitei se deveria ou não contar a Guilhermina. E resolvi nada dizer. Era insultuoso e ela não merecia.

“Ou era maluco, que é o mais provável, ou era espião, que também pode ser.”

Agora quando entrava no autocarro olhava à procura de gente suspeita de óculos escuros. Mas todos pareciam normais, não pareciam espiões saídos de um filme de baixo orçamento.

Pedi ao meu vizinho do lado, que mais tarde viria a ser Director da Polícia Judiciária e Presidente da Associação Sindical dos Magistrados Judiciais, mas ainda era cedo para adivinhá-lo e eu não era bruxo, só notava é que o rapaz era inteligente e perseverante, pedi-lhe os apontamentos das aulas de Economia Política e Ciência Política, e fotocopiei-os na Repartição.

- Está a ver como eu lhe dei um bom conselho? Fez muito bem em ir para Direito. Ninguém se safa com a Matemática. Quem é que quer contas certas? Ninguém – era o Saraiva a falar, nos intervalos do charuto.

Nas aulas de Teoria Geral só havia uma coisa que me fazia corar. Quando se falava da inexistência jurídica, a propósito dos vícios e valores negativos do negócio jurídico, o exemplo que se dava sistematicamente era o do casamento entre duas pessoas do mesmo sexo – nem tinha sequer a aparência de um negócio jurídico, por isso não lhe davam as honras da nulidade. E penso que corava agora com menos frequência, talvez por já existirem provas da minha virilidade, embora só pudesse arrolar uma única testemunha. As desvantagens da monogamia. Os pinguins também são assim, muito apegados à sua própria mulher e sem querer saber das outras, mesmo que também vestidas de cerimónia.

Aproveitava todos os momentos livres para estudar e a matéria parecia-me extremamente fácil. Podia perfeitamente decorar toda a Sebenta

de Teoria Geral e ir um pouco mais além – ligar os institutos entre si e perceber o seu sentido e o seu porquê. É fácil dizer que o património do devedor é a garantia geral das obrigações. O que importa é explicar porquê. A pergunta mais irritante que se pode fazer a alguém é essa mesma – Porquê?

Uma das aulas de Teoria Geral foi dada pelo próprio regente da cadeira, o Prof. Castro Mendes em pessoa. Gordo, de cabelo muito negro, tinha uma assombrosa facilidade de comunicação e tornava simples e fácil o que à primeira vista parecia complicado. Aprendi que só consegue ser simples e claro quem domina a matéria que explica. Que diferença tão grande entre o professor catedrático e o Dr. Macieira, tão agarrado à Sebenta como se fora dela só existisse a incerteza e o caos.

No fim da aula, puz a minha timidez de parte e acerquei-me do grande homem, quando ele ia a transpor a entrada do anfiteatro.

- Desculpe, Sr. Professor, era a respeito dos vícios e valores negativos do negócio jurídico.

- Diga, colega.

- Ó Sr. Professor, colega? Eu sou apenas um aluno do primeiro ano.

- Mas o colega há-de ver que temos uma coisa em comum, e é por isso que eu lhe chamo colega. Ambos somos estudiosos do Direito e é nisso que somos colegas. Não concorda comigo?

Os grandes homens são assim. As nulidades cultivam a distância e falam o mais sibilino que podem, porque não sabem exactamente do que estão a falar. Andam ali à volta da questão, esperando que por um golpe de sorte acabem por percebê-la, e aproveitam com sofreguidão o supremo gozo de criar nos ouvintes uma sensação de profundidade intransponível. Quem sabe é exactamente ao contrário - gosta de partilhar os seus conhecimentos e gosta que o percebam.

Economia Política também era interessante. Se a areia da praia poderia ser considerada um bem económico ou não? A resposta era simples e trazia betoneira pelo meio. Antes da betoneira era um bem livre. Depois da betoneira passava a bem económico. Depois apreciava a maneira do Samuelson explicar que as opções do Estado se revelavam no seu orçamento – se gastava mais em canhões era uma coisa, se gastava mais em manteiga era outra.

Afinal o Direito também era interessante, não tão interessante como a Matemática, não exigindo muitos esforços de raciocínio, mas se o víssemos como um sistema, então todas as peças teriam de estar encaixadas

no seu lugar e era sempre possível saber se uma peça estava desgarrada ou se havia falta de uma peça para completar o puzzle. Para isso tínhamos o artº.9º., nº. 3. do Código Civil que, na interpretação das leis, mandava que presumíssemos que o legislador consagrara as soluções mais acertadas e soubera exprimir o seu pensamento em termos adequados. Ou seja, tínhamos que presumir que o autor da lei sabia ler e escrever e não andava aos tombos, de garrafa na mão. Assim, a lei podia ter sido redigida com a intenção malandrecas de beneficiar uma pessoa concreta ou uma empresa amiga, o que naturalmente implicava o uso de uma linguagem ambígua, porque aqui a clareza significaria a confissão de um crime. Então, o julgador, que era sempre aquele cuja interpretação era a definitiva, dizia para si próprio – Vamos fazer de conta que fui eu quem redigiu esta lei, e que consagrei a solução mais sensata e dei às palavras o sentido mais adequado. Então a lei deve ser interpretada desta maneira...

Dizia mais tarde o Dr.Pereira Baptista, no Centro de Estudos Judiciários: Não importa o que pensa o Prof.Antunes Varela, ou o Prof. Barbosa de Magalhães, ou o Prof.José Alberto dos Reis, e o que Carnelutti pensa ainda menos importa. O que importa é o que vocês pensam, porque são vocês quem vai decidir. Desde que fundamentem.

Numa quinta-feira, regressava eu a casa e o autocarro vinha praticamente vazio. Só eu e mais duas ou três pessoas. Sentei-me e logo senti aproximar-se alguém. Olhei para cima. Era um homem de estatura mediana e cabelo negro, encaracolado.

- Pode-se chegar mais para a janela, por favor?

Havia tanto lugar vazio, que eu nem me mexi do lugar.

- Pode-se chegar para a janela, por favor?

- Tem muitos lugares vazios.

- Sim, mas eu tenho de lhe dizer uma coisa e o tempo é muito curto.

Movi-me para junto da janela e o homem sentou-se.

- Já sabe que a sua mulher é uma criminosa procurada em todo o mundo, não sabe?

O homem só poderia ser espião. Era demasiada coincidência que dois malucos tivessem tido a mesma ideia de enxovalhar a minha mulher. Por sorte, tivera muito tempo para preparar a resposta.

- É assim. A minha mulher, como o senhor diz, não é nenhuma criminosa e duvido que o senhor saiba de quem é que está a falar. Agora, deixe-me dizer-lhe quem é que é criminoso. São vocês, o senhor e o seu

colega do outro dia, e os chefes para quem trabalham. Vocês é que são criminosos e dos piores.

- Duvido muito que saiba quem somos ou para quem trabalhamos – desafiou o desconhecido. – Mas o que precisa de saber é que só poderá evitar problemas se colaborar connosco. Somos justos mas também somos impiedosos para os nossos inimigos.

- Vocês, justos? Deixe-me rir.

- Então não nos quer ajudar? Mesmo que a sua amante seja uma terrível criminosa, com as mãos sujas do sangue de inocentes?

- E vocês? São alguns santinhos, por acaso, para poder atirar pedras a quem não merece? Ora cale-se.

- Já o avisei. Agora é consigo.

Levantou-se e saiu na paragem do Campo Pequeno.

Eu tinha disparado um tiro no escuro e não sabia se tinha atingido algo ou alguém. Calculei que fossem espiões. Espiões são criminosos de Estado, praticam crimes por conta de algum Estado, escutam conversas, tramam intrigas, colocam bombas, matam. E o homem não negara, limitara-se a fazer mistério.

E se Guilhermina fosse uma criminosa? Todas as fortunas se conseguem à custa de crimes. O rico não joga segundo as regras e é por isso que é rico. Mas Guilhermina herdara uma fortuna pré-existente. Não fora ela quem praticara o tráfico negreiro. Estava inocente. É certo que tinha contabilistas para enganar o Fisco, mas isso todos os ricos têm e ninguém diz deles “Olha o criminoso” mas sim “Olha o esperto”.

Quando cheguei a casa, Guilhermina dormia. Posso esperar por amanhã, e então digo-lhe, com cuidado para não a deixar preocupada. Não, digo-lhe antes no sábado.

Às sextas-feiras chegava ainda antes da meia-noite, à hora do costume. A casa estava em silêncio mas eu sabia que Guilhermina ainda não adormecera. Dava-lhe um beijo rápido que ela devolvia com um beijo longo e molhado, e depois ia encerrar-me no quarto de estudo, onde ficava até às quatro da madrugada. Tinha a matéria ordenada por cadernos e estudava afincadamente o que fora dado até eu começar a frequentar as aulas. Notei preocupadamente que o segundo volume da Teoria Geral, aquele que tratava dos Direitos Subjectivos e das Coisas, me dava tremendas erecções que me obrigavam a ir em passo de corrida encostar-me ao corpo da minha amada, que ainda não adormecera e dava voltas na cama à minha espera. Nem ela nem eu desconfiávamos que os Direitos

Subjectivos e as Coisas (que eram, respectivamente, o objecto imediato e mediato da relação jurídica) fossem tão afrodisíacos e que o abuso do direito fosse uma espécie de cantárida extra-forte que nos deixava exaustos mas felizes.

Ao sábado levantávamo-nos tarde, esgotados por uma noite convulsiva. E eu, depois do banho e do pequeno-almoço ia fechar-me na sala de estudo quando Guilhermina foi peremptória. Tinha natureza de autocrata debaixo das luvas de veludo com que disfarçava o reluzir do aço.

- Esta manhã vamos à Baixa. À tarde logo estuda. Ou amanhã.

Íamos a caminho do “metro” quando eu consegui coragem para lhe dizer

- Amor, tem de ter cuidado. Já por duas vezes estava eu no autocarro e veio ter comigo gente maluca que insiste que é uma criminosa. Anteontem eu respondi que eles é que eram criminosos e que não os iria ajudar.

- Disse mesmo, mesmo, que não os iria ajudar? Por essas palavras?

- Mande-o calar. É a mesma coisa.

Guilhermina sorriu e passou os dedos pela bela cabeleira platinada.

- Não tenho medo. Estou protegida. Tenho toda a confiança no meu menino. E outra coisa - eles estão enganados. Não sou criminosa nenhuma. Estão-me a confundir com outra pessoa. Mas não se preocupe. Eu sei defender-me.

Concordei. Ainda me lembrava do braço no dia em que a beijara para além da conta.

- Mas faça-me esse favor, cuide-se.

- Estou protegida – repetiu ela. – Não se preocupe mais com isso. Não pense mais nisso. É tudo mentiras e *bluff*. Esqueça.

- Ameaçaram-me com “cadeia” ou “pior”.

- Eu sei. Não leve essa gente a sério. Querem o que não podem.

E como era linda quando sorria daquela forma tão tranquila. Não havia razões para preocupar-me.

Agora estávamos sentados lado a lado. A mão dela pousava em cima da minha e só o toque dos seus dedos nodosos era uma carícia.

Nos dois bancos da frente sentava-se um homem vasto, cara vermelha e bochechuda, e uma barba ruiva clara, como o pirata ou o imperador. Olhava-nos de maneira incomodativa e de um modo

especialmente insistente para Guilhermina. Esta endureceu a expressão e falou com o frio das catedrais onde o sol penetra raramente.

- O senhor desculpe, mas existirá alguma razão, que eu não descortino, para me olhar de uma forma tão atrevida e tão malcriada? Será que nunca viu uma Mãe com o seu Filho? Ou será que acha um interesse perverso em ver como nos acariciamos?

Eu ficara vermelho e à espera de um vendaval de pancadaria em que eu teria de me pôr à frente da mulher que amava para a proteger de todo o mal. Apesar de o homem da frente ser uma montanha de gordura ninguém me garantia que por debaixo dessa gordura toda não houvesse também uma montanha de músculos.

- Olá – respondeu tranquilo o monstro. – Então já não me conheces?

Guilhermina fitou-o de alto a baixo, inquisidora e visivelmente desagradada com o que via.

- Não, não costumo frequentar ganadarias, por isso é normal que o não conheça.

- Já não me conheces, então? – rugiu o monstro, numa voz cavernosa que vinha de dentro, mas sem se ofender.

- Não, sem lhe ver o ferro dificilmente o poderei reconhecer – respondeu a minha bela, altaneiramente ácida.

Que maneira subtil de chamar boi a alguém. O peito encheu-se-me de orgulho só de pensar que aquela mulher de ironia tão fina e tão superior a tudo o mais era minha, pelo menos por enquanto.

- Guilhermina, sou o Guardiola.

Ela cerrou um dos olhos, desconfiada.

- O Guardiola? Pode lá ser? O Guardiola? O que não regula bem da bola?

Ele riu-se escancaradamente, sacudindo-se todo.

- Pois sou. Claro, quando nos vimos a última vez, eu nem era nem metade do esplendor que aqui vês. Fui meditar para o Tibete e a meditação engrossou-me que foi um disparate. Sais agora?

- Sim – disse Guilhermina, levantando-se. Eu também me levantei, que estávamos a chegar ao Rossio.

- Então passo por tua casa outro dia. Trouxe-te uma recordação do Tibete.

Guilhermina entendia que eu tinha falta de camisas, de calças, de mais três fatos completos, e de sapatos. Pijamas – mas eu contigo durmo nu, não preciso. E lá me arrastou pela Rua Augusta acima e pela Rua Augusta abaixo, Rua dos Fanqueiros, Rua da Prata e por fim subimos pela Rua do Carmo até à Rua Garrett, em direcção ao Chiado. Para não irmos sobrecarregados com as compras, ordenou (e não é por acaso que utilizo a palavra ordenar, pedir é outra coisa diferente e leva “se faz favor” na ponta final) que as compras fossem entregues em casa. Ninguém objectou que era sábado e que tinham muita freguesia. As ordens de Guilhermina tinham um peso que faltava às outras ordens.

Eu, por minha vez, comprei-lhe uma combinação azul marinho e outra preta na *Loja das Meias*.

- Menino, mas que ideia tão parva e tão fora de moda. Já ninguém usa combinação.

- É um capricho. Não é por ti, é por mim.

Guilhermina disse-me o que pensava dos homens que tinham fantasias dessas. Vê-la em combinação, quando o sonho de qualquer homem de sangue quente era vê-la nua. Eu era um depravado, um tarado, um debochado. Fetichista. De uma vez por todas, esqueça a sua mãe.

Estava cansado de tanto tirar calças, vestir calças e voltar a tirá-las. Ir às compras é deveras cansativo. E se nos fôssemos sentar e tomar algo?

Ficámos numa esplanada na Rua Augusta e eu pedi um sumo de laranja. Guilhermina pediu cerveja e reclamou porque vinha morna. Ela gostava de uma cerveja bem gelada, estupidamente gelada. Pensei que fosse ofensa, mas não, era uma canção brasileira.

Apetecia-me ouvir a “Suite Bergamasque”, de tão tranquila estava a manhã de Maio, de tão feliz por ter Guilhermina à minha esquerda, mesmo que ela voltasse de vez em quando para mim o seu olhar azul felino, com a atenção de quem faz um exame ao local à procura de vestígios deixados pelo criminoso.

- Tens a “Suite Bergamasque” lá em casa, amor?

- Já é mania essa de me tratar por tu. Será que tenho que me zangar? Não, não tenho a “Suite Bergamasque”. Tenho operetas, zarzuelas, Mozart, canções bávaras, música francesa dos anos 40 e 50, Gino Paoli, tangos de Gardel... Tenho muita coisa mas é raro ouvir música. Sou uma mulher de negócios.

Queria ela dizer - quando se trata de negócios sou uma mulher.

Passámos pela *Valentim de Carvalho* e comprei a “Suite Bergamasque” que também trazia “O Cantinho das Crianças” e “Dois Arabescos”. Comprei também os “Catulli Carmina” de Carl Orff. Dizem que é muito bom para acompanhar o amor e como é Latim nem se nota que é má-criação. Teremos de experimentar.

13.

Era feliz e disse-o vezes sem conta até Guilhermina desabafar.

- Chega! Ainda bem que o Direito o faz feliz. Ainda bem que eu o faço feliz. Ainda bem que a Gina o faz feliz, embora sinceramente não saiba como, a não ser que haja alguma coisa que me tenha escapado. Se eu fosse feliz, e não digo que o não seja, não andaria a apregoá-lo aos quatro ventos. Seria um segredo só meu.

Já era Junho de 1979. Depois dos feriados, em meados do mês, começariam as férias e os exames. Tinha encornado a Teoria Geral do princípio ao fim e sabia de cor a resposta à pergunta “Diga quais são os vícios na formação da vontade que conhece”. A resposta era como na catequese, a recitar a lista dos inimigos da alma “São três: o erro, o medo e a incapacidade accidental”. Em vez de “mundo, diabo e carne”.

Lera todo o Samuelson, todo o Lumbrales, toda a “História do Pensamento Económico”, de Henri Denis, e pensava no gozo que me daria ir ao quadro traçar equações a ilustrar a teoria do multiplicador de Keynes.

Lera “Para uma sociologia política” de Jean Pierre Cot, e, claro, devorara com prazer acrescido as lições policopiadas de António Hespanha.

Também já lera tudo o que havia sobre “Introdução ao Estudo do Direito”, Castro Mendes do lado de cá do Atlântico, Oliveira Ascensão do outro.

- Farei “Introdução” em Setembro, se Deus quiser.

- Ah sim? Não esquecer a vaselina.

Era feriado e almoçávamos na vasta sala de jantar da Av. Duque d'Ávila. Virgínia serviu-nos e sentou-se à mesa connosco, de frente para mim.

Os copos faiscavam à luz que jorrava das janelas escancaradas para as traseiras. Sempre gostei dos fogos efémeros que o sol acende nos cristais. Toquei com o meu pé descalço os pés também descalços da minha amada e massajei-os dedo a dedo. Sabia que era das carícias que mais lhe agradavam. Entre outras, mais arrojadas e mais íntimas, a fazer à porta

fechada. Ela pareceu gostar, e tanto, que repousou os pés no meu colo, para os pôr mais ao alcance das minhas mãos.

Começámos por aquilo que Virgínia chamou de “revuelto de espárragos” e que eram troços de espargos fritos com ovo.

Depois uma sopa de legumes, que era exactamente como a minha avó a fazia – puré de batata, cebola e cenoura, aveludado por um fio de azeite.

Para Guilhermina seguiu-se uma posta de pescada com batatas e bróculos. Para mim e para Virgínia era bife com batatas fritas, ovo estrelado, e muito molho para embeber o pão, tal como eu gosto. Fui eu quem a ensinei. Em Espanha, o bife (*bistec*) normalmente vem seco e sem graça. Partilhámos do mesmo prato de salada e Virgínia insistiu em cortar-me o bife em pequenos pedaços.

- Tem medo que o menino engula um pedaço grande e que sufoque – explicou a minha amada. – Era uma grande perda para o mundo.

Massajei-lhe os dedos e as plantas dos pés, como quem agradece as ironias com carícias.

Entretanto, Virgínia, de pé, a meu lado, curvava-se para cortar o bife no meu prato. Sob a blusa de alças e o avental senti o amplo relevo dos seus seios, e fiquei vermelho. Era tudo macio e cheirava bem. Se ao menos os pudesse aflorar só com os lábios, respeitosamente, como quem venera uma relíquia...

Só aceitei que me enchesse o copo até à altura de um dedo. Mais que isso deixava de ser prazer e eu não queria que Guilhermina me voltasse a ver como na primeira noite em que tínhamos jantado juntos.

Guilhermina tocou-me o joelho com o pé descalço e olhou-me com aquele olhar azul felino que me fazia desejá-la ainda mais.

- Faustino, se passares de ano, e eu sei que vais passar, essa questão é indiscutível, é quase um dogma, qual era a prenda que mais gostarias? Uma bicicleta? As obras completas de Júlio Verne? Um comboio eléctrico? Uma viagem às ilhas gregas?

Efectivamente, no dia anterior tínhamos passado pelo Governo Civil, porque Guilhermina entendia que eu precisava de um passaporte.

Neguei com a cabeça. Já estava satisfeito com as prendas que tinha.

- Totalmente satisfeito? A cem por cento? Não há lugar nem para só mais uma prendinha que seja?

Estava satisfeito. Tinha tudo o que precisava. Tinha tudo o que queria.

- *Mentireiro* – fez ela, com uma doçura que não se casava bem com a dureza da palavra que acabara de dizer e que para todos os efeitos era um insulto em galego.

Pousou a faca e o garfo à borda do prato e olhou alternadamente para mim e para Virgínia.

- Preparei-lhe uma prenda ainda melhor do que aquilo que o menino possa imaginar. Se passar a todas as disciplinas, vou deixá-lo fazer amor com a Gina.

Virgínia levantou-se, atirou com o guardanapo para cima da mesa, e abandonou a sala, sem dizer palavra.

- Ficou ofendida – disse eu. – E agora?

- Qual ficou ofendida. Foi um repente. Coisas de espanholas. Aquilo passa-lhe.

Virgínia voltou por alturas da sobremesa, carregando um pudim, daqueles bons para esfregar na cara de alguém. Trazia os olhos inchados e deveria ter chorado. Olhei-a com pena e com remorsos, como se tivesse sido eu a instigar Guilhermina para ma dar como recompensa dos meus eventuais êxitos escolares.

Quando ela se sentou novamente, a minha amada acariciou-lhe o braço e pediu desculpa.

- Não devia ter dito as coisas assim tão a frio. Devia ter-lhe falado antes e perguntado a sua opinião. Às vezes, procedo como... Enfim, parto do princípio que toda a gente está de acordo comigo e não me preocupo mais com o que cada um pense ou deixe de pensar. Mas eu sou um pouco como as cadelas e há coisas que farejo logo à distância, como por exemplo que o Faustino gosta de si e a Gina gosta do Faustino. E é bom que assim seja. Eu não serei eterna, e o Faustino um dia precisará de ter a seu lado uma mulher boa e de confiança. A única que eu conheço nessas condições é a Gina. Por isso, façam amor se quiserem, e se não quiserem não façam. É com vocês.

- Virgínia – garanti eu, com voz rouca, porque a garganta se me secara de repente -, garanto-lhe que nunca farei nada contra a sua vontade e que nada lhe pedirei.

No meu íntimo todo eu gritava o contrário - “Peça, peça, não se acanhe. Tudo o que quiser. Conte comigo para a javardice total.”

- Estude – foi a resposta lacônica de Virgínia, virando-se de propósito para que eu lhe visse a cicatriz em todo o seu relevo de trincheira escavada no rosto.

O telefone tocou e a minha czarina foi atender. A sua voz chegava-me do nosso quarto:

- Não, está muito enganado. É exactamente ao contrário. Nem um tostão.

Negócios, com certeza. A minha dona era uma mulher de negócios.

Nessa tarde, enquanto eu mergulhava nos compêndios e nas sebetas, à cata de uns restos de sabedoria que me tivessem passado despercebidas, Virgínia e Guilhermina fecharam-se na sala de estar, e conferenciaram longamente, seriamente, sobre coisas que deveriam ser decisivas para o destino do mundo. Que exagero tão grande. Tudo é tão vasto e as nossas vidas são tão insignificantes que as instituições misteriosas que governam o mundo só à força de microscópio é que nos conseguem lobrigar muito ao longe.

14.

As provas escritas começaram a 17 de Junho e eu tinha tanto para dizer que as quatro páginas que me davam nunca eram suficientes e necessitava sempre de mais papel.

O Chefe de Repartição dava-me os dias de exame e a véspera, por isso nesses dias tinha o direito de me levantar mais tarde e gozar por mais tempo o suave calor do corpo de Guilhermina, que era como que o meu amuleto da sorte.

Fazíamos sempre amor antes de eu ir para a Faculdade, e, talvez por causa disso, quando me sentava nos bancos de madeira da aula era com um sentimento de tranquilidade muito vizinho da bem-aventurança, e o pensamento corria-me límpido e as ideias encadeavam-se geométricas e perfeitas, como diamantes ou cristais de gelo. Em suma, pensava melhor depois de amar. Nem precisava de açúcar, como alguns que iam roendo chocolates enquanto respondiam às questões do teste.

A Gina também se preocupava que eu fosse para os exames bem protegido. Ofereceu-me uma cruz de Caravaca num fio de ouro e recomendou-me que a usasse sempre em momentos de aflição ou sempre que tivesse alguma coisa de importante ou de arriscado para fazer. E deu-me um beijo na testa – também para dar sorte.

Na Faculdade de Direito de Lisboa, os docentes tinham uma escala somática para dar notas. Assim, as minhas notas das provas escritas andaram todas entre o 14 e o 15, tirando Teoria Geral que só me deu 13.

Recordo especialmente a oral de Teoria Geral, não é que as outras não tenham sido interessantes, principalmente a de História das Instituições, que o Dr.Hespanha soube transformar numa conversa informal, sem a aparência de exame.

Mas Teoria Geral permitiu que o Dr.Macieira se revelasse em tamanho natural. E era uma criação vinda de outro século mas espantosamente autêntica.

Como eu disse, durante as aulas plenárias, o assistente dera-me sempre a impressão de um pai, ou de um santo fora de época. Mudei de opinião. Se ele fosse lagarto, as aulas plenárias corresponderiam à sua fase de hibernação. As provas orais eram o momento alto da sua vida em que finalmente podia crescer e agigantar-se, mostrar as garras e ser ele próprio.

Assisti a várias orais de Teoria Geral e contei tudo ao jantar, porque realmente era interessante, quase como um filme italiano. Como se chamava aquele actor que entrava no “Signo de Vénus”? Vittorio de Sica. Esse mesmo. O Tótó era demasiado exuberante.

O aluno sentava-se, de frente para a secretária onde se sentava o Dr.Macieira, ladeado pelos seus assistentes.

Tudo começava na maior educação. Vi docentes que davam socos na mesa ou que estendiam o punho na direcção do rosto do aluno. Não era essa a maneira de ser do Dr.Macieira, sempre educado, sempre com aquela voz bondosa de *Dominus Vobiscum*. Sempre compreensivo.

- Há algum assunto por que tenha alguma predilecção especial?

Geralmente o aluno não tinha preferências e qualquer assunto lhe servia.

- Então, diga-me – se eu der uma esmola a um pobre, isso pode ser considerado o cumprimento de uma obrigação natural?

Uma obrigação natural, para quem não saiba, é uma obrigação que não é judicialmente exigível, como, por exemplo, uma dívida prescrita, mas se o devedor pagar considera-se que pagou bem e não tem direito a repetir a prestação, ou seja, e o segredo aqui está na palavra “repetir” – não tem o direito de “pedir de volta” o que voluntariamente entregou – artº.s 402º. a 404º. do Código Civil.

Não é judicialmente exigível, mas funda-se num dever de ordem moral ou social.

Se a pergunta me tivesse sido feito a mim, responderia que se tratava de uma liberalidade, sujeita ao regime geral das doações, ou seja, pela aceitação da esmola o mendigo tornava-se automaticamente o seu proprietário – artº.954º., a) do Código Civil.

Se a pessoa que dá a esmola foi a pessoa que reduziu o infeliz à mendicidade, arruinando-o, enganando-o, tantas são as maneiras de prejudicar alguém, então aquilo que dá pode ser considerado uma pequena restituição do muito que tirou ao pobre que agora estende o braço à caridade, e pode tratar-se de uma obrigação natural.

Mas numa oral nem sempre a pessoa tem o tempo ou a serenidade para pensar – e uns respondiam logo que sim, que era uma obrigação natural, e outros eram peremptórios em dizer que não, nem por sombras. Então o Dr.Macieira alargava o seu sorriso bondoso e perguntava “Porquê?”. Só para ouvir o aluno gaguejar.

- Ora então, como já vi que não está muito à vontade nesta questão das obrigações naturais, vamos experimentar outra que muito provavelmente dominará na perfeição. Diga-me quais são as divergências entre a vontade real e a declarada que conhece.

- O erro – balbucia o aluno.

- Sim, o erro, tem toda a razão. Mas que espécie de erro? E qual a categoria em que enquadra esse erro de que me fala?

- O erro – repete o aluno.

- Não podia estar mais de acordo consigo. Vejo que conhece o erro como a palma das suas mãos. Não tomou nada, pois não?

- Não tomei nada, Sr. Doutor.

- Fez muito bem. Então o erro... Diga-me, meu caro amigo, se eu lhe disser que o erro, como divergência entre a vontade e a declaração, se enquadra nas divergências não intencionais, que me diria? Que está de acordo comigo? Ou que acha que eu não tenho razão?

- O Sr.Doutor tem razão.

- Tenho razão em quê? – e o sorriso do docente brilha de bondade.

- É uma divergência não intencional.

- Muito bem. Finalmente parece que estamos no bom caminho. Então diga-me quais são os tipos de erro que podem surgir relativamente à declaração negocial.

- O erro na declaração.

- Sim, muito bem. E...
- O erro na declaração... e...
- E...

O silêncio mantém-se durante um minuto e o Dr. Macieira sorri o sorriso dos altares, como se ele próprio fosse Santo António e o Menino Jesus se tivesse acabado de sentar em cima da Sebenta.

- Muito bem. Temos de nos render à evidência. Este não é dos capítulos que mais mereceram a sua atenção. Vamos experimentar uma coisa diferente. Fale-me da simulação. O que é a simulação e quais os seus efeitos.

A simulação era outra das divergências entre a vontade real e a vontade declarada. O examinador, quando encontrava um ponto fraco no aluno, tinha o hábito de se demorar por ali o mais que pudesse.

O aluno dá mostras de estar prestes a cair no desespero.

- Calma, meu querido amigo. Já vi que não está muito à vontade nesta matéria. Vou ajudá-lo. A definição de simulação está onde o senhor se calhar menos espera. Está no Código Civil. Ora procure lá.

O aluno folheia o Código de trás para a frente e não encontra simulação nenhuma.

- Não me diga que a simulação não vem no seu Código?...

- Se calhar o meu Código é doutra marca – responde o aluno, sem saber já o que dizia.

- O meu amigo já me disse que não tomou nada. Não tomou, pois não?

- Não, Sr. Doutor.

- Então, em atenção a esse facto, vou dar-lhe uma ajuda. Procure o artº. 240º. do Código Civil.

O aluno encontra o artigo 240º. e lê-o para si próprio. Lê-o várias vezes mas o sorriso do docente parece que o incapacita para coisas simples como perceber o que está a ler.

- E agora já me pode dizer o que entende a lei por simulação?

- É uma divergência entre a declaração negocial e a vontade real do declarante.

- É, sim senhor. Muito bem. Mas falta alguma coisa, não acha? Veja lá melhor.

- É uma divergência... - repete o aluno.

- Essa divergência, como está escrito na lei que tem diante dos seus olhos, resulta de um acordo entre declarante e declaratório e destina-se a enganar terceiros. Meu amigo, esta matéria não foi lá muito bem estudada. Vamos procurar outro capítulo, a ver se temos mais sorte. Diga-me quais são os vícios na formação da vontade que conhece.

- O erro, o medo e a incapacidade acidental.

- Que bom. Parece que finalmente encontrámos matéria que o senhor domina na perfeição. Fale-me do temor reverencial. O que é o temor reverencial e quais são os seus efeitos na declaração.

O aluno cala-se.

- Não está com medo de mim, pois não?

O aluno tenta sorrir mas a única ideia salvadora que lhe ocorre é que poderá repetir Teoria Geral em Setembro, e fazer exame com a Turma do Dia, do Dr. Jesus dos Santos. Tem pressa de acabar com aquela tortura, chumbar e depois ir jantar sossegado.

- Poder-se-á equiparar o temor reverencial à coacção?

O aluno não responde. Se não estivesse ali à sua frente o sorriso do Dr. Macieira, talvez tivesse a presença de espírito suficiente para abrir o Código Civil no artº. 255º., 3. Mas naquelas condições, perdido por cem, perdido por mil.

A prova oral já dura há mais de meia-hora mas o Dr. Macieira, nestas condições, tem o hábito de a esticar até fazer uma hora completa. E justifica-se, com o seu sorriso mais paternal.

- Estou a prolongar a sua oral para lhe dar mais oportunidades. Como se costuma dizer, enquanto há vida há esperança. Diga-me quais são os direitos reais de garantia que conhece. Isto sabe com certeza.

O aluno até sabe. Mas, por experiência, sabe que a seguir a esta pergunta virá outra que o arrumará de vez. Por isso, limita-se a falar na hipoteca, e omite todos os outros, como a fiança ou o direito de retenção. E a partir daí só responde, com afrontosa persistência, Não sei, não sei, não sei.

O Dr. Macieira não o deixa partir sem lhe deixar mais um conselho de pai.

- Olhe, meu caro amigo, procure outro Professor. Talvez o defeito seja meu.

Terminava o jantar e eu acrescentei.

- Achei-o uma personagem fascinante. Como aquelas que só se encontram nos livros de Dickens. Amanhã toca-me a vez de ser David Copperfield.

15.

Guilhermina deu-me o talismã do seu amor e eu parti para a oral de Teoria Geral com a perfeita tranquilidade de quem é amado e para mais sabe a matéria toda de fio a pavio. Não havia definição que não tivesse decorado. Não haveria hipóteses de Marcelo Caetano dizer – Levei 30 anos a construir esta definição e o senhor deu-me cabo dela num quarto de hora.

Quando me sentei em frente do Dr. Macieira, ele reparou no meu nome – Faustino Mendes; Faustino vem de Fausto, Esplendor. Isto quer dizer que a sua oral vai ser esplendorosa. Diga-me, meu caro amigo, por onde quer começar a sua oral?

Escolhi as divergências entre a vontade real e a vontade declarada, e papagueei:

- As divergências entre a vontade real e a vontade declarada dividem-se em não intencionais e intencionais. Dentro das não intencionais encontramos a coacção física, a falta de consciência da declaração, o erro na declaração o qual, por sua vez, se pode subdividir em erro na transmissão e erro no entendimento. Dentro das intencionais, temos as declarações não sérias, a reserva mental e a simulação.

Parecia um jogo de pingue-pongue, em que eu aparava a bola logo de imediato. Ainda o Dr. Macieira não acabara de perguntar qual a diferença entre acto jurídico simples e acto jurídico intencional, já eu desbobinava que – Acto jurídico simples é aquele para cuja perfeição a norma exige apenas que o agente tenha querido a conduta, independentemente da previsão ou volição do resultado jurídico. Acto jurídico intencional é aquele cuja perfeição depende de que o agente tenha querido, não apenas a conduta, mas o resultado jurídico dela consequente. Este acto jurídico intencional também se designa por negócio jurídico – o acto que produz efeitos porque queridos como tal.

O examinador guardara uma pergunta inteligente propositadamente para mim. Com o seu sorriso de Bom Pastor com uma ovelha aos ombros, disparou uma inesperada bala de prata.

- Diga-me uma coisa, meu querido amigo, ainda a propósito do negócio jurídico e mais propriamente dos contratos. O casamento entre duas pessoas do mesmo sexo pode ser anulado?

Devia ter-me visto a corar no anfiteatro 2. Mas, desta vez, possivelmente por ter o espírito ocupado pela excitação do jogo, não corei e notei alguma decepção da sua parte.

- O casamento é um contrato que se encontra definido no artº. 1577º. do Código Civil como um contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente. Por sua vez, dispõe o artº. 1628º., c) do mesmo diploma legal que o casamento celebrado entre duas pessoas do mesmo sexo é juridicamente inexistente. Ora, enquanto a anulabilidade pode ser sanada, se não for arguida em determinado prazo, a inexistência jurídica nunca pode ser sanada, porque o acto não tem sequer as características do contrato tal como a lei as desenha e, conseqüentemente, é totalmente indiferente para o Direito.

Mandou-me embora com 15 valores de média final e a minha oral não demorara mais do que o tempo regulamentar – meia hora. O que significava que não dera qualquer prazer ao docente. Eu não era o doce que lhe faria lambe os dedos.

Quando abria a porta da sala de aulas para sair para o corredor lajeado a mármore cinzento, notei que duas mulheres, ambas de óculos escuros, saíam logo atrás de mim – Guilhermina e Virgínia.

- Parabéns, meu querido – e a minha amada deu-me um daqueles beijos aspirantes que se deve ter ouvido em todo o corredor. – É lindo, é inteligente, e é impossível não o amar.

- Isso é exagero, czarina do meu coração. Não sou uma coisa nem outra. E hoje então foi só exercícios de memória. Parecia o Vasco Santana com o esterno-cleido-mastoideu. Não teve nada a ver com inteligência.

Virgínia deu-me um beijo na testa e foi mais comedida nos elogios.

- Portou-se muito bem. Tenho pena que a sua Mãe não pudesse ter estado presente. Ficaria muito orgulhosa de si, tenho a certeza.

Não respondi, porque sabia bem que a Dona Odete nunca se iria dar à maçada de fazer a viagem de Torres Vedras a Lisboa, só para me ver a fazer um exame. E ainda bem. Se sentisse a sua presença na sala, creio que ficaria estúpido, incapaz, e não seria capaz de articular uma frase completa que fosse.

No caminho para casa – e agora era Virgínia quem conduzia -, Guilhermina foi dizendo que o Dr. Macieira era um grande... e que eu merecia pelo menos um 18, e que iria falar a pessoas amigas que tinha no Conselho Directivo da Faculdade.

- Não faças isso, amor. Era uma vergonha muito grande para mim. O Dr. Macieira o máximo dos máximos que dá é 14, e em princípio só para os génios que decoraram as notas de rodapé da Sebenta. Por isso, o 15 que ele me deu é já tão excepcional que, sinceramente, não vale a pena...

Nessa noite, ficámos os dois sozinhos na sala, a ver televisão. Virgínia deitara-se mais cedo.

- Está com o período – informou Guilhermina. – Tomou um comprimido para as dores e foi-se deitar.

Eu sentei-me a meio do sofá, e o meu amor recostou a cabeça numa almofada colocada num dos braços arredondados do sofá, que dava à vontade para três pessoas, normalmente Guilhermina ao meio, e eu e a Virgínia de cada lado.

Colocou as pernas em cima dos meus joelhos e entregou os pés a todos os meus caprichos. Despojei-os das pequenas chinelas de seda e massajei-lhe os dedos dos pés até vê-la semicerrar os olhos e ronronar como uma gata satisfeita. Pressionei-lhe a planta dos pés nos locais que sentia mais sensíveis – o prazer dos outros reflecte-se em mim próprio e reconheço facilmente quais os locais em que devo tocar. Haverá uma palavra grega para isso, com toda a certeza. Simpatia é “sofrer com”. Agora qual será a palavra para “gozar com”? O grego é essencial para estas coisas do prazer.

Chupe-lhe demoradamente cada dedo e acabei por morder-lhe gentilmente os pés, usando apenas dentes e língua. Ela só murmurou, como desfalecida – Vou-me vir. Pare, por favor... Pare... Pare... Pare... Não, não, agora não pare. O mal está feito.

Deixou-se ficar como adormecida, enquanto eu lhe acariciava os pés e as pernas perfeitas, mesmo com varizes.

Quando ela falou, estava eu já meio adormecido e sem fazer ideia do que estava a passar na televisão.

- Aquilo que eu lhe disse da Gina, de poder fazer amor com ela, não é brincadeira nem capricho. É mesmo a sério. São planos já tratados entre mim e ela, e não tem precisão de os saber nem convém que saiba. Considere-os razões de Estado ou coisa no género. Eu sei que o que tínhamos falado era que fizesse amor com a Gina só depois de passar em todos os exames. Mas feitas as contas, e como terá de fazer a oral de “Introdução”, o exame final pode calhar só em Outubro. É muito tempo e a coisa é urgente. Vamos...

- Vamos?

- Vamos é uma maneira de falar. Não estava a pensar num *ménage à trois*, embora a ideia não fosse de todo desagradável. Nada mesmo. Vai começar na segunda-feira da próxima semana, porque ela agora ainda está com o período. Para estarem à vontade, vou chegar tarde, aí por volta da meia-noite ou mais tarde ainda. E depois, quando estiver despachado, quero que volte para a nossa cama e me faça um relatório completo.

O telefone tocou e a minha dona, mas isto é que são horas de se telefonar para casa de alguém?, a minha dona atendeu.

- Sim?... Ah pois, compreendo... A estupidez do costume... Claro, é não, como sempre... Adeus, e não se esqueça de partir uma perna, as duas de preferência...

Provavelmente, estaria a desejar boa sorte a um actor em véspera de estreia.

Na noite seguinte, estávamos sós, eu e Virgínia. A minha dona fora visitar a filha e o genro, e só voltaria depois de jantar. Não me levava, porque acreditava que o Dr. Horácio não ficaria muito feliz por me ver, e eu também me iria sentir incómodo. É só pela minha filha, bem vê - e o tratamento por tu não era normal.

Jantámos quase em silêncio, na cozinha, porque, dizia eu, para que é que vamos sujar a sala se estamos aqui tão bem e a cozinha é mais fresca? Depois arranjei coragem para lhe falar no assunto que parecia um estúpido segredo de Estado.

- Sabe, Virgínia (ainda não ganhara suficiente confiança para a tratar por Gina) aquilo que a Dona Guilhermina falou no outro dia, é certo que para mim seria um grande prazer, porque sinceramente e a verdade tem que ser dita, acho-a muito bela e tem um corpo mesmo lindo, além de ser carinhosa, simpática e compreensiva. Mas não quero, nem de perto nem de longe, não quero que faça seja o que for contrariada ou para não magoar alguém ou por mero espírito de sacrifício. Eu digo à Dona Guilhermina que não quero, ou que fizemos amor e não gostámos, e acabou-se.

Virgínia fez-me uma festa na cabeça e, desta vez, tinha a cicatriz da face direita inteiramente virada para mim.

- Sou eu quem quer. Não é lá por dever, nem sacrifício, nem por nada disso. É mesmo por querer, por eu querer.

16.

Na tarde do Domingo imediatamente anterior à segunda-feira em que a Gina me seria dada a título de medalha de bom comportamento,

estávamos na cama para dormir uma sesta. Eu estava deitado de costas e a minha dona, com aquela técnica de ginástica que só ela sabia, sentou-se em cima de mim, depois de se ajeitar para que eu a penetrasse. E assim ficámos, imóveis, até ela sacar um volumezinho negro da sua mesa de cabeceira e começar a ler numa voz solene e pausada, como oficiante de uma nova liturgia baseada no sexo e em todos os seus indizíveis horrores:

Consenti pensamentos e desejos contra a castidade? Disse ou ouvi com prazer palavras inconvenientes e entoei ou ouvi entoar canções contra a castidade? Vi gravuras, livros ou jornais imorais? Tive olhares ou familiaridades culpáveis? Estou em perigo de pecar contra a castidade, não querendo evitar a ocasião? Frequentei animatógrafos, teatros, danças e outras diversões contrárias à pureza? Usei modas indecentes ou perigosas, dando ocasião ao próximo de pecar? Tive familiaridades com pessoas doutro sexo? Afastei-me da presença dos meus superiores em companhia de pessoas doutro sexo? Pratiquei acções contrárias à castidade comigo ou com outras pessoas? Fui causa de que outros pecassem contra a castidade?

Pousou o livro, abriu os braços em cruz e cruzou os dedos por detrás da cabeça, imagem viva do triunfo dos seus seios.

- Sim, eu sou a grande bacante que faz tremer os profetas.

E como o seu sorriso brilhava entre a cabeleira platinada.

- Amanhã, quando estiver com a Gina, não me esqueça nunca. Feche os olhos e pense em mim, tal como estou neste momento.

Nesse preciso momento, tocou a campainha da porta, de propósito para desfazer a magia daquela hora mágica.

- Quem será o grande cabrão ou a grande filha da puta?... Gina! – gritou o meu amor. – Vai abrir e diz que não estou!

No dia seguinte fui trabalhar. Só teria férias em Agosto. Mas a Repartição estava muito calma, eram poucos os contribuintes que entravam e eram mais os que se dirigiam ao balcão do Predial. Eu estava sozinho no balcão do Imposto Profissional e só atendi uma contribuinte, talvez mais velha do que Guilhermina, mas com uma conversa torrencial que servia para me distrair do que iria fazer logo à noite, e que era como a estreia de um novo filme ou de uma nova peça de teatro. Estivemos para ali duas horas à conversa. Ou talvez mais. Ela contou-me a história da sua vida, nunca trabalhara e agora via-se obrigada a costurar para fora. Tem graça, tal e qual como a minha mãe. O marido estava doente, totalmente paralisado, e viviam da pensão deste e do trabalho que ela ia arranjando. E que me diz da bomba?

- Qual bomba?

- Rebentou ontem à noite uma bomba num apartamento da Av. dos Estados Unidos. Deu no Telejornal. Parece que há dois mortos. Rapazinhos novos, imagine. Se calhar, da sua idade. E ainda há quem diga que a morte escolhe idades. Não escolhe, não.

Assim que pude fui à rua comprar o jornal. Efectivamente, havia dois mortos numa explosão. Segundo a Polícia Judiciária, que acorrera de imediato ao local (linguagem do periódico), os jovens estavam a construir uma bomba quando a mesma lhes explodiu nas mãos e os desfez em bocados espalhados pelo chão e pelas paredes. Um dos mortos era filho dos donos da casa e o outro era estudante do quarto ano de Direito. Não mencionavam os nomes. Abriu-se um enorme buraco no prédio e as janelas tinham-se estilhaçado na sua maior parte. Encontraram-se vestígios humanos na calçada, nos ramos das árvores e nos tejadilhos de alguns carros.

Severo não me dera o seu telefone. Mas eu tinha o número de telefone de um amigo dele.

- Olá, desculpa incomodar-te, mas sabes alguma coisa do Severo? Ele está bem?

- O Severo morreu – foi a resposta breve e quase enraivecida do outro lado. – Morreu. Ontem à noite. Não sabias?

- Não, só hoje é que me falaram numa bomba e, nem eu sei porquê, pensei logo no Severo.

Estava a mentir. Lembrava-me de o meu amigo me ter pedido para guardar uns caixotes lá em casa e eu negara-me.

- Não foi bomba nenhuma. Era uma notícia sensacionalista. Hoje já vem rectificado que o que os dois estavam a fazer era experiências de química, puramente científicas e nada mais. Parece que os pais do outro rapaz são pessoas influentes e foi assim que a verdade das pessoas influentes veio ao de cima.

- Quando é o enterro? E onde?

- Homem, ainda estão a juntar os bocados para poderem fazer a autópsia. E só depois é que deverá ser o enterro. Calculo que não seja bonito de se ver. O Severo... Meu Deus.

O outro oficialmente não acreditava em Deus, pelo que deveria estar mesmo muito abalado para recorrer a esta Última Instância. Pousei o telefone e procurei um recanto escondido para chorar silenciosamente. Era o meu primeiro amigo que morria.

Em casa, ao almoço, tive de explicar os meus olhos inchados e os soluços que de vez em quando me sacudiam.

- Foi um amigo que morreu. Parece que foi uma bomba.

Guilhermina afagou-me a cabeça e apertou-me contra o peito. E não disse nada. Virgínia tinha um peito mais confortável, mas limitou-se a fazer-me uma festa no braço.

- Nem tenho fome. Se calhar, como só uma sopa.

- Mas tens de comer, meu filho – fez a minha dona, dando-me aquele tratamento por “tu” que lhe era tão raro.

- Não tenho mesmo fome nenhuma. Um rapaz com tantas qualidades, coerente, escrupulosamente revolucionário, e às vezes capaz de um gesto de carinho, um amigo com tanto futuro, e morrer assim de uma forma tão estúpida.

- Um anarquista nunca pode ser um amigo – era Guilhermina a falar.

- Que importa que seja anarquista, quando se trata de um amigo? – e era Virgínia a enxugar-me as lágrimas com um lenço lavado que retirou do avental.

Guilhermina levantou-se e passeou ao longo da sala, de mãos nos bolsos das calças, e agora não parecia falar para ninguém em especial, pelo menos alguém que estivesse fisicamente presente naquela sala.

- Mais um pequeno nada para acrescentar ao grande nada. Haverá qualquer coisa? Sim, mas o quê?...

E voltou a sentar-se, fazendo com as mãos o gesto de quem espanta pardais.

- Não falemos mais de morte. Não é saudável.

A contribuinte que passara a manhã no balcão do Profissional passou pela Repartição e trouxe-me uma garrafa de *Old Parr*, de 15 anos. É do meu marido, mas o pobre já não pode beber, e quando lhe disse que tinha sido tão atencioso comigo... Mesmo que o senhor não beba, pode ser que alguém da sua família...

Our Mutual Friend informou que o corpo de Severo, quando se juntasse o que de facto lhe pertencia ou parecia pertencer, iria ser velado na capela mortuária da Igreja de São João de Deus, e que o enterro seria no cemitério de Benfica, num jazigo de família.

- O Severo? Com jazigo de família? Nem parece dele.

- Qual! É de uma família rica. A vanguarda revolucionária costuma ser filha de boas famílias. Os pobres não passam de uma cambada de ressentidos e se puderem trocar de lugar com o patrão nem pensam duas vezes.

Nessa noite, e tal como prometera, Guilhermina saiu e deixou-nos a sós. A verdade era um pouco humilhante e foi com o rosto a arder que eu tive de confessar a Virgínia que

- Hoje não vou conseguir. Estou triste, mas tão triste, tão triste, que nem sequer sou capaz de pensar em sexo. Não vou conseguir. Sei que não vou conseguir. Talvez amanhã.

A Gina tirara o avental e vestira uma camisa de noite rosada, transparente, que fazia visíveis à contra-luz as suas pernas poderosamente torneadas. Fez-me uma festa e ofereceu-me um sorriso tão doce como nunca lhe tinha visto, ela que não era muito de sorrir.

- Não faz mal. Eu não peço nada. Mas hoje está triste e é nessas alturas que mais precisamos de um amigo... ou mesmo de uma amiga. Venha deitar-se comigo. Se quiser, conversamos. Se não quiser, cala-se e adormece, e eu estou ali ao lado, ao alcance da sua mão, como se fosse uma irmã e nada mais, e não acontece nada.

Segui-a docilmente, não como o cordeiro que é levado ao matadouro sem refilar, mas como quem precisa de uma voz, de uma pele, de um cheiro amigo, e sabe onde é que o pode encontrar.

Deitámo-nos de frente um para o outro e eu coloquei a mão esquerda em cima da sua anca direita. E não disse nem fiz mais nada. Creio que adormeci porque Engels me apareceu em sonhos, num jardim de cerveja, ao lado de uma senhora ampla e de chapéu de palha, pelo que deveria ser Verão também na Alemanha. E ele, nos intervalos, virava-se para mim e dizia-me coisas... Ainda se o Severo fosse da tua família, pai, mãe, avó, aí até eu compreendia. Lembra-te que ele prometeu fuzilar-te, ou, se estivesse de bom-humor, mandar-te para um campo de reeducação. Enfim, como amigo já vi melhor... A culpa é nossa, que gostamos das pessoas não pelos seus méritos, mas porque gostamos, só por isso. Agora, pensa simplesmente que tens ao teu lado uma mulher fabulosa, verdadeiramente estatuesca. A tua indiferença ofende e magoa mais do que a cicatriz que a pobre já tem. Pensa nisso enquanto eu acabo esta cerveja.

O meu pénis estava a ser envolvido e massajado por dedos desconhecidos, que não eram nodosos, mas longos, carnudos, macios e anormalmente frescos. E trocámos o nosso primeiro beijo e só não traçámos ali mesmo o nosso destino, porque aparentemente já tinha sido

traçado por Guilhermina e nós éramos criaturas suas e éramos felizes assim. Eu era feliz no momento em que penetrei a Gina pela primeira vez e quase que lhe ia dizendo que a amava. Afinal não disse nada e tudo o que se ouviu foi o ranger das molas do colchão, sons molhados e as nossas respirações alteradas.

Adormeci novamente até a Gina me empurrar suavemente.

- A Dona Guilhermina acabou agora de entrar. Vai. Até amanhã. Dorme com os anjos e sonha comigo se quiseres. Ou se puderes.

17.

Depois de amanhã entrava de férias.

Guilhermina já tinha decidido e traçado o programa das festas, e só o contara à sua confidente Virgínia, a qual lhe dissera estar muito satisfeita comigo e que os bons amantes dão os bons maridos.

- Aonde vamos? – perguntei eu. – Se é que vamos a algum lado. Aqui também se está muito bem e Agosto é o melhor mês para ver Lisboa.

- O menino deixe isso comigo. Trabalhou muito, trabalhou bem, e merece um descanso. Está tudo planeado para ser uma surpresa e é só deixar-se ir como um náufrago de luxo. Tem este fim de semana para fazer as suas malas. Partimos na segunda-feira de manhã, o mais tardar pelas seis e meia. Não esqueça o seu passaporte.

Levantámo-nos da cama quando o despertador tocou às cinco e meia da manhã. Lavámo-nos mas não tomámos o pequeno almoço. Eu descí as malas, que Virgínia arrumou no porta-bagagens, e voltei atrás para confirmar com a minha dona que as janelas estavam trancadas, a água estava fechada e a luz só ficava ligada por causa da arca frigorífica. O telefone ficou desligado da tomada, para que ninguém de fora se apercebesse que ninguém estava em casa. E, por fim, a chave da porta de casa deu quatro voltas na fechadura de alta segurança, se é que existe alta segurança em qualquer parte deste mundo, mas já se sabe, é publicidade e a função do publicitário é mentir descaradamente.

Quando descíamos, vinha a subir as escadas um bombeiro, vestido de arco-íris chamuscado, com o cabelo cortado à escovinha. Àquela hora deveria trazer ainda o cheiro a esturro dos incêndios nocturnos.

- Vamos – comandou a minha dona, que vestira um simples vestido branco anos 50, com rosinhas de um vermelho desmaiado, e que se apertava na cintura com um fio dourado.

Virgínia vestia de igual, como irmãs gémeas nascidas em tempos e lugares muito diferentes. Era ela quem guiava e a minha dona sentara-se ao seu lado.

- Para não transformar isto num táxi.

Eu ajeitei-me atrás e vi que seguíamos para o Vale de Alcântara, em direcção à Ponte 25 de Abril. Ultrapassada a ponte, seguíamos em direcção ao sol nascente e as minhas mulheres (dava-me prazer pensar nelas assim, embora a verdade não fosse bem essa) as minhas mulheres puseram os óculos escuros. Deixaram-me tranquilo e eu fui-me envolvendo numa nuvem de algodão em rama, vizinha da inconsciência.

Em Elvas, a minha dona mudou-se para o lugar do condutor, a Gina trocou comigo, e eu fiquei no lugar do “pendura”. Daí a 12 quilómetros chegávamos à fronteira, exibimos os passaportes e deixaram-nos passar sem revistar a bagageira nem qualquer outra formalidade do Manual.

Tomámos o pequeno almoço numa área de serviço próxima de Badajoz e eu pedi leite e pão com queijo. Guilhermina pediu também pão com queijo manchego, tostas barradas em compota de laranja e um sumo de groselha. A Gina pediu sumo de laranja e torradas, que embebeu em azeite e cobriu de tomate e fatias de presunto. Elas pediram café. Eu não.

Quando seguimos viagem, a minha dona ia fazendo os seus pedidos.

- Dê-me água.

- Os meus óculos de ver ao longe. Estão dentro da mala, numa bolsa preta. Não é nesse fecho, é no outro logo a seguir. Esse.

- Passe-me o bâton. Está junto com o espelho.

Nessa noite iríamos dormir a Madrid. Passámos Mérida e tive pena que não tivéssemos parado para admirar *Emerita Augusta* e ver o anfiteatro em que se desenrolava o Festival de Teatro. Só parámos em Trujillo para almoçar. Eu pedi um gaspacho andaluz e uma salada de alface, tomate, batata, pepino, grãos de milho, ovo cozido e atum. No Verão, salada de atum com feijão frade era o género de comida de que mais gostava. Mas era coisa que ali não tinham e a *ensalada campera* era o que havia de mais parecido. Guilhermina pediu um alto pedaço de carne, que ainda sangrava do interior, sem batatas fritas nem mais nada a não ser umas amostras de cenoura, e uma cerveja, porque ia conduzir. A Gina pediu caldo do cozido e pescada à romana.

Guilhermina era de nós três a mais carnívora, e eu evitava olhar para ela, porque o sangue é coisa que me incomoda. Não importa que seja

meu ou dos outros. Era como se me envergonhasse dos meus antepassados que ainda desconheciam o fogo e comiam carne crua, com todo o seu horrível fedor a decomposição.

Entrámos em Madrid por volta das cinco horas, tempo de Espanha. Agora era a Gina quem conduzia e eu ia ao seu lado. O problema foi estacionar. Demos voltas pacientes pelas ruas estreitas, à espera de que alguém levasse algum carro dali para fora, e a paciência foi recompensada. Conseguimos estacionar numa rua paralela à Ópera e a minha dona disse para levarmos connosco apenas a minha mala, que era leve, e outra, de cor castanha, com roupa dela e da Gina, só o essencial para uma noite.

Fomos ficar ao Hotel Francisco I, na Calle del Arenal, que incluía dormida e pequeno almoço, e até nem era caro. Guilhermina já reservara dois quartos – um para nós dois, outro para a Gina.

Comemos algo rápido só para enganar a fome, porque tínhamos bilhetes para uma zarzuela no Centro Cultural Colón – parece-me que se chamava “Água, azucarillos y aguardiente”, não estou certo porque tinha sono e Guilhermina dava-me constantes cotoveladas para que eu despertasse, mas normalmente só acordava com os acordes mais fortes dos finais dos quadros.

E depois sim, jantámos numa *terrazza* da Plaza Mayor, gozando a tepidez de uma noite em Madrid, com as esplanadas a abarrotar de gente, tão alegre e tão faladora, ao contrário dos Portugueses, normalmente tristonhos e calados, como que amarrados a uma fatalidade que não perdoa e que é a de serem Portugueses e, portanto, masoquistas em estado puro.

Gina e Guilhermina falavam em castelhano e eu ia percebendo alguma coisa, que português e castelhano são línguas muito parecidas e o que mais as diferencia é a pronúncia. Mas há palavras totalmente diferentes, como *tobillo* (tornozelo) ou *conserje* (porteiro) ou *lechuga* (alface). Que seria, por exemplo, *follar*? Teria a ver com culinária – mil folhas, massa folhada, coisas assim? Riam-se, pelo que deveria ser algo muito gostoso mesmo. Depois atentando melhor no riso escancarado que as sacudia quando me olhavam, percebi que deveria ser coisa malandrecas, sem qualquer relação com os tachos e as panelas. Para pô-las à prova, disse, com cuidado para que mais ninguém me ouvisse – *Quiero follar*. Então é que nunca mais paravam de rir até a Gina conseguir dizer, quase em lágrimas – *Que si, que si, tranquilo*.

Madrid, às quatro da manhã, tinha tanto movimento como Lisboa às cinco da tarde.

- Por isso chamam aos madrilenos “los gatos”, por gostarem tanto da noite – explicou a Gina.

Eu ia deitar-me com Guilhermina, quando ela me apontou o dedo, ou melhor, apontou para a porta.

- Não, não. Primeiro a obrigação, depois a devoção. Vai mas é ter com a Gina, que está no quarto aqui mesmo ao lado e que é o 412, para não ir bater a outra porta por engano. Não quero escândalos.

Guilhermina estava enganada. Era como se dissesse que só ela era o verdadeiro prazer e que a outra era apenas o cumprimento de um dever. O que não era verdade. A Gina, para mim, não era obrigação nenhuma, fazia também parte do prazer, como se o gozo tivesse duas caras e dois corpos diferentes mas que se completavam e juntos eram a perfeição absoluta. Mas eu não podia dizer que ambas eram a minha devoção, porque as hierarquias são inevitáveis e Guilhermina era a minha Dilecta, porque só ela conseguia acumular a amante experiente e a substituta para uma mãe autoritária. Até já me torcera um braço. A verdadeira essência da Dona Odete. E aquilo que lhe faltava, e que faltava também à Dona Odete, podia encontrá-lo na Gina – a mãe sempre carinhosa, sempre compreensiva, e para quem as lágrimas não são pura pieguice. A pessoa junto de quem posso corar à vontade porque não vai pensar *cosas raras* a meu respeito.

Quando saí de junto da Gina, já era dia. Enrosquei-me no corpo de Guilhermina, porque o ar condicionado refrescara e estava nos 16°. Tinha tanto sono que só despertei quando a minha dona me abanava.

- Faustino, aqui só dão o pequeno-almoço até às dez e falta um quarto para o meio-dia. Levante-se e vá-se lavar. Eu deixei lá fora o letreiro “No molestar”, mas ao meio-dia temos de deixar o quarto. Mas, pensando bem, vamos ficar aqui mais uma noite. Tenho uma coisa a fazer esta tarde aqui em Madrid. Seguimos viagem amanhã. Parece-lhe bem?

Eu fiz o gesto de que qualquer coisa me pareceria bem, principalmente quando não sei de que se trata.

Tomámos o pequeno-almoço na Calle del Arenal e fomos a pé até ao Museu do Prado, que o calor ainda era suportável. Queria ver “Las lanzas” de Vélasquez, mas não estava em exposição, estava nas oficinas de restauro. Mas lá estavam os El Grecos e os Goyas e os Zurbarán, e foi uma festa para os olhos. Guilhermina não se dignou olhar para os rostos apavorados dos patriotas madrilenos que eram fuzilados no quadro de Goya. Mudou apressadamente para o quadro ao lado. Eu pensei em Severo e tive pena de o não ter ali a meu lado. Em História a morte nada resolve, apenas adia os problemas.

De tarde, depois de almoço, Guilhermina pôs-nos uma questão – Eu tenho de ir ao médico. Posso ir a qualquer hora, que ele atende-me. A questão que vos ponho é esta: dormimos primeiro a sesta e depois vou ao médico, ou vou primeiro ao médico e depois dormimos a sesta?

Eu olhei a Gina e pareceu-me que ela já estava de acordo comigo mesmo antes de eu falar.

- Primeiro o médico. Depois descansaremos melhor.

Ia dizer “primeiro a obrigação, depois a devoção”, mas parece mal devolver aos outros, inteirinhas, as suas próprias frases, principalmente quando são tolas.

Gina concordou. Também lhe parecia boa ideia. E se pudesse ir ao médico ainda antes de almoço? Melhor ainda.

Circular de carro em Madrid era difícil e Guilhermina não queria perder o lugar de estacionamento que conseguíramos na véspera. Assim, fomos de “metro” e saímos na estação de Conde de Casal. Subimos a Calle O'Donnell e Guilhermina entrou num edifício alto que parecia um grande hospital em ponto pequeno e que era a Clínica de Santa Filomena. Eu queria acompanhá-la, mas a minha dona foi peremptória, como sempre aliás.

- Não. Eu vou sozinha. Vocês esperam-me aqui nesta esplanada. Penso que não irei demorar.

Gina e eu sentámo-nos numa esplanada, à sombra de um imenso guarda-sol. Pedimos dois sumos de laranja e ela especificou ao *camarero*:

- *Para mi no le pongas hielo.*

Perguntei-lhe se Guilhermina estaria doente, para aproveitar a nossa passagem por Madrid para ir ao médico. Mas Gina foi evasiva.

- Não, que eu saiba. Doente não está. Deve ter assuntos a tratar com o médico. Nada de cuidado.

Só me tranquilizei quando vi o rosto de Guilhermina à saída da porta da Clínica – um sorriso aberto, de triunfo, que lhe embelezava ainda mais as rugas do seu rosto adorado, e era por isso que ela era a minha dona e as grilhetas não incomodavam.

- Está tudo bem?

Ela apertou-me nos seus braços musculados e beijou-me à descarada, ali mesmo em plena Calle O'Donnell, um beijo longo e chupado, o que me obrigou a sentar para não dar escândalo à custa das minhas calças.

Depois abraçou apertadamente a Gina, beijou-lhe as faces e acariciou-lhe a marca da cicatriz com carinhos de mãe.

- Oh, meus queridos, sou tão feliz! Vamos celebrar. Logo vou levá-los a jantar onde só vai a realeza.

Era um restaurante onde as pessoas geralmente só iam de *limousine* e motorista fardado, e os preços eram impróprios para cardíacos pobres. Não fixei o nome, porque era daqueles restaurantes que, por fora, pareciam agências bancárias de província, e só por dentro eram restaurantes de luxo. Para afastar a ralé, se bem que dificilmente a ralé teria dinheiro para pagar uma simples entrada. Traficantes de droga não trazem nenhum sinal particular na testa e confundem-se facilmente com banqueiros sem cadastro, pelo que não há maneira de lhes barrar a entrada nos restaurantes onde a realeza se alimenta.

Um indivíduo alto, de porte mais que marcial (parecia ter engolido uma tábua inteira e ainda não se ter conseguido livrar dela por meios naturais), fardado de um verde vegetal, mas mais claro do que os autocarros da *Carris*, coberto de medalhas, aproximou-se de Guilhermina, bateu os tacões e curvou-se numa cortesia de 90°, como se a minha dona fosse também a Comandante-em-Chefe do exército em que militava. Disse da honra tremenda que era revê-la e desejou que melhores tempos viessem. E acrescentou “para todos nós”. Era um saudosista, um antigo herói do Exército Nacional, combatera sob as ordens directas de Queipo de Llano, e agora que já se podia falar mais ou menos livremente, passara a ser mais conhecido como carnicheiro, adepto dos fuzilamentos expeditos logo antes do amanhecer. Todos os meses fazia uma romagem ao Vale dos Caídos, onde repousavam as ossadas do seu herói Franco, que José António Primo de Rivera não contava, era apenas um ornamento e uma desculpa.

Guilhermina apresentou-nos:

- A minha família – Faustino e Virgínia. O Sr.General Varela, um amigo de longa data.

Eu cumprimentei. Virgínia negou-se, alegando que torcera um pulso e realmente não podia. *Lo siento mucho*. Notei que ficou sentada, com a palma da mão direita a tapar a face retalhada pela cicatriz.

Sáímos do restaurante já era quase meia-noite, e não consegui aperceber-me de que lá tivesse estado algum membro da realeza – de qualquer modo, só conhecia as fotografias do Rei e da Rainha que vinham nas revistas, e talvez em pessoa fossem muito diferentes. Bebera pouco, mas era um vinho muito forte e senti-me com muita vontade de amar e dormir logo de seguida.

No outro dia levantámo-nos mais cedo, ainda a tempo de tomar o pequeno-almoço no Hotel e regresssei, uma mala em cada mão, ao sítio onde deixáramos o carro estacionado.

Nem perguntei para onde íamos porque um dos meus filmes franceses favoritos era *La Voyage Surprise*, e aquela viagem para mim era surpresa atrás de surpresa. O que é muito agradável quando se viaja na companhia de quem se ama e que é o encenador daquela peça de que nunca lemos o texto.

Seguimos para sul, pela Estrada de Valência, a Nacional III. A A3 ainda não fora inaugurada. Passámos Fuentidueña del Tajo e vi o Tejo da minha aldeia, não, o Tejo não era o rio da minha aldeia, mas eu via-o do alto da minha água-furtada na Junqueira, por isso era como se fosse da minha aldeia. Era estreito, mas diziam que muito profundo, quase como um filósofo alto e muito magro.

Estávamos já em Castilla-la-Mancha quando a Gina disse qualquer coisa ao ouvido de Guilhermina. Esta avançou um pouco mais e, assim que encontrou terreno livre, abandonou a estrada e estacionou. Gina saiu a correr, encostou os braços a uma árvore e começou a vomitar. Eu e a minha dona saímos a correr atrás dela. Guilhermina colocou-lhe maternalmente a mão em cima dos ombros.

- *Que te pasa, cariño?* – perguntou ela.

- *Que te pasa, cariño?* – repeti eu, sem saber que mais dizer, pois o meu vocabulário castelhano era ainda muito limitado, pouco mais do que *te quiero* e *gracias*, o estritamente suficiente para uma amizade sem complicações ou um amor reduzido ao básico.

Os vómitos abrandaram e a Gina sorriu para tranquilizar-nos. Não era nada.

- Foi o jantar de ontem, com certeza – aventou Guilhermina, incrédula. – Estava muito pesado e muito condimentado. Foi isso, com certeza. Eu também fiquei um pouco, como dizer?, enfartada. Agora quando pararmos, chazinho de camomila e torradas, nada mais.

Íamos na direcção de Cuenca e a minha dona revelou-me os planos para as próximas 24 horas. Íamos deixar a Gina na sua terra natal, Albaladejo, para rever a família que já não via há dez anos, o que é muito tempo para qualquer família. Por sua vez, nós iríamos ficar em Villaverde y Pasaconsol, que distava apenas cinco quilómetros de Albaladejo.

- Em casa de quem?

- Na minha casa. É uma espécie de solar em ponto pequeno, e tem um quintal. Comprei-a há dez anos, mais ou menos quando conheci a Gina.

Víamos dali a barragem de Alarcón a brilhar ao sol. A água tinha uma tonalidade azul turquesa que era muito bonita e dava vontade de flutuar sem preocupações com o destino.

A minha dona estacionou o carro na garagem e aproximou-se um gigante calvo, com um colar de cabelos brancos a rodear-lhe a calva luzidia. Vinha de boina na mão e era o caseiro, a pessoa que tratava da casa na sua ausência.

Cumprimentei e fiquei a ouvi-los falar daquela forma torrencial que me era inacessível. Mas já o som da língua era o suficiente para me fazer feliz, mesmo que a não compreendesse. Guilhermina estaria dando as suas instruções daquela forma imperial que só ela tinha, e que me tentava a chamar-lhe czarina, se ela não retorquisse acidamente que as czarinas eram todas umas putas.

Uma jovem muito bela, com olhos que me recordavam as ilustrações de livros infantis, trouxe um cesto de vime com o nosso almoço, coberto por uma toalha. Cheirava bem, a pão acabado de cozer, e trazia especialidades da região, como *gachas*, *ajo arriero* e *morteruelo*, também um *tupperware* de carne com tomate. Acompanhava uma garrafa de um vinho da adega cooperativa, feito exclusivamente das uvas da região – *Vinos Mejeda*. Uma delícia para os sentidos, da qual se podia acordar sem remorsos nem dores de cabeça.

- *Gracias, Celina. Que guapa estás! Y la familia que tal? Tu papá, tu mamá, tus hermanos, todos bien?*

Celina entregou uma chave negra. Que o Senhor Cura lha dera para que Guilhermina pudesse ir visitar a cripta da igreja a qualquer hora que lhe conviesse. Não era um empréstimo, era uma dádiva. Se quisesse vir de noite, conviria trazer luz, pois o Sr.Cura desligava sempre o quadro depois de rezar a missa das sete. Por medo aos incêndios ou por espírito de economia, não se sabia ao certo.

Depois de almoço, fizemos amor na cama do quarto da minha dona, que parecia ter vindo directamente do saque de algum palácio, pois era uma cama em dossel, com colunas finamente torneadas. E depois adormecemos em paz. Eu pelo menos. Nem sequer ouvi as palavras que Guilhermina sussurrou e que se as ouvisse me teriam dado o calafrio das grandes contrariedades - “Se calhar, já não precisas de voltar a fazer amor com a Gina”.

Quando acordámos, eu tinha a boca a saber a papéis de música, mas vestimo-nos à pressa porque ela só me dizia “Despacha-te. Despacha-te.” E eu sem descortinar o porquê de tanta pressa.

Cada um levava uma lanterna eléctrica com um projector suficientemente grande para iluminar toda uma sala. E, por segurança, eu levava também fósforos e um candeeiro a petróleo. Velas não fariam falta. Em caso de necessidade, na Igreja haveria muitas.

Passámos por dois engenheiros, vestidos de fato-macaco, com o cabelo cortado à escovinha, que seguiam ensimesmadamente pelo caminho de terra, de mãos atrás das costas, um deles segurando um jornal, o outro empunhando um cachimbo, e que nem sequer saudaram, ao contrário do que é costume nas terras pequenas. Lembrava-me de umas férias na Sanguinheda, concelho de Arganil, em que me tinham dito que devia falar a toda a gente, pois éramos todos primos. Todos somos primos uns dos outros.

Entrámos por uma pequena porta de madeira, fazendo uma ogiva gótica, mas tratava-se de puro revivalismo, pois a igreja antiga fora deitada abaixo e a actual, aquela em que agora entrávamos, ainda nem dez anos completara.

Descia-se por uma escadaria estreita e sombria. Ou seja, mesmo durante o dia deveria ser sombria, porque descera o crepúsculo e a escuridão ali já era completa. De luzes acesas, entrámos na cripta, onde apenas estava um túmulo, com a estátua jacente de um cavaleiro medieval, de armadura completa, e de mãos fechadas no punho de uma espada, como se não renunciasse aos prazeres da guerra nem mesmo depois de morto.

- Amor, este túmulo não pode ser desta igreja. Esta cauda não é deste gato. Não é? A igreja é relativamente recente, quase acabadinha de estrear, o túmulo terá os seus 700 anos, sabe-se lá... E os senhores feudais não se enterravam em capelinhas perdidas nos campos. Tanto na vida como na morte gostavam da grandeza.

- Que esperto que o menino é para umas coisas.

E para que eu não visse uma censura nas suas palavras, beijou-me ao de leve nos lábios, só muito ao de leve, mas o bastante para me arrepiar todo. Eu sentia, não era o medo puro e simples, era a presença de algo opressivo, e se não estivéssemos numa igreja, diria que era coisa maléfica, algo que tinha a ver com pecado, mas não com os pecados normais. Era o Grande Pecado, o que nunca aparece nos catálogos destinados ao público, e que é exclusivo de uma minoria de *gourmets* do sétimo dia.

- Todos os meses mando dinheiro ao cura, para que mantenha a cripta alumiada. Vê aqui alguma luz? Não, pois não? Menino, vá lá acima, ao altar de Nossa Senhora, e tire um castiçal que lá está e que, se bem me lembro, dá para oito velas. Traga-mo cá.

- Amor, e não será pecado?

- Pecado? Faustino, tudo o que aqui está, a Igreja, a cripta, tudo o que aqui está fui eu quem pagou. Fui eu quem pagou a demolição da Igreja velha e a construção da nova. Tudo isto me pertence. Então, vá lá, deixe-se de pieguices e traga-me o que eu lhe pedi.

- E deixo-te aqui sozinha, amor?

- Eu fico bem. E não me trate por “tu” e logo aqui. Peço-lhe um pouco de respeito. Pode ser?

- Prometo, senhora minha. As suas ordens serão cumpridas. Se precisar, grite que eu venho num instante.

Esqueci o sacrilégio que ia cometer. Como as velas estavam apagadas, o pecado não tinha a gravidade que teria se as velas estivessem acesas. Privar Nossa Senhora da sua luz seria muito pior. Eu só cumpria as ordens da minha dona, a quem não podia negar nada, mas mesmo nada, porque me ensinara o amor e me proporcionava todas as coisas boas da vida doméstica, até o privilégio de dormir com a Gina.

Desci novamente as escadas da cripta, levando o castiçal que fora de Nossa Senhora. Guilhermina colocou-o num pequeno altar e acendeu as velas. Com as nossas lanternas também acesas, havia agora luz suficiente para me aperceber de todos os pormenores. Os lados da sepultura tinham cenas de caça e inscrições em latim, muito carcomidas pelos séculos. Das paredes escorria uma humidade persistente, insidiosa, de uma cor verde, como se se estivessem a formar pequenas algas em redor da sepultura.

Guilhermina ajoelhou-se e rezou. Eu fiz o mesmo, rezei um Pai Nosso pelo eterno descanso daquele que há tantos séculos ali repousava, fosse ele quem fosse.

- Quem é?

- Não me pergunte. Porque não lhe posso responder.

Ela estava comovida e eu apertei-lhe as suas mãos nas minhas para a confortar.

- Não perguntarei, descanse. Todos temos direito aos nossos segredos.

Mas foi difícil resistir. O mistério estimula a tentação.

- Pessoa de família?

Guilhermina não respondeu. Porque não podia responder.

18.

O nosso destino era La Manga del Mar Menor, uma língua de terra que separava o Mediterrâneo do Mar Menor. Ficaríamos instalados no *Hotel Galúa*, mesmo em primeira linha de praia, ou seja, bastava descermos três degraus e estávamos na praia. Dava para o Mediterrâneo, o que era uma vantagem – a água não era tão quente nem tão salina como a do Mar Menor, e não havia *medusas* (alforrecas) em tão grande quantidade como as que proliferavam neste último.

Naquele ano de 1979 ainda era possível avistar o Mediterrâneo de um lado e o Mar Menor do outro. Depois, uma urbanização inteiramente anárquica veio tapar completamente a visão simultânea de ambos os mares e o acesso ao Mar Menor tornou-se difícil. Havia uma única avenida que percorria quase toda a língua de terra e, pelo menos ao km 8, havia uma saída para um pequeno porto de onde zarpavam barcos para cruzeiros por entre ilhas que tinham história, pelo menos a de um marido ciumento casado com uma russa que gostava de se banhar nua, exposta aos olhares dos pescadores. Isto no Mar Menor.

Tinham-nos arranjado quartos no 5º. andar para a minha dona e para mim, e no 6º. andar para a Gina. Guilhermina esteve horas aos gritos a tentar convencer a recepcionista a colocar a Gina num quarto ao lado do nosso. Era o escândalo que a preocupava. Alguém podia ver-me a fazer o trajecto entre os quartos e nunca se pode adivinhar o que é que alguém fará a um segredo que tenha encontrado por casualidade. Por fim, Guilhermina falou com o casal que estava no quarto ao lado, e que tinha um filho com 18 meses, e a conversa deve ter sido produtiva, porque eles prontificaram-se para trocar de quarto e ainda agradeceram.

Ficámos todos no 5º. andar, com vista directa para o mar e para o farol do Cabo de Palos.

O Hotel estava cheio. O que se notava pela sala de jantar. Estávamos alojados em regime de pensão completa e, ao jantar, se não chegássemos até às oito e meia, teríamos de nos colocar numa fila enorme e esperar que nos tocassem a vez. O que fazia a minha dona agarrar-nos pelas mãos e arrastar-nos para fora – Meninos, hoje vamos jantar a outro lado. Convido eu.

A Gina ainda se queixava de náuseas pela manhã, mas passados dias anunciou que já se sentia melhor e que não era nada. Mas agora tinha momentos de introspecção mais frequentes; não era que estivesse preocupada, não parecia preocupada, mas estava como que um pouco longe de nós, num mundo só dela, temporariamente vedado ao exterior. Não me olhava de frente, olhava para além de mim próprio, como se fosse aí o lugar onde eu deveria estar se o mundo estivesse correcto e não fosse uma sucessão de acasos sem sentido aparente.

A vila não tinha nada que ver; era um amontoado de casas ainda com espaço livre para mais casas. Estávamos ali só pela praia, que era muito limpa e de águas transparentes. Poderíamos avançar ainda por bastantes metros com água pela cintura e ver pequenos peixes a evolucionar entre as nossas pernas.

Gostava de passear à beira-mar com a minha amada e colocar-lhe a mão em volta da sua confortável cintura.

- Mas não vê que me compromete? O que dirão as pessoas se souberem que não somos casados? Aqui estamos muito expostos e muita gente sabe quem sou. Na verdade até nem sabem, mas pensam que sim, que sabem quem eu sou. As pessoas falam. Não podemos evitá-lo.

Não respondi, porque sabia que se fôssemos casados também falariam.

- Ah, o assunto não lhe interessa.

- Não é que não me interesse. Por mim, casava contigo já hoje. Mas como é assunto para duas pessoas, deixo a decisão contigo. Estamos muito bem como estamos. Mas se decidires que devemos casar, eu creio que isso não vai prejudicar nem arrefecer o nosso amor. Diz-se que aquilo que se faz por obrigação não tem graça. Eu penso o contrário. Gosto de ter obrigações. Talvez esteja errado. De certeza que estou errado. Mas a ideia de todo um sacramento, nem que seja apenas uma cerimónia civil, só para te lambar e penetrar, dá-me uma sensação de pecado profundamente excitante. Não devia ser assim, mas é porque sou católico. Perdoa.

- Se calhar, a Gina é mais sossegada na cama.

- Mais senhora – concordei.

- Está bem. Se isso o entusiasma assim tanto, tanto que nem se nota, podemos perfeitamente casar. Mas não me trate por “tu”. Já sabe que eu não gosto.

Costumávamos passear depois do jantar e quando voltávamos reunimo-nos na varanda, em volta de uma mesa de plástico e jogávamos

aos dados ou ao dominó. Guilhermina ganhava quase sempre. E nas raras ocasiões em que perdia, mostrava um mau humor tão ostensivo que eu não resistia a fazer-lhe cócegas na sola dos pés, só para a ver rir mesmo sem vontade.

Tinha mau perder.

- Vá, vão lá fazer amor e deixem-me em paz. Hoje não estou nos meus dias. Vá. Deixem-me.

Uma noite, a Gina deitara-se cedo, e nós os dois, eu e a minha dona, ficámos sentados na varanda, a ver a lua cheia que se reflectia no mar. Estávamos de mãos dadas, e eu, naquele momento, não pensava em nada. Estou a mentir, por acaso até pensava.

- Lembras-te de, certa noite de luar, não, ainda era dia, era de tarde, no Tamariz, e tu perguntaste quando é que me tinha surgido o problema de corar?

- Vagamente. Curiosidade. Sim, foi por curiosidade, talvez à mistura com um pouquinho de maldade. Eu, às vezes, sou assim. Mas não foi só por malvadez, isso te garanto. Foi porque achava graça ao modo como mudavas de cor e bastava para isso pronunciar certas palavras. Nunca consegui perceber porque é que coras dessa maneira e logo quando as pessoas podem fazer de ti uma ideia errada; que eu própria já comprovei que era errada.

Deixei-me escorregar na cadeira de plástico, até ficar meio sentado meio deitado e sentir-me pronto para abrir as portas do sub-consciente.

- Sim, foi uma vez que apareceu uma jarra partida lá em casa. Não fui eu quem a parti, ainda hoje não sei quem foi. Estávamos lá em casa a brincar os três filhos dos vizinhos do lado, e eu que era filho único. A minha mãe chega, vê a jarra e pergunta “Quem foi?”. Ninguém se acusou. Eu não tinha sido, mas fiquei vermelho, e a minha mãe “Pronto, já sei quem foi”. Quando ficámos sozinhos, deu-me uma sova até as mãos lhe doerem. Eu tinha seis anos.

A minha dona ajoelhou-se e apoiou os braços nos meus joelhos, como se rezasse ou pedisse perdão.

- Podemos casar em segredo, em Espanha ou em Portugal. Em segredo, quero dizer, sem avisar... Que seja uma surpresa para todos, para a tua mãe inclusive. Era boa ideia, não era?

Eu concordei preguiçosamente, acenando com a cabeça. Por mim estava bem. Puxei-a para mim e beijei-a nos lábios, porque nesse momento tinha falta de palavras.

- Mas quero algo em troca. Não é bem uma troca. É mais uma exigência. Que peça eu o que pedir, seja lá o que for, que não mo negues.

- Tubo o que me pedires eu te darei, menos a cabeça de São João Baptista. A cabeça de São João Baptista não ta dou. Agora para o resto podes contar comigo.

- Sim. És tonto. Que tonto que tu és, menino. E outra coisa, faça eu o que fizer, nunca ponha dúvidas nem obstáculos, porque eu é que sei. Repito: Eu é que sei. Obedeça quando eu mandar e não faça perguntas, que dou-lhe a minha palavra que é o melhor para si, e eu sou mais do que sua mãe. Estamos compreendidos?

- Sim, creio que sim, czarina primeira. Quer que eu discuta, reflita, mas que obedeça quando se chegar à altura de mandar. É isso, não é?

- Seja o que for, mesmo que seja assim tão disparatado como diz. Nunca me venha com desculpas, nem com a moral, nem com os bons costumes, nem com nenhuma dessas parvoíces. Se for crime ou se for pecado, o problema é meu, não é seu. A minha vontade é a sua lei, mas a minha lei é doce e brandas as suas penas.

E depois de um intervalo, depois de se terem apagado as luzes de todas as varandas, e termos ficado banhados apenas pelo luar e pelos seus reflexos nas águas do Mediterrâneo, Guilhermina ainda acrescentou:

- Falou de sacramento, mas vamos casar pelo civil. É mais rápido e não se perde tanto tempo em costureiras. Amanhã telefono aos meus advogados em Lisboa e em Madrid, e creio que poderemos casar ainda estas férias. Onde nasceu?

- Em Torres Vedras, freguesia de Santa Cruz, no dia 5 de Março de 1960.

Guilhermina tomou apontamentos na agenda que guardara no bolso do seu vestido de Verão. Normalmente, quando se tratava de assuntos pessoais, ela escrevia em alemão, porque o polaco, conforme ela dizia, varrera-se-lhe completamente da memória com o trauma da guerra e a fuga para a Suíça, que já nem se recordava como lá chegara. Nem sequer do seu passado anterior a essa fuga.

- Provavelmente, seria puta. Sempre foi esse o meu grande sonho. Por falar nisso, Faustino, estou a morrer por aquela carícia que só o menino sabe. Venha, satisfaça a sua lobinha.

Nos documentos que lhe tinham sido arrançados pelo Cônsul de Portugal em Zurique ficara registado que Guilhermina era filha de portugueses e que nascera em Varsóvia em 1 de Junho de 1913. Não deve ser verdade, mas para o que é serve muito bem.

Não era verdade, esclareceu. Nascera em 6 de Fevereiro de 1912 e era Aquário, não Gémeos. Mais um caso de memória selectiva.

No caminho da volta, ficámos em Madrid e Guilhermina alugou um apartamento na Plaza Mayor por uma semana. Penso que uma semana é suficiente, disse ela.

Foi. Casámos a uma terça-feira e continuei a desejá-la com a paixão de antes. O casamento não fizera estragos. Mérito de Guilhermina, que nunca se fazia monótona. Era sempre surpreendente, muitas vezes tempestuosa. Raras vezes agressiva a valer, quando arranhava e mordia, o que misturava sempre com uma linguagem tão refinadamente porca que até os pêlos do peito se me eriçavam de prazer. Mas nem sequer me proibira a Gina, que até foi a nossa madrinha de casamento, junto com um militar reformado, que não parecia caber em si de orgulhoso com a honra que lhe coubera.

No dia seguinte, fomos à Calle O'Donnell, e Gina e Guilhermina entraram na Clínica de Santa Filomena, enquanto eu ficava à espera delas, na esplanada ao lado, na companhia de um café, uma gasosa e uma edição de “Sons and Lovers”, da *Wordsworth Classics*.

Esperei uma hora, ou mais. O tempo estava a transformar-se numa eternidade quando por fim elas saíram, de óculos escuros e expressão fechada. Sentaram-se a meu lado, a Gina pediu um sumo de laranja natural – *no le pongas hielo* – e Guilhermina pediu uma cerveja. A minha dona aflorou a minha orelha direita com os lábios e só disse:

- A Gina está grávida.

19.

Estávamos novamente em Lisboa, e faltavam dias para fazer a minha oral de “Introdução ao Estudo do Direito”.

Guilhermina anunciou – Esta noite vamos jantar a casa da minha filha Dora.

Parecia que o Dr.Horácio, mesmo sem saber do casamento que se fizera nas suas costas e nas costas de toda a gente afinal (a Dona Odete ainda não sabia de nada e eu hesitava quanto ao momento certo de a informar), parecia que o Dr.Horácio já me aceitara na categoria dos factos

consumados, embora a sua opinião mais favorável fosse a de que eu não passava de um arrivista intriguista e o que queria na verdade era só o dinheiro da velha e de preferência todo inteiro, sem faltar um tostão.

Dora beijou-me na face, e foi simpática, como Portomayor que era.

O Dr. Horácio cumprimentou-me com toda a afabilidade e perguntou-me se ainda continuava a trabalhar nas Finanças, o que ele já estava farto de saber, e se estava a gostar do Direito. Estava. E, logo de seguida, com o seu sorriso de “não custa nada, não vai doer”, bateu uma palmada suave nas costas da sogra e não resistiu a vangloriar-se:

- E a quem é que se devem essas boas cores e esse sorrisinho nos lábios, hem? Quem é que é amigo, diga lá ao seu genro preferido?

Guilhermina tomou o seu ar mais Portomayor e mais Alpoim.

- Caríssimo genro, se tenho consolada a matriz e o rabinho feliz, quero pensar que é exclusivamente por mérito meu e do meu jovem amigo, e não de qualquer alcoviteiro.

Fui eu quem corou e não o Dr. Horácio. A este nada o fazia corar.

Dora parecia feliz por nos ver. Talvez estivesse, de facto, porque era uma pessoa simpática por natureza, e era impossível não gostar dela, a não ser que se guardassem más recordações de pessoas simpáticas. A dada altura, ia levar o copo de vinho à boca, quando parou a meio e o pousou com infinita cautela, como se tivesse medo de o quebrar.

- Então, e quando se casam?

Guilhermina olhou-me de olhos bem abertos, como alemães expressionistas a mostrar espanto. Depois virou-se para o genro:

- Casar... Ora aí está uma coisa em que ainda não tinha pensado. Mas olhe que a ideia não é completamente parva.

Não sei o que aconteceu, mas começámos a rir como loucos, e a sua perna esquerda esfregou-se na minha perna direita de um modo convulsivo. Eu queria parar de rir, mas não conseguia. Quanto mais eu ria, mais Guilhermina ria também. Era impossível parar e era altamente contagioso.

Quando serenámos, o Dr. Horácio sorveu um gole de vinho e adiantou:

- Compreendo. Realmente, era uma ideia sem pés nem cabeça, casarem com uma tão grande diferença de idades. Só se fossem doidos.

- Casar. Pensando bem, a ideia até nem é tão parva como isso. Por aí se vê como a minha Dora é inteligente. E não o digo por ser minha filha. É que, na verdade, até já estamos casados. Casámos em Madrid, em 28 de

Agosto passado. Não dissemos nada a ninguém para fazer-lhes uma surpresa.

O jantar prosseguiu depois de muitos “Oooooohs” e de muitos “Aaaaaaahs”, e das felicitações e dos desejos do Dr.Horácio de que fôssemos muito felizes e tivéssemos muitos meninos. A falta de sinceridade era patente e Dora parecia algo preocupada. Talvez pensasse na herança, mas ela nunca me pareceu do tipo mercenário e para mais era ela a sucessora no título dos Portomayor (a Condessa Dora) e já recebera a sua parte na herança paterna. Seria por outro motivo.

- Então, agora o Faustino é meu padrasto. Que situação mais...

- Inesperada? – arrisquei.

- Caricata. Que situação mais caricata. Um padrasto mais novo que a enteada. Mas a vida é assim. E todos têm direito à felicidade. Se fizer a minha mãe feliz, porque é que eu não hei-de ficar feliz também?

Não sabia que lhe responder, e portanto nada disse. Sim, porque é que Dora deveria ficar infeliz com a eventual felicidade da que para todos os efeitos era a sua própria mãe? Olhei para Guilhermina e acariciei-lhe a mão nodosa, já manchada pela idade, como se quisesse fazer uma promessa mas as palavras ainda não estivessem devidamente formadas e nos seus lugares.

O penoso jantar já terminara e subíamos as escadas da Av.Duque d’Ávila, quando Guilhermina disse três palavras:

- Agora já sabem.

E, já na cama, depois do amor, ainda nos demorámos em conversas de travesseiro. Guilhermina explicou o que poderia ter acontecido se tivesse avisado previamente a filha e o genro de que se iria casar comigo.

- Ela não, seria incapaz de uma baixeza dessas. Conheço-a bem. Mas ele, mesmo que não dissesse nada, poderia tentar algo como a minha interdição e ficar a administrar os meus bens, com o pretexto de que eu estaria louca e as minhas fraquezas me punham à mercê de aventureiros. Neste caso, o aventureiro seria o menino. Claro que não teria sorte nenhuma, que eu também me sei defender e não sou para brincadeiras. Nem ele sabe com quem se meteria.

E depois de uma pausa, para ouvir as notícias no rádio-despertador da mesa de cabeceira:

- Estou deprimida, eu, Maria Guilhermina de Alpoim e tal e tal, estou deprimida. Faustino, querido menino, dê-me mais um bocadinho de língua.

Acabei “Introdução ao Estudo do Direito” com 16 valores.

A oral foi com o Dr.Sá Santos, uma pessoa simpática, de nariz avermelhado e voz rouca. A seu lado, sentava-se uma monitora que irradiava energia e tinha belos cabelos negros.

Estávamos a falar de interpretação da lei, especificamente da interpretação autêntica, e a bela morena, ao ouvir a minha resposta, pareceu acenar negativamente com a cabeça. Eu olhei-a, interrogativo, de boca aberta.

- Que é que o senhor está para aí a fazer olhinhos à minha colega?

- Eu? Nada, Sr.Doutor. Ora como eu ia dizendo...

Afinal, e aparentemente, eu tinha razão para quem concordasse com o Prof.Castro Mendes. Já estaria errado para quem seguisse as teses do Prof.Oliveira Ascensão. Mas o que importava era fundamentar e o Dr.Sá Santos pareceu satisfeito com as razões que lhe dei. Afinal de contas, eu também era Mendes.

Inscrivi-me de imediato no 2º. ano de Direito e a minha dona organizou uma pequena festa nos salões da sua casa da Duque d'Ávila.

- Muita gente não, amor. Sou envergonhado.

- É pouca gente. Pouca, mas de confiança. Pareceria estranho que eu não apresentasse o meu marido aos meus amigos. E teremos de aproveitar agora, enquanto não se nota a gravidez da Gina. Que até se nota um bocadinho, mas é mais para quem está habituado a vê-la todos os dias. O que não quero aqui é escândalos. Nós casados e a empregada grávida, enfim, adeus reputação.

O seu Advogado, o Dr. Benevides, aquele que a aconselhara quanto à minha inscrição em Direito, e que ajudara a apressar o nosso casamento. O Arquitecto Montez, casado com uma Alemã muito mais nova e que se chamava Schnee, o que fazia lembrar a “Viagem de Inverno” por causa da neve que trazia no apelido. Um físico sueco, o prof. Olaf Ring, catedrático na Universidade de Uppsala. Também três militares e as respectivas esposas. Um deles era uma alta patente da *Nato* e trabalhava no *Comiberlant* de Oeiras. Também era de nacionalidade alemã, e ele, Schnee e Guilhermina constituíram um grupo à parte, falando animadamente de tudo menos de Goethe, talvez de política, porque percebi palavras como Berlin, *Ostpolitik*, Willy Brandt, Vorster, Palme, Helmut Schmidt e uma estranhíssima palavra *Lebensraum*. Foi a alta patente quem a disse e deu-me a impressão que entendia que a Europa deveria avançar para leste, para lá da linha Oder / Neisse, até às antigas fronteiras da antiga *Russland*, a

terra das pessoas que remavam – *Russ* -, como chamavam aos viquingues que chegaram à região nas suas *drakkars*. Mas isso era a guerra, pensei. Estes Natoanos são loucos.

Porque é que as pessoas não falam todas de uma maneira indiscutível, como a matemática? Porque é que não se preocupam com a lógica e as consequências das suas acções? Eu traçaria a giz umas equações num quadro que ali não existia, e outro que não estivesse de acordo ou tivesse uma solução melhor, possivelmente o físico sueco, passaria um apagador pelas partes duvidosas, e preencheria os espaços vazios com as coisas tremendas que se podem esconder atrás de um *x* ou de um *y*.

Virgínia fazia parte da família e não servia à mesa. Além do escândalo, ainda haveria a humilhação. Era o meu filho (ou filha, nessa altura em Portugal ainda não se faziam ecografias) que ela transportava nas suas entranhas.

Fora contratado um criado de uma altura descomunal, cabelo cortado à escovinha, fardado com uma casaca branca, curta, com alamares, laço negro, camisa branca e calças negras, que circulava de bandeja na mão e oferecia o que tinha – champanhe, martinis e canapés. E para servir à mesa seria auxiliado por uma jovem que viria de cetim preto, apertado e pouco acima do joelho, e crista negra na cabeleira loura. Era um pouco como Odile, o cisne negro de “O Lago dos Cisnes”, a fazer contraponto ao cisne branco, Odete, que era a princesa boazinha, e que hoje era a Gina, que vestia de branco também.

A mesa era redonda, por isso qualquer lugar onde Guilhermina se sentasse passaria a ser o centro da mesa. Eu sentei-me à sua direita, embora o protocolo me mandasse sentar de frente para ela. Mas eu queria era encostar-me à sua perna, o que me dava serenidade. E, naquele momento, como em todos os momentos, precisava dela, da serenidade que ela me dava. Que não corasse, mesmo que falassem de homossexualidade ou que algum militar bêbado mostrasse o rabo, para ilustrar as diferenças e as semelhanças entre rabos militares e rabos civis. Não era apenas a vermelhidão da minha cara que estava em causa. Eu tinha esposa, a quem amava, e não queria dar-lhe motivos de vergonha. O marido dela é um tanto esquisito, não é? Mas que ligação mais estranha.

A alta patente da *Nato* ficou à minha esquerda. Usava óculos de aros muito grossos e através deles o seu olhar faiscava. Contou-me a sua história da sua guerra. Vira as torres do Kremlin como me estava agora a ver a mim. Só que muito mais ao longe. A neve, os caminhos gelados, o frio insuportável. As armas que não disparavam porque o lubrificante tinha congelado. Não tinham contado com o frio, E, afinal, também não tinham

contado com as tropas siberianas acabadas de chegar e que desequilibravam os pratos da balança. A nossa primeira retirada, lamentou-se.

- A guerra – consolei eu.

- A guerra. Diz muito bem.

Pediu-me segredo e contou que havia planos para uma ocupação de todos os países do bloco soviético em velocidade superior à da *blitzkrieg*. Muito superior, nem se compara. Está a ver um pudim instantâneo? Algo assim, mais rápido ainda, de uma rapidez tão extrema e tão inesperada, que o inimigo fique estupefacto. É muito importante colher o inimigo de surpresa, quando ele ainda está naquela modorra dos cinco minutos depois de o despertador tocar. Concentramos todos os meios e em menos de 24 horas varremos a Alemanha Oriental, a Roménia, a Hungria, a Checoslováquia e a Polónia. Deixamos de fora a Lituânia, Estónia e Letónia, para não criar conflitos diplomáticos desnecessários. A URSS não irá usar o seu arsenal nuclear. Sabemo-lo de fonte segura. Só o faria numa situação desesperada, se o seu próprio território fosse invadido, o que não será o caso e deixaremos muito claro logo no primeiro minuto das hostilidades. Conhecemos as nossas possibilidades, que são imensas, e conhecemos os limites morais do inimigo. Nada poderá falhar. E, claro, com uma boa campanha de propaganda, a insistir que é uma guerra de libertação, para que os povos libertados possam escolher livremente as suas formas de governo.

E acrescentou, em voz mais baixa, como a pedir cumplicidades:

- Falta apenas o nome da operação. Se fosse o meu amigo a escolher um nome, que nome escolheria?...

- Janela. Operação Janela – disse eu, olhando para as janelas da sala, formadas por pequenos quadrados de vidro.

- Lá está – retorquiu a alta patente. – Não pode ser. Não é original. Lembra o vosso sistema *Window* para confundir os nossos radares.

- Portugal não entrou na guerra. Nessa guerra, pelo menos, não entrou. Tirando o caso de Timor, tirando a base das Lages, tirando os navios mercantes afundados pelos *U-boot*, pode-se dizer que não entrou na guerra.

- Pois, está bem, mas puxe lá pela imaginação. Um nome simples, fácil de decorar e que fique na História.

- Eva – lembrei eu.

Guilhermina olhou para mim, como se eu tivesse chamado a criada de cetim negro.

- Eva? – estranhou a alta patente. – Mas Eva porquê?

- Primeiro, porque é um nome bonito. Segundo, porque “Eva” significa “mulher” em Aramaico. E terceiro, porque em Inglês ficará EVE, que lembra a canção “Eve of Destruction” e além disso é uma palavra que permanece a mesma lida da esquerda para a direita ou vice-versa. Mas, General...

- Tenente-Coronel, mas, se preferir, pode promover-me a General. Não me importo.

- Desculpe. Sr.Tenente-Coronel, mas penso que não me devia contar o que me contou. Provavelmente é um segredo, daqueles que se guardam em cofres armadilhados. Eu não posso nem quero conhecer segredos militares, tanto mais que sou um adepto da paz e a Constituição Portuguesa também é pela paz e pelo fim dos blocos militares.

- Vê como não me enganei? Eu logo vi que podia confiar em si. Não só por ser marido de quem é, mas porque é sincero e essa é uma virtude que aprecio acima de todas as outras.

E, por certo decepcionado com a minha sinceridade, virou-se para a sua esquerda e encetou conversa com o seu vizinho do outro lado – que não era para criticar Hitler, que agora era moda criticá-lo, mas fora um grande chefe militar e se tivesse esperado um pouco mais até dispor de submarinos, caças-bombardeiros a jacto e de bombas voadoras em número suficiente para vergar a Inglaterra, se não se tivesse dispersado tanto, se não tivesse gasto tanto tempo e recursos no esoterismo, nas vinganças e nos sacrifícios humanos, teria ganho a guerra.

- Não veja nisto uma crítica, que não é. Agora é fácil criticar. Agora criticar é de bom tom. Mas gostava de os ver, a esses críticos, defronte dos mapas e a decidir quem é que vou mandar para a frente oriental. Quantas divisões vou deslocar daqui para ali. Moscovo – sim ou não? E afinal, que quer o mundo livre? Que quer a *Nato*? Qual é o seu inimigo? O comunismo. O comunismo, *voilà l'ennemi*. Qual é o maior desafio actual? Pois nem mais nem menos que esperar a altura certa para calçar as botas de Hitler. Ocupar a Ucrânia e o Cáucaso, conquistar Moscovo, e expulsar os russos para lá dos Urais. Vencer onde Napoleão falhou. Vencer onde nós falhámos. Mesmo que tenha que ser por pequenos passos, até os cientistas nos garantirem a impunidade nuclear.

- Impunidade nuclear? O que é isso? – intrometi-me na conversa, o que era má educação, mas a ideia era tão assustadora que merecia ser melhor esclarecida.

- Atacar com armas nucleares sem perigo de retaliação – foi a resposta concisa da alta patente. E, virando-se para o vizinho do outro lado: - Temos de ser simplistas para com os civis. Para que as grandes massas compreendam a necessidade da guerra e os malefícios de uma paz prolongada. A guerra é a única solução para evitar uma crise económica e social. Quando as grandes empresas entenderem que chegou o momento de pôr fim ao *Welfare State*, a guerra será também a única solução para travar a expansão do comunismo no interior da Europa. Logo, quando a guerra é necessária e é possível, torna-se inevitável. Não é da minha opinião?

O outro pareceu mediocrementemente interessado e só acenava com a cabeça que sim, que não e que talvez. Não conseguia conjugar África sem lhe juntar o infinitivo do verbo “esquecer” – África é para esquecer. Era um militar Português, fizera a guerra de África e estava tão cheio de massacres e de pesadelos, que só a ideia de uma nova guerra, mesmo a travar agora só entre brancos, sem balas a chover do capim, nem minas a levantar *jeeps* até à altura de prédios de quatro andares, só a remota possibilidade dessa ideia o punha doente. O ideal era que as guerras fossem travadas só entre máquinas; as pessoas são demasiado vulneráveis e sofrem muito.

Guilhermina parecia desagradada pelo rumo da conversa, e apertou-me a mão entre as suas com uma força que era como que um pedido de socorro.

Levantei-me e roguei a Nossa Senhora do Bom Despacho que me desse uma ideia salvadora.

Ergui o meu copo e propus um brinde:

- Eu sei que pode parecer mal gabar o que é seu, se é que se pode dizer de alguém que é nosso. Por isso, quero propor um brinde à arte, à música, à poesia, e à beleza em geral, e à pessoa que engloba tudo isso e que é a minha esposa Maria Guilhermina. Obrigado, meu amor. À sua.

Tal como ela gostava. Sem a tratar por tu. Mas mesmo assim não me livreí de uma pisadela, a título de advertência que havia outras maneiras menos íntimas de mudar de conversa.

Tocámos os copos e uma onda de amor conjugal varreu a sala.

O Arquitecto levantou-se por sua vez:

- Olhe, Schnee, eu penso que não preciso de lhe dizer o quanto a quero e estimo, já deve estar farta de o saber, mas faço um brinde às suas excepcionais qualidades de esposa e de mãe. À sua.

Tocámos os copos e eu bebi cuidadosamente para que a onda de amor me não embriagasse. Não houve esposa que ficasse de fora ou fosse

esquecida. Só tive pena de não poder brindar à Gina, e agradecer-lhe todo o seu saboroso amor e o filho que nos aguardava. Mas os nossos olhares encontraram-se e eu sorri-lhe todo cumplicidade.

À despedida, a alta patente que se chamava Gunther, segredou-me.

- Foi você quem escolheu o nome da Operação. EVE. Dar nome às coisas é a função do padrinho. Agora, para todos os efeitos, é dos nossos. Pense nisso quando a guerra começar.

20.

No outro dia, vinha da Faculdade, tinha tido aulas plenárias de Direito das Obrigações e Finanças Públicas, e aulas de subturma de Direito Constitucional e Direito do Trabalho.

Guilhermina e a Gina estavam sentadas a ver televisão e, quando cheguei, a minha dona convidou / ordenou que me sentasse entre elas. Eu não tinha que dizer nada, só tinha que ouvir e obedecer, porque era ela, Guilhermina, quem sabia o que era bom para mim.

Então a minha dona expôs-me o seu plano, que era quase tão intrincado como o do militar alemão de invasão do bloco leste e posterior avanço para Moscovo, quando Deus ou o diabo o permitissem. Era assim:

A Gina estava, para todos os efeitos, inexoravelmente, implacavelmente grávida. Se continuasse ali em casa, ir-se-ia notar dentro de 15 dias no máximo. E lá estava o escândalo que havia que evitar. Ela própria, por motivos que eu compreenderia depois, iria ser obrigada a sair de Lisboa por uns tempos. A Gina iria ficar em Albaladejo, em casa da família, e o parto iria ser em Madrid, na Clínica de Santa Filomena, com todas as garantias de recato para me não prejudicarem no início da minha carreira com mais suspeitas de imoralidade. Guilhermina iria ficar numa herdade que tinha no Alentejo, servida por gente de uma fidelidade canina. Porque havia problemas com gente que falava muito e fazia muito disparate. Não, não é o menino, não estava a falar de si. A herdade não fica longe da Zambujeira do Mar e tem uma praia muito perto. Vai lá ter comigo e passamos os fins de semana juntos.

- E eu fico aqui sozinho? Então prefiro voltar para a Junqueira.

- Não, não fica nada sozinho.

A Gina sugeriu que eu chamasse a Dona Odete, minha Mãe, para vir para junto de mim enquanto elas estivessem fora. Mas eu lembrei que ainda nem sequer lhe tinha comunicado o meu casamento. E não disse porquê, mas a verdadeira razão era que temia os seus comentários quando soubesse

que a nora era mais velha do que ela própria. Trinta anos certos. A minha mãe nascera em 1942, Guilhermina em 1912, era só fazer as contas.

Guilhermina sugeriu que a fôssemos visitar no próximo sábado, comunicar-lhe o casamento e pedir-lhe que viesse tomar conta de mim nos próximos 6 ou 7 meses. Concordei com a visita, mas discordei do convite de vir cá para casa. Temia voltar a sofrer as suas bofetadas, mesmo depois de casado.

- Podíamos pôr um homem cá em casa, como aquele empregado que estive cá durante a festa. Mas com o seu hábito de corar a despropósito, esse facto poderia ser mal interpretado e não queremos isso, pois não? Por outro lado, pôr aqui uma mulher, seja nova, seja velha, já sabemos as duas por experiência que é um perigo, que o menino é pior que a Ária do Catálogo do Don Giovanni – todas lhe servem, e em Espanha são já 1003.

- Que grande exagero, mas que grandessíssimo exagero. Não sou nada assim – corei eu.

- Se não quer cá a sua mãe...

- Não é não querer cá a minha mãe. É por... é por tudo. Convidá-la para passar aqui sete meses ou seis ou lá o que for e depois dizer-lhe obrigado, já se pode ir embora, é mais fácil pensá-lo que fazê-lo. E depois ela tem a sua vida em Torres Vedras, e apesar de eu ser o seu único filho, creio que nunca me amou.

- Que coisa horrível para um filho dizer da própria mãe – Guilhermina fez uma careta. – Ai, Gina, Gina, Deus queira que o teu filho não saia ao pai.

Mas, apesar de tudo, fez-me uma carícia no braço e os seus lábios procuraram-me com carinho.

- Pronto, não se discute mais. Vou conhecer a minha sogra, e se ela ficar chocada ou aborrecida ou zangada, é problema dela e não nosso. Quanto à casa, e enquanto nós estivermos fora, vou deixar a chave a uma pessoa de confiança, para tratar da casa, da roupa, ir às compras, fazer o comer, tudo o que fizer falta menos o que o menino sabe e que é exclusivo meu e da Gina... Só para que saiba, somos umas feras a defender o que é nosso. Não é assim, Gina?

Gina assentiu e se fosse portuguesa teria dito “Olá, se somos!”

- Amor, posso jantar na Cantina Velha da Cidade Universitária. Assim basta que tenham aqui o almoço feito e assim não vou dar muito trabalho. O que me vai custar mais são as noites, mas enfim...

Guilhermina empurrou-me para a Gina.

- Esta noite é a vossa despedida por uns bons meses. Aproveite-a bem. Amanhã vou levá-la à terra e depois vou direitinha para a Zambujeira do Mar.

Adormeci profundamente depois do amor e quando acordei já Virgínia saíra. Fui ao quarto de Guilhermina e ela também já saíra e deixara a cama desfeita, ainda com o seu perfume. Eram as seis da manhã e ainda era noite.

Começou a rotina do trabalho e do estudo, e dos telefonemas diários de Guilhermina, às vezes dois ou três por dia, muitas vezes para a Repartição. Já sabia o que era quando me chamavam “Faustino, o controle”.

Nas Finanças, o concurso para liquidador tributário seria no próximo ano, calculava-se que para Outubro, que havia ainda um problema de dotação orçamental para resolver, ou seja, o dinheiro para nos pagar os vencimentos ainda não chegara ao Tesouro. O Dr.Santos Ferreira, de Finanças Públicas, tinha um jeito especial de nos fazer rir às gargalhadas quando falava em Tesouro e acrescentava “Tesouro, enfim...”. Um país tão pobre e ainda por cima com um Tesouro era uma contradição das que só se encontram nas melhores piadas.

Ia às aulas, religiosamente. Direito das Obrigações tinha uma poderosa carga erótica, especialmente no capítulo dos Contratos em Geral, que eu ia acumulando para gastar no fim de semana. O docente embirrava que abrissemos o Código Civil durante as aulas, como se o mesmo Código contivesse um chorrilho de indecências. Normalmente, eu abria por cima dos joelhos o “Direito das Obrigações” do Prof.Inocência Galvão Teles, e fazia como fizera em Teoria Geral – sublinhava com o marcador as partes mais importantes. Mas à mínima suspeita que alguém no anfiteatro 3, que era agora o nosso pousado, abrisse o Código proibido, ele gritava enfurecido.

- Mas não abram o Código. Ouçam o que eu digo.

Gostava tanto da matéria que comprei também o “Direito das Obrigações” do Prof.Antunes Varela. O Prof.Galvão Teles era enxuto em demasia. Abria o apetite, mas os pratos eram minúsculos. E eu queria mais daquela comida contratual.

Almoçava em casa, sozinho, porque a pessoa misteriosa que cuidava da casa na minha ausência, estava ausente, como era natural para quem cuidava da casa na minha ausência. Se me apetecesse algum prato em especial, bastava deixar uma nota em cima da mesa da cozinha. Parecia que uma fada tocava a casa com a sua varinha quando eu estava fora e depois abalava de volta ao seu país de fantasia.

Saía da Repartição às cinco e meia da tarde. Agora deixáramos definitivamente de trabalhar ao sábado. Só durante os últimos dias de entrega das Declarações é que abríamos ao sábado, a título de horas extraordinárias, pagas a dobrar.

Apanhava o 38, na direcção do Hospital de Santa Maria, e saía em frente à Cantina Velha. Acostumara-me a jantar na “macrobiótica”, por ter reputação de mais saudável. Era sempre o primeiro a chegar e sentava-me na cadeira mais próxima da “caixa”, para ser o primeiro a comprar a senha e ser o primeiro a jantar. Estar numa bicha era complicado, porque havia muita gente que preferia pôr-se à frente de quem já lá estava, e acontecera-me uma vez ficar sem jantar por causa disso. Eu, sem conseguir dar um passo, porque cada vez tinha mais gente à minha frente. Fiz aquele juramento do intervalo de “E tudo o vento levou” e agora, quando alguém pretendia ignorar que eu era o primeiro da fila, eu lembrava-lho de imediato “Desculpe, mas eu cheguei primeiro.” Enquanto não chegava a caixa, eu ia estudando Obrigações, o que também tinha o condão de me abrir o apetite. Lembro o arroz integral, os ovos verdes, as pataniscas de feijão verde, os bifos de soja, a muita alface, e o chá, que era uma infusão que se bebia sem açúcar. Tudo em nome da saúde.

E depois as aulas.

Direito do Trabalho parecia-me uma disciplina com um tom vincadamente viril. Palavras como “trabalhador”, “antiguidade”, “categoria”, “convenção colectiva de trabalho” eram... não era bem o que eram ou deixavam de ser, era mais o que tinham, e que era uma sensação de força muscular e de voz bem timbrada. A voz era a do Dr. Monteiro Fernandes, que era uma sumidade em Direito Laboral, e costumava ser citado a torto e a direito pelos profissionais do foro. Dava as aulas passeando de um lado para outro do anfiteatro e recordo quando abordou a questão de que em certas categorias profissionais fazia sentido que o trabalhador, em caso de despedimento, recebesse uma indemnização suplementar em troca do compromisso de, durante um certo período de tempo, não trabalhar para outro patrão, e que era um afloramento do dever de lealdade. E dizia ele – “É o caso do “barman”, profissão que aliás invejo”. Porque com o trabalhador iriam também os segredos dos “cocktails” que se preparavam atrás do “bar”.

À sexta-feira, à saída das aulas, havia uma viatura todo-o-terreno à minha espera. Às onze e meia, apresentava-se um indivíduo alto e atlético, de cabelo que começava a acinzentar-se nas fontes e que se apresentou da primeira vez como “Engenheiro Saavedra. Mas pode chamar-me Luís”.

Vinha da parte de Guilhermina e a sua missão era entregar-me são e salvo na Zambujeira do Mar, quer chovesse quer fizesse luar.

Antes da uma da manhã já eu voltara a ser o cachorrinho dócil nos braços da minha dona adorada, e às vezes o amor era tanto, tanto, que não resistia a ajoelhar-me a seus pés e beijar-lhe o ventre e as pernas e chorar sem motivo, apenas pela emoção, como se ouvisse o segundo andamento do Concerto nº.3 para piano e orquestra de Beethoven.

- Oh, meu pequenino – dizia ela, enquanto me lambia as lágrimas e me revolia os caracóis com os seus longos e nodosos dedos, descarregando-me a sua sensualidade poderosa, mais forte que milhares de volts e mais intensa que um vendaval de ampères.

Depois de uma noite fruto de quatro noites de castidade forçada mais uma boa dose de Direito das Obrigações, repousávamos enfim quando o céu já principiava a clarear para oriente.

Na herdade, só se viam freiras, o que não impedia que, uma vez ou outra, tivesse lobrigado um oficial da marinha, vestido de canalizador, o cabelo cortado à escovinha, a refugiar-se atrás das árvores, que eram altas, grossas e seculares.

Num dos extremos havia um convento que escapara a toda a sorte de perseguições, talvez por a herdade pertencer aos Condes de Portomayor, que a tinham comprado em hasta pública por um preço simbólico, aquando da venda dos bens nacionais na década de 1830. Os Portomayor eram uma família arreigadamente católica e consideravam um altíssimo privilégio o de albergar um convento na sua propriedade. Era, salvo o devido respeito, como se tivessem Deus por inquilino.

Freiras trabalhavam a terra, e eram freiras também que nos vinham trazer o almoço e o jantar. Menos ao Domingo, que Guilhermina entendia que todos devemos respeitar o Dia do Senhor, e não queria chocar as Irmãs.

Às vezes, Guilhermina desafiava-me para um mergulho nas águas alentejanas. Eu nadava mal e disse-lho. E ela – Mas se está comigo, está com Deus. Nada de mal lhe poderá acontecer se estiver comigo.

Vestíamos o equipamento de mergulho, que era de uma fibra nova que parecia borracha, mas tinha outro nome mais moderno. A minha dona ajustava melhor a garrafa nas minhas costas e explicava-me as técnicas para ter água quente ou fria. Quer ter água quente – cruza os braços à sua frente, para que não entre água. A água que está dentro do fato aquece até ficar à temperatura do corpo. Quer água fria – estica os braços, e a água corre e sai pelos seus tornozelos, e refresca-o. Tem um relógio que lhe

indica o nível do ar na garrafa e de qualquer modo está comigo e eu puxo-o para cima quando vir que já vai sendo tempo.

Nas nossas excursões subaquáticas na Zambujeira do Mar, a minha lobinha levava uma máquina fotográfica impermeável *Leica* com uma objectiva de 200 mm, já equipada com luz, embora à profundidade a que normalmente descíamos, e que era pouca por causa da minha inexperiência, a luz do sol que lá chegava fosse o suficiente para fotografar, desde que se usasse uma película mais sensível. Era algo de mágico vogar entre algas e peixes pintalgados, de olhos que se arregalavam para nós, dois estranhos num mundo estranho. Conhecia os nomes de poucos. Reconhecia facilmente as lulas, mas naquele ambiente de pura magia nunca descia tão baixo que as colocasse ao nível das caldeiradas.

Gostava de ver o corpo da minha dona, mesmo todo coberto pelo fato de mergulho. Era graciosa, como sempre, e havia algo de sereia bailarina no modo como evoluía entre águas.

Ao Domingo, íamos à missa na capela do convento, logo às oito da manhã que era a única hora que o prior da Igreja da Zambujeira do Mar tinha disponível.

Notei, mas não disse nada, que a minha dona, ao vestir-se, mesmo quando íamos mergulhar, colocava uma espécie de pequena almofada por cima da barriga, presa às costas por adesivos.

- Não, não é uma penitência pelos meus pecados. É a conselho do médico.

- Mas assim pareces grávida. Parece grávida, meu amor.

- Bem. Nada de confianças. Não pareço nada grávida. Passo muito tempo sem nada, quatro noites seguidas de vazio total. Depois sou inundada por uma tempestade durante todo um fim de semana. Diz o médico “Há que aconchegar bem essa região para evitar problemas. Trata-se de uma zona muito sensível.” E então é o que eu faço. Porquê? Estava a pensar nalguma ideia maluca que eu nem faço ideia do que seja?

Como não sabia que responder-lhe, beijei-a nos lábios e ela, sem eu perceber como nem porquê, mordeu-me ferozmente, até me fazer sangrar dos lábios.

- Amor!... – protestei.

- Não sei – disse ela. - Às vezes apetece-me comê-lo todo, mas todo mesmo, sem deixar nem um bocadinho de fora. Dizem que é a única forma que se tem de mostrar que o amor é autêntico, comer a pessoa amada. Mas como o seu Direito e a sua Moral o proíbem, terá de ser o menino a comer a

sua lobinha, daquela maneira que o menino sabe e que deixa a menina a tremer e a pedir mais. E agora, esqueçamos o pecado por uns instantes. Vamos à missa.

Na segunda-feira, pelas sete e meia da manhã, o Eng.Saavedra passava a recolher-me e a semana recomeçava.

Será que a Gina pensaria em mim, o pai do seu filho, e que era a causa da sua reclusão em Albaladejo? Eu sei que sentia a falta dela toda, mais daquela sensação confortável de protecção que me davam os seus seios e todo o seu corpo roliço.

Por outro lado, a visita que fora planeada eu e Guilhermina fazermos à Dona Odete, para lhe comunicarmos o nosso casamento, vinha a ser continuamente adiada.

- Temos tempo – dizia a minha dona. – E há que pensar na melhor maneira de a confrontar com os factos consumados. Há que planear bem, porque são coisas que não se fazem de ânimo leve.

Pensei em Napoleão a entrar e sair de Moscovo. Nos exércitos de Hitler detidos às portas de Moscovo. A Operação Barbarossa, segundo explicara a alta patente, falhara estrondosamente pela conjugação de vários erros, pela muita dispersão de forças no terreno, pela enormidade das linhas de abastecimento e pelo combate em várias frentes simultâneas, o que o próprio Hitler, nos primeiros tempos da sua vida pública, achara ser um perfeito disparate. Será que alguém levaria a sério a Operação EVE, que me acusavam de ter baptizado e ser portanto seu padrinho? O que era rotundamente falso, por falta de consciência de qualquer declaração nesse sentido e por falta de vontade no resultado. Eu sou um homem de paz. A guerra só se tolera a preto e branco e com imagens granuladas. É a única maneira de não se ver o vermelho do sangue nem os corpos carbonizados que não conseguiram sair a tempo do tanque atingido. A guerra é horrível e quem a ordena ou quem lucra com ela devia ser obrigado a fazê-la sozinho e sem ajudas de qualquer espécie.

21.

Passámos, Guilhermina e eu, o Natal na Zambujeira do Mar. A minha dona nem sequer queria passar essa data com a enteada e o genro, por motivos que eram só dela e que eu não perguntei, porque ela não apreciava interrogatórios. Guardava avaramente os seus mistérios. O meu papel era o de crer e obedecer; ou de querê-la e obedecer-lhe, a gramática é muito importante no que toca ao amor.

Para sair ou quando recebíamos visitas, a minha dona colocava uma almofada por sobre o ventre, e essa almofada ia crescendo com os meses.

- Amor... Perdão, Guilhermina, mas sou eu que te desarranjo assim tanto para que necessites de toda essa protecção para pôr tudo no lugar outra vez?

- Cale-se, não seja calhandreiro – e deu-me um beijo para adoçar a imperatividade do “cale-se”. Ela já me conhecia (*ya te conozco como se te hubiera parido*, dizia-me ela em castelhano) e sabia que eu ficava envergonhado quando me mandavam calar. A palavra “calhandreiro” era nova na sua linguagem e deveria resultar do contacto diário com as monjas, porque os oficiais da marinha não entravam lá em casa. Penso eu.

No dia de Natal, com um tempo esplendidamente azul, fomos almoçar uma feijoada de buzinas, acompanhada de um tinto alentejano.

Falámos da Gina.

- Lá está, farta de Albaladejo. É uma terra muito pequena, onde todos se conhecem. Passam a vida a perguntar-lhe quem é o pai da criança e quando ela responde que não pode dizer, que foi um juramento que fez, todos são unânimes em apostar que foi um padre aqui de Lisboa, ou um homem casado que ela está a proteger. Nesta última parte, até nem se enganam assim tanto. De resto, o pai Alterio sempre com piadas de duplo sentido, se andaram a criar uma filha para ter agora uma puta em casa, com uma barriga que é uma vergonha e uma nódoa para a família. Até rogam pragas à criança, Deus os amaldiçoe a eles, que é preciso muita dureza de coração para rogar pragas a uma criança que ainda não nasceu. Enfim... Conheci pessoas ainda piores, por isso tenho que lhes dar o devido desconto, mas não vou além dos 50%. A Gina não escreve, porque é melhor assim. Mas eu telefono-lhe todos os dias para saber dela. Manda-me sempre beijinhos para si, que está mortinha de saudades de mim e de si. E eu, como sou séria, não os guardo todos para mim. Alguns até lhos dou, não é verdade?

- Coitada da Gina. Posso perguntar uma coisa?

- Poder perguntar até pode. Eu é que posso não responder.

- Aquela cicatriz que ela tem na cara. Como é que isso aconteceu?

- Vou responder a essa pergunta. Mas só respondo lá fora, quando formos passear à beira-mar. E com uma condição: que apanhe uma enorme bebedeira agora mesmo. *Camarero* – chamou ela -, traga mais uma recarga deste tinto que está uma delícia.

E ela própria me encheu o copo até à borda e recomendou que pensasse em coisas agradáveis enquanto bebesse o copo todo inteiro.

- Por acaso estará a tratar-me por “tu”, Dona Guilhermina de Holstein von Essex, Wessex and Sussex e tudo o que tenha a ver com “sex”? – já tinha bebido o terceiro copo da segunda parte.

- Pronto, já está bêbado. Vamos passear à praia mas primeiro agasalhe-se. Não quero que se constipe.

A minha dona colocara um cachecol que eu lhe oferecera na noite anterior e passeávamos agora expostos aos borrifos da maresia. Como eu estava meio anestesiado, ela amparava-me nos seus braços, e havia como que uma inversão de papéis, ela a protectora, eu o protegido. Era bela e forte a minha amada.

- Fui eu quem cortou a cara da Gina.

Fora uma boa ideia a de embriagar-me primeiro. Ela assim pôde continuar.

- A Gina foi acusada por uma denúncia anónima de pertencer a uma organização terrorista e de ser co-autora do assassinio de um guarda civil no País Basco. Foi presa e torturada e extorquiram-lhe uma confissão que lhe garantia a condenação e o garrote vil. Era falso, já se vê, a Gina nunca matou ninguém nem seria capaz de uma coisa dessas. Vi a fotografia dela e não era a cara de uma assassina. Tenho muita experiência de assassinos. Enfim, por razões que não lhe interessam, eu tinha muita influência na Falange e tratava Franquito por tu. A meio de um jantar íntimo, à luz das velas, eu disse “Não me interessa, quero levar aquela rapariga para Portugal. Aqui, a única coisa que lhe podem fazer é garrotá-la e depois acabou-se. A morte é um descanso permanente. Em Portugal, ela não conhece ninguém; não há ninguém a quem possa pedir socorro. E as autoridades, tenho-as na mão. Eu sou capaz de lhe fazer a vida num Inferno todos os dias. É esse o meu maior prazer, o de fazer mal”. Ele, o Generalíssimo, que era quem estava do outro lado da mesa, riu-se. Gostava de ver isso, disse ele. “É fácil, tragam-ma cá.”

- Trouxeram a Gina. Ela tremia e como era bela. Uma rapariga que fazia as ceifas todos os anos, e que tinha a pele tão branca como se nunca lhe tivesse dado o sol em dias da sua vida. Pensei – matá-la é um pecado. Hoje é o meu dia de fazer uma boa acção. Vou salvá-la.

- Peguei numa faca de carne e com mil cuidados, mas fazendo a minha expressão mais odienta, tracei-lhe um golpe no rosto, entre os lábios e a orelha direita. Sabia que seria para toda a vida, mas pelo menos não

morreria. Ela gritava, de dor e de susto. Pensava que eu ia matá-la. Até Franco pensou o mesmo.

- O Generalíssimo felicitou-me pelos meus dotes de cortadora e disse que não gostaria de me ter por inimiga. Mandou que lhe dactilografassem um salvo-conduto até à fronteira, em nome de Virgínia Alterio, e que lho touxessem para assinar, com data de hoje mesmo.

- E foi assim que eu trouxe a Gina comigo, levei-a logo ao médico e fez-se o que se pôde para que a cicatriz não a desfeasse. É que mesmo assim, ela continua a ser muito bonita.

A minha dona levou-me para casa, deu-me mais vinho a beber, e depois, deitou-me na cama. Lembro-me de sentir o seu corpo a meu lado e depois nada mais recorde. Mas de certeza que não fizemos amor nessa noite de 25 para 26 de Dezembro de 1979.

No outro dia, ela finalizou a história.

- A Gina compreendeu que eu lhe tinha salvo a vida. E desde então tem sido o meu braço direito, a minha mulher de confiança e a minha maior amiga, porque me deve a vida. E eu faço tudo o que posso para que o peso da gratidão a não esmague. Sei por experiência que não é fácil dever favores a quem quer que seja. Mas às vezes não há outro remédio.

Suspirou e acariciou o próprio ventre, agora livre do volume da almofada.

- Somos família, é o que somos. Mais que irmãs. Ela até partilha comigo o meu marido. Sabe tanto da minha vida, que se ela se resolvesse a contá-la a alguém, a única alternativa que eu teria era matá-la. E como é que eu iria fazer uma coisa dessas a uma pessoa de quem gosto tanto? Era como matar o meu querido menino. A lobinha nunca poderia fazer uma coisa dessas.

- Ainda bem que não podes – concordei eu. – Ainda bem que não pode.

Passaram os meses e a Páscoa também passou. Passei em Finanças Públicas com 17 valores e em princípios de Maio recebi um telefonema apressado da minha dona.

- Menino, largue tudo o que esteja a fazer e venha para cá imediatamente. A sua lobinha precisa de si. Quando forem as quatro da tarde...

Como ainda estava na Repartição e só sairia às cinco e meia da tarde, fui ao Gabinete do Chefe, que tinha a minha esposa doente e era uma emergência.

- Homem, pois vá já para casa. Estimo as melhoras.

Preparei uma rápida mala de roupa e não esqueci a escova dos dentes. Também não esqueci o Antunes Varela, que encafuei num compartimento que se podia encerrar com um fecho *éclair*.

Como a minha dona dissera, às quatro já tinha à porta o infalível Engenheiro Saavedra e o seu todo-o-terreno. Sem mais delongas, cruzámos a ponte 25 de Abril e corremos para o Alentejo. Quando chegámos, Guilhermina estava a nossa espera, com uma mala ao lado, e com um tremendo enchumação na barriga. Dir-se-ia que estava no fim de uma custosa gravidez. Arrumei a mala e a minha dona sentou-se nos bancos de trás da viatura. Ela e o Engenheiro Saavedra mal trocaram duas palavras, como se já tivessem dito tudo o que tinham a dizer um ao outro.

- Estás bem, amor?

- Não podia estar melhor. Agora não falem e deixem-me dormir.

Seguimos em direcção ao Porto Alto, cercados pela imensa lezíria alentejana, terra de arroz e vinho, onde se produzia o doce *Catapereiro*. O trânsito não era muito e de vez em quando seguíamos atrás de camionetas que circulavam pachorrentamente, carregadas de cortiça e de toros de madeira ardida nos incêndios do Verão passado.

Mais adiante, em Samora Correia, o Engenheiro Saavedra imobilizou a viatura junto de um palacete que, ao que se dizia, tivera a honra de albergar o Senhor Dom Miguel no caminho para o exílio em Viena. Éramos esperados. À porta, um homem alto e barrigudo, olhos azuis afogados num rosto vermelho, e alguns raros cabelos em escova que deveriam ter sido, em tempos mais magros, de um louro muito claro. A seu lado, um automóvel negro, de vidros fumados, onde já deveria estar um condutor invisível.

Quando Guilhermina saiu do todo-o-terreno, o homem gordo colocou-se à sua frente, e deve ter sido uma ilusão de óptica causada pelo sol poente, mas pareceu-me vê-lo estender o braço direito e fazer uma saudação tipo Mocidade Portuguesa e gritar algo como *Sieg Heil*. O que era impossível. Não estávamos no cinema, estávamos em plena vida real.

- Homem, deixe-se lá de salamaleques – resmungou Guilhermina -. Não queremos dar nas vistas. E o que lá vai, lá vai.

O homem baixou o braço direito e beijou a mão da minha dona.

- Há quanto tempo!... E sempre encantadora!...

Guilhermina olhou-o com aquela expressão enigmática à Marlene Dietrich que às vezes tinha. Esboçou um sorriso matreiro.

- Também está na mesma. Tirando essa barriga que não tinha, essa papada que não tinha, essa careca que não tinha, *mais à part ça, madame la Marquise, tout va très bien*, e está na mesma.

- Os anos – desculpou-se o homem. – Nada me foi poupado nos últimos anos. Este palacete e 50 hectares de terreno é tudo o que os comunistas me deixaram. De resto, continuo à espera. Continuamos todos à espera do mundo que há-de vir, amén.

- Homem, não se queixe. As coisas podiam ser muito piores. Está vivo. Isso é que importa.

As nossas bagagens foram transferidas para o carro negro e pude ver que o motorista era de meia idade e parecia um gladiador reformado, vestido de negro, o cabelo grisalho cortado à escovinha.

“Haverá por aí alguma ordem religiosa em que as pessoas tenham em comum o facto de serem altas, usarem o cabelo cortado à escovinha, e aparecerem quando não são esperadas?”

O dono do palacete, que fizera a saudação, foi-me apresentado por Guilhermina como sendo o Engenheiro Oliveira, que estivera de visita na frente de Leninegrado, convidado pela Legião Azul.

- Apanhou frio? – perguntei eu.

- Algum – respondeu o Engenheiro, dividido entre o gracejo e a raiva. – Algum. Mas como a... como a Dona Guilhermina disse, estou vivo e isso é que importa.

À despedida, estávamos nós, eu e Guilhermina, nos bancos traseiros da viatura negra, tive novamente a impressão, não, não era impressão, era a autêntica realidade, vi-o fazer mais uma saudação rápida, de braço esticado.

- Ele é fascista? A sério? Pensei que já não existiam.

- Ora essa!... – Guilhermina virou-se para mim. – Conhece assim tantos democratas? Autênticos?

- Bom, vem na Constituição, Portugal é uma democracia. É o povo quem detém a soberania.

- O povo é soberano? – e a minha lobinha abriu a boca de espanto por tamanha enormidade. – Sim, senhor. Se o povo é soberano, eu sou o Pai Natal. Eu sou escandalosamente rica e a grande maioria das pessoas vive na miséria. Se é isso que entende por soberania...

Apertei-lhe a mão, não só por carinho, mas também por admiração por tanta inteligência, mesmo que fosse destrutiva do seu modo de viver.

- Amor, deste-me cabo de uma folha inteira de frases feitas. Deu-me cabo, quero dizer. Mas tem razão, como sempre. Realmente, é um contrasenso ser soberano e escravo ao mesmo tempo. Está de acordo com todas as leis, que de facto foram feitas para manter a desigualdade, mas não está de acordo com as leis da lógica.

Seguimos para o Alentejo, na direcção de Elvas, e nessa noite fomos dormir a Madrid, no apartamento da Plaza Mayor, onde já estivéramos no ano anterior. O gladiador reformado tinha uma amiga em Leganés e ia aproveitar para matar saudades. Tive medo que fosse fazer mais uma saudação de braço esticado, mas limitou-se a acenar-nos e a desejar felicidades, como gente inteiramente normal. Até que enfim, que alívio!

Já era tarde, mas ainda dava tempo para cear nas muitas esplanadas que estavam abertas pelas arcadas da Praça. Guilhermina passeou ostensivamente a sua barriga artificial e sentámo-nos, cansados e com fome.

- A Gina vem amanhã. Vamos recolhê-la em Chamartín, pelas 11h 35m, que é a hora a que chega o comboio que vem de Cuenca.

22.

Calculei que Virgínia carregasse à barriga um peso suplementar da ordem dos quatro quilos, e que era o nosso filho ou filha, quem quer que fosse seria benvindo ou seria benvinda.

Soube-me tão bem o seu beijo. Tantos meses sem nos vermos...

- Passavam a vida a perguntar-me – Diz-me o nome do pai da criança que eu quero matá-lo, quero cortá-lo em bocadinhos, e por aí fora. Mas eu nunca disse. Que também ninguém o mataria. Era só uma maneira de falar, era só conversa. O que eles queriam era mostrar que estavam zangadíssimos. Que uma mulher que se deixa engravidar aos trinta anos é mais tonta que uma mula aluada. Deixei-os falar. Tontos são eles.

Guilhermina acordou depois da sesta e recordou-me os meus juramentos, não que eu tivesse jurado nada – acontecesse o que acontecesse, eu só tinha de calar e obedecer, nada mais. Não admitia, nunca admitiria perguntas e a palavra “dúvida” estava fora do seu vocabulário. Eu agora iria ficar sozinho em casa com a Gina, e assim que lhe rebentassem as águas eu devia chamar para o número de telefone que estava no cartão que agora me entregava, mas não deveria por nada deste mundo acompanhar a parturiente.

Admirava o modo metódico como a minha lobinha resolvia todos os problemas. Tudo o que ela fazia, fazia bem. Tinha sucesso nos negócios, cozinhava bem quando se dispunha a isso, tinha conhecimentos enciclopédicos de fotografia e cinema, mergulhava, era uma excelente diplomata e era uma profissional do amor, não uma mera amadora. Amá-la era tão natural e tão inevitável como apanhar o 49 para ir para o Restelo ou lavar os dentes depois das refeições.

Ficaria sozinho em casa, e sabia onde poderia comer, o meu castelhano já era suficiente para me defender em matéria de transportes, comida e restaurantes.

Quando ela, Guilhermina, me telefonasse, deveria dirigir-me para a Clínica de Santa Filomena e perguntar por ela, nunca pela Gina. Diz que é o meu marido e que não pôde vir antes. Não pode mostrar espanto por seja o que for. Se vir uma serpente com duas cabeças não faça comentários. Se vir o diabo em pessoa, cumprimente e siga em frente. Compreendeu? Posso repetir, se não percebeu bem.

Guilhermina foi-se embora e eu ajudei-a a levar a mala para o táxi que a aguardava.

Ficámos só nós dois, eu e a Gina, mais o seu ventre portentoso, mais a apreensão que ela fazia por disfarçar. Dormimos juntos nessa noite, depois de ela ter insistido em fazer o jantar para nós dois. Não havia necessidade de lavar a louça à mão, porque havia uma máquina de lavar louça no apartamento. Não fizemos amor, mas falámos até adormecer. Ela contou-me da vida que se levava em Albaladejo, que era exactamente a vida que se levava em Pasaconsol, eram duas aldeias rurais, que viviam exclusivamente da terra. Guilhermina era muito falada, dizia-se dela que era filha de Serrano Suñer e sobrinha de Franco (o que era fisicamente impossível para quem nascera em 1912), e que tinha poderes mágicos, que invocava os mortos e por aí fora.

Foi no dia seguinte, pela manhã, que lhe rebentaram as águas, estava a Gina na cozinha. O líquido mal-cheiroso espalhou-se pelos ladrilhos. Eu fiz o que me fora ordenado. Liguei para o número de telefone que tinha no cartão de Guilhermina e em menos de cinco minutos uma ambulância da Clínica de Santa Filomena veio recolher a Gina. Desci com ela no elevador e enquanto a deitavam na maca, ela estendeu-me a palma da mão, a proibir-me

- Não venha comigo. Já sabe o que a Dona Guilhermina mandou. Espere que ela lhe telefone. Adeus.

- Até breve, querida. Que tenhas uma hora pequenina, como se diz no meu país.

Sentei-me no sofá da sala, com o Prof. Antunes Varela nos joelhos. Mas o que lia não me fazia proveito. Só pensava na Gina e o porquê de Guilhermina estar também na Clínica de Santa Filomena.

“Deus queira que não esteja doente. Que não está, de certeza absoluta. E que tudo corra bem à Gina, e que ainda possamos ter juntos uma família inteira de bebés. Sem bebés não há alegria numa casa.”

E quando fechava o livro, vinham-me à ideia aquilo que a minha dona chamava de *cosas raras*. A história das almofadas. Será alguma espécie de encantamento para que o parto corra bem, para que o bebé nasça bem? Era como se Guilhermina se quisesse pôr na pele da Gina para lhe duplicar as forças, ao ataviar-se com aquelas almofadas que a faziam parecer mais uma grávida entre as grávidas da Clínica de Santa Filomena.

Foi às quatro da tarde que o telefone tocou. Era Guilhermina.

- Já pode vir. Estou no quarto 307. Basta só dizer que é o meu marido.

Apanhei logo o “metro” e saí em Conde de Casal, com o coração a bater mais apressado enquanto subia a Calle O’Donnell.

A minha dona estava num quarto particular, o mais caro da Clínica. A seu lado, um berço com um bebé com um pequenino gorro cor de rosa a proteger-lhe a cabeça.

- A nossa filha – apresentou-ma.

E, para a enfermeira que me seguira até ao quarto, ordenou mais veloz do que o tempo necessário para eu dizer “Mas...”:

- Saia e feche a porta.

A pretensa gravidez não lhe adoçara as inflexibilidades do carácter. Foi então que eu disse “Mas...”

- Mas nada – cortou a minha dona. – Já disse tudo o que tinha a dizer e não gosto de me repetir, e não vou fazê-lo agora. Está tudo dito. Olhe a nossa filha, como é bonita. E que ar tão tranquilo, já reparou? O ar de quem entrou no mundo sem luta, sem ter de se esforçar. Nasceu naturalmente, como se o mundo se tivesse escancarado de par em par para que ela passasse. Quanto mais olho para ela mais parece uma pequenina princesa, com os olhos do pai e o nariz e a boca não há dúvida que são da mãe.

Percebi tudo. Afinal, aquela vaga, vaguíssima suspeita que nem fora capaz de traduzir por palavras, tão inverosímil era ela, tinha fundamento.

Não perguntei como é que ela iria convencer alguém de que uma mulher de 68 anos acabara de dar à luz.

Brinquei com os minúsculos dedos da minha filha e dei-lhe um beijinho muito ao de leve, muito a medo, na face lisa e rosada.

- Deus te abençoe, minha princesa.

Guilhermina pediu que lha colocasse ao colo e a bebé procurou-lhe o peito seco, como o oficial da Legião Estrangeira que não se resignasse a que o cantil estivesse vazio.

- O parto correu bem e a bebé nasceu com 3,560 kg. É forte como a mãe... só a força que ela tem nos braços, já viu?... e é simpática como o pai. É pouco de chorar. Vai ser uma grande mulher.

Fez uma pausa, para tentar enganar a recém nascida com o seu dedo indicador molhado em leite.

- A coitada da Gina é que não teve sorte. O parto foi por cesariana, porque havia o risco de que os ombros não passassem, mas o bebé, era um rapaz, nasceu já morto. A Gina ainda está meio aparvalhada pela anestesia e o bebé foi levado para a câmara frigorífica até ser sepultado. Não vá vê-lo. Felizmente, a Gina tem leite que dá para três gémeos e a nossa filha vai ter uma boa alimentação. Graças a Deus por termos a Gina.

E Guilhermina continuou a falar, para não me dar tempo nem oportunidade para dizer o que nunca deveria ser dito nem sequer pensado.

Bateram à porta, e entrou um médico, pelo menos estava vestido com uma bata branca, tinha um estetoscópio pendurado do pescoço, e no bolso superior da bata, colava-se a etiqueta “Dr.Carvajal”. Deveria ser pouco mais velho do que Guilhermina. Talvez já tivesse completado os 70 anos.

- *Enhorabuena* – e apertou-me efusivamente a mão.

Era o equivalente em português de “Parabéns”.

- Na verdade, tenho de o confessar, ao princípio estava um pouco receoso. A Dona Guilhermina Portomayor já não é muito nova e receei o pior. Mas, olhe, meu amigo, foi um dos partos mais perfeitos a que assisti. A dilatação foi perfeita, o feto estava muito bem colocado, saiu a calote craniana, depois passaram os ombros. Um daqueles partos que dá vontade de filmar para depois passar nas aulas da Faculdade. Pena não termos à mão nenhuma câmara de filmar.

- Pois sim, que pena – murmurou a minha dona. – Só que agora já não há nada a fazer. Talvez no próximo parto tenha mais sorte.

- Perfeitamente – concordou o médico – Pode ir já pensando numa próxima gravidez, que para isso tem aqui a nossa Clínica. Agrada-nos sobremaneira que um filho seu aqui tenha nascido. É uma honra que nunca esqueceremos.

Auscultou a bebé e pareceu satisfeito. É uma bebé perfeitamente saudável. Dá gosto, principalmente nestes casos.

O médico passou para as mãos de Guilhermina o certificado do nascimento e um pequeno diploma emoldurado.

Quando ele saiu, Guilhermina passou-me para as mãos o certificado. No dia 8 de Maio de 1980, pelas 15h 45m, nascera Paula Clotilde Ana Marina Eugénia de Holstein, Castiglione Mendes da Maia e Alpoim.

- da Maia, amor?

- Sim, porque não quero que a rapariga venha a ter problemas por causa do Mendes. Cheira muito a Pierre Mendès-France. Mendes da Maia é visigodo o que baste.

Era filha de Faustino Manuel dos Santos Mendes da Maia, p.p. e de...

- Maia, outra vez? E a minha mãe sabe?

- Há documentos muito antigos que o provam. Foram descobertos ontem.

... e de Maria Guilhermina Ana Eugénia de Holstein, Castiglione e Alpoim de Portomayor.

Avós paternos – José Manuel dos Santos Mendes da Maia e Odete Maria da Silva Mendes da Maia.

Avós maternos – Frederico Manuel de Holstein, Castiglione e Alpoim e Maria Antónia Moreira Viseu de Alpoim.

- Que é feito deles, dos seus pais, minha lobinha?

- Não sei, deve ter sido na guerra. Tudo indica que tenham morrido em Fevereiro de 1945, quando se encontravam em Dresden. Mas deixemos isso. Neste momento, a Paula Clotilde é a pessoa mais importante do mundo, e nada mais interessa.

- Lobinha querida, que é isto do p.p. a seguir ao meu nome? Não é injúria, pois não?

- P.P. é “presunto padre”. É o marido da Mãe, logo é o Pai. Daí chamar-se Pepe a quem é José, por haver muitos Josés que são pais, ou muitos pais que são Josés.

Era o que em latim se diria *pater is est quam justae nuptiae demonstrant* e que ia dar ao mesmo - “o pai é o marido da mãe”.

A porta abriu-se novamente e entrou a Gina, despenteada, de olhos pisados, talvez por ter chorado, transportando um tripé com um saco de soro que lhe estava ligado à veia.

- Mas não devias estar deitada, rapariga? – ralhou a minha dona. – Foste cozida ainda não há muito tempo.

- É só dar de mamar à sua menina. E volto logo para a cama.

A verdadeira mãe expôs os grandes seios e ofereceu-os à voracidade da pequena Paula Clotilde, que mamou até saciar a sua fome e logo adormeceu, tão bem que se sentia nos braços de sua mãe.

Quando ficámos novamente sós e a jovem Paula foi levada para o berçário, eu ainda quis levantar questões. Que se tratava de uma coisa inacreditável. Que ninguém iria acreditar.

- O parto foi realizado e testemunhado por um dos melhores e mais conhecidos obstetras do mundo inteiro, o Prof. Carvajal, e foi assistido por duas enfermeiras que por acaso também são irmãs de caridade, e, portanto, duplamente merecedoras de crédito. Não podem mentir, simplesmente porque não podem pecar. A sua religião não o permite. Pelo que nada pode ser posto em causa e agradeço-lhe que não me venha maçar com problemas que não existem a não ser na sua imaginação. Faça-me um favor. Vá jantar tranquilamente, há uma cafetaria no rés-do-chão da Clínica que só fecha às dez da noite. E depois volte, há aqui mais uma cama no quarto e faz-me companhia. Se me quiser aborrecer com as suas dúvidas ridículas, então não venha e vá mas é dormir à Plaza Mayor. É melhor para nós os dois. Estamos entendidos?

Beijei-a e prometi o meu silêncio, fazendo o gesto de coser os lábios com agulha e linha.

- Quero é que se ponha boa depressa, meu amor, e que possamos regressar a Lisboa com a nossa menina. Temos que a apresentar à avó Odete, à mana Dora, à família, enfim.

- Temos tempo – disse a minha dona.

E virou-se para o outro lado, enquanto eu fechava a porta suavemente, atrás de mim. O que noutras Clínicas era uma violação das regras, as de que uma porta nunca se fecha, era a regra na Clínica de Santa Filomena – uma porta nunca se deixa aberta.

Não tinha muita fome e só comi uma salada, uma banana e um sumo de laranja. Depois das 10h da noite, em caso de sede ou fome súbitas só

disporíamos de máquinas automáticas. À cautela, levei uma garrafa de água para cima, para o piso 3, onde estavam as duas mães da Paula Clotilde – a verdadeira e a falsa.

Pareceu-me que Guilhermina já adormecera. Beije-a na testa e deitei-me descalço em cima da cama, atento à sua respiração regular.

Estava quase a adormecer quando alguém acendeu a luz do quarto. Uma das Irmãs trazia a Paula Clotilde nos braços e a Gina entrou logo a seguir, para dar à criança a mamada da meia-noite. Ficámos acordados, a tagarelar acerca de Albaladejo e que teríamos de ir a Pasaconsol mesmo antes de voltar a Lisboa, para a bebé ver como era a vida de uma serrana-manchega cruzada de português.

- Tem tempo – repetiu a minha dona, que agora parecia ter vontade de adiar tudo, como se quisesse parar o tempo para melhor desfrutar a sua incrível maternidade.

Quando a Gina se retirou, veio outra Irmã, com uma bandeja com sumos e “madalenas”, que deixou em cima de uma pequena mesa, com um sorriso cúmplice. Levou a bebé com ela e deixou-nos sozinhos com a luz acesa. Bebemos sumo de pêsego e apagámos novamente a luz. Aproximei a minha cama da cama de Guilhermina e adormecemos de mão dada.

23.

Sou pai e estamos em Lisboa.

Paula Clotilde... Sempre imaginei que seria pai de um Carlos Filipe ou de uma Ana Madalena, por terem a ver com o meu adorado Bach, mas Paula Clotilde nunca me passaria pela cabeça. Fora Guilhermina quem escolhera o nome da que era filha minha e da Gina, mas que por um acordo e por finalidades que me escapavam, era oficialmente filha de mim próprio (o que era verdade) e de Maria Guilhermina de Holstein e etc. (o que era uma refinadíssima mentira e se fosse verdade era um milagre como dos que já se não faziam desde o tempo de Sara, mulher de Abraão, que foi mãe aos 90 anos, embora há quem diga que nesses tempos os povos nómadas, por serem nómadas, tinham o registo civil muito mal organizado, uma autêntica bandalheira).

Tornei-me um pai especializado. Mudava fraldas em menos de dois minutos, sabia aplicar o talco no rabinho assado da nova Princesa, e tinha um jeito particular para a fazer arrotar. Segurava-a pelos pés, e deitava-a para trás das costas, deixando-a suspensa e feliz, até arrotar tranquilamente e voltar a adormecer, de costas, de braços abertos em cruz, a toda a largura

do berço. Quando chorava, e não eram assim tantas vezes, a Paula Clotilde não era chorona, os meus braços tinham o condão de a tranquilizar e voltava a adormecer. Mamava bem e o leite materno dos amplos seios da Gina protegia-a de todos os males, inclusivamente das pragas do avô Alterio que não eram para levar a sério, mas mesmo para quem não acredita em bruxas todo o cuidado é pouco.

Depois, era uma jovem princesa que apreciava o banho e que a partir dos três, quatro meses, começou a brindar-nos com os primeiros sorrisinhos, daqueles próprios para derreter corações. A Gina dizia que a nossa filha tinha *mirada de picacona*. Não me lembrei de ir ao Dicionário ver o significado da palavra. Se tivesse ido ficava a saber que a nossa bebé tinha um riso maroto. E é que tinha mesmo.

E algo lhe agradava em Guilhermina, a sua mãe oficial. Bastava vê-la para se rir, e não há maneira mais franca de confessar que gosto de ti e que me divertes.

Dora foi lá a casa ver a bebé e fechou-se numa sala com a mãe. A conversa durou mais de meia-hora, segundo o que a Gina me contou. Eu estava na Repartição, por isso não sou testemunha. Terá sido tempestuosa, que era bem claro - gritava a filha mais velha -, que era tudo uma grande mentira, e que a mãe teria respondido com a calma das grandes senhoras que levavam à guilhotina – Foi o mais conhecido obstetra de toda a Espanha, um dos melhores do mundo, auxiliado por duas Irmãs de Maria Auxiliadora, quem fez o parto. Se achas que são mentirosos, pois faz o que quiseres, faz o que achares melhor. Mãe, essa Clínica é uma grande intrujice, toda a gente sabe. Entram raparigas grávidas, sozinhas, e saem casais com filhos nos braços. Até a Polícia sabe, mas ninguém faz nada. E a Dona Guilhermina – Vês? Se ninguém faz nada, por alguma razão é. Pensa bem antes de chamar mentirosa à tua mãe, principalmente quando tenho o certificado de nascimento que prova o preto no branco que a criança é minha filha e do Faustino. Se persistires, pois denuncia o médico, denuncia as monjas, denuncia a Clínica, e o resto é contigo. Vamos mudar de assunto, está bem? Dá-me um beijo e anda ver a tua irmã.

Não se sabe como é que se logrou manter fora dos jornais a notícia de que uma mulher de 68 anos tinha tido um filho, no caso uma filha. Essa notícia ficou arquivada nas não-notícias. Nem a rádio nem a televisão a abordaram, nem sequer ao de leve. Mas falava-se para aí, pelas vias informais, que ali havia coisa, que aquela Clínica tinha mistérios insondáveis, como o Tesouro dos Templários ou quem matou Kennedy. A contra-ofensiva não se fez esperar. Foi-se divulgando pelos estreitos canais do boato (estreitos até alargarem para as dimensões das verdades reveladas)

que a Clínica dispunha de uma técnica revolucionária, só acessível a milionárias muito milionárias, como era o caso de Guilhermina. E outros boatos foram colocados de reserva: que o meu esperma tinha qualidades especiais que permitiam engravidar qualquer mulher, mesmo que tivesse mais de 80 anos, e outros de igual jaez.

Esperma à parte, as provas escritas foram em Junho e dispensei da oral a todas as disciplinas. A minha média oscilava entre o 15 e o 17, o que era francamente contrário às tradições da Faculdade de Direito de Lisboa, muito parca a dar notas. Mas para mim era como uma chuva de medalhas de valor, lealdade e mérito que a mão benéfica de Guilhermina me arrojava ao peito, nem eu sabia como.

Em Outubro seria o concurso para liquidadores tributários e tinha confiança em que obteria uma boa classificação. Não queria ficar colocado fora de Lisboa, longe de quem amava, e ainda por cima longe da Faculdade, o que seria sinónimo de uma vida mais complicada, coisa que eu detesto.

O Saraiva ainda repetia, com o seu eterno charuto, mas agora dizia-o de modo algo mecânico e cansado, como se o entusiasmo se tivesse já desvanecido, o que costuma ser o destino dos entusiasmos:

- Vê como o aconselhei bem? Vá para Direito, não era o que eu dizia? Afinal, quem é que vai querer contas certas?

O Palma já se calara com a sua interminável carta a Garcia. Para todos os efeitos, eu lograra entregá-la, não sabia era quando, nem como nem a quem. A última vez que a mencionara fora, já eu estava casado, quando disse para todos os outros, apontando-me como exemplo – “Tirando eu, é a única pessoa que conheço que conseguiu entregar a carta a Garcia. Enganou-nos bem enganados. Parece que é, mas não é burro. Nada mesmo”.

Eu tinha quinze dias de férias em Julho, e outros quinze na segunda quinzena de Agosto.

Por altura dos feriados de Junho, tínhamos todos – a Gina, eu, a Guilhermina e a nossa princesa – tínhamos passado uns dias na casa da Zambujeira do Mar. Eu e a minha dona aproveitámos para mergulhar nas águas alentejanas que tinham principiado a aquecer. O mar enchia-se de vida e Guilhermina tinha um jeito especial para seleccionar os melhores locais e os melhores momentos para fotografar os cardumes que passavam. Nem se imagina como o fundo do mar é colorido. Até me fotografou a mim, enquanto eu lhe fazia uma saudação muda. Depois, a sombra de um

barco passou velozmente por cima de nós. A minha lobinha subiu à superfície e refugiou-se na areia.

- Está bem, meu amor?

- Estou – disse ela, retirando a garrafa das costas. – Estou bem. Estava a sentir um pouco de frio. Foi por isso. Vamos para casa.

Quando se dorme com alguém há já mais de um ano, apercebemo-nos de coisas que passariam despercebidas num convívio mais recente. Por exemplo – Guilhermina andava preocupada. Aparentemente sem motivo. Obtivera grandes ganhos em Londres, quando se dera a alta da cotação do ouro, conseguira despejar vários inquilinos e vendera os andares por bom preço, e esperava pela privatização da Banca para recriar o *Banco Portomayor*, de que recebera a maioria das acções em testamento e que fora nacionalizado em 1975.

Mas algo a preocupava e eu às vezes, do outro lado da cama, perguntava.

- Tudo bem, amor? Passa-se alguma coisa, Lobinha? Alguma coisa que queira partilhar com o seu marido?

Deitados de lado, apertava-me contra ela, e o meu braço direito tinha facilidade em passar no espaço por cima do seu ombro esquerdo, a ali ficávamos abraçados, a protegermo-nos mutuamente, até que nos cansássemos daquela posição e desfizéssemos o abraço.

Um dia tratou-me por tu:

- Faustino, gostarias de mim se eu fosse outra mulher? Fisicamente, a mesma, mas com outro nome? Se eu fosse uma mulher muito má, gostarias de mim à mesma?

- Amor, tu já me arranhaste, mordeste, já me torceste um braço, e pisadelas perdi-lhes a conta. Por sorte, não és muito dada a bofetadas... Logo, má já tu és. Podias chamar-te Aldegundes, que é dos nomes mais feios que conheço, e ser ainda mais má, que é como quem diz “pior”, e eu continuaria a amar-te à mesma e provavelmente mais ainda.

- Posso ser assim um bocadinho bruta, é a minha maneira de ser, meio loba meio gente, mas “má”, o que se chama “má”, até nem sou. Apenas o suficiente para sobreviver na selva. Dás-me a tua palavra de que me continuarás a amar, mesmo que eu seja a mulher que pensaste conhecer mas na verdade nunca conheceste?

Não percebi bem, ou melhor, não consegui entender o significado da “mulher que pensaste conhecer e que não conheceste”. A não ser que ela se

estivesse a referir a que, lá no fundo, somos todos uma caixinha de surpresas uns para os outros. Como é normal entre seres humanos.

- Dou-te mais que a minha palavra, lobinha adorada.

Daí a uma hora, senti-a adormecer e eu dormi também, pacificado.

Guilhermina voltou a tratar-me por “você”, mas notava-se que algo a ralava e que estava prestes a tomar uma decisão. Talvez porque repetia agora com alguma frequência “Vou-te pôr à prova”, o que se diz normalmente quando se prepara algo desagradável, como subida de impostos ou chá de valeriana.

No princípio de Julho trouxe-me um atestado médico, a confirmar que eu estava doente e só poderia voltar ao trabalho dali a uma semana.

- Mas, amor, esperava mais duas semanas, e eu já estava de férias.

- Isto é uma emergência. Se me ama de verdade, venha comigo.

A Gina e a nossa Princesa Paula Clotilde ficaram em Lisboa, e a minha Lobinha e eu rumámos para Pasaconsol, seguidos a pouca distância por uma carrinha negra. O nosso carro era um *Audi* comprado havia quinze dias e quem o conduzia era o gladiador reformado que já nos levara na nossa última viagem a Madrid.

- São gente amiga – sossegou, referindo-se aos ocupantes da carrinha que nos seguia. – Assim vamos mais protegidos. Nunca se sabe o que pode acontecer numa viagem. Nem toda a gente me ama, como o menino. Há quem me odeie. E muito. E ainda por cima sem razão. Ou pelas razões erradas. Vá-se lá saber.

Só em Mérida, quando parámos para meter gasolina, é que pude atentar nos vigilantes que nos protegiam a rectaguarda, se assim se pode falar na vida civil. Eram todos altos, possantes, e se Frederico, o Grande tivesse ali passado, iriam fatalmente parar à sua Guarda, tal era o seu fanatismo por homens altos. Os rostos eram muito parecidos, de queixos quase rectangulares, olhos de um azul pálido, lábios finos e cabelo louro cortado rente. Vestiam agora todos de negro, como se fossem a um funeral ou embirrassem com as cores do arco-íris.

Saudaram Guilhermina e deixaram-se ficar a uma distância prudente, enquanto o empregado da bomba de gasolina atestava o depósito. Eu era como se não existisse.

Entrámos no restaurante, enquanto os “duros” atestavam o depósito da viatura negra. Bebemos café e Guilhermina pediu também uma fatia de torta de cerejas.

- Desde a gravidez que me estava a apetecer.

- Quando voltarmos a Portugal, hei-de-te levar a um restaurante madeirense que tem pudim de maracujá. Se és gulosa, vais... - e eu chupei os dedos meus e os dela também. Para dar tradução visual à expressão espanhola “de chuparse los dedos” quando se fala de alguma coisa muito gostosa.

Desviámo-nos para Toledo e chegámos a Pasaconsol ao fim da tarde. No solar de Guilhermina já se encontravam à nossa espera outros quatro indivíduos dos de negro, daqueles a quem não vale a pena dar dentadas, de tão “duros” que são. Fizeram vénias à minha amada, talvez para demonstrar o respeito que a sua fortuna lhes inspirava. Eu tive a sorte de ser ignorado, talvez por me terem catalogado na categoria dos “caprichos do momento”, embora “príncipe consorte” fosse bem mais lisonjeiro e proporcionasse melhor estatuto. Eu era um mero “Mendes” e não tinha no sangue nem a mais mínima gota dos Holstein, ou dos Alpoim, ou dos Portomayor. Em suma, passei sem problemas pelo portão do solar, como o bobo da corte haveria de ter passado.

Descansámos por uma hora no salão, que tinha sido limpo e arejado, como se a sua visita já tivesse sido anunciada – e claro que tinha, senão não teríamos à espera uma dose suplementar de guardiães, para nos proteger de algo de que eu não fazia a menor ideia do que era, mas que de qualquer modo tinha o condão de pôr Guilhermina nervosa, a andar de um lado para outro e a fumar como uma fábrica com excesso de encomendas.

- Sente-se, amor, e descanse. Não fume tanto. As coisas não poderão ser assim tão más.

Guilhermina veio direita a mim e eu recuei instintivamente a cabeça, como se fosse a Dona Odete que se aproximasse com a palma da mão em riste. Mas não era para me esbofetear. Fez-me uma festa.

- Pois não.

Estava tão triste que acabámos por inverter os papéis. Eu atraí-a para o meu colo e embalei-a como se ela fosse a minha bebé, uma outra Paula Clotilde.

Quando a minha dona achou que já eram horas – davam as sete no relógio da sala -, levantou-se e esticou os braços, pronta para a luta.

- Vamos.

Dirigimo-nos devagar para a cripta da Igreja, de que Guilhermina tem a chave. Vêm seis guardiães no nosso encalço e, atrás de nós, roda ronceiramente uma carrinha de caixa fechada.

Eu não faço perguntas, nem “porquê” nem “para quê”. É uma exigência da minha dona e eu faço caso das suas ordens. Dá-me um estranho prazer ser uma nulidade nas suas mãos, talvez porque... não sei, não faço ideia... Talvez o amor nos transforme em massa de vidraceiro.

Entramos na cripta, que, desta vez, está profusamente iluminada, como é natural depois das descomposturas com que a minha dona deve ter mimoseado o cura. Eu sei o que faria no seu lugar – ajoelhar-me-ia, pediria perdão e cobriria de beijos os pés e as mãos da minha dona muito amada.

Connosco entram quatro dos “duros”, munidos de pés-de-cabra. Guilhermina aponta-lhes a sepultura e dá as suas ordens em inglês, sem esquecer *if you please*. Os quatro Hércules obedecem. Apoiando os pés de cabra na tampa em que se esculpia a figura do cavaleiro de mãos apoiadas na espada, logram movê-la à força de empurrões e de pragas. Não é fácil mas conseguem colocar no chão a tampa do túmulo do cavaleiro desconhecido.

Espreito para dentro. Não se vêem armaduras nem ossadas medievais, mas sim uma caixa cilíndrica de alumínio.

Guilhermina manda que retirem a caixa e que a transportem para a carrinha que nos seguiu até à Igreja. E que recolquem a tampa na sepultura de onde foi removida. Os homens obedecem. A caixa metálica está já dentro da viatura e as portas são fechadas a cadeado.

Olho a minha amada. Nunca a vi de assim, de olhos baixos, como se estivesse a ser esmagada por acontecimentos de um peso para lá das suas forças. Enlacei-a pela cintura e seguimos assim, em passo que para mim é de namoro e para ela de funeral.

O solar de Guilhermina, que se chama *Casa de Los Rosales*, embora nunca lhe tenha visto roseiras, tem um extenso quintal onde crescem árvores de fruto, feijoeiros e tudo o que faz falta numa salada, incluindo as oliveiras para o azeite. Nem lhe falta a capoeira. Tem, ao fundo, escondido entre árvores, um forno que pode servir para tudo, para fazer cal ou para derreter ferro ou, na mais bem cheirosa das hipóteses, para fazer pão. É alimentado a propano e costuma ser aquecido por altas colunas metálicas onde se abrem círculos de onde brotam chamas e, nesses momentos, nem sequer nos podemos aproximar porque o calor quase que derrete à distância, parece uma sucursal do inferno.

Guilhermina está presente e aperta a minha mão na sua mão quando a caixa é aberta. Vejo um cadáver queimado, em que o osso do crânio parece estar incompleto, falta-lhe grande parte. Ela reza e eu imito-a com um “Pai Nosso” por uma intenção desconhecida.

Os guardas retiram o cadáver com a solenidade de quem está a viver História e deixam-no a repousar numa espécie de prateleira metálica côncava, envolta em cerâmica refractária. A prateleira é içada por um mecanismo que se acciona por um botão verde. Existe outro botão, agora vermelho, e quando este é pressionado, as chamas brotam dos buracos abertos nos tubos e são sopradas para a prateleira e para o que está em cima dela.

Decorrem minutos de inferno e a minha dona ampara-se a mim, porque tudo aquilo a faz sofrer. Eu acho que estou a participar num crime de profanação de cadáver, mas por ela eu esqueço leis e morais. Sou coisa sua e por isso posso acariciar a sua mão tão estranhamente gelada naquele Verão de 1980.

As chamas apagam-se e a prateleira desce ao nosso nível. Só contém cinzas que ainda escaldam, o que fica de um cadáver quando tudo o mais se evaporou.

Um dos guardas apresenta a Guilhermina um vaso de prata, onde uma águia estende inutilmente as grandes asas. É colocado um funil na abertura do vaso, o que o coloca ao nível da botija de água quente da Dona Odete, coisas mezinhas demais para cerimónias fúnebres.

É o mesmo guarda que, com luvas, abre uma pequena válvula, no centro da prateleira, e vai recolhendo o pó cinzento que escorre para a abertura do vaso, e com tanto método que ao fim de cinco minutos toda a cinza está no vaso e só uma ou outra molécula terá ficado residualmente na prateleira, nada que sirva para devoção ou relíquia.

É colocada uma tampa de atarrachar, feita à medida para aquele vaso, e Guilhermina segura-o de encontro ao peito.

Naquela noite ficamos em Pasaconsol, no solar, nós e os oito vigilantes, e Guilhermina pede-me, ela, tão habituada a ordenar, pede-me

- Vá lá fora, meu querido. Descanse um bocadinho. Vá ao “bar” que fica ao fim da estrada, à direita, e distraia-se um pouco. Volte daqui a duas horas, e se for mais tarde também não há problema.

Faço-lhe a vontade e procuro o “bar”, onde há pessoas que jogam às damas e outras que bebem e conversam. Eu saúdo ao entrar com o meu

melhor “buenas noches” e todos se viram para mim, como se fossem Aztecas assistindo à chegada de Cortez.

- Ah, é o marido da Dona Guilhermina.

Ali era uma região de gente que votava à direita, encravada numa província dominada pelos *rojos* durante a Guerra Civil. A minha dona era considerada, não sabia eu porquê, mas talvez por ser tremendamente rica, como uma das santas dessa difusa religião que é o capitalismo. Aceitaram-me de imediato como “tiene cara de buena persona” e eu apresso-me a explicar que venho de mais longe, sou português e o meu castelhano é fraco. Devagarinho ainda percebo alguma coisa.

Peço uma limonada e trazem-me também uma ração de *patatas bravas*.

O pai de Celina, a jovem que nos trouxera o almoço na minha primeira visita a Pasaconsol, aproxima-se de mim e fala, enquanto eu faço esforços para o perceber. Fico a saber que tem oliveiras, vinha, cevada e amendoeiras. Foi graças aos seus esforços e à ajuda do padre que se tinha constituído a adega cooperativa, onde se faz o vinho *Mejeda* de que eu tanto gostara. O outro orgulho é a família. Luís, o mais velho, que está a estudar em Valência. A irmã mais velha de Celina, Isabel, seguiu a carreira das armas, e agora está incorporada na Guarda Real.

- Toma conta do Rei – disse, com orgulho, mostrando a fotografia de uma jovem alta e morena, fardada, com aquele irresistível encanto das serrana-manchegas, descendentes directas da famosa ninfa do Júcar.

O pai da guardiã do Rei tinha treze anos quando rebentara a guerra civil e lembrava esses tempos como tudo se tivesse passado no dia de ontem. O dia de ontem é que já não recordava tão bem.

- Conte lá, como foi quando foi apanhar figos.

- Os figos estavam já maduros. Começo a arrancá-los e a comê-los quando, de repente, ouço uma voz “Estão bons, não estão?”. Não se via ninguém, desatei a fugir e só parei em casa.

A província de Cuenca estivera nas mãos dos “rojos” durante a guerra. Mas, pelo menos ali, em Villaverde y Pasaconsol, a vida corria com a normalidade possível. O cura deixara crescer o cabelo, vestira roupas civis e escondera-se até à chegada das tropas franquistas. Mas todos sabiam onde estava e ninguém o incomodou. As mães escondiam os filhos, para não serem recrutados à força e quando os vinham buscar e não os encontravam, à pergunta “Onde é que se meteram?”, elas respondiam “Procura debaixo das minhas saias”. Que as usavam muito largas e

compridas. Quem assustara o meu interlocutor era um dos muitos que fugiam ao recrutamento compulsivo e se escondiam nos campos durante o dia. Só iam a casa de noite, pelo segredo mais completo, para ir buscar comida e roupa lavada.

Ainda hoje, nos “bares” da terra, que eram apenas quatro, por a população ter diminuído drasticamente durante os últimos 50 anos, há conversas entre septuagenários que se tinham odiado como irmãos.

“Nem sabes a sorte que tens em estar vivo. Eu, mais quatro, estávamos emboscados no sítio onde tu costumavas passar quando ias para o *Ayuntamiento*. Mas nessa noite, foste por um caminho diferente, *cabronazo*. Foi a tua sorte. Não estávamos agora a conversar, isso podes tu crer”.

Já passaram duas horas e meia. Despeço-me e regresso com vagares ao solar da minha dona. Dormimos nessa noite em lençóis lavados, com um cheiro agradavelmente a fresco, e no dia seguinte seguimos para sul, sempre acompanhados pelos nossos protectores.

É para Valência que vamos. Valência, que foi conquistada aos mouros por Rodrigo Diaz de Bivar, *el mio Cid*, e onde Luís estuda agora Medicina.

Não nos demoramos na cidade porque temos um iate à espera, que é o *La Sirenita*, e que, como tanta coisa neste mundo, eu incluído, pertence a Guilhermina.

Embarcamos sem demora e seguem connosco seis guardas, que transportam vários volumes e que os arrumam no porão. Admiro as maravilhas da sala de jantar e penso que a partir dali poderíamos visitar as ilhas nos mares de coral do Ballantyne da minha infância. Falo do escritor.

O iate larga amarras e segue na direcção de África, porque estamos no Mediterrâneo, onde é difícil falar em mar alto. É um mar pequeno, que já secou por quatro vezes e ainda pode secar mais uma.

Somos sobrevoados por um helicóptero e Guilhermina aponta-lhe o dedo médio esticado e o indicador e o anelar flectidos, como a significar-lhes onde é que gostaria que eles fossem, se esse fosse um lugar que se pudesse visitar. Os nossos guardiões saúdam o helicóptero mas fazem-lhes também sinal para que se afaste. É um tanto contraditório, parece o irmão mais velho a dizer ao mais novo que aquele brinquedo não é para ele. Exibem as suas negras *AK4*, como se estivéssemos numa feira de armamento ligeiro e altamente letal. O helicóptero passa a seguir-nos a maior distância. Tudo me está a parecer banda desenhada pura e a sensação não é desagradável. É mais emocionante que o Imposto Complementar e o

Imposto de Transacções todos juntos, e não é que as Finanças não sejam emocionantes.

É noite e a lua cheia ilumina o mar por onde Ulisses andou 10 anos à boa vida mas sempre a queixar-se da sorte.

A profundidade é de 557 pés. O vento sopra de NNW, com uma velocidade de 15 nós. Qualquer coisa que caia a estibordo será soprada irremediavelmente para o mar e para sul. Eu estou a namorar aquele mar, e todo eu sou aventuras, quando a minha bela czarina sobe ao convés com o vaso de prata que recolheu as cinzas do ocupante do túmulo do cavaleiro medieval.

Ela acerca-se de mim e pede-me que reze com ela pelo eterno descanso daquele de que só restam aquelas cinzas. O que fazemos os dois, com mais ou menos sinceridade da minha parte, que estou numa cerimónia cujo alcance desconheço.

A minha dona desatarracha o vaso e estica o braço por cima da amurada. Vira o vaso e uma nuvem negra sai do mesmo e desvanece-se no mar. Depois, e essa é uma atitude francamente anti-económica atenta a cotação da prata, atira a tampa e o vaso pela borda fora, e fica a vê-los encher-se de água e afundar-se.

O helicóptero que nos vinha a seguir dá meia volta, e pela maneira como giram as suas pás, eu diria, é uma coisa que se sente e não se explica, eu diria que está despeitado, para não dizer raivoso como um cão que privámos do osso.

Ficamos a pairar no Mediterrâneo, a gozar os prazeres de uma ondulação que embala, que é um convite ao amor, e é pouco antes do nascer do sol que a minha dona manda regressar a Valência. Descemos do iate e o mesmo volta ao mar de onde veio e segue para leste, desconheço o seu destino. Pergunto. Vai para Barcelona e depois seguirá para Tânger e perder-se-á no Atlântico, rumo desconhecido, não me dizem para onde vão.

Tomamos o pequeno almoço na cidade e seguimos de volta para Pasaconsol, para o solar da minha Princesa. Ficam apenas dois guardas connosco, os que não seguiram a bordo de *La Sirenita*.

É noite novamente. Os dois guardas vão-se embora depois de saudarem Guilhermina com fortes apertos de mão. Agora sim. Chega a sua vez de serem substituídos por homens de cinzento, que têm por missão proteger a minha dona e o que está à sua volta. Não sei quantos são, mas sei que estão ali e que afastarão de nós os perigos na justa medida em que nos ameacem.

- Não tens de me jurar nada. Sei que posso confiar em ti, porque te vi chorar e provei o sabor das tuas lágrimas.

Descemos para a cave e Guilhermina ajuda-me a afastar os pesados baús que estão encostados à parede do fundo, e que parecem destinados a enxovais de betão. Descobre-se um alçapão, que é levantado, e vislumbro uma escada de madeira. Ela pede que eu desça e passa-me uma lanterna para as mãos. Desço os degraus e ilumino o compartimento onde pousaram os meus pés. Vejo o que pode ser um abrigo nuclear, mas se calhar é a caixa forte de um Banco, com o que normalmente existe ou se pensa que existe nas caixas fortes dos Bancos. Uma pilha de lingotes que brilham em revérberos de ouro. Quadros que se amontoam contra as paredes e que vão da Renascença ao Impressionismo. Seguro um dos lingotes na minha mão e vejo que na sua face superior está gravada uma águia a envolver uma cruz gamada. Parece não haver dúvidas quanto à proveniência daquele ouro. Subo e entrego-o à minha bem-amada. Ele pede que desça e que lhe traga mais doze iguais. O treze é um número que sempre lhe deu sorte. O resto ficará para depois, para melhor oportunidade.

Guilhermina manda-me sair da sala e esperar no quarto.

No dia seguinte, acumulam-se na sala dezasseis lingotes de ouro, sem qualquer marca, que estão ali só para que eu os veja. Obra de fundição dos homens de cinzento. A águia voou para longe e a cruz gamada dissolveu-se no fogo purificador do “Crepúsculo dos Deuses”. Depois de Guilhermina mos apontar, silenciosamente, hem?, os lingotes são imediatamente colocados em caixotes de madeira com o “Frágil. Este lado para cima.”

Falta apenas o contraste da Casa da Moeda, para certificar que é ouro e de 24 quilates.

25.

- Já deve ter adivinhado tudo.

- Não – contestei. – Aparentemente, devia saber do que se trata. Mas como sei que é impossível... Só Lázaro e Cristo é que conseguiram. Nos nossos dias, os mortos não ressuscitam.

A minha dona começou pelo princípio e disse-me simplesmente:

- Não me chamo Guilhermina, nem sou Holstein nem Alpoim, nem nada. Só o Portomayor é que é meu pelo segundo casamento. Também não me chamo Aldegundes, esteja descansado. Chamo-me Eva Anna Paula Braun, e nasci em Munique em 6 de Fevereiro de 1912.

Parecia o princípio de um interrogatório policial em que naturalmente seguiria o

Estado civil,

Profissão,

Nome dos pais,

Residência habitual e

Número do passaporte ou do bilhete de identidade.

Era filha de Friedrich Braun e de Franziska Kronberger e fora educada em escolas católicas. Trabalhara como assistente para o fotógrafo Hoffman e também posara para ele.

Fora no estúdio que conhecera Hitler, que gostara dela porque lhe fazia lembrar alguém.

- Não posso dizer que me tenha apaixonado por um homem 20 anos mais velho. Mas havia nele, quando fitava as pessoas a direito, como que um magnetismo que não fui a única a experimentar. Era mais sedução, à mistura com um pouco de medo. De resto, ele era atencioso e gostava de agradar. Trazia-me sempre uma pequena lembrança.

Enfim, o resto era história mil vezes contada e requentada, até chegarmos a Abril de 1945, e a história se ter complicado com muitas zonas de penumbra e de franca escuridão.

- Estávamos no “bunker”, em Berlim. O Adolfo não poderia ficar atrás de Estaline, que ficara em Moscovo quando as nossas tropas já se encontravam nos limites da sua cidade. Agora os russos aproximavam-se e não poderíamos esperar qualquer tipo de compaixão depois da maneira como os tínhamos tratado a eles. Já tinha cada um a sua cápsula de cianeto para evitar que o capturassem vivo. A minha fora-me entregue pelo próprio Adolfo, especificando que só poderia usar aquela, que fora feita propositadamente para mim, e não outra, e ensinando-me como a deveria trincar. Parecia ter estudado a matéria a fundo.

- Depois de o Adolfo ter ouvido as notícias da morte de Mussolini e a maneira como o seu corpo fora exposto depois da execução, determinou que, após o nosso suicídio, os nossos corpos fossem queimados, para não permitir vexames *post mortem*. Nesta altura já estava muito doente.

- Casámos e fui *Frau* Hitler por coisa de 40 horas.

- Sabia que estava a ponto de morrer e bebi o melhor champanhe da adega. Vesti os meus melhores vestidos, para morrer como... olhe, como uma czarina reinante, como gosta de me chamar.

E a minha dona, que não sabia agora como chamar, avisou que não conhecia todos os pormenores, os mais importantes sempre lhe tinham sido escondidos, ela é uma rapariga muito simples, muito fútil, só o escarcéu que montou quando o Führer quis proibir o fabrico de cosméticos, enfim, é meio ingénua e a outra metade é a de uma rapariga sã e parva, mas que tem uma coisa boa. Nunca se mete em política, que é como quem diz, nunca se mete nos assuntos do amante. A sua única preocupação é manter o corpo dentro dos limites da magreza nacional-socialista, para dar um exemplo vivo ao “seu” homem, que no final de contas é o marido de toda uma Alemanha.

Provavelmente, haverá muita falsidade impressa. A História é uma vítima fácil para mentiras e meias verdades.

Entre as coisas que podem ser verdade, podem ser mentira, vá-se lá saber quais, parece que enviados de Himmler se encontraram na Suíça com o Conde Bernardotte e com Alan Foster Dulles, e negociaram a rendição dos exércitos alemães às forças anglo-americanas, ou seja, uma paz separada. O que provocou uma crise de raiva no que fora o seu amado Führer “Não se pode ter confiança num criador de galinhas”. Os factos também teriam chegado ao conhecimento de Estaline, que logo acusou os seus aliados de estarem a fazer jogo duplo. Por outro lado, parece que houve contactos entre os alemães e os soviéticos, para uma paz que tivesse em atenção o pouco que os unia – o Primeiro de Maio e a palavra “socialismo”. O que levou os restantes aliados a devolver a Estaline a acusação de ser pau de dois bicos.

Mas a altura de mudar de campo, mesmo nos últimos minutos do filme, não podia ser pior escolhida, e os aliados ocidentais e russos mantiveram os seus compromissos.

Hitler dispunha de várias cápsulas de cianeto, que mandou distribuir por quem ainda não tinha. Eva não precisou, porque já dispunha de uma que era especial para si, fornecida pelo próprio amante. Quando soube da traição do que parecia o mais fanático dos seus fiéis, levou a mão à testa – Por Odin, o cianeto que tenho foi o próprio Himmler que me deu. E se a cápsula que me deu se destina apenas a adormecer-me, para ficar com uma moeda de troca e deitar as culpas todas para cima de quem havia de ser!?

Na dúvida, já depois de casado, e antes de se dar a morte, mandou experimentar uma das cápsulas na sua cadela Blondie, que teve morte imediata.

Sentaram-se no sofá do salão e o seu marido exibiu a pistola de calibre 7,65 que iria usar como garantia suplementar de que morreria mesmo. Há gente que resiste ao cianeto, como Rasputine. E ele sempre

dispusera de uma inexplicável protecção contra a morte, como se provara nas trincheiras da Primeira Guerra e no atentado de Julho de 1944. Agora queria a certeza de que morreria mesmo. Mas antes disso, falou-me numa voz monocórdica, a voz de quem ouve mal o que ele próprio está a dizer. Disse-lhe que só nela é que confiava, ela era a única pessoa que o não traía e que nunca se metera em política, principalmente na sua política. Que ela não morreria, a cápsula que ele lhe dera continha apenas um poderoso anestésico e como não era de vidro não lhe iria ferir a boca. Seria levada dali, como se estivesse morta, para um lugar seguro. Era importante que houvesse testemunhas que pudessem declarar que a tinham visto morta ao lado do *Führer*. E o que agora não lhe pudesse dizer, porque o tempo era escasso, ser-lhe-ia dito depois. Mais. Deveria voltar a casar-se e ter filhos que pudessem realizar o que ele não pudera – tornarem-se autênticos super-homens, imunes à fraqueza e à compaixão. Porque foi a compaixão que me perdeu.

O ponto de exclamação fica apenas sugerido, porque a narrativa não é minha.

Explicou e voltou a explicar o que pretendia dela, como se Eva fosse uma criança de cinco anos e não uma mulher feita. Achava-a, sempre a achara muito bonita, do mais ariano que já se inventou, mas muito burra mesmo assim. Sempre havia a segurança de Bormann. Não te preocupes, em qualquer caso Bormann sairá com vocês e resolverá qualquer problema que surja. É a sua especialidade, a de resolver problemas.

Entretanto, passou-lhe para as mãos um salvo-conduto assinado por Patton, e referendado por Eisenhower, Montgomery e o marechal do ar Tedder. Só valia na zona ocupada pelas forças anglo-americanas. Era-lhe formalmente vedado penetrar nas zonas de ocupação soviética. Estava em nome de uma Gretl qualquer, nascida em Koblenz, professora de Ginástica. Podia trincar a cápsula sem medo. Era de gelatina, não de vidro, não lhe iria ferir as gengivas. Porque deveria adormecer antes de Hitler se matar. Queria poupar-lhe esse pesadelo.

Eva não tinha certezas de nada. Podia ser uma mentira piedosa, para que trincasse a cápsula sem receios. E se assim fosse, a morte seria tão rápida que nem lhe daria tempo para ter medo.

Ainda ouviu uma enorme tábua a cair estrondosamente numa escada enquanto mergulhava numa espécie de anestesia.

Quando acordou, seguia deitada no que parecia a maca de uma ambulância. Apalpou o peito, e lá estava o salvo-conduto, cuidadosamente dobrado em quatro.

Eram duas as ambulâncias que tinham abandonado Berlim ao anoitecer, aproveitando um abrandamento do contínuo canhoneio a que a cidade estava sujeita. Levavam no tejadilho e nos lados a cruz vermelha, sinal de que “Não disparem. Vão aqui pessoas doentes.”

Junto com Eva seguia o Conde de Söderhamn, na sua qualidade de enviado especial da Cruz Vermelha. Bormann não vinha com eles e não se sabia o que fora feito dele. Quando passavam os inúmeros controles espalhados ao longo do caminho pela Polícia Militar, eram exibidos os salvo-condutos de Eva e do Conde, o que lhes dava direito a uma breve continência, a do vencedor para com o vencido. Eva notou que o seu cabelo fora cortado e tingido de castanho escuro. Mas precisava de luz e de um espelho para ver se a mudança a favorecia.

Não podiam seguir pelo caminho mais curto, pelo temor de darem com tropas soviéticas, para as quais os seus salvo-condutos de nada serviam. Seguiram por Brunswick, Hanover, Bremen, Hamburgo, até Lubeque, que ainda era zona não ocupada. As ambulâncias detiveram-se junto de uma zona do porto que ficara intacta. Um submarino do tipo 21 esperava, com uma prancha a ligá-lo ao ancoradouro. Em primeiro lugar, foram embarcados caixotes que vinham na outra ambulância. E um caixão, o que não era invulgar em zona fustigada pela guerra. Só depois de se despedir do Conde de Söderhamn é que Eva desapareceu pelo buraco circular que dava acesso ao interior do submarino.

Ficara num pequeno compartimento individual. Mais ninguém dispunha dessa honra a não ser o Comandante Gustav, um veterano da guerra submarina, várias vezes condecorado por Doenitz.

Debaixo de água, o seu transporte era o submarino mais veloz que até aí se construía, batendo em rapidez os mais rápidos cruzadores de superfície de Sua Majestade. Como se chama? *Riefensthal*, foi a resposta. É um submarino para senhoras. Também lhe chamam U-777-B, mas isso é só para as estatísticas.

A viagem durou dois dias, o tempo justo para se aborrecer da vida de clausura, e terminou, pela calada da noite, num lugar de Santander chamado Punta de la Madalena. Foram arriados escaleres e Eva foi a primeira a sair. Logo depois os caixotes, que deveriam ser preciosos, tal o cuidado com que eram içados para fora do submarino, à força de roldanas. Em último lugar, o caixão. Eva notou que faltavam caixotes e foi informada que o submarino iria agora seguir para a América do Sul. Um país desses, sabe? Não importa qual, são todos muito parecidos uns com os outros.

Esperava-os um camião, com as luzes apagadas, onde foi recolhido todo o material desembarcado e onde Eva se deitou num colchão invulgarmente fofo para as circunstâncias.

O seu acompanhante, um oficial das SS que renunciara à caveira e aos outros distintivos e se lhe perguntassem o que fazia, era agora um vulgar caixeiro-viajante que distribuía amostras de tecido, disse-lhe onde estava - na cidade de Santander, banhada pelo Mar Cantábrico.

- Não vamos para Madrid, para não comprometer o *Caudillo* mais do que já está. Vamos para Castilla-la-Mancha, mais propriamente para uma aldeia chamada Villaverde y Pasaconsol, onde já foi adquirido um pequeno palacete, e onde há esconderijos relativamente seguros.

O oficial das SS não tinha todavia muita fé na segurança dos esconderijos, porque tinham sido muitas as pessoas que retirara à força dos ditos esconderijos e levara, também à força, para destinos cruéis que se reduziam a forno e matadouro.

Quinze dias depois encontrava-se em Madrid, onde conhecera o Conde de Portomayor.

- Tantos condes que passaram pela tua vida! Perdão, pela sua vida!

Ele vinha de passagem, pois era cônsul em Zurique, e vinha a férias. Queria aproveitar para desfrutar dos prazeres madrilenos antes de se afundar na indolência portuguesa. Conheceu Eva, e não resistiu ao encanto dos seus olhos e à elegância do seu corpo de walquíria. Contou-lhe que era viúvo, era conde, e tinha uma filha de quatro anos chamada Dora. Era a pura verdade. Ela contou-lhe que era professora de ginástica e uma refugiada de guerra, que vinha fugida aos russos, e que escapara por milagre dos bombardeamentos de Dresden, mas que os seus pais tinham lá morrido. Não tinha papéis, porque tinham ardido, e o seu medo era o de ser entregue aos russos. Não são homens, são autênticos animais. Era a pura mentira, misturada com alguma doutrina racial naturalmente estúpida, como acontece com qualquer doutrina racial.

O Conde de Portomayor tratou de lhe arranjar uma nova vida, documentada em papéis novos mas inteiramente genuínos, a emitir pelo Consulado de Zurique, e que ele mesmo produziu num dos escritórios da Embaixada de Portugal em Espanha, aproveitando os documentos e carimbos do Consulado que trazia sempre consigo para uma emergência. E então Eva Braun tornou-se Maria Guilhermina Ana Eugénia de Holstein, Castiglione e Alpoim, filha de pais portugueses e nascida em Varsóvia. Os apelidos tinham sido rigorosamente seleccionados para não destoarem do Portomayor que lhes seria adicionado pelo casamento.

- E, sendo filha de portugueses é já portuguesa de nascimento. E mesmo se esse facto viesse mais tarde a ser posto em causa, pelo casamento adquire a nacionalidade portuguesa e já não corre qualquer perigo. Só lhe falta é aprender a língua. E se falar como alguém que viveu muitos anos no estrangeiro, quem é que vai reparar? Carregar nos erros é normal nas melhores famílias. Muitos embaixadores só assim é que falam.

Casaram em Pasaconsol, numa cerimónia muito discreta, a que só esteve presente o embaixador Pedro Teotónio Pereira e alguns funcionários de mais confiança. O *alcalde* também foi convidado e era da sua autoria o boato de Guilhermina ser filha de Serrano Suñer, o que só era possível se este tivesse casado em criança, aos dez anos.

Depois, a minha dona viu Lisboa pela primeira vez e conheceu Dora, a sua enteada.

- Gostei logo dela. Uma menina muito inteligente e muito só, com muita dificuldade em fazer amizades. Talvez porque os avós a tivessem muito fechada em casa, sem ninguém com quem brincar. Mas era muito querida e ficámos logo amigas. Creio que não fui uma madrasta muito má, como as dos contos de fadas em que a menina tem a má sorte do pai ter casado com uma megera. Sempre a encarei como filha e ela vê-me como sua mãe. E agora venham as perguntas.

26.

Apeteceu-me ouvir primeiro a “Rosamunde”, música de cena de Schubert, tão bonita e de uma tão grande simplicidade. Para “descomplicar”, que é o meu verbo favorito logo a seguir a “desconversar”.

- Quantas são as pessoas que sabem que é Eva Braun, como diz que é, e é com certeza?

- Bastantes. Demasiadas, até. Mas era inevitável.

E prosseguiu, após uma pausa em que foi à janela.

- Era inevitável quando se monta uma operação daquelas. Havia que ir embora, para sul. A Antártida era muito fria, e mais para sul do que isso era impossível. Enfim, creio que o que estava em causa era tão somente uma mudança de hemisfério. O que era possível porque dispúnhamos dos mais avançados submarinos do mundo, os de tipo 21. Confiavam em mim pelo simples facto de eu nunca me meter em política, e sempre que iam falar de assuntos importantes, o Adolfo mandava-me sair da sala. Mas sempre “se faz favor”. Era muito educado.

Deitei-me no sofá, com a cabeça recostada nas suas pernas, e tentei pensar o mais logicamente que me era possível naquelas circunstâncias.

O primeiro pensamento – Ela não é criminosa nenhuma, é a mulher que eu amo. Se a quisessem responsabilizar pelos actos de terceiros, adultos, seria mais outro caso de responsabilidade colectiva, em que as pessoas são castigadas pelo que outros fizeram. Se não foste tu foi teu pai.

O segundo pensamento era mais vasculhar na História, à procura de elementos. Enquanto a minha dona remexia os meus caracóis, eu tentava pôr os factos em ordem.

Fama est que os cadáveres de Hitler e de Eva Brau estão em poder dos soviéticos. Ora, se isso é verdade, porque motivo é que os mesmos não se encontram expostos ao público, ou acessíveis aos estudiosos? Os turistas ocidentais, para além do mausoléu de Lenine, teriam a atracção suplementar dos corpos chamuscados do casal maldito, provavelmente resguardados num abrigo de vidro à prova de bala. Mais uma fonte de divisas e logo para um País que delas necessita.

Por sua vez, os soviéticos acusam os ingleses de terem os cadáveres em seu poder, para fins difíceis de imaginar. Os ingleses, nomeadamente o historiador-espião Trevor Roper replicam mas que grandessíssima mentira, são os soviéticos que os têm em seu poder.

Que se sabe ao certo? Qual a verdade oficial, a única a que os cidadãos comuns como eu têm direito? Oficialmente, os cadáveres foram desenterrados e autopsiados pelos conquistadores de Berlim, os soviéticos. Faltava um bocado do crânio do presumido Hitler, mas a explicação do Prof.Faust Shkaravsky foi a de que teria sido o calor da fogueira em que o cadáver deveria ter ficado completamente consumido se não tivesse sido queimado vestido e envolto em cobertores, teria sido esse calor o responsável pela queda de parte da calote craniana. É verosímil. Por outro lado, o facto de a altura do cadáver ser inferior à altura do homem que fora Adolfo e que fora em tempos um bebé da sua mamã, tinha a sua explicação no calor que reduz o tamanho dos corpos. Outro elemento a ter em conta é o testemunho da assistente do dentista de Hitler, Kathe Heusemann, que, com a ajuda de fichas clínicas, confirmou que a ficha dentária do ditador correspondia à dentadura que lhe era apresentada, desgarrada do crânio respectivo.

Mas em Moscovo, em todo o esplendor da farta bigodeira, a rever-se nos seus retratos de homem infalível, está Estaline. Está Estaline. Está Estaline, com todos os seus erros e a grande facilidade em esquecer as suas próprias culpas que afinal são sempre dos outros e nunca dele. As purgas que debilitaram o exército e de que ele se desculpou com mais algumas

execuções exemplares. A falta de atenção aos avisos que lhe chegavam de que a Alemanha ia atacar. A falta de preparação de uma defesa eficaz, para não irritar Hitler. O estupor de que foi tomado nos primeiros quinze dias a seguir à invasão, isolando-se, fazendo-se invisível, num total divórcio com o desagradável de não ser tão inteligente, tão sagaz nem tão providente como obrigava os outros a crer e ai dos que não têm fé. Vamos lá a ver. A quem vou deitar as culpas desta vez?

Em ditadura, os procedimentos nem sempre são os mais científicos. Nem sempre podem sê-lo. Antes do mais há um ditador, e é preciso que ele fique satisfeito. Se lhe vierem dizer procurámos por toda a parte, mas nem sombra do seu cadáver, apesar de o criado de quarto jurar a pés juntos que sim, que o seu amo morreu, que lhe viu o cadáver, e que foi ele um dos que o levou para o jardim da Chancelaria e ajudou a atear o fogo, bom, o ditador não fica nada satisfeito, talvez até fique irritado, talvez até mande alguém exercer medicina na Sibéria, se não optar pelo fuzilamento. Estaline tem uma máxima que até faz sentido – Prisão por mais de 8 anos? Mais vale matar o homem.

Bem sei que isto é uma nota de rodapé fora do sítio, mas concordo em parte. Mais de 8 anos de prisão deixa de ser pena e passa a medida de segurança, além de a privação da liberdade ser um castigo muito cruel, mesmo quando não há outro remédio, quando nenhuma outra pena possa ser eficaz.

Enfim, é preciso agradar a quem manda, mesmo que para isso se tenha que pegar na realidade e distorcê-la um pouco. Repisando bem que o homem se suicidou de uma forma covarde, ingerindo veneno, em vez do suicídio que qualquer militar corajoso escolheria – o tiro de arma de fogo, de preferência revólver, que tem menos hipóteses de encravar. A falta de parte do crânio deve-se ao calor, não a qualquer tiro.

Mas Hitler nunca deu provas de cobardia. De crueldade sim, e vezes sem conta, mas de cobardia não. Lá por não simpatizarmos com a pessoa, não lhe podemos pôr mais defeitos dos que aqueles que já tem.

Por outro lado, pode-se fazer uma ficha clínica que concorde com uma dentadura que lhe seja apresentada. Basta papel e tinta, e um pouco de cuidado na menção das datas e dos actos clínicos.

Acresce que as análises efectuadas aos fluidos do cadáver acusam cianeto. Porém, se o corpo foi sujeito a altas temperaturas, queimado durante meia hora, é sabido que o cianeto evapora-se com facilidade. Então porque é que ele está lá quando já não deveria estar?

E de Eva Braun pouco ou nada se fala. O cadáver estava lá, é de uma mulher que se trata e é tudo, porque está irreconhecível. Naquele final de Abril, princípios de Maio de 1945, cadáveres é coisa que não falta em Berlim.

Enfim, fazem-lhe a autópsia e depois nada mais se sabe dos cadáveres, como se os tivessem perdido acidentalmente, como se tivessem caído para debaixo da mesa e não os conseguissem encontrar. Então a pergunta a fazer era - alguém terá o cadáver de Hitler em seu poder? e, em caso afirmativo, quem?, onde?

- As cinzas que lançámos ao mar eram as de Hitler?

- Para que me pergunta, se já sabe que a resposta é sim?

- E porque é que os americanos te deixaram passar? Sabiam quem tu eras e o que transportavas?

A minha dona acariciou-me.

- Não posso responder. Há compromissos e eu respeito os meus compromissos e não quero que o meu menino saiba mais do que deve. Pela sua própria segurança. O que lhe posso dizer é que os americanos não são capazes de confessá-lo em voz alta, mas têm uma verdadeira idolatria por Hitler. É o seu herói secreto, aquele que desejam ser quando forem grandes. Até Patton reconheceu “Se calhar, enganámo-nos de inimigo”. Mas claro, nunca nos deixariam passar se não tivessem contrapartidas. É um povo tremendamente utilitário. Não dá sem receber muito mais em troca.

- E essas contrapartidas foram dadas?

- Não posso dizer.

- Como é que te hei-de chamar, de agora em diante?

- Está bem, eu perdoo o “tu”. Pode-me chamar Lobinha, que eu gosto e é o que eu sou.

- Lobinha, não estás a pensar em transformar a Paula Clotilde num monstinho, pois não?

- Não.

- Só “não”?

- Já disse que não. Não quero que a nossa filha que... enfim... mas é nossa filha e isso é o que interessa... Não quero que a nossa filha seja cruel, egoísta, maldosa, destrutiva, nem que tenha quaisquer desejos de ter o mundo inteiro a obedecer às suas ordens, embora isso seja o normal para qualquer bebé. Mas quando crescer, não quero que nem sequer lhe aflore a ideia que haja vidas com mais valor do que outras, e que há pessoas que

não merecem viver, por pensarem de outro modo ou por serem doentes ou por terem os avós errados. Por isso lhe escolhi um pai e uma mãe que são como cachorrinhos – vivem do amor, pelo amor e para o amor.

A minha dona continuou a acariciar-me e eu beijei-a, pensando que era uma pena não a poder tratar pelo nome verdadeiro. Eva era muito mais bonito que Guilhermina, e depois eram só três letras.

- Chega de perguntas? – propôs Eva Braun, e alguma vez teria de lhe pôr o nome por inteiro.

- Por agora. Fica de pé um monte enorme de dúvidas e questões, mas eu não sou inquisidor. Vais-me dizendo, perdão, vai-me dizendo quando possa e queira. Eu não pergunto mais nada. Ao adormecer, se estiver na disposição de me contar uma história, conte-me a sua história, que é apaixonante. Porque disse que era professora de ginástica quando na verdade é uma excelente fotógrafa?

- Faustino, essa só mesmo a pontapé. Ainda há pouco me disse que não perguntava mais nada. Mas vá lá. A esta ainda respondo, mas é só a esta e depois mostro-lhe o meu lado mau. Eu estava disfarçada, compreende? Identificar-me como assistente de fotógrafo era o mesmo que revelar pistas. Eu precisava de fabricar um passado novo. Não está a ver? É assim tão difícil?

- Desculpe, lobinha, na verdade foi uma pergunta estúpida que envergonharia Leibniz e a mim me envergonha duplamente. A única desculpa é que tudo isto, todas estas surpresas me deixaram... nem me ocorre a palavra... Confuso? Estúpido? Obnubilado?

- Menino, mas que raio de autores é que anda a ler?

- Paulo Cunha. Do mais respeitável que há. Amanhã posso fazer uma pergunta?

- Não.

- E depois de amanhã?

- Também não.

- E em qualquer outro dia?

- Na altura verei.

- Se eu fosse tomar um copo ao “bar” lá em baixo, importavas-te? Importava-se?

- Podemos ir os dois. Não me vai deixar sozinha e logo agora. Ou será que a minha companhia agora lhe começa a dar nojo?

- Agora foi a vez da minha lobinha dizer um disparate e dos grandes – disse eu, beijando-lhe respeitosamente os lábios vermelhos e febris. – Vamos emborrachar-nos e acompanhamos o vinho com o “lomo al Stop” e umas *patatas bravas*. Ao mesmo tempo que esquecemos as dores ficamos jantados.

Íamos avançando pelo vinho adentro e falámos de música. Eu tinha uma adoração por Bach e acontecia-me o mesmo que a Goethe – só de ouvi-lo ficava com vontade de praticar o bem. Nessas alturas, mudava de música. Por uma questão de segurança. Praticar o bem só pode é dar problemas e a pessoa acaba por ficar mal vista. Embora seja canonizada 300 ou 400 anos depois, isso não compensa os desgostos e os vexames.

A minha dona ainda não acabara o primeiro copo e foi peremptória que o que mais apreciava na vida era a minha língua nos seus pés e depois nas outras partes do corpo. Guilhermina, pensa, quero dizer, pense em coisas mais elevadas. Está bem. A cúpula da Catedral de São Pedro.

Também gostava de música e de Wagner só aguentava as aberturas das óperas, o Prelúdio do III acto do “Lohengrin” e o “Idílio de Siegfried”. Aturar todo o “Ouro do Reno” e logo em Bayreuth era um suplício a que se não poderia furtar, sob pena de indispor o seu terrível e secreto senhor. Nunca ficava no camarote “dele”. Tal honra destinava-se a Winifried Wagner, a Goebbels e à sua mulher Magda, uma mulher inteligente e linda, que amava casta e apaixonadamente aquele cujo nome eu não digo. Já chega de óperas.

Ela riu-se quando eu lhe falei dos meus heróis, quando lhe descrevi a aldeia gaulesa, Astérix, Obélix, Panoramix e o cãozinho Idéafix. Ela também gostava de banda desenhada, mas achava que o Major Alvega punha cruzeiros a mais na carlinga do seu *Spitfire*.

Lá íamos parar ao mesmo vórtice, quando eu inflecti a marcha. Eu tinha um sonho. Nós os dois, numa ilha dos mares do Sul, mais propriamente no Pacífico, mais concretamente ainda num atol da Polinésia, que pelo nome terão de ser muitas ilhas. Num atol, temos o anel de coral, onde crescem os coqueiros e onde podemos armar a nossa tenda. E temos a lagoa interior, onde os tubarões não chegam e onde podemos mergulhar e brincar com a fauna marítima, que sempre ali esteve à espera de brincadeiras com humanos, a experiência mais emocionante para qualquer peixe que sobreviva à experiência. Poderíamos nadar nus e ela esmagar-me com a sua superior beleza francamente iluminada pelo sol tropical. Provisões para um mês, um arpão para físgar o peixe fresco para o almoço, uma cama feita de folhas largas e macias onde pudéssemos fazer amor até cair para o lado. E só depois viriam a Gina e a Paula Clotilde, com mais

outro mês de provisões, para gozarem as férias a que também tinham direito.

A minha dona – pois sim, pois sim, mas eu tenho é saudades de Itália.

Já ia no quarto copo de vinho quando ela confessou que o que gostaria mesmo era de realizar longas metragens em 35mm, mas nada de épico, nada de cavalgadas ao entardecer.

- Não sei porquê. É um dom, mas tenho jeito para o cinema. Creio eu.

27.

Guilhermina, para não a tratar pelo nome incriminatório de Eva, deu mostras de uma extraordinária paciência. Só ao fim de três semanas é que perguntou:

- O que é que se passa?

- Nada. O que é que havia de se passar? – respondi, apesar de bem consciente de que havia um problema e dos grandes.

- Já passaram exactamente vinte e cinco dias desde a última vez que fizemos amor. Faustino, eu não sou parva, quero dizer, sou parva mas não sou tanto assim. Estarei certa se pensar que de um momento para o outro ficou com nojo de mim?

- Não. Estás completamente errada. Deve ter sido de algo que comi e que não me caiu bem. Há semanas que ando assim esquisito.

A última frase era verdadeira. Dormia com ela, encostava o meu corpo ao dela para lhe sentir o calor e o perfume, mas estava sempre entre nós a imagem daquele homem de bigodinho à Charlot e de braço estendido, arriscando-se a que alguém o aproveitasse para pendurar guarda-chuvas. *It's that man again.*

Entre mim e ela, a minha amada lobinha, interpunham-se montanhas de cadáveres, abatidos pelo simples facto de existirem. A contabilidade possível, dados de 1974, sem contar com os dois milhões de prisioneiros de guerra soviéticos mortos no cativeiro, dava:

- 50.000 doentes mentais mortos em instituições de saúde, a título de “morte misericordiosa”.

Executados pelas SS:

- 500.000 ciganos,

- 2.000.000 de polacos,
- mais de 5.000.000 de judeus,
- mais de 5.000.000 de escravos,
- o número de comunistas não está contabilizado, embora os médicos das SS tivessem concluído que os comunistas aguentavam o *Zyklon B* por mais dois minutos do que os judeus, ou seja, levavam mais dois minutos para morrer,

e só essa ideia fazia com que despertasse sem qualquer erecção, o que não era normal. E que não reagisse às sábias carícias da minha dona, que se esmerava nos mil artifícios do amor, desde o sexo oral à dança do ventre. Não era normal.

- Será que deixou de gostar de mulheres? Na verdade, os rapazes da minha guarda pessoal eram muito bonitos, não acha?

- Sem dúvida – concordei. – Para quem gosta do género.

Corei intensamente. As minhas semanas de inacção sexual deixavam-me sem alibis. Uma mulher sedutora e que para mais se esforça até ao limite, e que não vê resultados dos seus esforços, tem todo o direito de suspeitar da virilidade do seu Faustino, já que não é normal que a impotência chegue logo aos 20 anos. Depois serenei. Eva Braun não só era uma sedutora, era também uma mulher inteligente, que sobrevivera à malaqueira de todo um país de filósofos esquisitos e reconstruíra a sua vida com um nome falso. Ela compreenderia.

- Ainda não se acostumou à ideia de que “eu” sou quem sou e “ele” era quem era.

- Provavelmente. É bem possível. Se calhar, foi isso mesmo.

- E depois aquele ouro todo...

- Sim, pode ter sido. Os tesouros dão azar.

- Terá sido maldição?...

- Quem sabe... Há casos... Tutankhámon, por exemplo.

A minha dona falou-me do caso de Gustav Mahler, que também tivera um problema de impotência e que fora à consulta do Dr. Freud. Ao fim de várias horas regressara curado a casa. A conta só foi enviada a Alma Mahler depois da morte do compositor, o que parecia uma piada de psiquiatra. A consulta não saíra nada barata e a Segurança Social não participava nessas coisas.

- Mas não quero, ou melhor, não posso permitir que vá a um psiquiatra e tenha de contar tudo o que se passou e que é segredo rigoroso. Como lhe disse, há demasiadas pessoas no segredo e arrisco-me a ter de tomar medidas drásticas...

- Muito drásticas, amor?

- Foi uma força de expressão. Queria dizer apenas “medidas”. Tenho de tomar as minhas medidas e aliás já estou a tomá-las. Lembra-se daquele helicóptero que sobrevoou o nosso iate no Mediterrâneo?

- Que sobrevoava o teu iate? Lembro-me, claro.

- Pois pertencia a uma organização que gostaria de apoderar-se do cadáver que sabemos, mas não pode, gostaria de raptar-me mas não pode, e que, em alternativa, gostaria de ficar com a minha fortuna, o que talvez pudesse. Porém, há outra organização, ainda mais poderosa, que é da opinião contrária e não tem qualquer interesse em que se mexa no assunto e que, para eles, o que lá vai lá vai. Não há qualquer interesse em ressuscitar-me e isso tranquiliza-me. Não lhe vou referir os termos do acordo que permitiu a minha fuga, mas posso chamar a atenção para alguns factos. Os americanos limparam o passado de muitos cientistas nazis, que lhes deram os mísseis nucleares e acabaram por os levar à Lua, além de terem colaborado em muitos outros projectos, uns mais sinistros, outros menos, mas todos sinistros mesmo assim. Alguns americanos ficaram a abarrotar de ouro. Ribbentrop foi executado e Speer, que era o maior responsável pelo trabalho escravo na Alemanha, em que judeus e comunistas trabalhavam até cair para o lado, levou apenas 20 anos de prisão.

- Mas o helicóptero então...

- Estava ali só para mostrar que as contas não estavam esquecidas, apesar de os meus protectores insistirem para que esqueçam, não há interesse nenhum em remexer nas cinzas do passado. *Mein Gott*, que imagem mais mal escolhida!

Fez uma pausa e concluiu:

- Nada conseguiram e ficaram furiosos. Por isso, não é difícil adivinhar qual será o próximo passo que vão dar.

Não sei que passos foram dados, mas já em pleno século XXI Faustino Mendes, viúvo, Procurador-Geral Adjunto, membro do Conselho Superior do Ministério Público e professor de Direito Penal II no Centro de Estudos Judiciários, foi chamado a depor perante uma comissão parlamentar de inquérito, por causa de boatos que tinham aparecido num semanário acerca de um tal tesouro nazi, em barras de ouro com signos

também nazis gravados, por causa de um Banco que fora reprivatizado, o *Banco Portomayor*, e por todo o património imobiliário da sua filha. Colocado entre a alternativa de dizer a verdade ou mentir, pus acima da República os interesses da Paula Clotilde e menti com toda a convicção.

- Ouro nazi? Em barras ou amoeado? Com cruzes gamadas? Nunca vi tal coisa. Ouvi dizer, isso sim, porque veio nos jornais, que barras de ouro com símbolos nazis, estavam nas caves do *Banco de Portugal*. Mas calculo que já não exista qualquer ouro nos cofres do Banco em causa. Pelo menos, desapareceram todas as alusões à sua existência, o que é sintomático.

- Que o verdadeiro nome da minha mulher era Eva Braun? Francamente, Sr.Deputado, estamos num órgão de soberania, não nos podemos pôr com teorias da conspiração e logo com fantasmas ainda por cima. Fui casado com a Dona Guilhermina Portomayor, da qual tive uma filha. Não o nego. Mas lá por falar alemão, isso não quer dizer que fosse Eva Braun. Também falava italiano e francês. E português, como não podia deixar de ser, para quem era portuguesa, de família portuguesa, ainda que nascida em Varsóvia. Eva Braun, francamente!... Olhe, de tão absurdo que é, nem sequer vou comentar.

Tudo isto envolto por uma grande vitória pessoal. Não corei.

FIM

Mas?,

A HISTÓRIA NÃO PODE ACABAR ASSIM,

num gabinete do Palácio de São Bento, e eu a mentir descaradamente. O meu estatuto de Magistrado do Ministério Público vinculava-me a duas entidades abstractas – a legalidade e a verdade. Mas eu expliquei longamente a essas entidades, diante de uma solitária chávena de café, um copo de água e um jornal aberto na secção dos anúncios, que teriam de se esquecer de mim por umas horas. Porque eu também tinha obrigações para com o amor. A minha dona muito amada confiara no seu cachorrinho. Não podia desiludi-la.

Foi assim:

Ao fim de dois meses de tentativas, Guilhermina expulsou-me para o quarto da criada. Eu disse-lhe que poderia regressar à casa da Junqueira, de que ainda pagava a renda. Mas ela insurgiu-se, não, que então é que iriam pensar que o nosso casamento era uma farsa e que a Paula Clotilde, que já gatinhava e que já queria pôr-se em pé e andar, via-se mesmo que era voluntariosa como as suas mães, iriam pensar que não era nada nossa filha e lá se iam os seus planos de assegurar a transição segura e serena da sua fortuna para as mãos ainda miniaturais da jovem princesa.

- Passa um bocadinho da noite comigo, só até eu adormecer. Depois, pé ante pé, vai para o quarto da Gina e desabafa à sua vontade, e dorme lá tranquilamente. Quando lhe passar o traumatismo, diga, ou melhor, não precisa de dizer nada, faça, faça que eu gosto.

Contou-me também que fizera testamento e com tanto cuidado que ninguém o poderia pôr em causa, Tinham sido testemunhas um médico psiquiatra, dos mais conceituados, e um juiz conselheiro. Mas há uma coisa que o menino tem de mandar fazer, que é para fechar o anel de segurança em torno da Paula Clotilde. Promete?

Quando a Gina se ia deitar e a nossa princesa já dormia, deitada de costas e os braços abertos em cruz, que sonhos lhe passariam pela cabecinha tão querida, quando ficávamos sós na sala, a minha dona estendia as longas pernas e entregava os pés às minhas carícias, à minha língua, aos meus mordiscos, e deitava-me aquele olhar dengoso de que pouco era melhor que nada. Ir mais além estava já fora das minhas forças. *It's that man again.*

Acabei o curso de Direito em Junho de 1984, com média final de dezoito valores, porque beneficiava de um bónus de dois valores para quem nunca tivesse chumbado em nenhum ano, e concorri ao Centro de Estudos Judiciários em 1985, tendo ficado em sétimo lugar. Guilhermina, porque o nome Eva Braun estava-nos vedado para sempre, reclamara que não fora isso o que tínhamos combinado, eu concluiria o curso de Direito para seguir advocacia, e para ser o seu advogado de confiança, para além de ser o seu homem de mais confiança. Expliquei que, como licenciado em Direito e como Magistrado, poderia exercer a advocacia em causa própria, do meu cônjuge, que era ela, e dos meus descendentes, que era a Paula Clotilde. E negócios não são o meu forte. Prefiro o papel de conselheiro discreto, que fica na sombra, e leva a peito os interesses da pessoa aconselhada.

Nesse tempo havia que fazer, logo no requerimento de admissão ao concurso, a escolha da magistratura pretendida – judicial ou do Ministério Público. Optei pelo Ministério Público. Tenho horror... Não, que palavra

tão demasiada, o que tenho de verdade é um medo horrível de julgar. Não nego que tenha os meus preconceitos, mas quem é que os não tem? Assim, prefiro que os meus julgamentos não sejam finais. Uma acusação ou um arquivamento são sempre julgamentos prévios, e se forem injustificados lá está o Juiz para a pronúncia ou para a absolvição. O Ministério Público é o equilibrista e o Juiz é a rede. Duas cabeças pensam melhor que uma só. Tantas vezes vai o cântaro à fonte que um dia lá deixa a asa. Filhos criados, trabalhos dobrados. E mais se poderia dizer.

Logo nesse ano de 1985, a minha dona deixou de fazer a sua ginástica habitual e começou a emagrecer, ela que nunca fora gorda. Ia para as aulas preocupado. Que se passa, amor? E ela não respondia amor era a sua tia, eu tenho nome, chamo-me Guilhermina. Mas definhava, definhava, de um modo tão notável, no sentido de dar tanto nas vistas, que eu passava agora as noites abraçado ao seu corpo, com medo que me fugisse. Até que chegou o dia em que a vi de lenço na cabeça, em lugar do seu lindo cabelo platinado. Tinha feito radioterapia e começara a quimioterapia. Tinham-lhe falado numa clínica na Alemanha, mas ela não queria ir. Alemanha nunca mais. Aqui também me posso tratar. Sei que vou ficar completamente curada e sei que vou viver. Sei. Não me pergunte porquê, mas sei muito bem – e os seus lábios procuraram os meus. E ela tinha razão. Em parte. Muito pequena, aliás. Praticamente nenhuma. Quem ficou curado fui eu. Aquele homem não voltou a intrometer-se e o traumatismo passou. Era Guilhermina que às vezes se queixava, hoje estou muito fraca, não posso, mas pode ser que amanhã ou depois de amanhã... Vá dormir com a Gina.

Passei à segunda fase da formação, que era o estágio de iniciação, e escolhi o Tribunal de Beja, porque o formador era conhecido como pessoa empenhada e bondosa, e por outras razões menos confessáveis – porque me doía só de ver o declínio progressivo da minha dona e tinha medo de começar com choradeiras que nada animariam. Assim fiquei a morar na Rua Pablo Neruda, muito perto do Hospital de Beja, e só ia a casa na sexta-feira à tarde.

Regressava na segunda de manhã, e recordo as viagens, sentado junto do varandim do convés superior do barco que ia para o Barreiro, e de ver a alvorada, com o espectáculo sangrento do sol que ia nascendo a contragosto.

Meia hora para pensar era um luxo.

Pensava no futuro da Paula Clotilde. As grandes fortunas só se ganham à força de crimes. Nos séculos XIX e XX, ganhavam-se, em Portugal pelo menos, com a trafallice na compra dos bens nacionais, com o tráfico de escravos, com o mercado negro, com a exploração de África,

com os abastecimentos do Exército, e, mais modernamente, com o tráfico de estupefacientes. Eu queria para a minha Princesa um destino diferente. Iria educá-la para lhe mostrar que não é preciso muito para ser-se feliz. E que a tremenda fortuna que um dia seria sua deveria ser limpa de todas as manchas que a sujavam. Falar-lhe-ia numa Fundação destinada à Humanidade. Era possível. Se fosse essa a sua vontade.

Todos os dias rezava pela minha dona, que o seu cachorrinho não poderia ficar sem ela, e Deus não poderia ser tão cruel.

Era uma quarta-feira quando, logo pela manhã, telefonaram para o gabinete do meu formador, onde eu também tinha uma secretária mais pequena. Ele passou-me o telefone, de expressão grave. Era a Gina. Que Guilhermina estava a morrer e que era urgentíssima a minha presença junto dela. O todo-o-terreno do Engenheiro Saavedra deveria estar a chegar ao Governo Civil a todo o momento, e ia levar-me de volta para Lisboa. O meu formador, que era Delegado do Procurador da República, levou as mãos à cabeça quando lhe expliquei a situação. Vá-se já embora e não se preocupe com mais nada. Se for preciso alguma coisa, diga. Por lei, tem direito a cinco dias.

Não recordo pormenores da viagem, que os meus olhos teimavam em enevoar-se. Só lembro que por vezes abandonávamos a estrada e cortávamos a direito pelos campos, para encurtar caminho.

Eram horas de almoço quando entrei no quarto dela, de portadas abertas para que o sol da Duque d'Ávila entrasse em todo o esplendor possível numa avenida. Ela não queria nem penumbra, nem velas, nem imagens, nem flores, nem nada dessas coisas. Esperem que eu morra e depois à vontade, não se privem.

Na mesa de cabeceira, do lado onde ela dormia normalmente, estava um livro encadernado a azul. Era o “Prometeu ou a Vida de Balzac” que eu lhe tinha oferecido em troca do seu amor. Aproximei o meu ouvido dos seus lábios e ela sussurrou “as senhoras do extremo”. E depois interrompeu as mentiras que eu lhe estava a dizer de que iria ficar boa e aquilo era só um momento de fraqueza. Cortou-me o discurso com a palavra “morfina”. E depois, num esforço, pediu-me que não esquecesse o que lhe prometera e que tinha um pedido mais a fazer-me - que lhe lambesse os pés, que lhos chupasse dedo a dedo, e que os mordesse. Era a última vontade de uma condenada, e eu não lha poderia negar, sob pena de apodrecer no Inferno. Fora esse último desejo que a mantivera viva e agora poderia morrer na bem-aventurança.

Deixaram-nos a sós.

Subi a colcha. Os magros pés da minha dona tinham sido cuidadosamente lavados e perfumados pela Gina, as unhas tinham sido arranjadas e pintadas de vermelho vivo. Comecei a lambê-los em suaves toques de língua, subindo da arcada até aos dedos, e chupei-os como se fossem bonbons. A sua respiração era curta e difícil. Agonizava de prazer e quando lhe mordi o pé direito, o peito deixou de arfar e fez-se o silêncio. Já não respirava. A sua alma emigrara para lugares infinitos, de localização desconhecida.

Abri o livro na página 106, marcada por uma fitinha azul.

“ De Balzac à senhora de Berny, 4 de Outubro de 1822: Quanto mais convivemos mais descubro em ti uma multidão de belezas... Laure, a consagração do banco eu ta confesso, essa festa de um amor que julgávamos moribundo, reacende-o e, longe de ver nele um tûmulo, esse lugar encantador apareceu-me como se fosse um altar...”

Não me assustei quando vi entrar um homem de cinzento, com os cabelos pelos ombros, segurando uma guitarra, que logo se sentou aos pés da cama e, de costas para a falecida, começou a tocar o “Choro nº.1” de Heitor Villa-Lobos. Só então eu compreendi. Apesar de tudo, Guilhermina fora sempre uma pessoa muito simples, inteiramente “descomplicada”, com orgulho no seu corpo e com excepcionais dotes para o cinema, mas sempre atrás das câmaras. Por isso, quando outros homens de cinzento, de cabelo cortado à escovinha, trouxeram velas e flores, apesar da oposição da Gina que achava que tudo isso era contra a vontade da nossa dona e para mais não passava de uma fantochada, indigna dela, eu dirigi-me a cada um dos que vinham prestar as suas homenagens à que para eles continuava a ser a mulher do *Führer*, enquanto eu não passava de um intruso em propriedade alheia, e pedi-lhes de uma forma complicada - Ela não é quem eu penso que vocês pensam que é, mas mesmo que continuem a pensar que ela é quem na verdade não é, por favor, e não é por mim, é por vontade expressa dela que ali está, peço-lhes encarecidamente que nem uma saudação de braço esticado que seja. Se quiserem mostrar o vosso respeito, beijem-lhe a mão que ela merece. É uma Rainha. Sempre o foi.

Ajoelhei a seu lado, e rezei longamente e sem palavras. Sentia apenas, e era tudo. Seria, como sempre fui, incapaz de a julgar. Por falta de provas e também porque a amava. Invoquei a suspeição – Eu amo-a, logo não sou isento. Como é que o poderia ser? Foi ela quem me fez, foi ela quem esteve a meu lado quando precisei. É verdade que me torceu um braço. Mas era também muito carinhosa. Eu era o seu bichinho mas nunca logrei ser a sua obra-prima. Sem ela poderia a esta hora ensinar Matemática numa Escola Secundária, ou, quem sabe, na Universidade. Mas não teria os

prazeres que dá a vida de um magistrado, por exemplo, aquele orgasmo intelectual quando se faz o despacho final num inquérito complicado, com 37 volumes e 110 apensos, ou quando se fazem alegações finais em julgamento que deixam os advogados boquiabertos e desarmados.

Não tenho opinião sobre o seu passado. Só disponho de prova quanto aos anos maravilhosos que vivi a seu lado e que foram tão poucos. Nunca conheci Eva Braun, apenas conheci uma mulher que fazia ginástica, mergulho, fotografia, cinema, e que se chamava Guilhermina.

E só restam as breves notas de diários breves.

Depois da vigília, o cadáver de Eva Braun foi cremado, agora sim, era verdade, e foi-me entregue a urna com as cinzas. Eu, a Gina e a Paula Clotilde, que ora levava ao colo, ora às cavalitas, tomámos o caminho da marina de Cascais, onde nos esperava o iate *La Sirenita*. Ao largo da Zambujeira do Mar, o vento soprava de SSW, com uma velocidade de 5 nós. Rezámos uma oração e despejei as cinzas da minha amada no oceano. E depois, tal como ela fizera com aquele homem, deitei o vaso de prata ao mar e vi-o afundar-se.

Cumprira a vontade da minha dona. Ela ficava para sempre ao abrigo dos avanços da biologia forense. Nunca haveria provas seguras da sua verdadeira identidade. No C.E.J., eu fora aluno do Dr. Fernando Bento, em Direito Civil II, e o Direito da Filiação não tinha segredos para mim. Mesmo que, por mera hipótese de trabalho, sujeitassem a Paula Clotilde a recolha de ADN, a conclusão só poderia ser a de que nada tinha a ver com o código genético da família Braun.

Nunca mais encontrei os homens de cinzento e eu próprio me tornei um homem de negro, quando mandei fazer a minha beca antes de tomar posse, em 15 de Setembro de 1987, como Delegado do Procurador da República, em estágio de pré-afecção. Só que o meu negro representava outra coisa – que tomava para mim as dores e a angústia que derivam do cumprimento da lei, nomeadamente quando se promove a prisão de alguém e não se tem a sorte de ser sádico. Era assim que eu via a coisa. No plano prático, nas comarcas à beira-mar, a vantagem era a de se poder ir directamente da praia para a sala de audiências, porque a beca tapa e, aliás, soa muito bem – a beca tapa.

O resto não passou de números, ou melhor, de fracções. Éramos os dois, pai e filha, os herdeiros legitimários de Maria Guilhermina de Holstein e etc., com quem eu casara em regime de separação de bens, não existindo bens comuns, o que facilitava o inventário, que nesse tempo era obrigatório porque um dos herdeiros era menor. Pai e filha eram os herdeiros legitimários da falecida e, só por isso, cabiam-nos duas terças

partes da herança, o que dava um terço para cada um. Por testamento, a terça parte restante, a chamada quota disponível, era atribuída, em partes iguais, à Paula Clotilde, à Gina e a mim próprio.

Por escritura pública, eu alienei o que me cabia na herança a favor da Paula Clotilde, com excepção da casa de Pasaconsol.

A Gina fez o mesmo.

Foi em Outubro de 1994 que Andrew Wiles e Richard Lawrence Taylor demonstraram o último teorema de Fermat, também chamado de última conjectura de Fermat. Eu era, nessa altura, Procurador da República na Boa-Hora, e senti-me estranhamente aliviado.

*** **